

---

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE  
(Pedagogia da Motricidade Humana)**

---

**TRAJETÓRIAS DE APRENDIZAGENS DE TREINADORES DE  
BASQUETEBOL ATUANTES NAS INSTITUIÇÕES DE ESPORTE  
EM FRANCA-SP**

**LUIZA DARIDO DA CUNHA**

Orientadora: Professora Dra. Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Motricidade (Pedagogia da Motricidade Humana).

**RIO CLARO  
2017**

796.323 Cunha, Luiza Darido da  
C972t Trajetórias de aprendizagens de treinadores de  
Basquetebol atuantes nas Instituições de Esporte em Franca-SP  
/ Luiza Darido da Cunha. - Rio Claro, 2017  
153 f. : il., gráfs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,  
Instituto de Biociências de Rio Claro  
Orientador: Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger

1. Basquetebol. 2. Formação de treinadores. 3. Instituição  
de esporte. I. Título.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Rio Claro



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: TRAJETÓRIAS DE TREINADORES DE BASQUETEBOL ATUANTES NAS INSTITUIÇÕES DE ESPORTE EM FRANCA - SP

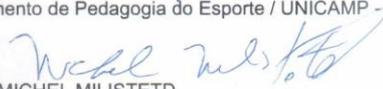
AUTORA: LUIZA DARIDO DA CUNHA

ORIENTADORA: DAGMAR APARECIDA CYNTHIA FRANÇA HUNGER

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE, área: PEDAGOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA pela Comissão Examinadora:

  
Profa. Dra. DAGMAR APARECIDA CYNTHIA FRANÇA HUNGER  
Departamento de Educação Física / UNESP - Faculdade de Ciências de Bauru - SP

  
Profa. Dra. LARISSA RAFAELA GALATTI  
Departamento de Pedagogia do Esporte / UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas - SP

  
Prof. Dr. MICHEL MILISTETD  
Departamento de Pedagogia do Esporte / UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - SC

Rio Claro, 03 de outubro de 2017

TÍTULO ALTERADO PARA: **Trajetórias de aprendizagens de treinadores de Basquetebol atuantes nas Instituições de Esporte em Franca – SP.**

LUIZA DARIDO DA CUNHA

**TRAJETÓRIAS DE APRENDIZAGENS DE TREINADORES  
DE BASQUETEBOL ATUANTES NAS INSTITUIÇÕES DE  
ESPORTE EM FRANCA-SP**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Motricidade (Pedagogia da Motricidade Humana).

Orientadora: Professora Dra. Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger

RIO CLARO

2017

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais, Rogério da Cunha e Suraya Darido, por transferirem com tanta maestria os valores da vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Durante a elaboração desta dissertação diversas situações vivenciadas possibilitaram a finalização dessa passagem. Esse caminho não foi percorrido sozinha, por isso agradeço a todos que de alguma maneira estiveram presentes nessa jornada que não é só acadêmica, mas de vida.

Agradeço à minha professora e orientadora Dagmar pela oportunidade de me conduzir durante toda a minha graduação, desde a minha pesquisa de iniciação científica e também no mestrado, me dando liberdade nos estudos e escolhas, podendo me debruçar sobre o tema com muita satisfação.

Aos professores que em diferentes fases da vida compartilharam ensinamentos comigo, Fernanda Rossi, Rubens Venditti, Fernanda Moreto e Roberto Paes, agradeço pela oportunidade de desfrutar de momentos importantes e sempre serão um exemplo de grandes profissionais para mim.

Aos professores membros da banca, Larissa Galatti, um exemplo para todas as mulheres que estudam e falam sobre o esporte, tenho uma grande admiração por você. E ao Michel Milistetd, grande competência em seu trabalho e inspiração profissional. Obrigada por terem aceitado o convite de serem membros da banca e pelas contribuições.

Aos meus colegas de grupo Leschef, que estiveram sempre dispostos a me ajudar nas dificuldades burocráticas da vida acadêmica, em especial Pedro Lucas, Marcela, Evandro e Nilza.

Aos amigos que a pós-graduação me apresentou, Arthur Sales e Guy Ginciene, mais do que a certeza de excelentes profissionais, grandes pessoas onde é sempre muito rica a troca de experiência.

À professora Mariana Rosada, por ter tornado todo esse processo menos doloroso, obrigada pela dedicação.

Aos treinadores de basquete de Franca, por terem aberto as portas e disponibilizado tempo para as nossas conversas, foi uma grande honra estar presente e ver de perto a cidade que respira esse esporte magnífico no nosso país, foram dias incríveis e de muitas realizações pessoais.

Às minhas queridas amigas de sempre, Bia-Matheus, Carol-Marcos e Jéssica-Rodrigo, das amizades duradouras da vida. Palavras não são suficientes para agradecer por tudo o que passamos juntas, vocês são maravilhosas. Obrigada por me completarem.

Aos meus amigos de Bauru, por estarmos juntos em mais uma etapa, por me proporcionarem momentos inesquecíveis e fazerem de Bauru meu lar, Gabi, Ash, Juma, Chris, Piu, Kakaroto, Saci, Isabela, Luciana e Júlia.

Às minhas amigas do basquete, compartilhamos e desfrutamos de momentos importantes da vida, obrigada por continuarmos unidas, Bia Galvão, Maria Luísa, Letícia, Marinara, Kássia e Sarah.

À minha irmã Maíra e à minha prima Marcela, pela parceria e por me amarem tanto quanto eu as amo. Vocês são mulheres incríveis.

Ao meu pai, meu grande companheiro, dono do melhor abraço do mundo. Com ele descobri que as palavras podem ser dispensadas quando demonstramos nas atitudes diárias todo carinho e cuidado com as pessoas, obrigada por estar sempre ao meu lado.

À minha mãe, que sempre me ensinou a ser uma mulher empoderada, ainda quando esse termo não era utilizado. Me faltam palavras e sobra admiração para falar de você, o carinho e respeito de todos que a cercam é meu também. Sinto mais orgulho de você do que sou capaz de expressar. Sou a sua maior admiradora, e de longe, a mulher mais incrível da minha vida, sou grata por tê-la ao meu lado! Tão compreensiva e afetuosa que penso que o mundo seria muito melhor se as pessoas fossem mais parecidas com você.

Ao basquete, responsável por dar cor à minha vida, que um dia eu possa retribuir todas as alegrias que me proporcionou.

## RESUMO

Na presente pesquisa qualitativa objetivou-se analisar a questão-problema da formação de treinadores de basquetebol das categorias de base, que é efetuada por intermédio das instituições esportivas de Franca e, ainda, investigar quais os investimentos, ações e planejamentos para que esses profissionais realizem cursos e clínicas de aperfeiçoamento referente à preparação de jovens atletas. Para tanto, realizou-se revisão da literatura abordando os temas referentes aos aspectos históricos da modalidade, formação de treinadores, trajetória de aprendizagem dos treinadores e iniciação do basquete no Brasil. Por intermédio da técnica de entrevista semiestruturada foram entrevistados cinco treinadores das categorias de formação de Franca, e dois coordenadores técnicos, os dados provenientes das tais entrevistas foram analisados conforme o método da Análise de Conteúdo. Evidenciaram-se cinco categorias: a) Aprendizagem pela prática esportiva; b) Aprendizagem pelo contexto formal; c) Aprendizagem pelo contexto não formal; d) Aprendizagem oferecida no ambiente de trabalho; e) Dificuldades encontradas na profissão.

Constaram depoimentos favoráveis às diferentes aprendizagens na contribuição da formação dos treinadores. Não obstante à existência de políticas públicas da Confederação e federação, as instituições de esporte de Franca buscam realizar cursos, bem como, reuniões entre os treinadores, onde foi constatada troca de experiências relevantes entre seus pares e oportunizando a reflexão crítica proveniente da prática e das reuniões em conjunto, sendo capaz de gerar novas estratégias significativas.

Conclui-se que, para que o desenvolvimento da formação dos treinadores seja eficaz, espera-se gerar mudanças na preparação profissional dos treinadores de basquete no país, incentivar uma parceria entre as instituições de ensino de educação superior, federações, confederação e instituições de esportes, alinhando e sistematizando um programa de formação que possa servir de estratégia para o desenvolvimento do treinador.

Palavras-chave: formação; treinador; instituição de esporte; basquetebol.

## ABSTRACT

In the present qualitative research, the objective was to analyze the problem question of the training of basketball coaches of the basic categories, which is carried out through the sports institutions of Franca, and also to investigate the investments, actions and planning for these professionals to perform Courses and clinics for the preparation of young athletes. For that, a review of the literature was carried out, addressing the themes related to the historical aspects of the modality, training of coaches, trajectory of learning of coaches and initiation of basketball in Brazil. Through the semi-structured interview technique, five coaches from the Franca training categories were interviewed, and two technical coordinators, the data from these interviews were analyzed according to the Content Analysis method. Five categories were evidenced: a) Learning by sport practice; b) Learning from the formal context; c) non-formal context learning; d) Learning offered in the work environment; Difficulties encountered in the profession.

There were testimonies favorable to the different learning in the contribution of the training of the coaches. Despite the existence of public policies of the Confederation and federation, the sports institutions of Franca seek to conduct courses, as well as meetings between the coaches, where it was observed exchange of relevant experiences among their peers and providing the critical reflection coming from the practice and the Meetings together, being able to generate new meaningful strategies.

It is concluded that, in order for the training of trainers to be effective, it is hoped to generate changes in the professional preparation of basketball coaches in the country, to encourage a partnership between higher education institutions, federations, confederations and sports institutions, Aligning and systematizing a training program that can serve as a strategy for the development of the coach.

Keywords: training; coach; Sports institution; basketball.

## LISTA DE APÊNDICES

A – Roteiro de entrevista aos treinadores .....	92
B – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas .....	93
C – Roteiro dos coordenadores técnicos- .....	94

## **LISTA DE ANEXOS**

Entrevistas .....	100
-------------------	-----

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

ACM – Associação Cristã de Moços

ASPA – Associação de Pais e Amigos do Franca Basquete

CBB – Confederação Brasileira de Basketball

COB – Comitê Olímpico Brasileiro

COI – Comitê Olímpico Internacional

CONFED – Conselho Federal de Educação Física

ENTB – Escola Nacional de Treinadores de Basquetebol

FPB – Federação Paulista de Basketball

FIBA – Federação Internacional de Basquetebol

FIFA – Federação Internacional de Futebol

LNB – Liga Nacional de Basquetebol

LDB – Liga de Desenvolvimento de Basquetebol

NBA – Liga Norte Americana de Basquetebol

NBB – Novo Basquete Brasil

SESI – Serviço Social da Indústria

TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
1. INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - MÉTODO DE ABORDAGEM, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS	15
1.1 ABORDAGEM QUALITATIVA	15
1.2 TÉCNICAS DE PESQUISA	15
1.3 MARCO TEÓRICO	16
1.4 ANÁLISE DOCUMENTAL	16
1.5 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	17
1.6 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DOS RELATOS	18
1.6.1 Método de análise dos dados	20
CAPÍTULO II - REVISÃO DA LITERATURA	22
2.1 BREVE HISTÓRIA DO ESPORTE	22
2.2 BREVE HISTÓRIA DO ESPORTE NO BRASIL	25
2.3 ALGUNS FATOS HISTÓRICOS DO BASQUETEBOL MASCULINO	26
CAPÍTULO III - ENTRANDO EM QUADRA	33
3.1 FORMAÇÃO DE TREINADORES	33
3.2 O QUE NOS DIZEM AS PESQUISAS	42
3.3 TRAJETÓRIA DE APRENDIZAGEM DOS TREINADORES	45
3.4 INICIAÇÃO DO BASQUETE NO BRASIL	52
3.5 BREVE HISTÓRICO DO BASQUETEBOL EM FRANCA	57
CAPÍTULO IV – BOLA AO ALTO: A PERCEPÇÃO DE QUEM ESTÁ NO JOGO	62
4.1 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	62
A) APRENDIZAGEM PELA PRÁTICA ESPORTIVA	63
B) APRENDIZAGEM PELO CONTEXTO FORMAL	65
C) APRENDIZAGEM PELO CONTEXTO NÃO FORMAL	67
D) APRENDIZAGENS OFERECIDAS NO AMBIENTE DE TRABALHO	69
E) DIFICULDADES ENCONTRADAS NA PROFISSÃO	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	82
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista aos treinadores	92
APÊNDICE B – Roteiro de entrevista aos coordenadores técnicos	93
APÊNDICE C – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa	94



## APRESENTAÇÃO

A participação como atleta, desde as categorias de base até a fase adulta, competindo em campeonatos no âmbito regional, estadual e universitário consolidaram meu gosto pela modalidade, que não se limitou apenas pela prática, mas também por assistir, acompanhar, desfrutar, ler e estudar o basquete, o que mostra sua presença e significado em minha vida nessas diferentes esferas.

A escolha pelo curso de Educação Física na Unesp campus Bauru (2011-2014/15) possibilitou uma consequente contemplação, com renovação (2012-2014), do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UNESP), da qual, a pesquisa teve por temática o basquetebol sendo, em suma, sobre o basquetebol feminino e suas conquistas, ao título de campeãs do Mundial em 1994 na Austrália e vice-campeãs Olímpicas em Atlanta no ano de 1996, onde analisou-se os fatores que foram determinantes para a consagração dessa geração por meio de entrevistas com os principais sujeitos da época, ex-atletas e ex-treinadores, sendo utilizada como técnica de pesquisa a entrevista semiestruturada que caracteriza essas investigações como pesquisas qualitativas. Constatou-se uma geração muito talentosa, contudo a incapacidade da gestão na modalidade que acarretou em diminuição de praticantes e em resultados indesejáveis em campeonatos internacionais (CUNHA, 2015).

O impacto, ainda presente, do basquete no âmbito pessoal, é um dos fatores que motivaram a construção de diversos estudos e a participação em congressos, seminários e cursos referentes ao tema.

A universidade teve papel fundamental nas indagações referentes à formação de professores, uma vez que tive a oportunidade de fazer parte do Núcleo de Ensino com professoras da Rede Municipal de Bauru. Ademais, no contato através do esporte com a formação de treinadores, já que pude vivenciar essa prática no Projeto de Extensão “Roda viva, Roda vida: Basquetebol em Cadeira de Rodas” ministrando aulas de basquetebol para cadeirantes, sendo a melhor experiência na graduação em que pude melhorar minhas condutas como cidadã e, ainda, me sensibilizar com as questões sobre a atuação do treinador e professor.

Atualmente, o ensino na graduação parece não corresponder aos anseios de quem busca se tornar treinador esportivo, mesmo sendo preciso portar apenas o diploma de Bacharelado em Educação Física para tal. Portanto, as existências de cursos específicos para modalidades esportivas e clínicas com conhecimentos científicos, didáticos e à reflexão sobre o papel do treinador no âmbito esportivo tem procurado amenizar essa lacuna.

As experiências como praticante da modalidade, as pesquisas desenvolvidas durante a graduação em Educação Física e os estudos sobre o basquetebol conduziram-me a reflexões que apresento a seguir sobre o desenvolvimento do processo de formação de treinadores nas categorias de base.

## 1. INTRODUÇÃO

O esporte pode ser compreendido como um fenômeno sociocultural de variadas manifestações, cada vez mais incorporado aos interesses e necessidades dos mais diversos tipos de praticantes (CAGIGAL, 1996; GOELLNER, 2005; PAES, 2002). O esporte vem evoluindo e se transformando de forma rápida e significativa, tornando pluralizado e fascinante (PAES, 1992).

As atividades esportivas podem ser praticadas em diversos espaços, seja no ambiente formal (escolas, universidades, faculdades), não formal (clubes, escolas de esportes) ou informal (ruas, praças públicas). Nesse sentido, se faz necessário estudá-las nos diversos contextos apontados, contudo nesse estudo será investigado o ambiente não formal, cujo foco é a formação e as trajetórias de treinadores que atuam no esporte de rendimento, especificamente das equipes de base da cidade de Franca, localizada no interior de São Paulo, tendo por objetivo a performance de jovens adolescentes (anos de especialização) (CÔTÉ et al., 2007) além disso, é caracterizado por relacionamento estáveis entre treinador-atleta, objetivos específicos de competição e compromisso com a preparação (RYNNE; MALLETT; TINNING; 2009).

São vários os aspectos que contribuem para a formação de um atleta, como, por exemplo: apoio familiar, motivação, parte técnica, tática, aspectos biológicos, condições de treinamento, metodologia de treino, entre outros fatores que podem vir a favorecer seu desenvolvimento no âmbito profissional das modalidades esportivas. O papel do mediador do treinamento, o treinador esportivo, se bem orientado pode exercer influência essencial para a formação do atleta e obtenção de bons resultados, além de contribuir de diversas maneiras para o desenvolvimento do indivíduo (PAES; MONTAGNER; FERREIRA, 2009), como gerar o prazer pela prática e realçar laços afetivos durante a infância e adolescência, contribuindo para a permanência na modalidade (PACHARONI; MASSA, 2012), definindo assim, grande parte da carreira.

A importância do treinador relaciona-se diretamente com o processo formativo que vai além de transmitir conhecimentos técnicos e táticos da modalidade, o treinador deve se comprometer a buscar estratégias que condizem com o seu ambiente de trabalho e oportunizar o ensino de técnicas estimulando o pensamento tático, além do desenvolvimento integral de seu aluno, incorporando atitudes de valores e autonomia respeitando suas individualidades e particularidades (PAES; MONTAGNER; FERREIRA, 2009).

Na literatura internacional é comum se referir a esse profissional que ensina esporte como *coach* (língua inglesa) (MESQUITA et al., 2012) e *entrenador* (língua espanhola)

(LÓPEZ-CUADRA, 1977). A tradução que mais se adequa e mais tem sido utilizada na literatura (THIENGO, 2011; RODRIGUES, 2014; MILISTETD, 2015) no Brasil é o termo treinador.

É preciso deixar claro que, apesar de denominar esse profissional como treinador, antes de tudo ele é um pedagogo no qual o processo de ensino-treino nas categorias de base é fundamental. A pedagogia vincula-se às concepções metodológicas, relativas à como ensinar, o que ensinar, para quem ensinar e por que ensinar (SCAGLIA, 2004), podendo utilizar o esporte como uma alternativa educacional desde que promova uma intervenção positiva no processo ensino-treinamento e aprendizagem.

Para defender a atuação do treinador, faz-se necessário reforçar a concepção que a educação acontece em diversos locais e situações sociais, entretanto, comumente ouvimos termos relacionados à educação e escola, como aponta Brandão (2007), o autor destaca que a educação não é somente exclusiva desse contexto:

Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor-profissional não é o seu único praticante (BRANDÃO, 2007, p. 9).

Quer dizer, investigar o papel do treinador é também mergulhar nos aspectos relacionados à educação e a pedagogia. Nesse aspecto, concorda-se com Gomes (1999, p. 10):

O técnico inteligente deve fundamentar seu trabalho por todos os princípios gerais do ensino e da educação, procurando, de maneira criadora, adaptá-la à realidade do treino desportivo. Dessa forma, o trabalho inicial a ser desenvolvido pelo treinador não difere de outro professor em qualquer das mais diversas áreas de ensino.

Considerando o esporte, em meio à sua amplitude e complexidade que exige competências de quem joga, de quem organiza, de quem ensina e de quem promove práticas de treinamento, questiona-se: quem deve oferecer a formação para os treinadores? A atual realidade dos cursos de Educação Física e Esporte parece não possibilitar essa capacitação. Como observou De Rose Jr (2013b), em uma pesquisa que constatou que em 16 cursos de Educação Física e/ou Esporte ligados a 11 universidades, dentre elas estaduais e federais, nesses cursos, somente sete oferecem modalidades esportivas obrigatórias (carga horária que variam entre 30 a 90 horas/aula), em seis essas disciplinas são optativas (carga horária entre 60 e 120 horas/aula) divididos em quatro módulos não havendo a obrigatoriedade de o aluno cursar todos os módulos, no exemplo dessas disciplinas optativas, apenas em dois cursos os alunos podem cumpri-las após terem cursado o módulo obrigatório que corresponde à determinada modalidade. Em dois cursos não oferecem disciplinas relacionadas a modalidades esportivas, e em três cursos, essas modalidades esportivas denominam-se como

Programas de Esportes Coletivos, Modalidades Esportivas Coletivas ou Metodologia de Treinamento em Esportes Coletivos (carga horária variando de 2 a 6 horas).

Dessa forma, há uma grande defasagem por parte do currículo universitário a quem pretende seguir na formação esportiva de treinadores. Na visão de De Rose Jr (2013b) há uma grande desconexão, visto que, por lei, é previsto que os treinadores sejam formados em Educação Física, ainda sendo que esses cursos parecem não garantir esses conhecimentos.

Portanto, a formação de treinadores na realidade brasileira não parece ser prioridade nas Instituições de Ensino Superior, uma vez que estas estão atendendo outros espaços e demandas no campo de trabalho na Educação Física, como atividade física, saúde e lazer.

Em estudo realizado por Cunha et al., (2016) buscou investigar por meio da coleta de questionários que continham 12 questões fechadas e que foi entregue à 101 atletas que participavam do Novo Basquete Brasil (NBB) durante a temporada 2014/15, mapear o local em que os jogadores iniciaram a prática da modalidade, e o clube se mostrou um dos cenários mais procurados para a prática de basquetebol no Brasil, portanto, os clubes podem organizar sua estrutura para melhor acolher e dar suporte aos treinadores, estimulando sua formação, ou seja, oportunizando e incentivando a prática de cursos, palestras e a troca de informação entre seus pares. Para Carvalho (2009) os clubes que investem na formação de seus funcionários têm experiências bem sucedidas no campo de trabalho.

Ainda no estudo de Cunha et al., (2016), foi evidenciado Franca, localizada no interior do estado de São Paulo, como a principal cidade responsável pela formação de jovens atletas no país. Franca já recebe o apelido de “capital do basquete” pela sua história nos campeonatos nacionais, além de se destacar pela forte cultura no basquetebol masculino e pela falta de estudos nesse cenário esportivo, esse estudo confirmou a sua importância também nas categorias de base no cenário brasileiro. Se Franca é um polo de formação de atletas nas categorias de base, é provável também que seja um local de formação de treinadores de sucesso.

Esses fatos motivaram a elaborar esse estudo, objetivando investigar por meio de entrevistas semiestruturadas as trajetórias de aprendizagens ao longo da vida dos treinadores que trabalham com o rendimento de atletas na cidade de Franca, entender como esses profissionais se tornaram treinadores, as experiências adquiridas durante esse processo e quais as oportunidades de desenvolvimento existem atualmente no contexto atual de trabalho, se existem ações promovidas pelo clube ou a instituição de esporte, que de condições para favorecer a formação dos seus treinadores.

Para tanto, foram coletados cinco depoimentos de treinadores de duas equipes das

categorias de base na cidade de Franca. As perguntas eram referentes à existência de ações ofertadas pelos clubes.

Os depoimentos disponibilizados pelos treinadores motivou ainda a investigação com os gestores/coordenadores das equipes (SESI e Franca Basquete), que são profissionais ligados aos treinadores, diretoria com o encargo de amparar e propiciar desenvolvimento aos treinadores.

Acredita-se que o esclarecimento dessas questões poderá contribuir com o processo de formação de treinadores de basquetebol nas categorias de base em território nacional e, ainda, com as possibilidades de aprendizagem no próprio contexto de trabalho, promovendo reflexões acerca da formação dos profissionais e dos gestores/coordenadores que atuam nas categorias de base dos clubes de basquete.

A pesquisa apresenta-se estruturada em: introdução, a qual aponta a problemática apresentada referente à formação dos treinadores de basquetebol e o objetivo que constitui a pesquisa além da Abordagem Qualitativa, Técnicas de Pesquisa, e Procedimentos para a coleta de relatos, justificando a aplicabilidade à problemática em questão e o uso de técnicas da pesquisa bibliográfica e documental, com o uso da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2009) para a discussão das fontes orais articuladas às fontes escritas documentais; O capítulo II, Revisão da Literatura, diz respeito a Breve História do Esporte, buscando estudar e compreender o universo esportivo, e em específico o basquetebol, onde se faz necessária a compreensão da origem e do seu desenvolvimento ao longo do tempo, pois Bourdieu (1983) entende que é preciso conhecer as origens da modalidade esportiva, relacioná-la ao contexto em que se encontra atualmente inserida e, ainda, a organização atual do esporte de competição, no qual essa modalidade está estabelecida; O capítulo III, Entrando em quadra, aborda temas relacionados à formação de treinadores, o que tem se estudado sobre treinadores no país e a sua trajetória de aprendizagem, iniciação do basquete no Brasil e a história do basquete na cidade de Franca; O capítulo IV, Bola ao alto: A Percepção de quem está no jogo, destinou-se à análise e discussão de depoimentos dos treinadores e coordenadores técnicos entrevistados articulando-se com a literatura estudada e respondendo aos objetivos da pesquisa.

## **CAPÍTULO I - MÉTODO DE ABORDAGEM, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS**

### **1.1 ABORDAGEM QUALITATIVA**

O presente estudo tem características nos pressupostos da pesquisa qualitativa, com ênfase para a descrição e interpretação do fenômeno pesquisado. André (1995, p. 17), baseia-se no conceito da valorização da “maneira própria de entendimento da realidade pelo indivíduo” de sujeitos, permitindo um entendimento aprofundado das situações investigadas.

André (1995) ressalta ainda que a pesquisa qualitativa se contrapõe ao esquema quantitativo de pesquisa, levando em consideração todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas. Outro ponto considerado por Martins e Bicudo (1994), é que a pesquisa qualitativa tem por objetivo buscar a compreensão do que se estuda, ou seja, descrever o fenômeno estudado.

Esses métodos podem trazer contribuições à pesquisa, utilizando uma mistura de procedimentos de cunho racional e intuitivo para uma melhor compreensão dos fenômenos pesquisados (NEVES, 1996, p. 2).

Para atender aos objetivos propostos foi realizada pesquisa bibliográfica, análise documental e a coleta de depoimentos por meio da técnica de entrevistas semiestruturadas e, para a análise dos dados obtidos, foi realizado a técnica de Análise de Conteúdo do tipo categorial. Para Bardin (1979) essa análise é,

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (p. 42).

### **1.2 TÉCNICAS DE PESQUISA**

A elaboração dos capítulos desenvolveu-se por intermédio de revisão bibliográfica do marco teórico do problema em questão, de literatura já publicada em documentos, livros, teses, monografias, artigos científicos e outros materiais (MATTOS et al., 2004).

Iniciou-se com o retrospecto histórico sobre a história do esporte moderno, com os autores Hobsbawn (1988), Melo (2009), entre outros, e, em seguida, alguns fatos históricos do basquetebol com os seguintes autores: Medalha (1989), Daiuto (1981), entre outros. Desenvolveu-se com foco no tema da formação de treinadores com os autores, Galatti et al., (2016), Rodrigues (2014), Mesquita (2014), entre outros e trajetória de aprendizagem dos

treinadores, que é objeto central da pesquisa com Jarvis (2006, 2008, 2009). E a literatura referente aos clubes, com os autores Carvalho (2009) e Cunha et al., (2016).

### **1.3 MARCO TEÓRICO**

A pesquisa bibliográfica foi de suma importância como técnica metodológica para o desenvolvimento deste projeto. Esse tipo de pesquisa tem o intuito de colocar o pesquisador em contato com a produção da literatura referente à temática em questão, como ressalta Marconi e Lakatos (2001), se caracterizando pelo estudo e análise de documentos de domínio científico, tais como livros, periódicos, enciclopédias, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos. De acordo com os autores, sua principal finalidade é proporcionar aos pesquisadores um contato direto com obras, artigos e/ou documentos que tratem do tema de pesquisa e seu processo.

Segundo Severino (2000), a técnica bibliográfica tem por finalidade informar o leitor a respeito das fontes que serviram de referência para a realização da pesquisa que resultou no trabalho escrito. A pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda a pesquisa (MARCONI; LAKATOS, 2007).

Logo, a distinção entre as duas técnicas de pesquisa está na natureza das fontes: a pesquisa bibliográfica com tratamento científico, as informações já foram trabalhadas por diferentes autores em fontes secundárias. A pesquisa documental, fontes primárias, ou seja, não tem tratamento científico.

### **1.4 ANÁLISE DOCUMENTAL**

Devido às escassas referências sobre a história do basquete em Franca e aos fatores norteadores para que essa cidade se tornasse a principal cidade da modalidade, houve a necessidade de se pesquisar fontes históricas, isto é, a pesquisa documental.

A fonte documental pode se apresentar como uma “técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema” (LÜDKE; ANDRÉ, 2012, p. 39).

A mesma também foi utilizada para buscar informações sobre jogos e campeonatos do basquetebol na década de 50, 60 e 70 por meio de vídeos, documentários e reportagens.

Para Bardin (2009), a análise documental é definida como:

Uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar, num estado ulterior, a sua consulta e referência (BARDIN, 2009, p. 47).

No presente estudo buscou-se analisar documentos oficiais e não oficiais que possam ser usados como fontes de informações (ALVES-MAZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998) produzidas e escritas pelos clubes e instituições esportivas como, por exemplo, o estatuto, além de vídeos e imagens que dizem respeito à história do basquete no Brasil e em Franca, uma vez que esses dados são escassos na literatura, complementando os dados obtidos por meio das outras técnicas.

Logo, a pesquisa documental é aquela caracterizada pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação, para a realização da pesquisa utilizou-se documentários relacionados a história do basquetebol brasileiro e reportagens sobre a história do basquetebol em Franca.

### **1.5 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

A aplicação do método de entrevista semiestruturada tem o objetivo de obter informações dos indivíduos, entender como eles compreendem o fenômeno investigado e qual o conteúdo relevante em que esses sujeitos conferem. A principal técnica de coleta de dados se constitui como uma técnica alternativa para se coletar dados não documentados, caracterizando-se como um instrumento por excelência da investigação social e de análise qualitativa, no sentido de possibilitar uma melhor compreensão da construção da estratégia de ação e das representações de grupos ou indivíduos em uma dada sociedade (AMADO; FERREIRA, 1996).

Segundo Gerhardt et al., (2009), a entrevista é “uma técnica alternativa para se coletarem dados não documentados sobre determinado tema” (p. 72). Além do mais, os autores ressaltam que essa é uma “técnica de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informações” (GERHARDT et al., p. 72, 2009).

Selecionou-se a técnica de entrevista semiestruturada, na qual o entrevistador não fica restrito a seguir rigorosamente questões previamente organizadas, pois ele pode e até é incentivado a falar de assuntos que vão surgindo no decorrer da entrevista (GERHARDT et al., p. 72, 2009). Sendo assim, a entrevista semiestruturada, mesmo sendo dotada de certo controle sobre o objetivo proposto, configura-se de forma flexível tanto para o pesquisador quanto para o entrevistado, podendo ambos expressar suas ideias e opiniões.

A entrevista semiestruturada foi composta por perguntas amplas com um roteiro (apêndice) preestabelecido, as quais deram margem para o entrevistado dialogar livremente

sobre o tema investigado. Esse tipo de entrevista permite atingir um nível de compreensão por meio dos discursos dos entrevistados.

## 1.6 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DOS RELATOS

Inicialmente foi enviado o projeto de pesquisa e o modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos treinadores ao Comitê de Ética de Pesquisa da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências - Campus de Bauru, sendo aprovados com o processo de número: 52951316.5.0000.5398.

Após a aprovação e validação desta pesquisa, estabeleceu-se contato com o treinador via telefone informando seu objetivo e o interesse em realizar a entrevista. Após o aceite em colaborar com a pesquisa foi agendado o dia e local da entrevista.

Depois de aperfeiçoar o roteiro de entrevistas estabeleceu-se contato com o treinador que atuava na equipe principal no qual foi apresentada a proposta referente a essa pesquisa. Devido ao interesse e abertura das instituições esportivas<sup>1</sup>, concordou-se em realizar uma reunião no primeiro semestre de 2016, na cidade de Franca, entre a pesquisadora e os demais treinadores, no sentido de anunciar e explicar os procedimentos da coleta e os objetivos da investigação, bem como a duração da mesma, a garantia da confidencialidade dos dados e o anonimato dos entrevistados e, por fim, propor a quem estivesse interessado colaborar com a pesquisa.

Com o consentimento formal por parte dos entrevistados, cinco no total em Franca mais dois gestores/coordenadores, totalizando sete entrevistados que colaboraram com essa pesquisa, formalizou-se o acesso às instituições por meio de uma carta onde contém a assinatura da pesquisadora, da orientadora e do dirigente responsável.

Posteriormente, a transcrição na íntegra da entrevista foi enviada por e-mail aos depoentes para que confirmasse e validasse as declarações e emitisse seu aceite (NEGRINE, 2004). Na transcrição das entrevistas respeitou-se o discurso oral e a gramaticalidade, preservando o conteúdo semântico das respostas.

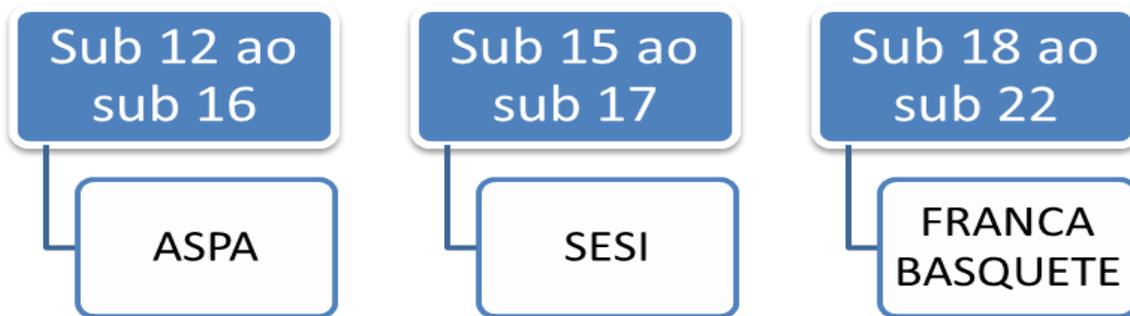
Por fim, foi marcada e realizada a coleta de entrevistas, registrada por meio de um gravador de áudio, no segundo semestre de 2016. As coletas ocorreram na primeira semana de Agosto/2016 e na segunda quinzena de Setembro/2016 e, após as gravações, as entrevistas foram transcritas por meio do *software Express Scribe Transcription* produzido pela NCH Suite.

---

<sup>1</sup> Foi concedida a autorização para a pesquisadora de utilizar os nomes das instituições.

Os dados apresentados correspondem aos treinadores que atuam nas categorias de base da cidade de Franca do sub 12 até o sub 19. As entrevistas encontram-se na íntegra, identificadas como treinador T1, T2, T3, T4 e T5 além dos gestores denominados como GFB (Gestor do Franca Basquete) e GS (Gestor do Sesi) para garantia do anonimato e, ainda, foi dada a possibilidade de desistência da participação na pesquisa, no momento em que fosse oportuno de acordo com o TCLE.

É importante ressaltar que quando a pesquisa foi desenvolvida, a cidade de Franca mantinha mais de um time disputando a mesma categoria. O organograma a seguir mostra as instituições que fizeram parte da pesquisa e as categorias que são trabalhadas:



Fonte: autoria própria (2016).

Para a pesquisa foi realizada entrevistas com os treinadores das categorias de base da Aspa e SESI, no segundo semestre de 2016, e a dos gestores que trabalhavam no Sesi e no Franca Basquete, no primeiro semestre de 2017, levando em consideração a disponibilidade e conveniência entre os depoentes e a pesquisadora.

No ano de 2016 as categorias em Franca eram divididas da seguinte maneira: SESI São Paulo responsável pelas categorias sub 15, sub 16 e sub 17; Associação de Pais e Amigos do Franca Basquete (ASPAS) pelas categorias sub 12, sub 13, sub 14, sub 15 e sub 16. E o Franca Basquete, responsável pelas categorias sub 18, sub 22 e adulto.

Para a temporada 2017/18 do Novo Basquete Brasil (NBB) foi divulgado a ampliação da parceria do SESI com a categoria adulta de Franca (LNB, 2017).

### 1.6.1 Método de análise dos dados

Como um grande volume de dados que precisam ser organizados e compreendidos é um processo complexo, no qual à medida que os dados vão sendo coletados, a pesquisadora vai investigando as fontes orais na tentativa de identificar temas e relações entre as falas, podendo gerar novas inquietações que pode levar a busca por novos dados (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998).

Como método de análise dos depoimentos optou-se pela análise de conteúdo, “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 2000, p. 31). No primeiro momento foi realizada uma exposição das respostas obtidas e, em seguida, foram estabelecidas as categorias para a análise. Dessa forma, utilizou-se a denominada análise categorial que:

[...] pretende tomar em consideração a totalidade de um texto, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens (sic) de sentido. (...) É portanto um método taxionômico bem concebido para satisfazer os colecionadores preocupados em introduzir uma ordem, segundo certos critérios, na desordem aparente (BARDIN, 2000, p. 36-37).

Conforme Bardin (2000), a análise de categoria deve respeitar cinco regras correspondentes à homogeneidade, que compreende o princípio de classificação da categoria, a exaustão de todas as informações do texto, a exclusividade dos elementos de cada categoria, a objetividade na decodificação das informações e a pertinência ao conteúdo e ao objetivo do estudo. Para o tratamento e análise dos depoimentos tabularam-se os dados a fim de sintetizar as principais informações relativas aos objetivos da pesquisa, organizando-as em categorias e em focos de análise que emergiram dos depoimentos.

Desta maneira, é preciso avaliar as respostas das entrevistas de uma maneira geral, não apenas ler e compreender o que foi dito, necessita-se ir um pouco além. Faz-se necessário a sensibilidade de perceber qual a real intenção do sujeito que fala.

A análise do conteúdo se faz por meio de análise categorial, que privilegia a frequência dos temas. De uma maneira transversal permitindo nortear as semelhanças nas categorias, constância e regularidade das respostas (BARDIN, 2000).

Cabe destacar que as categorias analisadas encontram-se conectadas no que se refere ao percurso para chegar a ser treinador, bem como aos aspectos relacionados à experiência destes profissionais e a política empregada pelas instituições de esporte para garantir a formação do treinador na óptica dos entrevistados.

Segue abaixo os temas evidenciados da análise de conteúdo das fontes orais, coletados pela técnica de entrevista semiestruturada e conforme o roteiro de questões, elaborado para

responder aos objetivos da pesquisa articulado à literatura estudada, chegou-se a cinco categorias:

- 1 – Aprendizagem pela prática esportiva;
- 2 – Aprendizagem pelo contexto formal;
- 3 – Aprendizagem pelo contexto não formal;
- 4 – Aprendizagens oferecidas pelo ambiente de trabalho;
- 5 – Dificuldades encontradas na profissão.

## CAPÍTULO II - REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1 BREVE HISTÓRIA DO ESPORTE

O esporte moderno nasceu predominantemente no século XIX, e sua importância na formação da cultura de diferentes países está relacionada ao desenvolvimento da vida em sociedade (Bourdieu, 1983; Elias; Dunning, 1892). A sociedade inglesa, com o processo de industrialização, foi o cenário para o surgimento do esporte moderno, que deixou suas origens de jogos para ganhar os espaços que inicialmente eram praticados pela burguesia.

Na sociedade britânica do século XVIII, na qual a aristocracia detinha o poder de forma soberana, ocorreram algumas transformações no âmbito da sociedade urbano industrial, como, por exemplo, o crescimento das cidades e o aumento das indústrias, o que proporcionou o surgimento de uma classe social burguesa. Esta se desenvolveu e se fortaleceu durante o século XIX, por meio da consolidação de sua estrutura político-econômica (BENELI, 2007).

Na Inglaterra, a sistematização dos jogos populares, a readaptação de antigas provas atléticas que anteriormente eram ligados aos exercícios militares, a difusão da ginástica e a criação de outras formas de recreação e competição originaram o esporte moderno e, tal como a revolução industrial modificou a relação do homem com seu tempo e seu corpo, tornou o esporte uma alternativa de ocupação do tempo livre (PEREIRA, 2004).

Betti (1991) destaca que, no século XVII, os jogos se encontravam nas *public schools*, nas universidades e na classe média industrial inglesa. Eram organizados pelos estudantes, contra a vontade dos dirigentes, que os consideravam muito violentos.

O esporte deixa de ser uma prática exclusivamente aristocrática e passa a abranger todos os níveis da sociedade inglesa. No entanto, cada camada social tinha suas modalidades distintas e, assim, o esporte passa a representar um dos principais “fatores de pertencimento de classe” Hobsbawn (1988, p. 245). Em suas palavras, Hobsbawn (1988):

Estabelecer critérios identificáveis era, portanto, urgente para os então membros, reais ou virtuais, da burguesia ou da classe média e particularmente para aqueles cujo dinheiro, por si só, não seria suficiente para a compra de um status seguro de respeito e privilégio para si e para sua descendência (HOBSBAWN, 1988 p. 245).

Entre as classes mais altas da Inglaterra o esporte passa a estar relacionado ao entretenimento, como uma espécie de marca distintiva desse grupo que, em função das riquezas, dispunham de maior tempo livre para práticas sem “fins produtivos” (ELIAS; DUNNING, 1992).

A sociedade burguesa, a partir do acesso à educação e às práticas esportivas, manifestava o seu poder simbólico e, com o passar do tempo, a sociedade britânica passou a absorver as manifestações culturais desta classe dominante, conforme afirma Bourdieu:

Parece indiscutível que a passagem do jogo ao esporte propriamente dito tenha se realizado nas grandes escolas reservadas às "elites" da sociedade burguesa, nas *public schools* inglesas, onde os filhos das famílias da aristocracia ou da grande burguesia retomaram alguns jogos populares, isto é, vulgares, impondo-lhes uma mudança de significado e de função muito parecida àquela que o campo da música erudita impôs às danças populares, *bourrées*, *gavotas* e *sarabandas*, para fazê-las assumir formas eruditas como a *suíte*. (BOURDIEU, 1983, p. 139)

De acordo com Melo (2009), nos países que foram pioneiros na organização esportiva do século XIX (Inglaterra, França e Estados Unidos) existe uma relação direta entre o desenvolvimento das cidades, a preocupação com a higiene, saúde e o corpo.

Por volta de 1860, os professores das *public schools* assumiram uma posição de estímulo e incentivo à prática de esportes pelos alunos como meios eficazes de educação, acreditando que os jovens descarregando nas competições esportivas energia e vitalidade, tornavam-se mais saudáveis e menos vulneráveis a vícios, estabelecendo assim o esporte como uma das mais eficazes práticas pedagógicas disciplinadoras.

Conforme Elias (1992), os esportes detêm regulamentação e são práticas corporais institucionalizadas e, no século XIX, encontraram nas escolas inglesas seu espaço de preferência.

Sobre esta questão Proni (1998, p. 47- 48) destaca:

Uma das maneiras que a burguesia inglesa elegeu para traduzir (e reproduzir) a sua posição social hegemônica foi adentrando no sistema educacional. E foi no sistema educacional que os novos esportes ganharam mais impulso. [...] as exigências econômicas e sociais para praticar as novas modalidades esportivas, fora do âmbito escolar, reforçariam ainda mais a conotação de que essa prática cultural se afirmava como um signo de distinção social. E nesse sentido específico que certos esportes aparecem como um elemento de diferenciação do estilo de vida burguês.

Hobsbawm (1988) esclarece como as práticas esportivas tornaram-se indicativo de pertencimento social, pois certas modalidades (remo e o tênis) estavam condicionadas às instituições de ensino ou à participação em associações esportivas (clubes), ao passo que outras (futebol e boxe) vinham alcançando uma maior difusão social.

Hoje o esporte apresenta diversas formas de representações, tais como: amador ou “*profissional*”; treinamento ou meio educacional; fenômeno cultural de lazer ou competitivo, etc. De acordo com Pinto (1996), sua difusão pelo mundo deu-se de diferentes formas e, portanto, o esporte não tem uma única definição, nem uma única história, seja para quem o pratica, para quem acompanha sua evolução por intermédio dos meios de comunicação e da literatura, ou por quem o vivencia no cotidiano.

No século XX vários esportes profissionalizaram-se. Além disso, Prost e Vicent (1992, p. 97-98) explicitam a “nova” relação dos indivíduos com o corpo a partir do período entreguerras. Em suas palavras:

A difusão do esporte popular, os albergues de juventude, as férias remuneradas permitiram que os operários mais jovens desenvolvessem novos hábitos de asseio corporal [...] O entreguerras é, para a burguesia, uma época de liberação do corpo e de outra relação entre o físico e as roupas.

Para Tubino (1996), o esporte no século XX é um dos fenômenos sociais mais importantes e que tem influencia na vida cotidiana das pessoas que praticam, organizam, apreciam, e até consomem o esporte, incorporando-o de diversas maneiras.

Essa importância social do esporte na sociedade deve-se também ao fato dos Jogos Olímpicos de 1896 terem sido retomados pelo Barão Pierre de Coubertin, o qual afirmava que a importância era a competição em si e não a vitória, portanto, o esporte deveria ser um meio e não um fim em si mesmo.

Nos primórdios do esporte moderno ocorre o processo de mercantilização, o qual se intensifica a partir da década de 1980, sendo um marco a realização dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984, o primeiro a ser totalmente organizado a partir de recursos privados (GALATTI, 2010).

Para Sigoli e Rose Junior (2004, p. 118), entende-se que:

Na década de 80, o esporte foi inserido, definitivamente, no sistema econômico mundial e passou a ser um mecanismo financeiro sob influência das corporações transnacionais [...] Esta relação com o mercado mundial evoluiu para as instituições esportivas, as confederações, federações, as ligas e os clubes passaram a negociar o esporte como um produto de consumo.

Na atualidade o esporte assume o status de um fenômeno globalizado, ganhando destaque por meio de grandes eventos internacionais, movimentando o setor financeiro e também sendo palco de prestígio, bem como, forma de controle e poder na política (GALATTI, 2010). Para Green e Houlihan (2005) desenvolver o esporte era um meio de garantir poder e influência no país, caso famoso aconteceu durante a Guerra Fria entre os EUA e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em que os países buscavam a afirmação política e ideológica por meio de conquistas esportivas, elevando seus investimentos na área do treinamento, métodos e avaliações em busca do melhor desempenho que garantisse a vitória. Além disso, o esporte também é a união de pessoas que se encontram para realizar uma prática esportiva ou desfrutar de outras maneiras, seja consumindo, assistindo, torcendo ou discutindo sempre com objetivo em comum, dando ao esporte novas interpretações. Portanto, é possível hoje denominá-lo como um fenômeno plural e sociocultural de múltiplas manifestações.

O esporte perpassa por diferentes ambientes, na formação de atletas de alto nível, como fenômeno de lazer e, ganha ainda relevância no âmbito educacional, além de novos consumidores que de diferentes maneiras o utilizam, ampliando os significados desse fenômeno (GALATTI, 2010).

## **2.2 BREVE HISTÓRIA DO ESPORTE NO BRASIL**

No caso do Brasil, ainda para Melo (2001), percorremos sobre a cidade do Rio de Janeiro no século XIX onde, inicialmente, se deu o campo esportivo brasileiro graças à vinda da Corte Portuguesa para o país, e se configurou a “ideia de esporte [...], diretamente relacionada a uma nova dinâmica de diversão e de vivências públicas” (MELO, 2009, p. 37).

O início e a divulgação do esporte no Brasil, de acordo com Pinto (1996), ocorreram com a chegada da modernidade e o início da República. E, conforme Jordão Ramos (*apud* TUBINO, 1996), a implantação da Associação Cristã de Moços no país foi fundamental para que o esporte fosse incorporado aos hábitos brasileiros.

Como prática social integrada aos interesses dos governantes em expandir o capitalismo, o esporte passou a se destacar em nosso país tendo seu desenvolvimento motivado por transformações econômicas e sociais, pelo investimento em novas tecnologias associadas ao desempenho físico, com criação de cursos de pós-graduação em Educação Física e formação de profissionais da área no exterior (PINTO, 1996). Para o autor Pinto (1996), a “legitimidade do esporte no Brasil” alcançou as questões políticas, econômicas e educacionais, passando a agregar esses pilares ao Estado.

Para Sigoli e Rose Junior (2004), a década de 1970 serviu como uma experiência para a inclusão do esporte no mercado, pois a Federação Internacional de Futebol (FIFA) e o Comitê Olímpico Internacional (COI) perceberam a relevância do esporte na mídia, passando assim a negociar a transmissão televisiva de campeonatos internacionais e dos Jogos Olímpicos. Nas palavras dos autores “esta relação com o mercado mundial evoluiu para as instituições esportivas, as confederações, federações, as ligas e os clubes passaram a negociar o esporte como um produto de consumo” (2004, p. 118).

Para Bueno (2008) o Brasil começa de fato a pensar esporte em 1937, com uma importante medida do governo federal, que foi a criação da Divisão da Educação Física (DEF) por meio da Lei nº 378 de março daquele ano. Foi criada a Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura, e assim seguiu até 1970, quando a divisão se transformou no Departamento de Educação Física e Desportos.

Na atual Constituição do Brasil (BRASIL, 1998), o artigo 217 define a prática desportiva como um direito social e que cabe ao poder público promovê-la.

Hoje o esporte profissional se popularizou, graças às coberturas televisivas, acesso aos meios de comunicação e exibição de jogos ao redor do mundo. O esporte necessitou ser administrado, organizado e desenvolvido por comitês olímpicos e paraolímpicos, federações estaduais e confederações que regem o esporte no país para que se estabelecessem regras comuns, para a organização de campeonatos em nível nacional e internacional e, principalmente, para o gerenciamento e crescimento das modalidades no país. A organização do basquetebol brasileiro será discutida mais adiante.

### **2.3 ALGUNS FATOS HISTÓRICOS DO BASQUETEBOL MASCULINO**

O basquetebol é um campo esportivo e, como afirma Bourdieu (1983), esse tipo de campo pode ser compreendido como um campo de práticas específicas dotados de lutas próprias e regras próprias, por isso é importante desvelar o campo esportivo referente ao basquetebol. Para Bourdieu (1984) o esporte tem seu próprio ciclo, não só dependendo dos fatos econômicos e da política, mas é resultante de suas próprias leis de evolução, suas crises e seu próprio tempo.

Os dados foram obtidos por meio de pesquisas bibliográficas em fontes primárias, como com o acesso aos sites da CBB, FPB, FIBA, entre outros. As fontes secundárias consultadas foram dissertações de mestrado, teses de doutorado, artigos e livros.

De acordo com a Confederação Brasileira de Basquetebol (CBB), esse esporte foi criado pelo canadense e professor de educação física James Naismith em 1891, na Escola Springfield College, nos Estados Unidos. Em virtude de o inverno ser muito rigoroso, portanto impossibilitando a prática de atividades físicas ao ar livre, ele criou um esporte para ser praticado em local fechado e que pudesse também ser praticado no verão.

Segundo Daiuto (1981), o Brasil foi um dos primeiros países da América do Sul e o quinto do mundo a conhecer o basquetebol. Medalha (1989) afirma que o basquetebol, no Brasil, foi introduzido na cidade de São Paulo, em 1896, pelo Augusto Shaw, norte americano e graduado em artes que veio ao país para lecionar no Colégio Mackenzie e trouxe consigo uma bola de basquete e, em 1896, é formada a primeira equipe de basquete masculino no Mackenzie.

Segundo Medalha (1989) foi a partir de 1912 no Rio de Janeiro que o basquetebol passou a se organizar melhor no país, por meio da Associação Cristã de Moços (ACM)

manifestando interesse do professor Henry J. Sims, diretor de Educação Física. Em 1913, no Rio de Janeiro, aconteceu a primeira partida internacional realizada no país.

Em 1933, com o profissionalismo do futebol, são criadas entidades especializadas de vários esportes, fundando no mesmo ano no Rio de Janeiro a Federação Brasileira de Basketball, a qual, em 1941, denomina-se como Confederação Brasileira de Basketball (CBB, 2016), e foi a partir da década de 40 que a modalidade passa a se desenvolver, incluindo uma maior participação de atletas em diferentes competições, criação de clubes, atuações internacionais e, inclusive, conquistas de medalhas (MEDALHA, 1989).

A partir da conquista da primeira medalha olímpica (bronze) em um esporte coletivo em 1948 em Londres, os atletas passam a motivar e ampliar a participação da população em relação ao basquetebol. Antes dessa época o basquete era muito elitizado e sua prática sempre dependeu dos clubes sociais para a sua difusão (MEDALHA, 1989).

O período áureo do basquete nacional foi entre as décadas de 1950-1970, nas palavras de Medalha (1989) “esse período pode ser considerado como a época de maior obtenção de resultados e prestígio a nível internacional” (p. 63).

Na década de 50 o estado de São Paulo foi aumentando o número de equipes na modalidade, o que promoveu uma consequente evolução nos campeonatos brasileiros, além de contar com boa parte dos atletas da seleção competir por clubes de São Paulo rivalizando com o estado do Rio de Janeiro (MEDALHA, 1989).

No primeiro campeonato Mundial, em 1950, que foi realizado na Argentina, o Brasil ficou em 4º lugar, na frente em 3º o Chile, 2º Estados Unidos da América (EUA) e, em 1º lugar a Argentina (BOLA AO CESTO, 2014). Em 1954 foi realizada a segunda edição do campeonato Mundial, sendo sediado no Rio de Janeiro e no qual o Brasil conquistou a prata, os EUA foi o campeão e o bronze ficou com as Filipinas. Esse período foi o início da renovação onde o Brasil teve igualdade de condições de disputar com as grandes potências mundiais (MEDALHA, 1989).

Previsto pra ocorrer no ano de 1958, o Mundial foi realizado somente no ano de 1959, pois o país sede, o Chile, não conseguiu concluir as obras a tempo e, mesmo assim, as partidas ocorreram em uma quadra montada em cima de um campo de futebol. Nessa edição da disputa um problema político ocorreu, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (ex-URSS) e também a Bulgária se recusam a jogar com a seleção de Formosa (MEDALHA, 1989) e, por isso, acabaram perdendo os pontos e sendo desclassificados do torneio, passando os pontos para o Brasil que consagrou-se pela primeira vez Campeão Mundial.

Nos Jogos Olímpicos de 1960 sediado em Roma, o Brasil conquistou o bronze ao ganhar da Checoslováquia por 85 x 76, a medalha de ouro ficou com os EUA, seguida da prata com a União Soviética (BOLA AO CESTO, 2014).

Em 1963 o Brasil conquistou os Jogos Sul Americanos em Lima, e depois foram para o Pan Americano em São Paulo, e na disputa da final o Brasil perdeu contra os americanos por 78 x 66 pontos (BOLA AO CESTO, 2014). Uma semana depois aconteceu o Campeonato Mundial no Rio de Janeiro, e tem o Brasil e EUA como favoritos do torneio. Em 25 de Maio, na disputa da grande final, o Brasil venceu o jogo contra os EUA por 85 x 81, tornando-se bicampeão mundial (MEDALHA, 1989; BOLA AO CESTO 2014).

Em 1964, nos Jogos Olímpicos de Tóquio, o Brasil ficou com a medalha de bronze ao ganhar de Porto Rico por 76 x 60, atrás dos americanos que ficaram com a medalha de prata e dos soviéticos com a medalha de ouro. Assim, o time conquista pela terceira vez uma medalha olímpica no basquete masculino (MEDALHA, 1989; BOLA AO CESTO 2014).

Em 1967 o Mundial foi disputado no Uruguai, o campeão foi a União Soviética, ficando a prata com a Iugoslávia e a medalha de bronze com o Brasil (BOLA AO CESTO, 2014).

Nas palavras de Medalha (1989):

Em síntese, a fase correspondente aos vinte anos desde a Olimpíada de Londres até os Jogos Olímpicos do México foram extremamente favoráveis ao desenvolvimento e difusão do basquetebol brasileiro. O esporte ganhou muitos adeptos e foi reconhecido internacionalmente como muito poderoso. A nível de continente sulamericano impunha-se como desporto mais evoluído em confronto com outras potências, tais como Argentina e Uruguai, sem menção de Chile e Peru (MEDALHA, 1989, p. 90).

Com a difusão do basquete nacional e as grandes conquistas, novos clubes surgiram no país, e mesmo aqueles clubes com tradição no futebol passam a organizar equipes de basquete (MEDALHA, 1989). Portanto, observamos a grande potência do Brasil no basquetebol masculino na década de 50 e 60, onde se configurava entre os principais times do mundo e com grandes conquistas internacionais (MEDALHA, 1989).

Grandes nomes dessas conquistas, Wlamir Marques, Amaury Passos, Jathyr Eduardo Schall, Carlos Domingos Massoni (Mosquito), Carmo de Souza (Rosa Branca), Antônio Salvador Sucar, os treinadores Togo Renan Soares, o Kanela e Renato Brito Cunha, entre outros, fizeram história no basquetebol mundial (MEDALHA, 1989).

Na Europa, a década de 70 foi onde começou um processo de incentivo ao esporte e uma melhor organização esportiva por parte das federações (MEDALHA, 1989).

A década de 70 e 80 foi marcada pela transição de grandes jogadores. Em 1970, o campeonato Mundial ocorreu na Iugoslávia, sendo primeiro campeonato que ocorreu fora da América do Sul. A Iugoslávia, dona da casa, ficou com a medalha de ouro, seguida pelo Brasil e em terceiro a União Soviética (BOLA AO CESTO, 2014).

Em 1971 ocorreu o Pan Americano em Cáli na Colômbia, foi a primeira medalha de ouro nesse torneio para o basquetebol masculino brasileiro, que venceu Porto Rico na final e o bronze ficou com Cuba (MEDALHA, 1989).

Nos Jogos Olímpicos de 1972, que aconteceu em Munique na Alemanha, o Brasil teve um resultado considerado negativo, já que tinha conquistado em 71 o Pan Americano, ficando com o sétimo lugar e, segundo Medalha (1989), foi muito criticado na época.

No campeonato Mundial de 1978, que foi realizado nas Filipinas, o Brasil conquistou a medalha de bronze, a última medalha masculina em campeonatos mundiais. O jogo foi realizado contra a Itália (86 x 85) e teve um final dramático para o time brasileiro que perdia de um ponto faltando pouco mais de 2 segundos para terminar o jogo, o jogador Marcel tem a posse de bola e faz uma cesta quase no meio da quadra, garantindo a vitória nos segundos finais para o Brasil. A medalha de ouro ficou com a Iugoslávia e a prata com a União Soviética (BOLA AO CESTO, 2014). Essa competição foi uma das primeiras em que houve transmissão direta de quase todos os jogos pela televisão (MEDALHA, 1989).

Importante ressaltar que os clubes brasileiros com predominância no estado de São Paulo, na década de 60 e 70, também obtiveram resultados expressivos em âmbito internacional. Nos campeonatos Sul Americano, o domínio dos clubes brasileiros é significativo (MEDALHA, 1989), bem como no Torneio Intercontinental (representantes de diversos outros continentes), com destaques para o S.C. Corinthians Paulista, E. C. Amazonas, Emmanuel, A.A. Francana e C.A. Monte Líbano, que disputaram as finais do Intercontinental e conquistaram o vice-campeonato. O E.C Sírio foi o grande campeão em 1979 quando o evento foi realizado em São Paulo (MEDALHA, 1989).

Os Jogos Pan Americanos de 1987, que ocorreu nos EUA em Indianápolis, teve sua final realizada entre o Brasil x EUA. Antes disso, os donos da casa tinham uma invencibilidade de nunca terem perdido nos EUA, além de em 1984 ter conquistado a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos e, ainda, de ter vencido o Mundial em 1986, ou seja, eram os grandes favoritos da disputa. No intervalo do jogo o Brasil perdia por 68 x 54 e, logo no vestiário, escutaram a comemoração por parte dos americanos de uma possível vitória tranquila. Na volta para o jogo o Brasil consegue impor um ritmo forte de defesa resultando em ataques convertidos, final de jogo e vitória para o time brasileiro por 120 x 115. Foi uma

vitória que os americanos não estavam preparados para ter, pois a organização do evento não tinha o hino brasileiro. Hoje, o ginásio que foi palco dessa disputa não existe mais (BOLA AO CESTO, 2014). Foi a primeira derrota dos Estados Unidos dentro do seu território, assim como por uma contagem acima de 100 pontos (MEDALHA, 1989).

Observa-se que essa geração conseguiu manter resultados importantes na seleção brasileira em cenário internacional e contou com grandes jogadores consagrados, alguns de seus atletas principais foram: Marcos Abdalla, Ubiratan Maciel, Oscar Schmidt, Marcel Souza, Marcelo Vido, Hélio Rubens, e entre os treinadores, Edson Bispo dos Santos, Pedro Morilla Fuentes, Ary Vidal, entre outros.

A década de 90 foi marcada pela estruturação adequada de clubes europeus e americanos (MEDALHA, 1989), porém, no Brasil, os resultados internacionais caem, no Mundial de 1994 ficou na 11ª colocação, em 1998 em 10º lugar, no Mundial de 2002 ficou em 8º lugar e 2006 amargou a 17ª posição, em 2010 ficou em 9º lugar. Além disso, o Brasil não obteve classificação para disputar as Olimpíadas por 16 anos (2000, 2004 e 2008) (CBB, 2016). No pré-olímpico de 2007 nos EUA, onde são disputadas as vagas do continente americano para uma Olimpíada, o Brasil enfrentou problemas durante o torneio, crise entre os próprios jogadores e comissão técnica, além do pedido de dispensa de alguns jogadores importantes (BOLA AO CESTO, 2014).

Essa década é marcada por uma renovação e crise no basquetebol brasileiro, que pode ter sido ocasionada pela falta de gestão entre clubes, atletas e treinadores da CBB, há falta de grandes jogadores e a ascensão do voleibol que vinha de bons resultados passou a ocupar um espaço que antes era do basquete, assim como afirma Medalha (1989).

Como exemplo dessa crise, em 2006, o Campeonato Nacional acaba sem campeão. O time de Brasília-DF entrou com uma liminar na Justiça comum pedindo os pontos da partida contra um time do Rio de Janeiro-RJ que teria disputado a partida com um jogador irregular. Dessa maneira, os jogos foram cancelados e o time de Ribeirão Preto-SP que estava na final encerrou suas atividades nesse período (BOLA AO CESTO, 2014). Tal fato ocasionou uma disputa entre a CBB e clubes, estes queriam organizar uma liga independente para organizar o campeonato nacional. Foi então criada a Nossa Liga de Basquetebol (NLB), que teve como seus principais criadores os ex-atletas da modalidade, Paula, Hortência e Oscar. Essa liga não se estabeleceu e, em poucos anos se extinguiu, sendo remodelada em 2008 para o Novo Basquete Brasil (NBB), que hoje é o maior campeonato do país, organizado pela Liga Nacional de Basquete (LNB) na qual tem a chancela da CBB (BOLA AO CESTO, 2014; LNB, 2016).

Após a consolidação da liga com um campeonato bem organizado, os jogadores que atuavam fora do país retornam ao Brasil encontrando uma esperança de atuar em um campeonato forte e disputado em território nacional. O campeonato masculino tem hoje em seu torneio 16 equipes com representantes do estado de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Minas Gerais, Distrito Federal, Ceará, Rio Grande do Sul e Bahia. Além disso, conta com o campeonato de divisão de acesso, a Liga Ouro, e também um dos principais campeonatos realizados pela LNB, a Liga de Desenvolvimento de Basquete (LDB) competição nacional de clubes para jovens até 22 anos (LNB, 2016).

Apesar da melhora do basquete nacional, a CBB aposta em treinadores estrangeiros para buscar a classificação Olímpica, que foi o caso do espanhol Moncho Monsalve que, apesar da conquista da Copa América em 2009 classificando para o Mundial em 2010, não obtém sucesso no pré-olímpico em 2008, ficando novamente de fora das Olimpíadas. O treinador teve passagem na seleção brasileira entre os anos de 2008 até 2010 (BOLA AO CESTO, 2014).

Em 2010 o treinador argentino Rubén Magnano é contratado para dirigir a seleção brasileira. Em 2004, frente à equipe da Argentina, conquistou a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos em Atenas. No ano de 2011 acontece o pré-olímpico em Mar del Plata na Argentina que dá duas vagas aos Jogos Olímpicos. Na semifinal contra Porto Rico, o Brasil vence por 83 x 76 e se classifica após 16 anos para os Jogos Olímpicos de Londres em 2012, onde o Brasil ficou em 5º lugar. E, no Mundial de 2014 na Espanha, o Brasil conquista o 6º lugar (BOLA AO CESTO, 2014; CBB 2016).

Ao se considerar a literatura estudada, constatou-se limitados estudos que abordam a história do basquetebol masculino, além da tese de doutorado (Medalha, 1989) recorreremos às pesquisas documentais, buscando informações em vídeos e documentários, que é o caso do “Bola ao cesto”: resgate de uma história que relata a memória da história do basquete desde a década de 50 até o ano de 2014, com depoimentos de ex-atletas, atletas, treinadores, ex-treinadores e dirigentes do basquetebol brasileiro.

Portanto, os últimos resultados em competições internacionais, como, por exemplo, campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos, sendo o último em 2016 realizado no Rio de Janeiro, no qual o Brasil não se classifica para a segunda fase do campeonato, percebe-se que o basquetebol brasileiro em âmbito internacional não tem apresentando resultados expressivos obtido em épocas anteriores, o que pode indicar o investimento melhor de outros países na modalidade, caso da Argentina, Espanha, França, etc., que têm se destacado em campeonatos

internacionais, e/ou a responsabilidade da própria estrutura organizacional brasileira na modalidade.

Apesar da lacuna existente em termos de resultados entre as gerações, é importante destacar que nas últimas convocações da Seleção Masculina de basquete, como, por exemplo, na Copa do Mundo de Basquete que aconteceu em 2014, dos 12 atletas convocados, seis jogaram em algum clube que participava do NBB, o mesmo ocorreu nos Jogos Pan Americanos em 2015, onde dos 11 jogadores presentes, apenas dois atuavam na Europa e o restante participava de times do NBB e, ainda, na Copa América, dos 12 jogadores presentes, 10 jogaram o NBB. Nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016, oito atletas tiveram passagem pelo NBB, ou seja, esse campeonato demonstra uma grande importância, já que representa o mais alto nível de desempenho do basquete brasileiro. Vale destacar que os demais jogadores convocados todos jogavam no exterior (Europa e/ou a Liga Norte Americana de Basquetebol – NBA).

Um fato atípico aconteceu no final de 2016, devido a diversos fatores, como a CBB cancelar o campeonato que aconteceria no Brasil de 3 x 3 (torneio disputado por três contra três utilizando metade da quadra) às vésperas do início do torneio, não enviar as seleções de base masculina e feminina para o Campeonato Sul Americano e, ainda, não realizar o campeonato brasileiro de base, além da dívida em que se encontra a atual Confederação, segundo apurou o *site* da UOL (notícia do dia 14/11/2016), a FIBA decidiu intervir na CBB, na qual não ocorrerá novas eleições para a presidência da CBB (aconteceria em março de 2017), portanto, o Ministério do Esporte, o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e a própria FIBA terão força para administrar o basquete brasileiro até 2020.

## **CAPÍTULO III - ENTRANDO EM QUADRA**

### **3.1 FORMAÇÃO DE TREINADORES**

Os cursos de formação profissional em Educação Física foram criados por militares e médicos que salientavam a importância da prática de atividades físicas. Apesar disso, a formação de professores de Educação Física no nosso país foi regulamentada apenas depois de três décadas desde a criação dos primeiros cursos superiores não militares (RAMOS, 2006).

De acordo com Mezzadri (1994), em 1913 instaurou um “corpo escola” que tinha como intenção a formação de instrutores de ginástica e esgrima, e que posteriormente daria origem à Escola de Educação Física da Força Pública, em 1932, fiscalizando a prática de Educação Física e Esporte no contexto militar.

O autor coloca que, referente à formação de profissionais da Educação Física para atuar junto à sociedade civil, a instituição pioneira foi a Escola da Marinha do Rio de Janeiro, que em 1925 criou um curso com duração de dois anos para a formação desses profissionais.

Em 1931 teve origem a Escola Superior de Educação Física do Estado de São Paulo, que iniciou seu funcionamento em 1934 e foi reconhecida pelos órgãos federais em 1940. Essa escola já contava com disciplinas práticas em seu currículo. Com o objetivo de difundir a Educação Física no Brasil, de acordo com Betti (1991), é criada a Escola de Educação Física do Exército, em 1933.

De acordo com Mezzadri (1994), a prática de atividade física era referente à um corpo saudável, disciplinado e regrado. Ocorreu a obrigatoriedade da Educação Física nas escolas pela Constituição de 1937, demandando profissionais habilitados e preparados na área.

A criação da Escola Nacional de Educação Física e Desporto, em 1939, vinculada à Universidade do Brasil constituiu um marco para a área, uma vez que representou a inserção da Educação Física na Universidade e, de acordo com Melo (1996), possibilitou o início da perspectiva da Educação Física enquanto disciplina acadêmica.

Em 1962, junto com a fixação de currículos mínimos para os cursos de licenciatura em Educação Física e Técnico de Desportos, transformou-se a formação de técnicos esportivos em um curso a ser desenvolvido após a licenciatura, com duração de três anos (BRASIL, 1987).

A promulgação da Resolução 03/CFE/87 provoca uma mudança na formação profissional de Educação Física, possibilitando a escolha de Licenciatura e/ou Bacharelado, sendo esse com atuação fora do setor educacional (saúde, lazer e esporte).

Art. 3º. Compete ao Profissional de Educação Física coordenar, planejar, programar, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, avaliar e executar trabalhos, programas, planos e projetos, bem como prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria, realizar treinamentos especializados, participar de equipes multidisciplinares e interdisciplinares e elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos, todos nas áreas de atividades físicas e do desporto (Congresso Federal do Brasil, 1998).

Contudo, a criação do curso de bacharelado parece não ter preenchido os hiatos referentes à formação e atuação profissional em Educação Física, pois, de acordo com Betti e Betti (1996), as universidades que detêm de certa autonomia na elaboração de seus currículos não se adequaram às exigências dos distintos campos de trabalho, muitas delas inclusive moldaram pouco seus currículos, realizando mínimas “adaptações”. Os autores afirmam que gerou-se a ideia de que o importante para a formação dos alunos era “saber fazer”. Tal ideia de “saber fazer”, executar com perfeição as habilidades motoras, é denominada como uma concepção esportivista, que pode ser encontrada em metodologias de muitas faculdades. Essa concepção é uma maneira equivocada de realçar a atuação dos mais habilidosos nas disciplinas esportivas, e não o desenvolvimento da atuação de lecionar dos graduandos.

Na década de 80, com a volta dos professores doutores do exterior, assim como com a implementação dos cursos de Pós Graduação na área de Educação Física, motivou-se o debate sobre as questões da concepção esportivista dentro do meio acadêmico. A Educação Física até essa época era voltada somente ao esporte, visto que o perfil dos professores era formado por ex-atletas, treinadores, ou seja, pessoas da vivência prática. Em decorrência da crise encontrada na área é proposto o modelo científico de currículo, que transfere a importância da prática para a teoria, buscando favorecer o processo de ensino e aprendizagem (DARIDO, 1995, 1999) que acabou afastando a formação da prática esportiva, sobretudo nas universidades públicas.

Um exemplo de que o contexto universitário reforça as práticas tradicionais pedagógicas esportivas pode ser observado em uma pesquisa realizada por Rezer (2003), que buscou investigar qual o contexto de ‘origem’ profissional em que os professores das escolinhas de futebol e futsal atuam, e detectou que os profissionais que trabalham sem formação universitária atuam de forma semelhante aos professores com formação.

Um modelo que pode favorecer a formação profissional na Educação Física é o modelo curricular reflexivo (BETTI; BETTI, 1996; DARIDO, 1999), centrado na prática, sendo esta entendida como a prática da profissão. Os autores propõem a necessidade do contato com a prática logo no início da graduação, tendo a oportunidade de: a) analisar os diferentes campos de trabalho presente na área; b) resolver problemas em realidades de baixo risco; e c) acompanhar profissionais experientes. Sempre com a orientação e

acompanhamento de professores docentes do curso e com respaldo de pesquisas científicas, possibilitando assim, profissionais críticos e autônomos.

Em estudo realizado por Milistetd et al. (2017) foi proposto o desenvolvimento de práticas pedagógicas durante os anos do curso de bacharelado em Educação Física, foram consideradas seis competências a serem trabalhadas, visando a formação de treinadores: aprender a refletir, definir visão e estratégia, organizar o ambiente, conduzir práticas, construir relações e ler e responder ao campo de ação. Diante dos eixos estipularam-se as necessidades para as competências profissionais do treinador, considerando o desenvolvimento de forma gradual ao longo de sua formação, tornando a aprendizagem mais significativa na sua trajetória profissional, sendo possível refletir, experimentar e discutir suas ações (MILISTETED et al., 2017).

Sobre a formação profissional dos treinadores, estes se caracterizavam como ex-atletas, aventureiros, leigos e amadores, sem formação acadêmica e científica (PEREIRA, HUNGER, 2012). De acordo com Souza Neto (1999), a seguir, a cronologia referente à formação profissional de treinadores.

Em 1939 é criada a Escola Nacional de Educação Física e Desportos, com um curso de formação de técnicos esportivos estruturado em um ano; No ano de 1945 a formação de técnico esportivo passa a ser realizada em um ano, após a conclusão da licenciatura em Educação Física; Já no ano de 1960 transfere-se o registro do diploma de Técnico Desportivo, da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde, para o Conselho Nacional de Desportos (CDN).

Com a valorização do esporte, atividade física, saúde e do lazer, no fim da década de 1960 amplia-se o espaço de intervenção profissional de Educação Física fora dos contextos escolares (RINALDI; PIZANI, 2012).

Em 1962 são fixados os currículos mínimos nos cursos de licenciatura em Educação Física e Técnica Desportiva. Os cursos são reestruturados devendo ser realizados paralelamente, com três anos de duração, no entanto, na prática realizava-se nas escolas apenas o curso de professor de Educação Física com complementação em Técnica Desportiva.

Em 1969 houve a reestruturação da proposta curricular. A formação de professores de Educação Física será feita em curso de graduação, que conferirá o título de licenciado em Educação Física e Técnico de Desportos. Para obtenção do título de Técnico Desportivo, o aluno deveria escolher duas modalidades esportivas para serem incluídas no currículo mínimo durante a graduação e/ou após a graduação.

A UNICAMP cria, em 1985, o curso de graduação em Educação Física com duas modalidades de formação profissional: licenciatura e bacharelado, sendo o bacharelado com habilitação na modalidade de Técnica Desportiva; 1987 – Parecer CFE 215/87 e Resolução CFE 03/87, cria o curso de bacharelado em Educação Física. No ano de 1990 a Universidade de São Paulo (USP) cria seu curso de bacharelado em Educação Física, sendo que o ingresso da primeira turma deu-se em 1992 e, no ano de 1992 é criado, de forma pioneira, o curso de bacharelado em Esporte, também na Universidade de São Paulo. Foi sancionada pela Lei 9.696, em 1998, a Regulamentação Profissional da Educação Física, que estabelece os papéis do profissional e seus campos de intervenção, criando-se também o Conselho Federal de Educação Física (CONFEF), com o objetivo de reorganizar todo o campo de trabalho dessa profissão, particularmente na esfera não escolar. Este, por sua vez, publicou a Resolução CONFEF 46/02, que dispõe sobre a “*intervenção do profissional de Educação Física*”, e respectivas competências, definindo os seus campos de atuação profissional.

Portanto, desde 1998 quando foi sancionada a Lei 9.696, os treinadores esportivos devem passar pelo Ensino Superior ou comprovar o exercício profissional de, no mínimo, três anos anteriores à data da regulamentação da Lei (BRASIL, 2002).

Para atuar como treinador em diferentes níveis de desempenho no Brasil, é preciso portar o diploma de Bacharel em Educação Física. As universidades detêm de certa independência quanto à flexibilização para organizar seus programas, desde que estejam de acordo com as diretrizes nacionais sancionadas pelo governo federal, estabelecendo padrões mínimos que todos os programas devem seguir (MILISTETD et al., 2014).

Sobre a figura do treinador no contexto do desenvolvimento esportivo, os autores Moreno, Del Villar (2004) e Pascual et al., (2006) destacam que este profissional deve ter uma formação acadêmica, como ocorre no Brasil, mas, além disso, é necessário dispor de um caráter reflexivo e crítico sobre sua prática, assim como sugerem os autores Betti e Betti (1996) e Darido (1999).

Contudo, observou-se em pesquisas no âmbito internacional, que os programas de formação de treinadores podem ser ineficazes em suas funções, (JONES; TURNER, 2006; CHESTERFIELD; POTRAC; JONES, 2010; JONES; MORGAN; HARRIS, 2012; MESQUITA; ISIDRO; ROSADO, 2010; NELSON et al., 2013; MESQUITA et al., 2014) onde muitas vezes o conhecimento aprendido dentro desse ambiente é descontextualizado, concentrado sua aprendizagem em aspectos isolados da competência dos treinadores, além da grande maioria dos programas adotarem perspectivas tecnicistas, desconsiderando a bagagem

e as experiências prévias dos treinadores e desvalorizando os espaços para reflexões (MESQUITA, 2014).

Justificando a atividade do treinador como dinâmica e complexa, defende-se a educação dos treinadores em uma abordagem relacionada às dificuldades presentes no ambiente de trabalho e na interação dos personagens que compõe o campo esportivo. Portanto, é preciso afastar-se desse modelo para um processo que sensibilize outros aspectos relevantes para a formação dos treinadores, por exemplo, praticar a dinâmica da reflexão e considerar as experiências de vida anteriores à esse processo de certificação.

Um dos problemas quanto à formação de treinadores no Brasil é apontado por Rodrigues (2014), em suas palavras:

Os currículos dos cursos privilegiam as disciplinas de caráter biológico e negligenciam as Ciências Sociais. E, além disso, os treinadores terminam os cursos com alguns conhecimentos em disciplinas específicas das Ciências do Esporte (Fisiologia, Psicologia e Biomecânica), mas carecem de conhecimentos pedagógicos e socioculturais relacionados ao papel do treinador. Embora seja possível argumentar que os conhecimentos advindos das diversas áreas das Ciências do Esporte são essenciais, vale citar que tais conhecimentos são transmitidos de forma compartimentalizada, sendo cada disciplina tratada separadamente, quando na realidade a atuação do treinador requer a integração de fontes variadas de conhecimento (RODRIGUES, 2014, p. 32).

Nessa fala de Rodrigues (2014), é possível identificar uma valorização de conhecimentos positivistas na forma de sistematizar métodos, fragmentando os conhecimentos de forma isolada da realidade. Acredita-se que é necessário não somente reorganizar as áreas de conhecimento para a capacitação dos treinadores, mas é preciso também superar essa concepção biológica de modo a desenvolver um entendimento construtivista relevante e contextualizada para a complexidade presente na atividade do treinador (MESQUITA et al., 2010, 2012).

Os conhecimentos e saberes que perpassam a capacitação de treinadores não devem se restringir a meras questões técnicas e táticas. Além do processo de treino, que demanda grande complexidade, é preciso que o treinador compreenda outros elementos necessários para a sua atuação, esses elementos são alcançados em diferentes espaços e em diversas situações de aprendizagem (MALLETT et al., 2009; NORTH, 2010). Ao acentuar essa questão, a educação de treinadores pode ser mais fiel à realidade diária do treinador e pode ajuda-los a desenvolver uma consciência crítica de exatamente o que seu papel envolve e o que eles precisam saber para ter sucesso nela (JONES; TURNER, 2006).

Portanto, a natureza do conhecimento dos treinadores é vista como integrada ao invés de ser compartimentada. É preciso orientar e recorrer a muitas fontes de conhecimento e

considerações, e decidir como utilizá-las de que maneira, quando e onde em benefício daqueles que estão sendo treinados (JONES; TURNER, 2006).

A profissão de treinador é reconhecida no Brasil mediante a obrigatoriedade da formação em Educação Física (bacharelado), e da possibilidade de se aprimorar na aprendizagem não formal (formação não obrigatória), os interessados na área de treinador podem procurar por programas de formação vinculados as federações de cada modalidade, o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e as Federações Desportivas são reconhecidas como organizações responsáveis pela formação contínua dos treinadores (MILISTETD et al., 2016). No entanto, os conteúdos abordados são relacionados a conhecimentos generalistas (fisiologia, biomecânica, gestão, marketing) desconsiderando que esses conhecimentos são trabalhados dentro da grade universitária (RODRIGUES, 2014; MILISTETD et al, 2016).

Atualmente apenas 12 federações oferecem tais programas de certificação, e não existe uma estrutura comum de organização entre elas, a exemplo disso, algumas federações tem 10 níveis de certificação, enquanto outras apenas um e em muitos casos os cursos fornecem apenas aprendizagens técnico-metodológico (MILISTETD et al., 2016), além da pouca informação disponível sobre a efetividade desses cursos na formação e prática dos treinadores (MILISTETD, 2015).

No basquetebol esse processo foi recente, visto que a Escola Nacional de Treinadores de Basquetebol (ENTB) teve sua criação somente no ano de 2010 e no ano de 2014 teve seu último módulo realizado. Essa escola é apoiada pela CBB, a qual, segundo ela, tem a missão de ser referência nacional na capacitação de profissionais de Educação Física e Esportes para atuação como treinadores de basquetebol, das categorias de formação ao alto rendimento, produzindo conhecimento básico e aplicado, buscando a excelência na qualidade de ensinar (ENTB, 2015).

A ENTB oferece cursos de certificação em três níveis (I, II e III), com conteúdos diversos em áreas relacionadas às Ciências do Esporte, preparação física, preparação psicológica, organização de treino e conteúdos específicos da modalidade. Os cursos ocorrem num período de três a cinco dias, com aulas teóricas e práticas ministradas por especialistas treinadores com reconhecida experiência nos níveis de certificação.

O objetivo é otimizar e potencializar o basquetebol brasileiro, capacitando os profissionais dentro de uma padronização nacional de trabalho com conhecimentos científicos e quantificáveis da modalidade baseados nos sistemas modernos do treinamento internacional, porém, o programa para formação de treinadores está sendo reestruturado, e seu último módulo ocorreu em 2014 (CBB, 2016). A ENTB anunciou em 2014 que está reestruturando o

seu currículo, desde então não vem oferecendo cursos, por isso o papel de formação das instituições esportivas tem se tornado mais importante para a formação dos treinadores.

No contexto internacional, para Rodrigues (2014), a formação de treinadores é elaborada por meio de programas de certificação de variados níveis, assumida pelos Órgãos Governamentais, sendo os níveis iniciais mais generalistas e os níveis avançados mais específicos, podendo ainda as Associações, Federações e Confederações esportivas, elaborarem programas característicos de acordo com a necessidade de cada esporte.

Ao compararmos com os países da América do Sul, como a Argentina e Uruguai (DE ROSE JR, 2013a) afirma que não é necessário exigir o curso de educação física para ser treinador, porém, é oferecido um curso de certificação com duração de 18 meses com uma grade curricular similar à das universidades no Brasil, só com ênfase na modalidade específica. Destaca-se também que o futuro treinador passa por constantes avaliações e há obrigatoriedade de realizar estágios ao lado de treinadores experientes. Além do mais, na carreira de treinador, é preciso passar obrigatoriamente por todos os níveis (que normalmente são o total de três) e atuar durante dois anos em cada estágio para então atingir o grau máximo de 'treinador nacional' (DE ROSE JR, 2013a).

Outra possibilidade de trabalhar com a formação de treinadores é proposta por autores como Jones e Turner (2006) que abordam sobre *Problem Basead Learning* (PBL), Barrows (1996) caracteriza essa abordagem centrada no estudante, como ocorre em pequenos grupos onde os professores são facilitadores ou guias e os problemas formam o foco organizacional e o estímulo para a aprendizagem, onde a nova informação é adquirida através da autoaprendizagem. Jones e Turner (2006) elencam algumas contribuições dessa abordagem por PBL (a) desenvolver a capacidade dos alunos de tomar decisões e resolver problemas; (B) conscientização sobre a complexidade das questões do mundo real; (C) permitir a exposição a vários corpos de conhecimentos; (D) desenvolver a capacidade de estender o aprendizado além dos problemas apresentados; (E) gerar o desejo e a capacidade de pensar integralmente entre disciplinas; (F) maior integração da teoria e da prática; (G) graduados que são mais capazes de aprender de forma eficaz ao longo de sua vida profissional.

Para Jones e Turner (2006) os tipos de problemas encontrados no PBL envolvem os alunos aprendendo sobre sua disciplina de uma maneira integrada, lidar com problemas e identificar soluções adequadas que vai além de uma única resposta correta, permitindo reunir e discutir criticamente estratégias.

Pode-se afirmar que o indivíduo profissional tem condições e aptidões para exercer o cargo de treinador esportivo quando conhece sua modalidade em diferentes âmbitos:

psicológicos, sociais, físico, tático e técnico, tendo assim competência para guiar, comandar e gerir sua equipe.

O treinador deve ser responsável pelo treinamento técnico-tático e pelo controle direto dos atletas, assumindo a liderança sobre a comissão técnica (ALMEIDA, ALMEIDA, GOMES, 2000). Balbino e Winterstein, (2008) relacionam alguns dos requisitos da profissão: uma boa relação interpessoal com os jogadores, o emprego de metodologias de treinamento adequadas, o planejamento das sessões, o conhecimento das características dos atletas, o gosto pelo que faz e o saber motivar.

Diante disso, podemos afirmar que é compromisso do treinador reconhecer que, para as crianças e jovens, ele não é mais apenas um mero treinador ou um especialista do esporte. É mais do que isso, treinadores são pessoas com as quais eles mais se identificam, com quem partilham algum tempo importante das suas vidas (MARQUES, 2006), e que por meio de sua ação poderão ser espectadores, dirigentes e também treinadores.

É necessário considerar a diversidade, as possibilidades de contextos, a participação e a inclusão dos treinadores, visando sua formação integral e a complexidade de todo esse fenômeno esporte, sendo assim, não se deve atribuir que o treinador sustenta apenas de conhecimentos tático-técnicos da modalidade.

Portanto, concordamos com Scaglia (1999) quando esse afirma que:

Ensinar não é, e nunca será, tarefa simples e desprovida de responsabilidades. Ao ensinar tem-se o compromisso com o formar. Formar o cidadão que, para se superar e ser sujeito histórico no mundo, necessita desenvolver sua criticidade, sua autonomia, sua liberdade de expressão, sua capacidade de reflexão, sintetizando sua cidadania. Assim sendo, aluno/sujeito/cidadão, lapidado por quem ensina, não será mais aquele que simplesmente se adapta ao mundo, mas o que se insere, deixando sua marca na história (SCAGLIA, 1999, p. 26).

Logo, pedagogos em esporte devem combater uma pedagogia que está mais preocupada em cumprir metas e etapas de treinamento. Verificamos nas escolas de esportes que crianças passaram a ser consideradas como “adultos em miniaturas” (GRECO; BENDA, 1998). É necessário que os treinadores respeitem os interesses e necessidades esportivos de cada criança para, assim, propor um esporte mais educativo e responsável.

Côté e Gilbert (2009) conceituaram o conhecimento do treinador em: a) conhecimento profissional, relacionado à área do esporte, conhecimentos específicos da modalidade, técnico/táticas, área da fisiologia e treinamento; b) conhecimento intrapessoal, a relação entre treinador-atletas existente no ambiente de treino e competição, além da relação extraprofissional, relações de psicologia e de gestão desse conhecimento; e c) conhecimento intrapessoal, que está relacionado ao autoconhecimento, autorreflexão e autocrítica.

Para que esses conhecimentos sejam utilizados para determinar um treinador eficaz, é necessário que esses conceitos estejam interligados na sua prática diária.

Podemos citar um dos mais consagrados treinadores de futebol, Josep (Pep) Guardiola, que atualmente está frente à equipe do Manchester City (Inglaterra), e em seu livro relata: “*eu só procuro passar aos meus atletas alguns princípios de jogo, que reduzem os riscos ao mínimo e potencializam suas virtudes ao máximo*” (PERERNAU, 2014, p.135). O mesmo também complementa sobre seu conhecimento intrapessoal:

Como um treinador aprende? Como evolui e melhora? Basicamente, vendo jogos, estuando vídeos do próprio time e dos adversários. Ele revê as partidas com atenção para os detalhes, pensando em possíveis novos movimentos ou repassando os erros. E a partir daí, deve refletir, criar novas ideias e movimentos para ensaiá-los nos treinos e jogos. É um processo similar ao realizado quando analisamos um adversário [...] (PERERNAU, 2014, p. 82).

Ainda em sua biografia, Guardiola discorre sobre o conhecimento interpessoal e sua relação treinador-atleta:

A que dedica as doze horas de trabalho? Metade delas à profunda análise do adversário, que costuma ocupa-lo durante dois dias e meio. Boa parte do tempo restante é empregada nos treinamentos ou na preparação das próximas sessões com Buenaventura, Torrent e Gerland. Por fim, todos os dias Pep passa uma ou duas horas em conversas individuais com os jogadores, às vezes com a ajuda de vídeos ou simplesmente indo tomar um café ou fazer uma refeição para falar de problemas pessoais. Esses são momentos-chaves, que realmente importam, e Guardiola aprendeu que deve dispensar a eles o tempo necessário [...] (PERERNAU, 2014, p. 167).

Pode-se observar várias características presentes sobre a formação de treinadores do renomado treinador Guardiola (PERERNAU, 2014) que podem levar ao sucesso, como buscar potencializar a virtude dos seus atletas, estudar não só o adversário, mas também seus jogadores e a si mesmo, ter uma relação de confiança entre treinador-atleta e a capacidade reflexiva sobre o próprio trabalho. .

Compreende-se também que até os treinadores considerados experientes na atuação, os “*expertises*”, que tem anos de prática e vasto conhecimento adquirido, estão sempre em desenvolvimento e em contínuo processo de formação e reflexão que é capaz de promover a dimensão formadora da sua prática de ensino.

Assim sendo, esses elementos interpessoais e intrapessoais interferem, e muito, nesse processo de treinamento e na rotina dos atletas liderados por ele. Nas palavras de Becker Jr. (1995 apud BECKER JR.; SAMULSKI, 2002, p. 106) “[...] *cada atleta tem uma capacidade diferente dos demais para entender as mensagens*”. O que nos faz entender que é necessário compreender cada atleta, saber motivá-los para tornar a relação treinador-atleta (aluno) mais harmoniosa.

Também é preciso considerar neste momento as próprias motivações individuais desses elementos, as estratégias de automotivação do próprio treinador e como as relações interferem dinamicamente nesse processo motivacional coletivo.

Portanto, destaca-se a importância e papel do treinador em desenvolver as competências do atleta, fazendo uso de seus conhecimentos teóricos e aspectos psicológicos (tais como feedbacks, diálogos, metáforas de ensino e comunicação não verbal, obtidas pela convivência e transmissão de valores e atitudes), além, é claro, das estratégias e elementos didáticos e pedagógicos (exercícios, tarefas, jogos e estratégias de treino) (VENDITTI JR et al., 2016).

Neste sentido, Rosado e Mesquita (2008) destacam:

Treinar deve ser entendido como fazer aprender e desenvolver capacidades, ou seja, como um conjunto de ações organizadas, dirigidas a finalidade específica de promover intencionalmente a aprendizagem e o desenvolvimento de alguma coisa por alguém com os meios adequados à natureza dessa aprendizagem e desse desenvolvimento. Neste contexto, o treinador deve ser visto como o profissional que tem a função específica de conduzir esse processo (p. 48).

Infelizmente, tal capacitação de treinadores para o ensino e treinamento do basquetebol ainda é muito recente e limitado, e devem incluir não somente os treinadores de alto nível, mas também a preparação dos treinadores das categorias de formação de jovens atletas.

### **3.2 O QUE NOS DIZEM AS PESQUISAS**

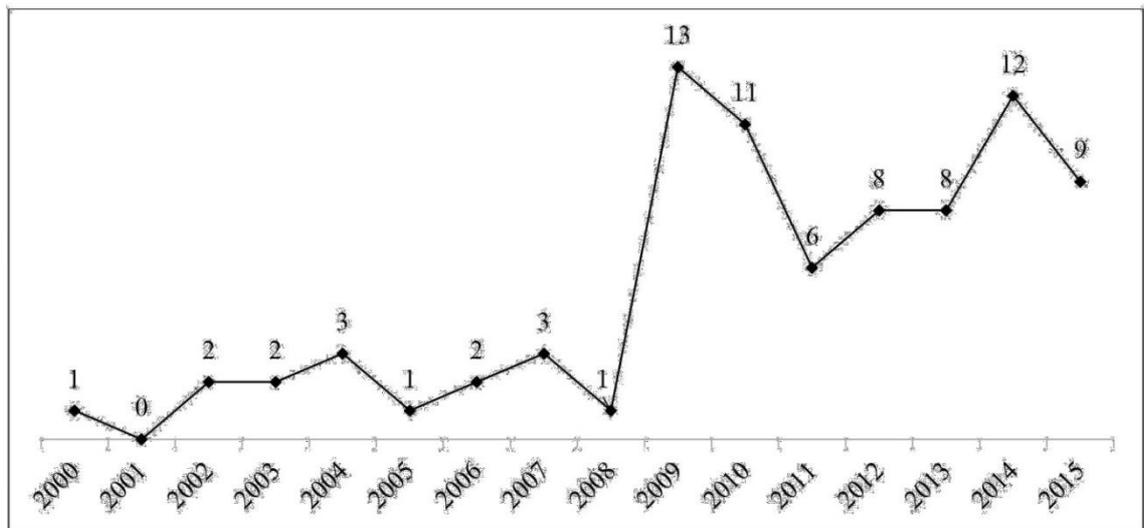
A importância em analisar o que têm sido estudados sobre o tema de formação de treinadores no Brasil da margem para buscar entender o panorama esportivo no país, uma vez que nos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro em 2016, das 41 modalidades disputadas, apenas 12 seleções eram comandadas por treinadores nacionais<sup>2</sup>, motivando a compreender o período em que as publicações referentes aos treinadores tem se destacado e sobre quais aspectos essas publicações correspondem.

Em pesquisa realizada por Galatti et al., (2016) procurou investigar os periódicos nacionais referentes aos treinadores no período entre janeiro de 2000 até novembro de 2015, em três idiomas, português, inglês e espanhol, e sendo periódicos classificados pelo sistema Qualis-Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cabendo a essa instituição classificar e avaliar a produção de periódicos no Brasil

---

<sup>2</sup> Conforme apurou a reportagem do SporTV, link para acesso a matéria: <http://sportv.globo.com/site/programas/sportv-reporter/noticia/2014/04/rio-2016-gera-invasao-de-treinadores-estrangeiros-e-transforma-esportes.html>

de A1 – mais bem ranqueado; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C – menor valor. Para essa pesquisa foram escolhidos oito revistas da área de Educação Física, determinando que, por norma, apresentassem foco e escopo na Educação Física e Esporte. Os periódicos foram: Motriz, Movimento; Revista de Educação Física/UEM; Revista Brasileira de Educação Física e Esporte; Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano; Revista Brasileira de Ciências do Esporte; Pensar à Prática; e Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Ao todo, foram selecionados 82 artigos, o que possibilitou também aos autores mapear o ano de maior volume de publicações, bem como as modalidades que tiveram maior incidência durante o período de análise. A busca dos artigos foi realizada por três investigadores e a sua categorização foi realizada de maneira conjunta pelos mesmos três investigadores. Os resultados foram confrontados entre os responsáveis no sentido de alcançar total consenso entre os artigos selecionados. A confirmação dos dados se deu por dois *experts* na área de treinadores esportivos.



Fonte: Galatti et al. (2016).

De acordo com o gráfico observou-se que, no período de 2009 até 2015, houve um acréscimo de publicações na área de treinadores, e os autores destacam esse impulso pela criação de Programas de Pós Graduação na área de Educação Física e Esportes (GENTIL; BRITO, 2015) bem como, o cenário esportivo do Brasil na última década, por ter sediado os Jogos Pan Americano (2007), Copa do Mundo de Futebol (2014) e Jogos Olímpicos e Paraolímpicos (2016), que podem ter contribuído para as indagações acerca do treinador.

Assim como afirma Rodrigues (2014, p. 07), ao contrário do Brasil,

no contexto internacional, em especial o Reino Unido, na Austrália, no Canadá e nos Estados Unidos a discussão sobre a formação do treinador (*coach education*) e seu processo de desenvolvimento profissional (*coaching development*) é bastante fértil, sendo que essa área de pesquisa, apesar de ser considerada embrionária, vem demonstrando um crescimento significativo nos últimos 10 anos.

Outro fato importante é que os artigos que fizeram parte desse estudo mostraram uma variedade total de 32 modalidades, coletivas e individuais, dez estudos não identificaram a modalidade e cinco deles abordavam o treinador em geral. Já os treinadores de basquetebol detêm 18,3% das publicações que o investigam, o vôlei com 19,5%, handebol 15,8% e futebol 24,4%, sendo a preferência nacional nos estudos. O total dessas quatro modalidades somam 78% nos artigos investigados, observando-se uma preferência dos esportes coletivos, e das individuais com destaque das modalidades de lutas (27,8%) e ginástica (23%).

Sobre a pesquisa, o artigo nos mostra que as publicações dizem respeito aos aspectos do pensamento (36,6%), do comportamento (32,9%), do desenvolvimento da carreira dos treinadores (24,4%), da avaliação (4,8%) e das características do treinador (1,2%). Além desses temas, foram analisadas as categorias de cada estudo, no tema sobre pensamento as categorias evidenciadas foram: percepções (23,2%), opiniões (7,4%), emoções (2,4%), filosofia (2,4%) e conhecimento (1,2%). No comportamento as categorias foram: estilo de liderança (12,2%), comportamentos (7,4%), estratégias (3,7%), comunicação (2,4%), estilo de treinamento (2,4%), estabelecimento de metas (2,4%), papel do treinador (1,2%) e relação treinador-atletas (1,2%). No desenvolvimento da carreira: educação (9,8%), desenvolvimento (6,1%), certificação (4,9%), oportunidades de carreira (2,4%) e intervenção (1,2%). No tema avaliação: ferramentas de avaliação (3,7%) e critérios de avaliação (1,2%) e características do treinador: gênero (1,2%).

Os temas com maior número de pesquisas foram pensamento, comportamento e desenvolvimento da carreira, que juntas somaram 69,9% do total de investigações. Tais conteúdos parecem ser predominantes em diversos países. Entre os pesquisadores brasileiros o aspecto pensamento do treinador com as categorias percepções e opiniões foram as mais pesquisadas. Nos estudos sobre comportamento sobressaíram temas sobre liderança focando nos treinadores de elite da modalidade futebol. Foi a partir da década de 90 que houve um aumento significativo em relação aos estudos sobre os treinadores em âmbito internacional (CÔTÉ, 1998; GILBERT, 2002; GOMES et al., 2011). Tais investigações, segundo aponta o estudo, acerca do comportamento e pensamento do treinador no âmbito internacional foram discutidas nas décadas de 1970 e 1980 e no Brasil somente a partir dos anos 2000.

Sobre o estudo concluiu-se que as publicações nacionais sobre treinadores ainda são pouco investigadas na Educação Física e Ciências do Esporte. As pesquisas realizadas no país tiveram início nos anos 2000 e com um grande número de produção acadêmica a partir de 2009, os estudos procuram investigar o que os treinadores pensam, acreditam, sentem (pensamento); o que eles fazem (comportamento); e como eles tem se preparado profissionalmente para intervir (desenvolvimento da carreira). Esses temas de pesquisa já foram estudados em outras partes do mundo nas décadas de 70 e 80. Realça-se a necessidade de maiores estudos da comunidade acadêmica sobre os treinadores esportivos.

### **3.3 TRAJETÓRIA DE APRENDIZAGEM DOS TREINADORES**

No contexto esportivo, ao analisar os resultados de atletas no esporte, é importante considerar os fatores que podem determinar esses resultados, o treinador tem influência fundamental no processo de ensino-treinamento-aprendizagem, principalmente se tratando das categorias de formação que buscam não somente desenvolver os atletas para as equipes adultas, mas tem a responsabilidade de desenvolver o indivíduo em sua totalidade, de forma positiva. Portanto, esse tópico elucidará os desafios da aprendizagem à atuação do treinador.

As exigências do treinamento esportivo estão cada vez mais elevadas, se tratando em reconhecer a preparação do treinador, muitos estudos têm trabalhado na questão em como os treinadores aprendem (BALBINO, 2005; NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006; TRUDEL; GILBERT, 2006; RAMOS, 2008; EGERLAND, 2009; CUSHION; LYLE, 2010; TRUDEL; GILBERT; WERTHNER, 2010; THIENGO, 2011; TALAMONI, 2013; MESQUITA, 2000, 2013; DE ROSE JUNIOR, 2013; RODRIGUES, 2014; MILISTETD, 2015; TOZETTO, 2016) segundo esses autores, os treinadores esportivos aprendem em diferentes situações e as experiências passadas são importantes influenciadores das suas escolhas.

A atividade do treinador é uma prática complexa que combina com conhecimentos, habilidades, atitudes, (BALBINO; WINTERSTEIN, 2008) experiências advindas pelas diferentes histórias de vida (JARVIS, 2008), cultura pessoal, cultura escolar e formação acadêmica, sendo também influenciadas pela cultura da instituição onde realiza o trabalho.

A teoria do sociólogo Peter Jarvis tem base na percepção construtivista que relaciona a aprendizagem humana em conformidade com os conhecimentos advindos da sociologia, psicologia e da filosofia. Pesquisadores que investigam a formação de treinadores tem trabalhado nessa teoria, como Callary, Werthner, e Trudel (2011, 2012); Trudel, Gilbert e Werthner (2010). Essa teoria proposta por Jarvis (2008) busca compreender a aprendizagem ao longo da vida (*lifelong learning theory*) que demanda compreender quem são esses

treinadores, quais as oportunidades de aprendizagem, as experiências significativas ao longo da vida nesse processo de tornar-se treinador, essa experiência é a intersecção da pessoa com o mundo (JARVIS, 2008).

Jarvis (1987) afirma que a experiência ocorre em vários contextos, social, cultural e temporal e que essa aprendizagem só será internalizada se houver significado próprio e ocorrer o processo de reflexão. Em relação às experiências (socialização) primárias (JARVIS, 2008) descreve esse processo mediado pelos membros da família que é responsável por transmitir valores além de influências pessoais e de outras pessoas, nas experiências secundárias (JARVIS, 2009) ou mediadas são situações compartilhadas com maior variedade de pessoas, aprendem em outros contextos, ambiente escolar, experiências como atleta, universidade e situações de intervenções no ensino-aprendizado, estabelecendo relação com o sujeito e o mundo que vai além do ambiente familiar.

Portanto, todo treinador e professor tem acesso a um grupo de informações e vivência muito significativo e, também, a um leque de experiências muito abrangente ao longo da vida (JARVIS, 2008) que lhe permitirão criar a sua própria forma de conduzir suas aulas e métodos de treinamentos, não podendo ignorar toda essa história e saberes adquiridos durante toda a vida.

. Sendo assim, o treinador deve assumir um conjunto de saberes e competências desenvolvidas no *coaching* esportivo, ou seja, toda a atividade que o treinador desenvolve, em diferentes níveis, na sua profissão. Sob esta visão, faz-se fundamental uma proposta que considere a diversidade, a inclusão, a cooperação e autonomia (PAES; BALBINO, 2005). Portanto, é necessário que esses conhecimentos estejam articulados na sua prática diária.

Existe uma diversidade de contextos nos quais se aprende constantemente, Nelson, Cushion e Potrac (2006) sugerem uma classificação baseada em três contextos de aprendizagem: 1) formal, aquela que dispõe de currículos padronizados, 2) não formal, caracterizada em conferências e clínicas, ou seja, aprendizagem em um curto período de tempo, e 3) informal, ocorre ao longo da vida, das experiências vivenciadas, valores e atitudes, além de internet, artigos, vídeos e trocas de experiências.

A formação formal, de responsabilidade dos Institutos de Ensino Superior no Brasil, ou seja, exige que os treinadores sejam graduados em Educação Física para atuar no campo esportivo (BRASIL, 1998), porém essa formação inicial para os treinadores permite uma atuação mais generalista do que especialista (MILISTETD, 2015), portanto não parece ser proveitoso para quem busca ser treinador no rendimento esportivo, já para quem procura o

esporte na iniciação tem papel importante na sua formação (ROSE JUNIOR, 2013; MILISTETD, 2015).

A formação não formal é o ambiente onde o processo de aprendizagem é pré-determinado e se desenvolve de forma mediada (cursos de curta duração, clínicas, workshops) (TRUDEL et al.; 2013), ou seja o conteúdo é controlado por outra pessoa (MOON, 2004). Para que situações não formais sejam relevantes para o treinador, é preciso que os cursos considerem as experiências prévias desses treinadores (TRUDEL et al., 2010) e que as estratégias para transmitir o conteúdo nas aulas e cursos deve estar atrelada aos conhecimentos profissionais, acadêmicas, pessoais e sociais do aluno (MOON, 2001), além de desenvolverem um trabalho que permita discussão e reflexão dos problemas.

Trudel e Gilbert (2013) afirmam que os treinadores que estão começando a exercer esse cargo podem se beneficiar mais de clínicas e oficinas do que um treinador especialista, pois o treinador novato está construindo sua base de conhecimento profissional.

Os cursos de longa duração, na percepção de Nelson, Cushion e Potrac (2006), vem sendo criticados por serem desenvolvidos sem uma sequência lógica e com poucas oportunidades para integração dos novos conhecimentos à prática dos treinadores. Além disso, Rodrigues (2014) observa que as bases de conhecimentos que tem sido trabalhada nos programas e cursos de certificação de treinadores tendem a trabalhar com os conhecimentos específicos da fisiologia, psicologia e biomecânica, sendo os treinadores tratados como vasos vazios que precisam ser preenchidos com conhecimento (CASSIDY et al., 2004).

Na visão de Dickson (2001) os programas para complementação da formação dos treinadores devem ser autênticos, ou seja, para que sua aprendizagem seja significativa é necessário que os cursos forneçam experiências válidas para a sua formação.

Apesar de existirem linhas normativas que podem guiar o treinador para uma prática adequada, deve-se considerar a complexidade do ambiente esportivo. Para tanto, Cushion, Armour e Jones (2003) defendem que os programas de formação de treinadores devem incluir experiências supervisionadas em diversos ambientes, permitindo aos treinadores relacionarem a aprendizagem aos diferentes contextos, aprender com estes e, ainda, é preciso que as habilidades reflexivas tenham ênfase nas discussões sobre a aprendizagem.

O contexto informal parece ser a aprendizagem mais significativa para os treinadores de modo geral, sendo indispensável para o desenvolvimento por poder ocorrer em diversas possibilidades, troca de experiência com seus pares, observação de treinos e jogos. Além disso, com relação ao basquetebol, estudos com esses treinadores demonstraram que as

situações informais são elementos essenciais para a aprendizagem (JUMEN, LORENZO, GOMEZ, 2009; RAMOS, et al., 2011; RODRIGUES, PAES, SOUZA NETO, 2016).

Observa-se que a aprendizagem pode ser compreendida como um processo diversificado de desenvolvimento dos treinadores, o que é aprendido em experiências anteriores, antes mesmo do acesso à universidade pode influenciar a sua prática. Esse caminho percorrido se dá por distintas possibilidades, então, o que o treinador aprende e a experiência ao longo da vida pode se torna uma aprendizagem significativa. Jarvis (1987) discorre que as diversas experiências no contexto social, cultural e temporal só serão assimiladas por meio da reflexão crítica, que apenas a mera acumulação dessas experiências não é suficiente para a aprendizagem, devendo o indivíduo praticar a reflexão para que possa se tornar cada vez mais experiente, ou seja, para Jarvis (2006) "implica que nós somos questionados, de alguma forma, a partir da experiência que tivemos, quer seja recebendo informações, testemunhando um evento, buscando solucionar um problema ou passando por algum outro fenômeno" (JARVIS, 2006, p. 99).

Nessa abordagem construtivista de aprendizagem, em que o indivíduo se relaciona com as experiências primárias e secundárias, é ligada à sua "biografia", sendo esse termo proposto pelo autor (JARVIS, 2006), que define a soma dos momentos (habilidades, conhecimentos, emoções) em que as pessoa aprenderam (DUARTE; CULVER, 2014).

Nas situações em que o indivíduo recebe novas referências da situação social (externas), a sua biografia se mantém em estado de harmonia, já quando uma situação nova é posta a frente e sua biografia não permite abranger as novas informações, ocorre a disjuntura, a mudança no ser (JARVIS, 2006, 2009; MILISTETD, 2015).

Trudel et al. (2013) utiliza o termo de "situações mediadas", "situações não mediadas" e "situações internas" para definir os meios como os treinadores aprendem. As situações mediadas são onde há intervenção de um expert ou professor, ou seja, é controlado por outra pessoa que determinam o conteúdo a ser trabalhado (workshop, clínicas, ambiente universitário).

As situações não mediadas podem ocorrer pela escolha do próprio treinador (TRUDEL et al., 2013), na observação de colegas, troca de informação com os seus pares, buscando em livros e internet recursos para essa aprendizagem não estruturada (MILLISTETD et al., 2015), essa aprendizagem preza pela autonomia do treinador em buscar informações que julga necessário, são mais significativas para as fontes de conhecimento (MESQUITA et al., 2010; MILISTETD, et al., 2015).

As situações internas estão relacionadas com a reorganização do conhecimento, possibilitando a reflexão sobre as diferentes aprendizagens (MILLISTETD et al., 2015).

Então a história de vida dos treinadores está relacionada às experiências vividas, desde nascimento, o que se aprende em diferentes contextos pode contribuir para competência profissional sobre a capacidade de perceber e interpretar os problemas da atuação. Embora, para Jarvis (2006), é possível que a pessoa tenha três respostas as experiências: não aprendizagem, aquela em que a pessoa pode descartar o conhecimento por considerar que já possui esse conhecimento ou por desconsiderar importante, não havendo a disjuntura; Na aprendizagem não reflexiva, a pessoa aprende pela memorização e sentidos; A aprendizagem reflexiva ocorre por meio da experiência ou por meio da prática reflexiva intencional.

Schon (1983) defende que o crescimento profissional é desenvolvido por “uma conversa reflexiva com uma situação única e incerta” (p.130), proporcionando aos treinadores refletirem, partilharem sobre as experiências e dilemas da prática.

Dessa forma, concorda-se com Wegner (2010) e Ibáñez et al. (2013) que as aprendizagens não tem início apenas na formação formal e fim dentro de uma estrutura de ensino convencional, elas ocorrem nas vivências ao longo da vida. Portanto, compreende-se que a aprendizagem ocorre em diferentes fases da vida e é um processo constante podendo ocorrer em diferentes espaços, não sendo único e exclusivo da formação formal, sendo o próprio indivíduo responsável pela busca dessa aprendizagem.

É fato que, como tem sido observado, Franca possui um cenário único para prática do basquetebol masculino e, mais do que isso, é responsável por ofertar o envolvimento na comunidade com o meio esportivo, a prática sistematizada e até mesmo quem busca desfrutar como lazer, além da oportunidade de acompanhar o time profissional da cidade em campeonatos nacionais e estaduais. Essa é uma forma de desenvolver uma cultura esportiva, mesmo se os jogadores não alcançarem o profissionalismo (MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2015), sendo uma cidade de cenário ímpar no Brasil, já que o primeiro esporte não diz respeito ao futebol.

Essa cultura do basquete na cidade é desenvolvida e influenciada por diversas vivências, podendo ser responsável por inspirar e colaborar no contexto de aprendizagem dos treinadores (MILISTETD et al., 2013), como afirmam Trudel e Gilbert (2006) o treinador pode aprender pela convivência dos contextos esportivos ao longo de sua trajetória, seja na função de jogador, espectador entre outras formas de engajamento com o esporte a cidade, caracterizando diversas situações de conhecimento que estão evidenciadas.

Concorda-se com a concepção construtivista no qual o desenvolvimento profissional em que o treinador perpassa por inúmeros significados envolvendo a cultura, influências do meio externo, valores, não havendo uma experiência que se sobrepõe a outra, por isso deve-se agregar todas as bagagens de vivência potencializando sua formação já que “o treinador nunca poderá separar o seu caráter enquanto pessoa daquele que é utilizado no desempenho do seu papel profissional” (HARDMAN, et al., 2010, p.351).

Corroborando com Côté e Gilbert (2009) que afirmam que o conhecimento do treinador não se limita apenas ao conhecimento profissional (específico de cada esporte), mas agrega também o conhecimento interpessoal (conexão com os outros) e intrapessoal (aprendizagem contínua e autorreflexão), atributos que melhoram a competência do treinador.

Trudel e Gilbert (2006) discorrem sobre dois tipos de processos no qual os treinadores aprendem, a metáfora de aquisição, a aprendizagem se dá pela transmissão de conhecimentos pré-definidos, são aprendidos principalmente no contexto formal de formação. A metáfora da participação é onde o treinador busca refletir sobre sua prática pessoal e na resolução de problemas, a observação e imersão na cultura esportiva que ocorre durante toda a vida, portanto a metáfora da participação pode ser associada à noção de aprendizagem por meio da experiência (GARRICK, 1999).

Portanto, concordando com Jarvis (2008) no qual a aprendizagem profissional não tem início somente em cursos específicos (formal ou não formal), ela ocorre durante toda vida, sendo necessário levar em consideração seus percursos, as experiências prévias dos treinadores, sua experiência como atleta, suas culturas. Essas aprendizagens ao longo da vida se tornam determinantes para seu desenvolvimento, as informações advindas de diferentes experiências reconhecidas como significativas são internalizadas de forma diferente por cada pessoa, ou seja, a mesma situação é provável que seja experimentada de forma diferente por pessoas diferentes.

Nesse sentido, é necessário considerar a diversidade de ambientes possíveis de aprendizagem que emergem diferentes situações que seguida da reflexão e compreensão sobre a ação no contexto, proporciona condições adequadas para o treinador que busca se tornar expert (IBÁÑEZ, et al., 2013).

Como já observado, a aprendizagem é um processo ativo que parte das informações, experiências e conhecimento prévio, no contexto do local de trabalho, no cotidiano da ação onde os treinadores vão reunir todos esses saberes adquiridos ao longo da vida para por em prática o seus ensinamentos.

Como afirmam Jones, Armour e Potrac (2003) o processo de desenvolvimento do treinador é mais influenciado pelas experiências adquiridas em contexto real e resultante da interação com os outros e na própria interação com o ambiente esportivo, ou seja, o ambiente de trabalho do que propriamente pelos conhecimentos provindos dos programas de formação formal ou não formal.

Entre os ambientes que vão além do contexto formal e não formal, o contexto informal pode proporcionar aprendizagem no local de trabalho, dentro das instituições onde é fomentado o basquete.

Autores como Rynne, Mallett e Tinning (2010) tem argumentado que a aprendizagem no local de trabalho é pouco pesquisada e tem o potencial de trazer novas perspectivas para a investigação sobre a aprendizagem, pois engloba uma vasta gama de ambientes mais ou menos estruturados.

Os resultados da pesquisa no domínio da aprendizagem no local de trabalho tem identificado que eles podem ser ambientes legítimos de aprendizagem significativa (BOUD; GARRICK, 1999; RYNNE; MALLETT; TINNING, 2006).

Eraut (2004) e Rynne, Mallett e Tinning (2006) afirmam que a aprendizagem no local de trabalho traz novas perspectivas para a investigação sobre o processo de aprendizagem, porque procuram ambientes de investigação que raramente são estruturados com a aprendizagem em mente (ao contrário do ambiente de instituições educacionais, como escolas ou colégios).

Em estudo realizado por Rynne e Mallett (2012) investigaram que os treinadores consideram as experiências no local de trabalho como sendo primordiais para o desenvolvimento de suas carreiras, onde o trabalho é dinâmico e necessita de tomadas de decisões rápidas.

De fato, é preciso levar em consideração os desafios e os significados que envolvem o local de trabalho, muitas vezes pode haver conflitos de interesses, políticas institucionais que podem dificultar as ofertas de aprendizagem nesse espaço único, como, por exemplo, o próprio treinador admitir que o conhecimento não se esgota, e essa afirmativa pode gerar uma interpretação equivocada como sendo incerto e incapaz (BOUD; GARRICK, 1999) em um ambiente em que muitas vezes é instável.

Os locais de trabalho no Brasil que desenvolvem o esporte, como clubes, instituições, prefeituras, escolas de esporte, etc., onde o objetivo é o desenvolvimento de competências específicas para os atletas e a busca por resultados positivos podem oferecer concepções favoráveis para o desenvolvimento do treinador, que são os mais importantes grupos de

empregados nas instituições que oferecem os esportes. Assim, para Rynne, Mallett e Tinning a aprendizagem no local de trabalho pode ser ímpar:

The field of workplace learning presents a unique way in which to view the learning that occurs within organisations which employ high performance sport coaches, while avoiding or accounting for the problematic issues associated with the noted lack of professionalization in sport coaching (RYNNE; MALLETT; TINNING, 2006, p. 228).

A aprendizagem no local de trabalho ocorre em um contexto social caracterizado pela diferença de status, por forma ameaçadora do outro e por sua competitividade entre os próprios treinadores (WATKINS, 1991; RYNNE; MALLETT; TINNING, 2010). A importância de ambientes harmônicos no local de trabalho é fundamental para uma ação colaborativa de seus pares para que o aprendizado possa ser garantido nesse espaço complexo.

Afirmado por Rynne e Mallett (2012), a profissão do treinador pode ser extremamente isolada, por isso os benefícios em compartilhar problemas e desenvolver soluções com outros treinadores pode contribuir para diminuir essa situação de isolamento.

Dessa maneira, a aprendizagem nas organizações que empregam os treinadores devem estar intimamente ligados ao trabalho do treinador, abrangendo aspectos da vida pessoal, profissional, acadêmica e esportiva (DICKSON, 2001), ou seja, a identidades dos envolvidos.

Mais do que ambientes físicos e estrutura adequada e o impacto sobre a aprendizagem dos treinadores, o local de trabalho pode direcionar práticas, atribuir metas (RYNNE; MALLETT; TINNING, 2010), além de se ser responsável por manter uma colaboração harmônica entre seus pares, privilegiando a contribuição social, já que para exercer o cargo de treinador é necessária uma confiança envolvida entre eles, o que possibilita trocas de questões importantes. Esse grau de envolvimento entre os treinadores pode se transformar em uma atividade dinâmica em que é socializado o conhecimento.

As aquisições de locais de trabalho moldam o conjunto de experiências que os indivíduos são capazes de acessar e esses indivíduos, por sua vez, escolhem como engajam e constroem o que lhes é oferecido (BILLETT et al., 2005), considerando esse local como um espaço legítimo de aprendizagem.

### **3.4 INICIAÇÃO DO BASQUETE NO BRASIL**

Dos cenários importantes no surgimento do esporte moderno, observamos a importância da escola pública inglesa e os clubes de cavalheiros que uniam pais e filhos na

mesma instituição (GALATTI, 2010). Os cavalheiros se organizavam em associações distintas por interesses comuns, observou-se que o clube teve papel fundamental no processo histórico do esporte moderno, já que esses foram responsáveis por consolidar as suas práticas.

No Brasil, esse surgimento dos clubes ocorreu nas décadas de 70 e 90 do século XIX, com a influência dos imigrantes, pois esses queriam manter suas tradições culturais, esportivas e folclóricas (CARVALHO, 2009). No século XX, as modalidades esportivas eram definidas nos clubes, “o remo, que já vinha sendo praticado desde o império, desenvolveu-se muito com a fundação dos clubes de remo e tornou-se o principal esporte do país até as primeiras décadas do século XX” (TUBINO, 2002, p. 20).

Os clubes ainda eram considerados “as entidades básicas da organização nacional dos desportos e constituem os centros em que os desportos são ensinados e praticados” (BRASIL, 1941, art. 24.). Foram ainda estabelecidos auxílios financeiros aos clubes e isenção de taxa e imposto (CARVALHO, 2009). Durante esse período, décadas de 40 a 70, era o Conselho Nacional de Desporto (CND) que comandava o esporte nacional.

Portanto, os clubes são, historicamente, o principal espaço de desenvolvimento do esporte brasileiro (BETTI, 2009), o que não é diferente no basquetebol (GALATTI, 2010; GALATTI et al., 2015), em que este ambiente é um dos poucos a promover o acesso sistematizado à modalidade no país.

Para se ter uma ideia da grandiosidade e importância dos clubes ainda nos dias atuais, dos atletas brasileiros de alta performance que estiveram presente nos Jogos Olímpicos de Pequim em 2008, 77% atuavam em clubes, e esse índice subiu ainda mais em Londres 2012, com 87% (CBC, 2016). Além disso, o Sindicato dos Clubes esportivos do Estado de São Paulo – *sindi clube* – é associado aos clubes esportivos, sociais, culturais e recreativos e representa mais de três mil clubes paulistas (SINDICLUBESP, 2017).

Sobre a participação dos clubes e a relação direta com o basquete, Medalha (1989) ressalta: “O basquetebol sempre dependeu da participação de clubes sociais como célula do seu próprio desenvolvimento e difusão. Outros segmentos da estrutura esportiva do País, como o escolar e o industrial, tiveram pouca influência na evolução da modalidade no Brasil” (p. 122). Essa pode ser uma das razões por qual o basquetebol paulista pode ser considerado uma referência da modalidade em nível nacional (VIDAL 1991) e, dessa maneira, permite a realização de uma discussão relevante em torno das categorias de base, foco dessa pesquisa. Tal fato pode ser comprovado pelas autoras Cunha et al., (2016) que evidenciaram a grande

influência no estado de São Paulo como formador de atletas, principalmente no interior do estado.

Sendo os clubes de suma importância e muito comuns, especialmente no Brasil, entende-se por clube o “local que em geral conta com instalações esportivas (piscinas, pista, quadras, ginásios etc.) e onde, comumente pagando uma mensalidade ou taxa, se reúnem pessoas de uma sociedade para praticar esportes, jogar, dançar etc.” (BARBANTI, 2003, p.108), ou seja, uma associação com um grupo de pessoas (associados) que demanda interesse comum por diversas atividades, muitas vezes no lazer e também na prática esportiva. Há muitos clubes que podem oferecer os serviços de: esporte representação, esporte de formação, condicionamento físico e cuidados com o corpo, além de atividades esportivas que visam equipes competitivas em times de diversas categorias, investindo em captação de recursos e investimentos (CARVALHO, 2009), sendo comum também o clube oferecer todas as atividades de lazer e rendimento, cabendo a ele promover e atender as demandas aos diferentes públicos.

De forma específica, entende-se por clube esportivo aquele caracterizado pela oferta de uma ou mais modalidades com a participação em competições vinculadas a Federações, as quais organizam ligas e torneios, determinando e interpretando normas e regras (GALATTI, 2010).

Para Bento, Garcia e Graça (1999), os clubes desportivos foram criados como “congregação de vontades, como instituições de solidariedade e cidadania, como uma das formas de expressão e organização da vontade democrática dos cidadãos das comunidades”. O clube foi, e ainda é, um dos cenários mais citados para a iniciação esportiva no Brasil, assim como já afirmaram em outro momento em análise ao esporte brasileiro (PAES; GALATTI, 2013). Esse espaço é um dos poucos locais que oferecem às crianças e jovens oportunidades de vivenciar, praticar e conhecer o basquetebol.

Diversas pesquisas tem constatado o ambiente do clube como fundamental e importante na oferta de esportes para os jovens (LIGHT, 2006, 2010; MACPHAIL; KIRK, 2006) além de uma forte relação dos jovens com os clubes que pode proporcionar identidade pessoal e o sentimento de pertencimento a um grupo (LIGHT; HARVEY; MAMMET, 2013), dessa maneira o clube pode contribuir para a permanência de crianças e jovens no esporte, tornando-o significativo e agradável.

Ao observar outros estudos que procuram determinar fatores que influenciam a formação de atletas profissionais (TURNNIDGE; HANCOCK; CÔTÉ, 2012; SURYA, et al., 2012), assinalam que o clube é o local que possui as melhores condições estruturais, que

oportuniza o desenvolvimento das habilidades e o que oferece as maiores condições de segurança.

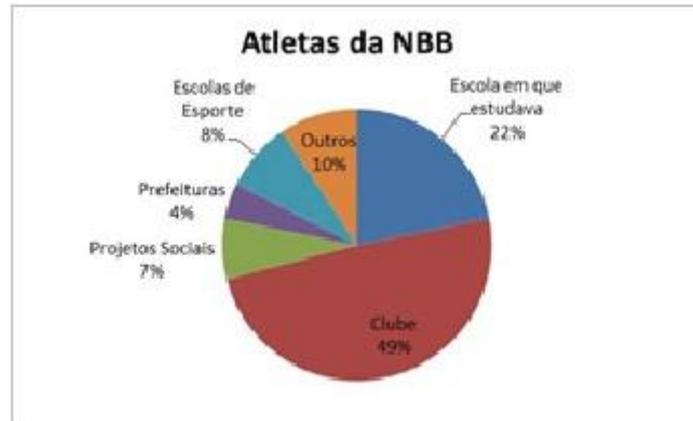
Afirma-se o papel do clube como mais bem estruturado para fomento do esporte no país, porém, existem organizações que atuam no esporte como a iniciativa privada e entidades do setor público que muitas vezes apoiam e financiam a prática esportiva (MARONI; MENDES; BASTOS, 2010) quando há o retorno garantido. Nesse contexto atual não existe um diálogo que transite nas entidades que promovem o esporte, como as Secretarias Estaduais e Municipais de Esporte, as Federações Esportivas, Confederações, ligas e os clubes, existindo uma liberdade no que diz respeito às regras para o desenvolvimento de cada modalidade esportiva (MEIRA; BASTOS; BOHME, 2012).

No caso do basquetebol, a própria CBB que tem sido alvo de escândalos envolvendo dívidas, e atualmente não tem condições de realizar um planejamento que visa o desenvolvimento do basquete do país (CUNHA, 2015), ficando a cargo dos clubes esportivos e de outras entidades ligadas ao esporte desempenharem esse papel, tanto na iniciação, na continuidade da prática esportiva e na formação de atletas para a elite do basquete nacional, bem como de oportunizar o desenvolvimento dos treinadores. Para tanto, é necessário oferecer elementos norteadores para o desenvolvimento do esporte de todas as organizações que oferecem a sua prática.

Em pesquisa realizada pelas autoras Cunha et al., (2016), investigou-se qual o local de primeiro contato com a prática de basquetebol dos atletas que atuam na NBB, e os resultados mostraram que o clube foi citado e quase metade dos atletas o tiveram como sendo local de primeiro contato com a prática da modalidade. Os demais locais (escola de esportes, projetos sociais, prefeitura, rua, casa, praça) aparecem com menor frequência, sobretudo se comparado com os atletas estrangeiros, o que indica que as cidades brasileiras poderiam oferecer maiores possibilidades de acesso ao esporte se contassem com um número maior de políticas públicas com esse propósito. Esses dados são relevantes ao contexto brasileiro, uma vez que o alto custo de filiação e mensalidades restringe o acesso a clubes no país, sendo primordial ampliar os locais de acesso para o desenvolvimento de novos atletas (FOLLE et al., 2016; GALATTI, 2010; GALATTI et al., 2015). Os resultados da pesquisa reforçam a região sudeste e o estado de São Paulo como principal centro formador, a exemplo de Antonelli et al., (2012), Brandão e Vieira (2013), Folle et al., (2016).

A cidade que mais tem formado atletas de elite para o basquete nacional localiza-se na cidade de Franca. A fama popular se confirmou, sendo a cidade revelada como o principal

polo de iniciação ao basquetebol do país, se destacando com passagens de importantes atletas no cenário nacional e internacional.



Fonte: Cunha et al. (2016) Locais de início da prática

Outras organizações formativas são responsáveis pelo esporte no país e principalmente na cidade de Franca, como é o caso do Departamento Regional do Serviço Social da Indústria (SESI), que é mantida pela contribuição das empresas ligada a indústria, e oferece em suas instalações atividades esportivas, recreativas e culturais. Esta organização industrial não visa fins lucrativos e ainda oferece educação básica e assistência social nas áreas da saúde, alimentação, cultura, esporte e lazer aos funcionários das indústrias, seus dependentes e comunidade em geral.

O projeto desta organização, analisado neste estudo, é caracterizado como Projetos de Esporte de Alto Rendimento. Estes projetos estão inseridos na linha de projetos do SESI-SP Rendimento Esportivo desde 2009, quando foi iniciada a modalidade Polo Aquático e em 2010 o Sesi incluiu o basquete masculino na cidade de Franca (SESI, 2017).

Os objetivos desta organização com os projetos de esporte de alto rendimento são: fomentar o desenvolvimento do esporte de alto rendimento; promover um elo entre a formação e o rendimento esportivo, por meio de ações desenvolvidas com crianças, adolescentes e adultos; incentivar a prática esportiva, revelando novos talentos para as equipes de rendimento esportivo do SESI-SP e futuras seleções paulistas e brasileiras, contribuindo assim com o resultado olímpico brasileiro; disseminar os valores do esporte como ferramenta motivadora para a adoção de um estilo de vida ativo e saudável.

Portanto, o ambiente responsável por ofertar o treinamento e organizar as competições de jovens atletas, pode promover desafios crescentes, permitindo que o atleta obtenha sucesso ao longo de sua carreira.

### **3.5 BREVE HISTÓRICO DO BASQUETEBOL EM FRANCA**

Franca foi uma das primeiras cidades brasileiras a adotar o basquetebol como uma das modalidades preferidas da população, sendo reconhecida hoje como uma cidade que apresenta um dos maiores números de jogadores formados nas equipes de base (CUNHA et al., 2016), e é denominada pela mídia em geral como a capital do basquete, isso deve-se ao fato de que desde da década de 50, Franca é a única equipe de basquete que participa ininterruptamente dos torneios da FPB, dos antigos torneios nacionais organizados pela CBB e pela LNB, mesmo tendo mudado o nome várias vezes em decorrência da troca de patrocinadores (GOMES, 2002). Outras curiosidades de Franca são as lixeiras que tem tabelas de basquete espalhadas pela cidade, além disso, Franca já teve mais de três emissoras de rádios transmitindo partidas, e também suas conquistas que somam 261 títulos, nove paulistas, onze brasileiros, seis sul americanos e quatro pan americanos e dois vice campeonatos mundiais em 1975 e 1980 (GOMES, 2002), portanto Franca pode ser considerada como a única cidade do país em que o basquete é o esporte mais popular.

Encontramos pouca literatura no que diz respeito à história do basquete na cidade de Franca, por isso recorremos a vídeos postados no *youtube*, sites do próprio clube de Franca, além de livros que discorrem sobre essa tradição.

Fundada em 03/12/1805, a cidade de Franca tem como principal fonte de renda na época o café e a mineração de diamantes. A indústria calçadista ganha força ao longo dos anos, fazendo Franca se tornar a capital do calçado masculino brasileiro, exportando produtos e marcas para todo o território nacional e internacional (FRANCA BASQUETE, 2016).

O grande incentivador de basquetebol foi o professor David Carneiro Ewbakn, que fundou o Clube Atlético Franca no ano de 1913, encerrando suas atividades em 1918. Já no final da década de 20 as práticas são incentivadas nas aulas de Educação Física (BEDÔ, 1996).

No início da década de 30 foi fundada a Liga Francana de bola ao Cesto por José Cyrilo Goulart, jornalista, e que foi quem levou a primeira bola de basquete para Franca. Foi Goulart que se tornou o primeiro comandante da equipe para disputar os jogos da região com participação de três equipes: Batatais, Ituverava e Igarapava. Na equipe pioneira participaram: Leonel Faciulli (Molecão), Conceição Rodrigues (Pisca), Luiz Domingos (Azougue), Raul

Pereira Batista (Peru), Gino Balerini (Galego), Serafim Borges do Val (Físico), Alfredo Henrique Costa e Francisco Garcia do Nascimento (Cachoeira) (GOMES 2002), esse último teve papel importante na história do basquete em Franca, pois ficou conhecido por ser pai dos “Irmãos Metralha” (Totô, Fransérgio e Hélio Rubens) e ainda avô de Helinho, ex-atleta (GOMES, 2002) e atual treinador da equipe principal da cidade.

Ainda de acordo com Gomes (2002), a quadra que servia de treinamento que foi construída no final da década de 20 era uma construção demolida e com muito entulho, foi então que os companheiros de Chico Cachoeira passaram a recolher tudo, usando carriolas, enxadas e ferramentas, e para a marcação das linhas na quadra utilizaram cal. Com a quadra quase pronta, ainda faltava os vestiários:

Com a quadra pronta, decidiram que era preciso fazer os “chuveiros”, que correspondiam aos vestiários de hoje. Sem dinheiro para a compra de material, a solução encontrada pelos rapazes foi recolher tijolos das construções da cidade. Toda a madrugada saíam para correr e cada um voltava com três ou quatro. No próprio grupo que fazia ginástica e jogava basquete, havia pedreiros e até um encanador, que se encarregavam da construção (GOMES, 2002, p.22).

Pedro Murilla Fuentes, que ficou conhecido como Pedroca, é paulistano e cursou Educação Física na Universidade de São Paulo onde conheceu colegas francanos que, por vezes, comentavam sobre o basquete na cidade. Chegou a Franca como professor de Educação Física do Instituto Estadual de Educação Torquato Caleiro (IETC) e ajudou a construir uma pista de atletismo onde também era especialista (OLIVEIRA, 1995; GOMES, 2002). Porém, já em Franca, Pedroca passou a ser estudioso do basquete, fez cursos de técnicas em São Paulo e participou de clínicas em diversos países e não parou mais, ficou mais de 30 anos no comando de Franca, fazendo parte dessa história tão importante. Pedroca ainda teve participações nas Seleções, participou das Olimpíadas de 1972 como assistente técnico do Kanela em Munique, 1980 em Moscou assistente de Cláudio Mortari, e sua principal conquista foi o Pan Americano de Cali em 1971 quando também era auxiliar técnico do Edson Bispo, como treinador foi vice campeão em dois sul americanos e o título em 1971.

Sobre o trabalho de Pedroca, ele por vezes comentava sobre suas táticas para outros treinadores, e quando foi abordado para não falar a respeito do seu sistema de jogo, pois os outros saberiam o que fazer em um futuro jogo contra Franca, Pedroca argumentava que as técnicas não eram propriedades de ninguém, além disso, disparou “As jogadas são universais, mas os movimentos são diferentes. São os jogadores e o comando que destoam” (GOMES, 2002, p. 35). Pedroca ainda se importava com seus adversários, quando Franca jogava contra times mais fracos e ganhava por uma grande vantagem ele colocava os reservas em quadra e

pedia para ‘segurar’ o jogo para não desanimar os adversários. Outra característica de Pedroca era de se importar com o trabalho em grupo:

Não deixava florescer o estrelismo. Usava, se preciso, a braveza e o rigor da ascendência espanhola, mas nunca em benefício próprio. Gostava de dividir as responsabilidades. Dava a chave da escola para os estudantes e, em troca, estes pintavam a quadra, trocavam a tabela, cuidavam do uniforme. “Isso dava força de empenho, porque víamos que a decisão era nossa também” conclui Hélio Rubens (GOMES, 2002, p. 37).

Em 1983, Pedroca deixou o comando da equipe porque começou a ficar hipertenso e também decepcionado com a organização do basquete em geral (GOMES, 2002). A história de Pedroca foi imortalizada com o seu nome no principal ginásio de basquete na cidade, em homenagem.

A partir de 1961, o Clube dos Bagres (nome ao ribeirão que margeia a cidade), por conta do atual ginásio Estadual de Franca não comportar mais os jogos da cidade, foi responsável pela criação do seu ginásio e, partir de então, foi registrado na Federação Paulista de Basquetebol e passou a ser o representante francano nos campeonatos estaduais, sendo até os dias atuais inúmeras participações ininterruptas nas competições estaduais e nacionais (FPB, 2016). Com o ginásio pronto, Franca sediou em 1961 a Taça Brasil, na época disputada pelas seleções representantes de cada estado, além de serem pentacampeões do Troféu Bandeirantes entre os anos de 1962 e 1966 (GOMES, 2002). O apoio do Clube dos Bagres ao time se definia por ceder o espaço físico e o nome para se inscrever na instituição, a equipe dependia de esforços do clube, rifas e renda dos jogos para manter a equipe, muitas vezes os próprios jogadores ficavam vendendo ingressos e depois saíam para o aquecimento para o jogo (GOMES, 2002). Em 1971, após muitas conquistas, o apoio do Clube dos Bagres ao basquete acabou devido à mudança de diretoria que considerava os custos arcados pelo clube muito altos.

O basquete na cidade de Franca passou por diversos patrocinadores, como a Indústria de Calçados Emmanuel e a Indústria Amazonas Produtos para Calçados, a entrada do Amazonas marcou o período de profissionalismo do basquete na cidade, a equipe atingiu grandes conquistas além da possibilidade de disputar pela primeira vez o campeonato mundial, em 1975 (GOMES, 2002), em um desses jogos houve a primeira transmissão de rádio direta da Europa para o interior paulista, através da Rádio Difusora. Porém, o contrato com a Amazonas durou apenas dois anos.

No ano de 1984 nasce a Associação Francana de Basquetebol (AFB), Alberto Carraro que era diretor na AFB em 1989 fala das vantagens do basquete em Franca:

A falta de um estatuto rígido e a ausência de um quadro associativo participativo foram fundamentais para Franca se adaptar às mudanças mais rápido que outros locais e isso contribuiu para o basquete na cidade não fechasse as portas até hoje. O fator desorganização foi muito importante. Para quem queria ajudar ou tinha dinheiro, a gente estava sempre aberto. Sempre foi um basquete de uma comunidade e não de um clube. (GOMES, 2002, p.99).

Fato curioso aconteceu durante os anos de 1987 e 1996, com o declínio dos clubes tradicionais da capital paulista, os principais confrontos se concentram no interior entre duas cidades, Franca com sua tradição e Rio Claro com o impulso de grandes conquistas durante esse período (GOMES, 2002), fato que pode corresponder hoje a grande maioria dos atletas passarem pelas categorias de formação no interior do estado de São Paulo (CUNHA et al., 2016).

Com o rompimento de alguns patrocinadores, no final da década de 80, é formada a equipe Dharma Yara, surgindo então duas equipes na cidade com muita rivalidade dentro da quadra e fora também, incluindo a diretoria dos times. Essa rivalidade se manteve por sete anos, quando o patrocinador Dharma deixa a equipe e se transfere para cidade vizinha, Ribeirão Preto, patrocinadas pelas equipes do Colégio COC junto com a Polti (FONSECA et al., 2006). Durante essa disputa dos times na própria cidade de Franca, surgiu o interesse notável pela modalidade, sendo instaladas tabelas nas ruas, incentivando a prática do basquete (OLIVEIRA, 1995).

Na cidade de Franca existem as instituições que fornecem condições para a manutenção do basquete nas categorias de base, a primeira escolinha que surgiu foi a Clínica Francana de Basquetebol, em 1984, em parceria com ex-atletas da cidade (GOMES, 2002).

Hoje uma das instituições responsáveis é o SESI São Paulo, responsável pelas categorias sub 15, sub 16 e sub 17, que faz parte de um programa denominado de Rendimento Esportivo, que pode ser oferecido tanto na capital da Grande São Paulo como no interior paulista (caso do basquete masculino na cidade de Franca), que visa oferecer estrutura de treinamento e competição para atletas de diversas modalidades. Atualmente esse programa trabalha com o desenvolvimento de 15 modalidades esportivas, seis individuais, duas coletivas, três aquáticas e quatro paraolímpicas (SESISP, 2016).

A outra instituição de Franca que oferece basquetebol nas categorias de base é denominada de Associação de Pais e Amigos do Franca Basquete (ASPA), fundada em 1998 com fins de apoiar, fortalecer e ajudar as equipes de bases, sendo hoje responsável pelas categorias sub 12, sub 13 e sub 14, e surgiu da parceria com o Franca Basquete Clube e a Escola Lance Livre e colaboradores, de acordo com o estatuto da própria instituição que conta com membros associados e a oferta de prática regular do basquetebol em treinamentos e

competições, sendo denominada por clube. Esse clube estrutura programas de atividades práticas e competições organizadas.

E, ainda, a terceira equipe do basquete de Franca é o Franca Basquete, responsável pelas categorias sub 18 até categoria adulto.

Portanto, a cidade de Franca é responsável pelo desenvolvimento do público que procura a prática, quanto a quem busca assistir o basquete de todas as categorias de basquete masculino por meio de diversas instituições que oferecem a modalidade. Esses programas esportivos permitem criar um ambiente onde crianças e jovens são estimulados a alcançar o alto rendimento e permanecer no esporte dentro da própria cidade (GALATTI, et al., 2017).

Em pesquisa realizada por Cunha et al., (2016), buscou investigar quais foram os clubes em que os atletas de basquetebol do campeonato da NBB (temporada 2014/15) passaram em todas as categorias da base (sub 12 até 19) e constatou-se que no sub 12, 13, 14, 15, 18 e 19, Franca foi a primeira do *ranking* com mais passagens de atletas dentre os demais clubes. Na categoria sub 16 Franca fica atrás somente do clube Pinheiros (São Paulo), e do sub 17 também atrás do Pinheiros que está junto com o Minas Tênis Clubes (Minas Gerais). Franca reforça o título de “capital do basquetebol brasileiro”, tanto na iniciação como na formação de atletas na modalidade.

Nos esportes coletivos, caso do basquetebol, nem sempre o sucesso nas primeiras categorias significa condição de se tornar um atleta de elite adulto. O fato de ser espaço de passagem de atletas da NBB, desde a primeira categoria de formação até a última, evidencia Franca como a principal cidade reveladora de atletas de elite para o basquetebol brasileiro.

Em uma pesquisa realizada por Gomes (2002) onde foram entregues questionários perguntando se preferiram ver o seu time de futebol campeão brasileiro ou Franca campeã nacional de basquete, 70% escolheram o basquete. O mesmo autor mostra que uma a cada duas jovens francanas pratica o basquete, porém mais de 90% praticam apenas por diversão enquanto para os meninos 28% jogam porque pretendem se tornar profissionais.

Exemplo de uma francana que teve que sair cedo da cidade para seguir na carreira como atleta é Adriana Moisés Pinto, primeira francana a participar de uma Olimpíada (GOMES, 2002), além disso, Adriana conquistou a medalha de bronze em Sidney, na Austrália.

Observa-se então que o basquete masculino toma tal magnitude na cidade de Franca que representa papel significativo no seu contexto, motivando jovens a praticar a modalidade, sendo que o desenvolvimento pessoal do atleta, assim como o profissional dos treinadores,

depende muito do contexto em que exerce a atividade, no caso, as instituições que fornecem a prática do basquetebol.

## **CAPÍTULO IV – BOLA AO ALTO: A PERCEPÇÃO DE QUEM ESTÁ NO JOGO**

### **4.1 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS**

Neste capítulo serão apresentados os resultados encontrados na investigação com os entrevistados em conformidade com a análise de conteúdo (BARDIN, 2000), considerando as aprendizagens ao longo da vida (JARVIS, 2006, 2009) dos treinadores, apresentando as influências durante suas vidas e, conseqüentemente, a atuação profissional. As investigações permitem, ainda, entender como as entidades esportivas têm trabalhado para que o treinador continue se desenvolvendo profissionalmente, na visão dos gestores.

Os resultados das falas dos treinadores são retratadas diferentes aprendizagens ao longo da vida que otimizaram o seu processo de aprendizagem, entre elas, formação formal, experiência como atletas, certificação profissional, a identificação de experiências com professores e treinadores, reflexão sobre a prática e as trocas de conhecimento no local de trabalho que se mostram muito colaborativos, propício à criação de conhecimento. Posteriormente, serão discutidas as informações referentes ao papel do clube/entidade esportiva na fala dos gestores/coordenadores técnicos.

A partir desse estudo, é possível observar que a análise da trajetória dos treinadores de basquetebol nas categorias de base, pode auxiliar na compreensão de pontos cruciais da formação profissional.

	ATLETA	CIDADE	ANOS DE EXPERIÊN	FORMADO
T1	Até 20 anos	Franca	17 anos de experiência	Bacharel
T2	Até 19 anos	Franca	23 anos de experiência	Licenciatura Plena
T3	Até 20 anos	Franca	19 anos de experiência	Licenciatura Plena
T4	Até 24 anos	Franca	2 anos de experiência	Licenciatura e Bacharelado
T5	Até 26 anos	Franca	22 anos de experiência	Licenciatura Plena

## A) APRENDIZAGEM PELA PRÁTICA ESPORTIVA

O conhecimento de treinadores é sustentado por diferentes situações de aprendizagem ao longo das suas carreiras e a vivência como atleta tem demonstrado um papel importante nesse processo, sendo uma das principais experiências para o seu envolvimento na modalidade (GILBERT et al., 2009; CHESTERFIELD, 2010).

Para Milistetd et al. (2015), ser atleta não é uma condição necessária para se tornar um treinador de qualidade, no entanto, pode facilitar a experiência no treinamento pois, para Trudel e Gilbert (2006), é um ambiente natural da cultura esportiva, onde a formação de valores também é desenvolvida nas experiências primárias.

No caso, todos os treinadores entrevistados para essa pesquisa, da cidade de Franca, tiveram participação como atleta, fato que é relacionado ao aprendizado dos treinadores (CALLARY et al., 2011) e teve influência importante para a seguir a carreira como treinador, desenvolvendo habilidades, conhecimentos e valores que são adquiridos por processos informais, resultantes da interação com o ambiente esportivo (TRUDEL; GILBERT, 2006).

Em estudo com treinadores de basquetebol, Ramos et al. (2011) observou que as experiências com um treinador colaboraram para a escolha da carreira e também como modelo de trabalho a ser seguido.

O fato de todos os treinadores serem Francanos e vivenciarem essa cultura do basquete na cidade é fundamental no processo de se tornar treinador, essas experiências como atletas são classificadas como uma socialização secundária segundo Jarvis (2006). Fato que as experiências vivenciadas como atleta impactaram profundamente na vida dos treinadores, uma vez que na prática esportiva ocorre o encantamento por algum esporte (GEARITY; CALLARY; FULMER, 2013), podendo ser fundamental para influenciar na escolha da profissão, assim como afirma Jarvis (2006) as aprendizagens pelos sentimentos como significativas para a aquisição de conhecimentos.

As aprendizagens advindas de experiências vivenciadas com as atletas tem especial destaque na fala dos treinadores de Franca:

“Como surgiu o convite pro basquete como era uma coisa que eu vivenciei desde dos 10 anos de idade eu peguei e aceitei (...)Ah,  você ter vivenciado a prática é importante, é muito importante, você vê muita diferença quem trabalha, a não ser aquele que se dedica que estuda muito mesmo, que pega que tira o atraso do prático pro teórico, mas assim, é muito diferente o cara que sabe, que já vivenciou, vai demonstrar, vai mostrar pros meninos do que aquele que não vivenciou” [T1] (Grifo nosso).

“Ajuda muito, ajuda muito porque é uma experiência única, como atleta e depois como treinador você viveu aquilo então você vai passar pro menino o que você viveu.” [T3] (Grifo nosso).

“A gente da Educação Física, na parte de competição, na parte do esporte, é muito da vivência né, que você tem com o esporte (...) ela se nunca teve contato com o

esporte pelo menos alguns anos de competição, ela vai ficar meio perdida.” [T4] (Grifo nosso).

“Eu até acredito que alguns conseguem entender e ter uma leitura de jogo sem ter estado na quadra, mas acho que encurta o caminho. Acho que o cara que não jogou, de alguma maneira ele vai ter que buscar algumas formas né. Então assim, eu joguei, eu era armador, normalmente o armador já é um jogador que já tem uma noção, uma visão melhor do jogo. Então essa leitura que eu tinha, foi o que me ajudou muito na hora de começar como técnico... e saber também fora a parte técnica, esses outros fatores que influenciam né, essa questão emocional, o antes do jogo, a motivação para você buscar o objetivo.” [T5] (Grifo nosso).

As pesquisas indicam que o treinador que teve experiência como atleta, é uma forma de aprender a profissão de treinador, pois como afirmaram os treinadores, essas experiências auxiliam sobre como trabalhar com os atletas, com os pais e também com os seus pares. (LEMYRE; TRUDEL; DURAND-BUSH, 2007; STEPHENSON; JOWETT, 2009) além de entender e poder trabalhar questões como ansiedade pré-jogo, intrigas na equipe e outros fatores presentes nas categorias de base.

Para os treinadores, as experiências como atleta viabilizam uma série de oportunidades de aprendizagem de saberes da cultura esportiva do basquetebol, porém Carter e Bloom (2009) afirmam que é possível um treinador tornar-se *expert* sem ter passado pelo estágio de atleta. Entende-se que, embora essa experiência seja importante, é possível tornar-se um bom treinador sem a experiência como atleta, no entanto a escassez dessa bagagem torna o trabalho mais intenso e desgastante para que se possa complementar essa falta de experiência.

Portanto, a experiência como atleta do período da infância até assumir o papel de treinador é uma situação de aprendizagem comum entre os treinadores pesquisados, favorecendo positivamente na aprendizagem.

Desse modo, quando os treinadores assumem a função já possuem acúmulo de experiências e muitas vezes moldam suas práticas baseadas nas experiências anteriores como atletas.

O papel dos treinadores é um componente fundamental deste processo na trajetória de formação de outros treinadores:

“Tudo né, do que eu aprendi foi com os treinadores” [T3] (Grifo nosso).

“Então esse compromisso, seriedade a gente acumulou com o pessoal, de treino, amigos de treino. (...) você pega aquela intensidade, aquela vida que ele (o treinador) colocava no treino é muito, isso foi uma das coisas mais marcantes assim de nossas de nossa iniciação e isso a gente traz até hoje pra passar pros meninos que é uma coisa assim bem firme, bem bacana [T1] (Grifo nosso).

“Eu lembrava dos meus técnicos quando eu era da base, sabe... Joguei na ASPA também, na minha base. Então eles me influenciaram muito no trabalho que eu faço hoje, eu tento lembrar muitas coisas, me ajudam a me orientar” [T4] (Grifo nosso).

Quando os treinadores se deparam inicialmente com a situação de treino o modelo de treinamento que eles buscam reproduzir é o que foi feito com eles, e só depois os treinadores

tomam consciência e buscam outros conhecimentos para aplicar em sua prática diária (CUNHA et al., 2014), a exemplo das falas dos treinadores T1 e T2:

Na minha época eu via muita coisa, eu também como eu peguei uma bagagem de muito autoritarismo eu também via como uma bagagem e agente vai transformando, vai mudando, vai aprendendo então, no meu primeiro ano quando eu sai da faculdade e fui pra ser técnico que veio na minha cabeça fazer o que me passavam aí depois você vai estudando, você vai começando a buscar livros, buscar informação, cursos essas coisas aí você vai vendo que tem outra vertente que você pode buscar pra conseguir trabalhar e ter o mesmo resultado que os outros faziam.” [T1] (Grifo nosso).

“Muita, até as coisas erradas (risos) a gente pega os trejeitos né, marca, a forma de falar em alguns momentos né e aí depois você vai se moldando né, você vai vendo o que foi legal o que não é. Mas sempre alguma característica forte que te marcou você faz né.” [T2] (Grifo nosso).

Reconhece-se o envolvimento dos depoentes com os anos de experiência como jogadores e também como observador do trabalho dos seus comandantes de treinamento, essa experiência anterior favorece na reflexão para o seu desenvolvimento de competências e em suas orientações no treinamento (TRUDEL; GILBERT, 2006). A experiência como atletas e a influência de seus treinadores no ambiente esportivo destaca-se no caráter prático da construção do conhecimento, assim como a escolha da profissão, caso dos treinadores T3 e T5:

“Bastante (influência de outros treinadores), desde que eu tava parando de jogar já tava claro que eu queria fazer Educação Física né, e eu já tinha tido algumas experiências com técnicos que tiveram o aspecto não só técnico né, mas de educador também. Quando eu entrei na faculdade isso já tava bem claro, que dava para trabalhar valores, a questão da cidadania. Ou a questão de, por exemplo, crianças que tá com a alto estima baixa, ou criança agressiva. Quando eu tava estudando eu já era auxiliar em escola de basquete [T5] (Grifo nosso).

“Os próprios treinadores mesmo que já foram meus treinadores, onde eu recebi esse convite que me falou que eu tinha perfil que era legal trabalhar com isso e me incentivou.” [T3] (Grifo nosso).

Portanto, considera-se que a construção do conhecimento profissional dos treinadores é iniciada antes mesmo da formação formal, no caso dos treinadores de Franca é fortemente influenciada pela prática cotidiana no meio esportivo na esfera como atleta onde já experienciaram horas de vivência como já observaram em outros estudos Trudel; Gilbert (2006), Talamoni (2013), Ramos et al. (2011), Tozetto (2016).

## **B) APRENDIZAGEM PELO CONTEXTO FORMAL**

Com a Lei nº 9.696/98, a formação universitária no Brasil foi reconhecida como a principal forma de preparação de treinadores, sendo necessário portar o diploma de Bacharel em Educação Física que tem a tarefa de contribuir na construção de conhecimentos, fora do âmbito escolar (HUNGER et al., 2006). Porém Milistetd et al. (2014), Ramos et al. (2011),

Rodrigues (2014), Brasil et al. (2015) advertem que são poucas horas destinadas ao esporte, a área do bacharelado é mais focada nas “ciências da saúde”.

Diversos autores (BENTO, 2007; JONES et al., 2012; MORGAN et al., 2012; MESQUITA, 2014) tem destacado a importância da formação formal para a aprendizagem de conhecimentos dos treinadores, principalmente se tratando de recursos e possibilidades teóricas utilizadas por esses profissionais.

Os autores Jones (2006) e Demers et al., (2006) realçam a importância dos cursos superiores em Educação Física e Desporto, na medida em que estes fornecem conhecimento sobre pedagogias e didáticas, além de saberes teóricos que são fundamentados em pesquisas científicas.

Em pesquisa realizada por Rodrigues et al., (2016), no qual foram entrevistados 13 treinadores de basquete das categorias de base feminina e masculina no estado de São Paulo, alguns conhecimentos como didática, fisiologia, anatomia, teoria do treinamento e psicologia contribuíram para a formação desses profissionais.

Hunger e Rossi (2010), afirmam que a formação superior no Brasil permite uma atuação generalizada do profissional, não atendendo às expectativas no que se refere à preparação para o mercado de trabalho, onde muitas vezes as formações do contexto não formal e informal se sobrepondo à formação formal.

Partes dos entrevistados reconheceram as limitações do curso de Educação Física para atuar como treinador:

“A faculdade ela é muito ali, muito pouco, fundamento nem deu, foi um ano só de basquete e a meca do basquete é muito grande né, aquela época passava o que era uma 2x3, o que era uma 3x2 ensinar é muito além disso, é muito além e é muito tempo né e cada vez vai evoluindo mais e mais e mais.” [T2] (Grifo nosso).

“Não. Eu sempre defendo, vou defender por enquanto, enquanto não mudar um pouco as grades de Educação Física, a gente da Educação Física, na parte de competição, na parte do esporte, é muito da vivência né, que você tem com o esporte. Acho que na faculdade você aprende o superficial do superficial.” [T4] (Grifo nosso).

É fato que a graduação em universidades é importante em se tratando de plano teórico e metodológico. Contudo, esse conhecimento só terá eficácia se a formação universitária oferecer situações para a prática experimental (MILISTETD et al., 2014) além de estimular a reflexão crítica, desenvolvendo a autonomia para analisar, e construir (BATISTA; PEREIRA; GRAÇA, 2012; MILISTETD, 2015) o conceito como treinador para futuramente contribuir na articulação do processo de treino.

Os outros treinadores (T1, T3 e T5) avaliam como positiva a formação formal:

“Com certeza (impactou) o nosso curso oferecia 4 anos de basquete (...) Era tabelado, voltado pro basquete (...) Pra nós que conhecia a modalidade era bem mais

light (...) mas tinha que ficar repetindo exercício, voltava, o que era usado pra iniciação, o que era usado pra treinamento, súmula.” [T1] (Grifo nosso).

“Foi, foi sim (...) em termos de lidar com os meninos de saber a maturidade de cada um e por idade isso foi muito importante aprender na faculdade além de outras várias matérias que a gente aprende (...) Foi muito importante.” [T3] (Grifo nosso).

“Foi assim, no aspecto de que foi um dos profissionais que me influenciou bastante, porque na faculdade eu tive um professor que trabalha mais com iniciação voltada à rede escolar, em escola de que eu trabalhei, mas a forma como ele trabalhava me ajudou muito.” [T5] (Grifo nosso).

Embora as falas estejam distintas sobre o processo de formação para os treinadores no contexto formal, observa-se que as informações são positivas se relacionadas à forma de trabalhar com crianças e jovens, a didática e não necessariamente as situações referentes ao aprofundamento do contexto esportivo.

No que diz respeito à formação formal como sendo de exigência básica e necessária para a atuação profissional no Brasil, os treinadores encontram outras vias de recorrer a outros tipos de capacitações, no caso a não formal, como as clínicas, workshops, congressos que são oferecidos por federações, associações entre outros.

### C) APRENDIZAGEM PELO CONTEXTO NÃO FORMAL

Na situação de aprendizagem não formal foram considerados os cursos de aperfeiçoamento realizados pelos treinadores em diversos eventos e programas como, por exemplo, clínicas oferecidas pela FPB e palestras voltadas para o basquetebol, o curso de treinadores oferecidos pela ENTB, workshops e congressos. Apesar de seu intuito de atualização profissional, os eventos ou programas de curta duração são relatados por três treinadores (T1, T3 e T5) que tiveram a oportunidade de estar presente nesses eventos.

Neste sentido, os programas de formação de treinadores na fala dos depoentes, desenvolveram métodos benéficos de treinamento:

“Eu fiz os cursos que a Escola Nacional tinha, (...) fiz o 1 e o 3. Nível 1 era até 17, o 2 era do sub 19 e sub 22 e o 3 era pra adulto, eu fiz o 1 e o 3 (...)os cursos que tem da federação a gente faz, os outros cursos que tem que geralmente dá a data assim, a gente participa, (...) esses da escola foi muito bom principalmente no nível um, apesar de ser é, lógico, direcionado pra categorias diferentes, o nível um assim ele teve um ensinamento muito pedagógico que foi bem bacana, nada assim de outro mundo, mas assim, mostrou o alinhamento do que é acostumado a trabalhar (...) pra nós que ficamos ali na base não só nessa iniciação mas também pro final da base, foi muito bom também, é, é diferente um ensina o processo pedagógico o outro vai e mostra o direto o que acontece na quadra.” [T1] (Grifo nosso).

“Sim, já participei de um curso da federação que veio um porto riquenho em São Paulo e a gente tá sempre participando dos cursos, já veio um espanhol um técnico (...) uns dois anos atrás teve uma clínica aqui com um americano. (...) Sim, sempre tem coisa nova, sempre tá tendo o basquete tá sempre inovando né. A gente não aprende só exercícios, fundamentos, mas parte tática também a gente aprende muito”. [T3] (Grifo nosso).

“Normalmente tem os da federação que é de aperfeiçoamento. (...) Eu fiz um dos módulos que teve, que é pra formação de treinador (...). Mas, a grande maioria que

eu fiz foi por interesse mesmo, ou porque a entidade de alguma forma colaborava, mostrando a importância, aí eu fazia.” [T5] (Grifo nosso).

Os cursos e clínicas são muitas vezes realizados e ministrados por treinadores, ou seja, situação de aprendizagem mediada, centradas no palestrante no qual organiza o que será transmitido. Diferentes autores têm visões diferentes sobre o aproveitamento efetivo dos treinadores sobre os cursos de curta duração.

Dickson (2001) afirma que esses programas para complementação da formação dos treinadores devem abordar seus problemas de forma significativa. Jarvis (2007) salienta a necessidade de aproximar a teoria do contexto real, podendo utilizar de estratégias onde a ênfase esteja centrada no treinador e situações de interação entre eles, ou outra possibilidade, a aprendizagem baseada em resolução de problemas (JONES; TURNER, 2006).

Os treinadores consideraram os cursos citados como importante para a construção do seu conhecimento profissional, sendo possível articular os conhecimentos teóricos com os obtidos na prática (JONES et al., 2003). Advindo dos próprios treinadores uma possível reflexão interna dos problemas com base nos cursos mediados.

Dois treinadores (T2, T4) afirmaram que não participaram de cursos oferecidos pela FPB, ENTB, mas que buscaram em outras fontes de aprendizagem (como por exemplo, contexto informal), como o T2 afirmou que por meio das instituições de esporte ofereceram a vinda de outros treinadores para ministrarem palestras e o T4 mencionou utilizar de outras fontes de conhecimento, conversando com seus pares e buscando referências na *internet*.

Uma das possíveis causas da dificuldade para não participar é que muitas vezes os cursos têm que ser pago pelos próprios treinadores, já que a instituição do tal não tem condições de financiar os cursos e, então, o próprio treinador opta por não ir:

“É a vida fica muito corrida pro professor né, então por exemplo, não sou só técnico de basquete eu dou aula em colégio, aula particular aqui, eu dou aula em outro colégio particular fora de Franca, então você não tem tanto tempo pra estudar (...). O negócio tá feio, não tem verba não, nunca teve e pra você que é pai de família e tal e você vem fala não eu vou fazer primeiro as minhas prioridades.” [T2] (Grifo nosso).

O gestor da equipe do Franca Basquete também reconheceu as dificuldades em enviar os treinadores para cursos e clínicas:

“Hoje eu te diria assim, no NBB, por exemplo, os técnicos são exclusivamente técnicos e os assistentes são exclusivamente assistentes, eles vivem do basquete, eu acho que nas categorias de base ainda é muito difícil. É difícil porque, até aqui em Franca, o professor não consegue ser exclusivamente técnico, então ele tem que preencher o horário dele dando aula ou normalmente, não é exclusividade, muito difícil, muito difícil (...) o Sesi oferece pras categorias de base a mesma estrutura de adulto, por exemplo, nem nós Franca Basquete não consegue por exemplo, nosso Juvenil fomos jogar em São Paulo, (...) o jogo era as 16h a gente sai daqui 9h da manhã, almoça na estrada, joga e volta porque você não gasta hotel. Não é uma boa condição, o Sesi pras categorias de Base, leva um dia antes, põe num hotel, joga e

volta. O Sesi faz isso, a Aspa não tem dinheiro pra fazer isso, hoje o Franca Basquete não tem dinheiro pra fazer isso.  
 -E Franca oferece algum curso de formação pros técnicos?  
Não, infelizmente não.” [GFB] (Grifo nosso).

Já para o gestor do Sesi existe a facilidade e a possibilidade de conceder aos treinadores a possibilidade de clínicas e cursos:

“Além do Sesi ter capacitações internas com nossos profissionais em rede, sempre tem enviado a comissão técnica em diversos eventos, como seminários, fórum, oficinas.” [GS] (Grifo nosso).

Portanto, a aprendizagem não formal, que não se limita apenas a um momento específico da vida, os cursos de curta duração realizados pelos treinadores oportunizaram o desenvolvimento e a construção de conhecimentos e metodologias de trabalho. Acredita-se que os diversos programas de formação de treinadores que são oferecidos pelas federações ou pela extinta ENTB e até mesmo pelas instituições esportivas, que é o caso da cidade de Franca, colaboram para ampliar as possibilidades de aprendizagem dos treinadores.

Porém, a aprendizagem dos treinadores não se limita somente a formação formal e não formal, os treinadores afirmam ter uma proximidade com a comissão técnica para a troca de experiências e conhecimentos, isso demonstra que as experiências ao longo da vida podem surgir em diferentes momentos, como nas próprias experiências anteriores e no dia a dia da atuação profissional.

#### **D) APRENDIZAGENS OFERECIDAS NO AMBIENTE DE TRABALHO**

Nas trajetórias de vida dos treinadores, os locais de trabalho estão relacionados com o seu desenvolvimento profissional, assim como afirmam Jones, Armour e Potrac (2003) as experiências advindas do ambiente esportivo são mais relevantes do que os programas de formação do contexto não formal e formal. Os locais de trabalho podem apresentar uma organização de aprendizagem, trabalhar para que seus treinadores continuem aprendendo. Já que a aprendizagem não se esgota, buscou-se por meio da fala dos gestores e treinadores as ações promovidas e os tipos de oportunidades pelas instituições de ensino.

Billet (2001) e Rynne et al, (2009) apresentam pesquisas sobre o que os funcionários podem fazer para promover a própria aprendizagem dentro do local, a indagação referente à esse trabalho e quais as oportunidades de desenvolvimento existem atualmente para os treinadores de basquetebol em Franca?

Da mesma forma, como esses indivíduos se envolvem na prática de trabalho irá determinar como e o que eles aprendem dentro dessa cultura esportiva, orientando-os a

compreender melhor o seu papel na instituição e as competências necessárias para se desenvolver dentro do seu contexto. Por tanto, o local de trabalho assume a responsabilidade de oferecer condições adequadas para que os treinadores continuem aprendendo ao longo de sua carreira.

Nessas situações, o local de trabalho pode se apresentar como uma organização de aprendizagem, ou seja, pode ser considerada uma situação potencializadora da aprendizagem profissional, em consequência levando seus treinadores a se desenvolver profissionalmente, como, por exemplo, desenvolver reuniões pedagógicas os estimulando discutir sua prática (MILISTETD et al., 2015) e construir condições favoráveis de treinamento contribuindo com o processo de ensino nas categorias.

As instituições de Franca realizam reuniões entre as comissões técnicas do Sesi e da Aspa, esses encontros são propostas em comum acordo entre os treinadores e as instituições, que trilham objetivos definidos para o desenvolvimento dos jogadores com princípios pedagógicos, como é o caso da fala dos entrevistados:

“A gente tá fazendo um trabalho conjunto com a Aspa assim através da parceira a gente tá fazendo muitas reuniões pra estipular esse processo de aprendizagem, eles também acreditam nisso, então hoje se for por o pé da letra a gente tá fazendo aquele trabalho a longo prazo então a gente tá reunindo tá passando é eles perguntam muito também o que que eles, o que a gente quer que os atletas cheguem realizando aqui então a gente reúne bastante temos bastante liberdade. Eu trabalhava na Aspa antes de ser do Sesi então a gente tem muitos parceiros lá dentro, então a gente consegue reunir, trocar bastante ideia.” [T1] (Grifo nosso).

“Essas reuniões semanais, nós temos a cada 15 e 15 dias (...) E aí é colocado como que tá indo o andamento, o planejamento que já é feito, nós temos que passar a programação.” [T2] (Grifo nosso).

“Sim, é tem reunião de 15 em 15 dias com os técnicos e a diretoria [...] a gente recentemente a gente fez uma reunião falando o que a gente iria fazer na nossa transição de contra ataque (...) Sempre faz reuniões das equipes de Franca [...] reunião dos técnicos pra conversar o que precisa melhorar o que precisa marcar pra gente ter uma filosofia praticamente até certa idade. Segundo ano que a gente faz um planejamento anual sabe com cronograma, faz um calendário tudo certinho pra saber o que vai fazer aí se tiver alguma mudança eles avisam, chama, faz reunião avisa tudo e essa programação a gente faz toda semana do que vai ter né, treino técnico, tático pros meninos saber o horário em que vai ser os treinos que pode mudar também e o que vai ter no fim de semana, ó vai ter jogo sábado domingo, pra eles se programarem já também e os pais também se programam [T3] (Grifo nosso).

Esse planejamento entre os treinadores de diferentes entidades é relevante, uma vez que eles passam a conhecer as dificuldades e as potencialidades para trabalhar com outros atletas que chegam de outras categorias.

É no espaço de trabalho, clubes e instituições esportivas, em torno da complexidade do campo esportivo, que diversas situações emergem do contexto presentes no esporte (MESQUITA et al., 2013) como a necessidade de lidar com pais, jovens, escola, dirigentes esportivos, árbitros etc., promovendo e desenvolvendo a verdadeira formação do treinador,

enxergando no espaço de trabalho não somente como o lugar onde ele ensina, mas onde aprende.

Durante esses encontros permite-se um engajamento criativo com situações e estratégias novas, que outras formas de aprendizagem não permitem, ou seja, no que diz respeito a esse espaço de trabalho e sua contribuição no desenvolvimento de formação dos treinadores, fomentar um trabalho que desenvolva e discuta estratégias e possibilidades para o processo de ensino-treinamento e aprendizagem tem grande potencial para os mesmos (GILBERT; TRUDEL, 2001).

O ato de compartilhar situações do campo esportivo e conhecimento com outros treinadores tem papel importante no desenvolvimento dos profissionais, como já observaram Jarvis (2007), Mesquita et al. (2014), Cushion et al. (2010) facilitando a reflexão entre os pares sobre o trabalho a ser desenvolvido.

Diversos autores (JONES; TURNER, 2006; JONES et al., 2012; MORGAN et al., 2012) reconhecem que o conhecimento é construído por meio de experimentação e refletindo criticamente sobre essas informações, ou seja, para Schon (1983) essa aprendizagem só ocorrerá se de fato resultar em reflexão, potencializando o seu desenvolvimento profissional. As novas situações de aprendizagem tornam o treinador mais experiente, de acordo com Jarvis (2006), podendo buscar novas formas de solucionar os problemas no campo esportivo.

Os ambientes que compõe o campo esportivo, o treino, competição, interação com atletas e outros treinadores fazem parte do convívio do treinador e, durante sua atuação, é posto à prova acerca dos objetivos e metas propostos em cada categoria, e para que as ações sejam benéficas é preciso o trabalho de reflexão crítica sobre sua prática (RODRIGUES, 2014; MILISTETD, 2015).

As reflexões em conjunto com a comissão técnica também auxiliam nas discussões e reflexões acerca de sua própria teoria de trabalho (JONES et al., 2012). É necessário compreender que os processos reflexivos são internos e são baseados em aprendizagem interiores, as quais são confrontadas com as novas situações.

Essas reuniões podem ser benéficas no processo de formação dos treinadores, uma vez que elas produzem conhecimentos específicos, táticos e técnicos que, relacionados a outros conhecimentos, podem construir elementos importantes nas práticas, além de possibilitar a reflexão sobre a mesma.

Essas atividades compreendem no processo reflexivo em conjunto que são confrontadas diante das reuniões com os colegas tem potencial de estimular os treinadores a pensarem e discutirem sobre conceitos e metodologias provenientes das situações práticas.

Importante destacar que o processo de reflexão requer a capacidade de uma reorganização crítica sobre os conhecimentos para então se tornar positiva, por isso a importância de seus pares com outras perspectivas (TOZETTO, 2016).

A atualização e a produção de novas práticas de ensino surgem de uma reflexão compartilhada entre os colegas, construindo uma cultura de cooperação (MILISTETD et al., 2015). Essa reflexão tem lugar no clube ou entidade esportiva e nasce do esforço de encontrar respostas para os problemas no campo esportivo. Trata-se da participação em movimentos pedagógicos, de reflexão e intervenção no processo do treinamento.

Observa-se uma facilidade em relação à troca de informações entre os treinadores e também da diretoria que atuam nas instituições, algo que antigamente não acontecia devido ao medo de partilhar suas ideias, como se o conhecimento fosse privativo e exclusivo:

“Mas aqui no nosso caso nós temos muitos técnicos conceituados que a gente tem liberdade de conversar, procurar, hoje você vai no treino do adulto você fica lá na quadra você participa tem toda a liberdade de dar até opinião pro cara, antigamente não era assim então são pontos facilitadores para o nosso aqui em Franca.” [T1] (Grifo nosso).

“Entre nós aqui é excelente, excelente, eles se dão muito bem, pessoalmente e taticamente também, muito interesse as coisas funcionam muito bem, aliás acho que uma boa parcela do sucesso é exatamente essa interação.” [GFB] (Grifo nosso).

“É mais fácil na equipe de trabalho por causa da rotina, mas assim, então semana passada a gente fez uns treinos aqui, o (...) e o (...) que são os assistentes vieram, ai o dia que eu fui lá assistir o treino, ele falou oh, fica aqui no treino, da palpíte. Então quer dizer, não tem segredo e é muito aberto.” [T5] (Grifo nosso).

O treinador T4 com menos experiência profissional afirma que o desenvolvimento de sua formação foi decorrente da troca de experiências e convívio diário com outros treinadores:

“Não fiz nem um curso específico para técnico, né. O que eu sei é de convívio, conversa com o pessoal, e material que eu procuro né, vídeos, apostilas argentinas, espanholas, ai que eu me oriento (...) cada um tem uma fonte ali de conhecimento, então você vai pegando, bebendo um pouco de cada.” [T4] (Grifo nosso).

As falas dos entrevistados mostram que os resultados corroboram ao que tem sido divulgado na literatura nacional e internacional (WERTHNER; TRUDEL, 2006; TRUDEL; GILBERT; WERTHNER, 2010; RODRIGUES; PAES; SOUZA NETO; 2016; TOZETTO, 2016) de que o contexto informal é a principal fonte de conhecimento entre os treinadores.

Esta oportunidade de debater com colegas os problemas cotidianos que emergem do contexto de trabalho tem grande potencial de aprendizagem para treinadores (GILBERT; TRUDEL, 2001), ecoando o estabelecimento de uma "comunidade de prática" com todos os benefícios associados (WENGER, 1998).

Ao contrário do que foi apontado pelos treinadores, em estudo realizado por Mesquita e colaboradores (2014), treinadores das modalidades de voleibol, basquetebol, ginástica,

natação e handebol denominam o campo de trabalho como de “concorrência em vez de colaboração”. Os treinadores acabam por não compartilhar com os seus pares seus conhecimentos porque os consideram oponentes e não parceiros (CULVER; TRUDEL, 2008).

Essa facilidade de interação entre os pares em Franca oferece aos profissionais a possibilidade de discussão sobre métodos de trabalho além de transformar esse conhecimento em ação (TRUDEL; GILBERT, 2006) oportunizando a reflexão sobre sua prática (RODRIGUES, 2014), sendo capaz de gerar novas estratégias.

Por vezes, as reflexões surgem de outros ambientes, como análise de jogo, de treinamento, conversas informais e também por sua própria ação. Porém, esse processo de reflexão ocorre quando os treinadores “intencionalmente sujeitam suas crenças e uma autoanálise crítica e tomam responsabilidade pelas suas ações” (MESQUITA, p.302, 2012).

Outro fator das estratégias formativas de responsabilidade dos clubes e instituições esportivas seria o incentivo a ida de cursos e clínicas, mas na fala dos entrevistados o clube não se responsabiliza pelo custeio ou intervém com a redução de custo para os seus treinadores:

“Tô te dando tantos reais pra você ir lá no grupo tal, não, não temos não. O negócio tá feio, não tem verba não, nunca teve.” [T2] (Grifo nosso).

As vezes por ser uma associação a gente depende de patrocínios de arrecadações de promoções que a gente faz (...) Sempre correndo atrás, de rifas, esse tipo de coisa sabe. E aí as vezes essa parte de cursos, campeonatos que a gente poderia tá participando mais (...) a gente vem buscando isso, mas assim, ainda é pouco, a gente poderia estar participando de campeonatos internacionais, interestaduais e aí a gente acaba ficando assim, mais aqui em Franca e região. [T3] (Grifo nosso).

“Não, infelizmente não (oferece condições). Isso aí é uma frustração que eu tenho porque eu sou presidente da associação dos técnicos brasileira e é difícil a gente tem a escola, é chato a gente falar, mas não vai por causa da cbb a escola nacional de técnicos ela é obrigada a ser vinculada a confederação brasileira de basquete que tá na situação que tá...” [GFB] (Grifo nosso).

Um treinador afirma não ter participado de cursos oferecidos pela FPB, ENTB, mas a cidade de Franca por meio de suas instituições ofereceu a vinda de outros treinadores que ministraram palestras:

“Aí veio um espanhol aqui e aí todo mundo foi né (...) mas saí pra fazer curso, não. Sempre os caras trazendo alguém ou eles mesmo passavam.” [T2] (Grifo nosso).

Nas palavras dos entrevistados, entre treinadores e gestores, enfatizaram a importância que as categorias de formação possuem o momento de potencializar o gosto do esporte, trabalhar valores e não empenhar-se exclusivamente a vitória, sendo assim Gilbert e Trudel (2005) afirmam que dessa maneira os treinadores se sentem seguros para trabalhar mesmo se não houver conquistas nas competições:

“Acho que eles tem que sempre dar o melhor nos que eles forem fazer é não tem essa, você não pode ficar brincando com as coisas, deu o melhor, beleza (...) é a

formação da pessoa, se chegar alguém, se vier alguém, beleza né (...) É lucro, mas a formação é importantíssima né.” [T2] (Grifo nosso).

“A gente não se preocupa com só assim também o lado atleta, (...) eu sempre falo pra eles que isso aqui é um momento único, tudo vai passar, uns vão continuar jogando, outros vão parar outros vão estudar, que é o que eu sempre cobro eles que é o mais importante, certo. Porque o basquete ele pode até virar jogador de basquete, mas se ele não tiver uma profissão a carreira é muito curta então ele tem que estudar e ter uma profissão (...) eu sempre falo pra eles que o que eles vão levar daqui é amizade que eles tem aqui né assim, eternamente uns vão ficar, outros vão parar uns vão continuar mas a amizade continua então não tem que vir aqui, tem que vir aqui pra treinar, pra aprender mas tudo com alegria e não sair insatisfeito daqui.” [T3] (Grifo nosso).

“O que espero de meus jogadores é que tenham prazer em praticar basquete (...) a certeza que eu tinha, que como esporte eu podia influenciar muito na vida.” [T5] (Grifo nosso).

“A categoria de base, ela não é pra ganhar título, ela pode ganhar título mas não é a formação dela (...) eu acho que cada categoria tem sim um objetivo e nenhum deles é ganhar título na minha opinião (...) é diferente eu não vou dirigir um jogador de 15 anos igual eu vou dirigir um adulto o objetivo não é o mesmo, mas você não quer ser campeão? Não, você ser campeão com 15 anos é uma consequência (...) um técnico de categoria de 15 anos se ele errar, ele pode prejudicar o desenvolvimento daquele jogador, aquele jogador poderia se desenvolver de outra forma e não se desenvolve (...) mas por jogador que ele formou, que ele ajudou a formar (...) Minha opinião mesmo num mundo competitivo antes de mais nada ele precisa ser professor, porque mesmo o técnico de alto rendimento ele vai transmitir conhecimento pro jogadores.” [GFB] (Grifo nosso).

Por tanto, afirma-se que Franca não é somente um centro de formação de jogadores de elite, como observaram Cunha et al. (2016), é mais do que isso, é responsável por manter uma cultura que se importa com a formação do indivíduo, com preocupações educacionais, podendo ser responsável por proporcionar experiências significativas de jovens, que futuramente irão refletir sobre essa prática e o impacto positivo do esporte em suas vidas estimulando outros a praticarem. Essa cultura do basquete na cidade que há anos tem trabalhado na estabilidade e manutenção de programas esportivos voltados para a população:

“Se você for acabar um negócio que só tem o time adulto é fácil, agora se você for acabar um negócio que tem raiz que tá nas escolas que atende 3 mil crianças, como é que você vai acabar com um negócio desse? É diferente, bem diferente.” [GFB] (Grifo nosso).

“A conversa em qualquer lugar é de basquete então você reúne 2, 3 profissionais que já trabalham você já começa a trocar informação o que fazer, como fazer, ou eu tô com dificuldade então é muito natural aqui em Franca isso.” [T1] (Grifo nosso).

Nesse sentindo, Franca tem uma relação de identificação com o basquete na cidade, esse cenário se torna favorável para criar condições básicas a quem queira se envolver com esse esporte. No caso dos treinadores, as reuniões entre as comissões técnicas fomenta um trabalho de desenvolvimento de estratégias e o Sesi fornece melhores condições na capacitação e em questões salariais onde seus treinadores são também funcionários.

Observa-se que o conjunto do cenário de Franca com as ações promovidas pelas instituições, essas que mesmo não oportunizando condições iguais de trabalho, se constituem

como parceiros fundamentais para o desenvolvimento e progresso do treino desportivo, consolidando em uma melhora da qualidade do treino e em melhor formação e desenvolvimento dos jovens atletas.

Portanto, o grau de envolvimento existente entre os treinadores de Franca das diferentes instituições esportivas, é responsável por uma ação conjunta entre as diretorias dessas instituições, fornecendo um ambiente de trabalho favorável ao desenvolvimento de seus treinadores, um local harmônico e com ações colaborativas, compartilhando problemas e desempenhando soluções, tornando o local de trabalho um ambiente legítimo de aprendizagem (RYNNE et al., 2006).

Ressalta-se que a qualidade do trabalho dos treinadores não depende exclusivamente das ações fomentadoras pela organização de aprendizagem, mas também na iniciativa e empenho deles próprios de buscarem soluções de resolver problemas do universo esportivo, determinando seu caminho na aprendizagem. E, a partir da fala dos treinadores, observa-se que o processo de aprendizagem ocorre no cotidiano de seu trabalho sendo a reflexão o processo mediador entre experiência e conhecimento.

## **E) DIFICULDADES ENCONTRADAS NA PROFISSÃO**

O esporte é um fenômeno de múltiplos significados e plural (REVERDITO et al., 2013) e a atuação dos treinadores é permeada por situações complexas que envolvem conhecimentos que vão além dos meros saberes esportivos, tratando de ações multifacetadas que definem a prática do seu conhecimento.

Assumindo papel de destaque no campo esportivo, os treinadores reconheceram diferentes dificuldades no seu ofício, como a quantidade de jogos em suas categorias que dificulta o crescimento de suas equipes, outra questão apontada foi sobre os comprometimentos dos jovens em relação ao treinamento, onde muitas vezes não parecem se dedicar tanto quanto poderiam na quadra, dificuldades no aspecto da formação dos próprios treinadores e a excessiva influência dos pais nos treinamentos e jogos.

Franca, por estar muito distante da capital e dos outros polos do basquete apresenta uma dificuldade geográfica (400 km da capital), mesmo havendo outras equipes na própria cidade, o que para o interior é algo único, contudo existe dificuldade para se locomover à outras regiões para disputar campeonatos e amistosos, diminuindo consideravelmente o número de jogos disputados e os confrontos com outras equipes, sendo muito longo o tempo de espera de um jogo para o outro, assim os atletas demoram a se desenvolver bem como os treinadores tem pouco jogos para se desenvolver:

“Como tem poucos jogos né, assim quando tem jogos é sempre é turno e retorno, joga um fim de semana aqui e a gente procura fazer amistosos com as categorias de cima com os outros times da (...) cidade mesmo pra poder ter mais jogos né (...) para os meninos joga pouco, desenvolve menos mas pros técnicos também (...) mas é pouco em vista da capital” [T3] (Grifo nosso).

“Se jogasse mais, tinha um peso menor. Mas, como eles jogam pouco, eles ficam muito ansiosos. Quando falta 20 dias pro meu próximo jogo, eles perguntam todo dia “E o jogo? Que dia vai ser? Que horas?” ai chega no dia do jogo, tão igual vara verde” [T4] (Grifo nosso).

Entre todas as especificidades que permeiam o ambiente esportivo a exigência para o desenvolvimento individual e da equipe depende de questões de preparação e intensidade para alcançar determinado objetivo (SAMULSKI, 2002; INTERDONATO et al., 2008).

Outra dificuldade relatada pelos treinadores é a relação que os jovens tem com o esporte, o interesse em se dedicar e buscar a profissão como atleta é prioridades de poucos nos treinamentos, assim como observaram T1 e T2:

“Assim acho que dificuldade maior assim que a gente vem pegando é assim, o comprometimento (...) de gerações, tem geração que vem que não tem aquele perfil assim mais de jogador, não sei, a cada ano que passa (...) Menos interessados no aspecto de 'pô eu quero isso, eu vou ser jogador e vou treinar mais que os outros' é raro você ver jogador, moleque assim, hoje aqui nós temos uma meia dúzia nos meus times tem, juntando as 2 categorias, então, assim, isso é o que eu quero na vida, eu vim aqui pra isso, eu quero isso, meu sonho é esse eu quero chegar a tal, e os outros assim, conciliam os estudos com o basquete mas provavelmente pare daqui 1, 2 anos, não é o propósito de vida deles. Então eu acho que isso é uma coisa que dificulta a gente até é buscar um pouco mais dos outros, porque se eu tenho 3 que já treina mais que os outros, e eu não tiver um sparring ali, isso é um fator que dificulta o crescimento dos outros, então, seria interessante que todos tivessem a mesma (...) motivação, mesmo perfil (...) que são meninos que tem qualidade técnica mas não tem o perfil assim 'ah eu vou ser atleta' não, eu sou melhor agora, eu quero jogar 1, 2 anos até eu entrar na faculdade e depois eu vou pra faculdade.” [T1] (Grifo nosso).

“Agora quando não tem comprometimento, não tem compromisso, falta duas vezes, vem duas, vem por um lance de status aí é ruim, é ruim, porque você quer trabalhar com que tá afim, o que te motiva é isso, trabalhar com quem quer aprender” [T2] (Grifo nosso).

Alguns fatores como cobranças excessivas e a falta de divertimento podem causar o abandono precoce do esporte (INTERDONATO et al., 2008). O treinador deve levar em conta a criação de um ambiente favorável e atraente para seus atletas, desenvolvendo suas potencialidades e assim assegurar uma formação no ambiente esportivo de forma duradoura (PAES et al., 2009), pois são também responsáveis por motivar e convencê-los a continuar na prática esportiva.

A limitação do estudo está no fato de não ter sido realizada uma pesquisa junto com os atletas para um maior aprofundamento sobre os questionamentos das relações com os treinadores e os treinamentos.

Os treinadores T2 e T4 vão se referir sobre suas dificuldades nos aspectos de formação:

“Eu acho que é essa parte do psicológico mesmo (...) então pra mim é difícil eu entender esse momento deles, então tem jogo que eu entro boto os meninos, tento dar um chocalhão neles, mas vai pro jogo eles não reagem. Você vê que seu time

tem muita mais capacidade que o outro e não consegue jogar, ai eu não consigo... tô tentando desenvolver isso com os meninos, pra eles já entrarem no jogo mais ligados, com menos medo” [T4] (Grifo nosso).

“Essa constante formação eu gostaria de aprofundar mais (...) você vê isso é uma coisa, você escutar isso é outra né, então e nós é a vida fica muito corrida pro professor né, então, por exemplo, não sou só técnico de basquete eu dou aula em colégio, aula particular aqui, eu dou aula em outro colégio particular fora de Franca, então você não tem tanto tempo pra estudar” [T2] (Grifo nosso).

A capacitação por diferentes formas, cursos ou clínicas é fundamental para os treinadores para atuar em todos os níveis, mas principalmente na fase de formação esportiva, pois, como já discutido anteriormente, apenas a exigência do bacharelado em Educação Física não parece corresponder aos anseios de quem busca trabalhar como treinador.

As instituições de esporte de Franca oferecem outras oportunidades, como reuniões entre as comissões técnicas. Porém, para esses treinadores, a falta de tempo pra estudar devido a outros compromissos que muitos desses profissionais das categorias de base exercem, como professores de escola, academia, cargos na prefeitura, é um dificultador pra quem busca se aprimorar.

Outras dificuldades relatadas pelos treinadores referiram-se aos conflitos existentes entre os pais dos atletas nos treinamentos:

“Mas uma dificuldade que temos é a influência dos pais que jogaram sobre os filhos. Em alguns momentos há um conflito entre o que trabalhamos e o que alguns pais passam para os filhos.” [T5] (Grifo nosso).

“Acaba virando uma rivalidade porque você imagina aqui numa quadra pequena dessa jogando dois times de Franca e tem pais que entende tem pais que já foram jogadores, ex atletas tudo se ele começar a gritar, pressionar ele vaia acabar atrapalhando o filho dele né e quanto mais novo, pior porque eles começam a gritar aqui o filho não sabe se olha pro técnico pro jogador pro jogador não pra torcida pro pai né e por mais que a gente conversa, faz reunião, explica tudo, tem uns que não entende, acaba atrapalhando não só o nosso trabalho como atrapalha o menino na quadra.” [T3] (Grifo nosso)

Muitas vezes são os pais responsáveis por apresentar a prática esportiva às crianças e mais do que isso, eles possibilitam caminhos para que os jovens permaneçam no esporte (FRASER-THOMAS et al., 2008). Além disso, os pais detém papel importante, pois os filhos relacionam as suas atitudes e crenças servindo-lhes como exemplos a serem seguidos (EDWARDSON; GORELY, 2010).

O apoio da família é indispensável para o suporte e desenvolvimento dos atletas, pois esses podem assegurar um ambiente favorável dos jovens no esporte (BLOOM, 1985; SOBRAL, 1997), além do mais, os pais influenciam as emoções dos jovens no esporte (HEDSTROM; GOULD, 2004), e essas emoções podem resultar em consequências negativas, como pressão por resultados e desempenho.

Nunomora e Oliveira (2014) reconhecem a necessidade de atentarem-se como e quando os pais incentivam seus filhos no esporte, podendo favorecer positivamente na participação e na continuidade da modalidade.

Para que a participação dos jovens no basquete seja permeada por situações positivas e estimulantes, as entidades esportivas de Franca tem buscado realizar reuniões junto com os pais para minimizar tais intervenções, tal estratégia permite criar entre a comunidade esportiva um espaço de respeito mútuo, independente da equipe que esteja disputando o jogo, contribuindo da melhor maneira para os jovens atletas conquistarem seus objetivos.

Observa-se que mesmo em Franca, uma das principais cidades a desenvolver o basquete no país, são relatadas diferentes dificuldades na sua profissão, tais empecilhos devem ser discutidos e trabalhados de maneira que seja possível diminuir os obstáculos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O atual contexto do basquete nacional mostrou Franca como sendo a principal cidade de formação de atletas para a elite do basquetebol brasileiro, por isso o interesse em realizar-se tal pesquisa, que investigou as trajetórias de aprendizagem dos treinadores que trabalham com o rendimento de jovens atletas e entender como se tornaram treinadores, as experiências que adquiriram ao longo da vida e quais são as oportunidades de aprendizagem no ambiente de trabalho.

Para tanto, foram coletados cinco depoimentos de treinadores de três equipes das categorias de base na cidade de Franca e dois coordenadores técnicos. As perguntas foram referentes à existência de ações ofertadas pelas instituições esportivas.

A partir das falas dos depoentes, observou a cidade de Franca como um lugar propício de formação para os treinadores de basquetebol, uma vez que a cidade detém uma cultura muito rica na modalidade, o que pode contribuir para que os treinadores se sintam seguros em trabalhar em um local onde há anos o esporte vem sendo desenvolvido, e como observado na fala dos depoentes, favorecendo aspectos importantes nas manifestações de aprendizagem nas interações sociais com os seus pares, compartilhando saberes e estratégias e discussões de práticas pedagógicas.

A literatura tem indicado que os treinadores esportivos adquirem conhecimentos em diversos contextos e em diferentes momentos da sua vida, no caso dos treinadores das categorias de base de Franca atribuíram parte de sua aprendizagem pela vivência na prática esportiva, tanto como atletas vivenciando o esporte como reconhecendo a importância de seus antigos treinadores e sua influência nos métodos de treinamento, ou seja, a construção do conhecimento profissional foi iniciada antes da formação formal.

No contexto da formação formal parte dos treinadores reconheceram como importante para o seu desenvolvimento profissional, afirmando aspectos como trabalhar na iniciação e desenvolvimento de jovens e crianças, outros treinadores afirmaram que o curso não contribuiu para a formação. A importância do contexto formal, por se tratar da questão de obrigatoriedade no país, já que os próprios clubes, as entidades esportivas, confederações e federações não têm como obrigação desenvolver um plano para a formação e desenvolvimento dos treinadores, as universidades mesmo que trabalhando os aspectos relacionados aos treinadores de forma escassa, pode contribuir por meio de base teórica e científica, além de oportunizar estágios onde o estudante pode estar em contato com o ambiente esportivo, além de existir a possibilidade de especializações e programas de mestrado e doutorado.

No que diz respeito ao contexto não formal, os treinadores relataram como relevante na sua aprendizagem, enquanto outros treinadores não tiveram a chance de realizar tais cursos. Outro fato importante é que apenas o Sesi consegue enviar seus treinadores para esse tipo de evento, que demanda gastos com transporte, hospedagem mais a inscrição, já nas outras instituições os treinadores precisam arcar com os próprios custos. É fundamental que as instituições de esporte comecem a pensar no desenvolvimento de seus treinadores, seja por meio de cursos e clínicas ou então trazendo treinadores experientes para que possam acontecer diálogos dentro da própria instituição, porém, pela questão do tempo ser limitado, a literatura argumenta que somente aprendizagens nos contextos não formais pode não garantir a criticidade e reflexão sobre o trabalho desenvolvido.

A maior parte das experiências, a partir da análise da fala dos treinadores de basquetebol, está atrelada por meio dos locais de trabalho que propiciam a aquisição de conhecimentos de suma importância aos treinadores, onde ocorre a troca de informação, e onde as reuniões com os treinadores propiciam um ambiente seguro para realizar seu trabalho, além de dividir experiências e estratégias de treinamento, prática essa que está consolidada entre os treinadores de Franca. Portanto, Franca se confirma também como uma cidade propícia para o desenvolvimento dos treinadores, já que as ações ofertadas pelas instituições de trabalho favorecem em sua formação.

Com base no trabalho realizado espera-se gerar mudanças na preparação profissional dos treinadores de basquete no país, incentivar uma possível parceria entre as instituições de ensino, federações, confederação e instituições de esportes, alinhando e sistematizando um programa de formação que possa servir de estratégia para o desenvolvimento do treinador e que seja apto de coloca-los como agentes capazes de construção de seus conhecimentos, valorizando sua trajetória em diferentes contextos (família, escola, campo esportivo, universidade etc.) e considerando seus conhecimentos em diferentes momentos, utilizando estratégias que alcancem níveis de aprendizagens constantes, para que as mesmas sejam significativas.

Portanto, o processo de formação profissional dos treinadores não se inicia na sua formação acadêmica, é preciso ir além. É verdade também que a formação pertence ao próprio sujeito, e na sua atividade de reflexão crítica que esse esteja disposto a se envolver no processo de aprendizagem, que pode ser realizada com o auxílio de experiências, troca de informações, livros, vídeos, *internet*, cursos, etc., dependendo sempre de um trabalho pessoal no qual o treinador é sujeito ativo de suas decisões sobre sua prática. Onde cada um é responsável por formar-se a si próprio.

Como sugestão para pesquisas futuras, sugere-se uma análise de outras instituições esportivas no país que trabalhem com o basquetebol nas categorias de base, além de investigar qual o suporte oferecido pelas federações e confederação na aprendizagem de conhecimento dos treinadores e também a participação efetiva dos cursos de graduação e pós-graduação para maior aprofundamento dessas questões.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- ANTONELLI, M.; GALATTI, L. R.; MACHADO, G. V.; PAES, R. R. Pedagogia do Esporte e basquetebol: considerações para a elaboração de programa esportivo a partir do Clube Divino Salvador, Jundiaí-SP: **Conexões** (Campinas. Online), v. 10, p. 1-17, 2012.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edição Revista e Atualizada. Lisboa – Portugal: Edições 70 Ltda., 2009.
- BRASIL, Decreto-lei nº. 3.199 de 14 de abril de 1941. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 1941.
- BRASIL, Conselho Federal De Educação. Resolução nº 03 de 16 de junho de 1987.
- BRASIL, Conselho Federal de Educação. Parecer No. 215/87. Ministério da Educação: Brasília, p. 165-172, 1987.
- BRASIL, Conselho Federal de Educação Física. Resolução CONFEEF nº 45, 18 de fevereiro de 2002.
- BALBINO, H. F. **Pedagogia do treinamento**: método, procedimentos pedagógicos e as múltiplas competências do técnico nos jogos desportivos coletivos. 2005. 92f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2005.
- BECKER JUNIOR, B.; SAMULSKY, D. **Manual de treinamento psicológico para o esporte**. Novo Hamburgo: Feevale, 2002.
- BEDÔ, M. H. **O basquete francano**: Um projeto da cidade (1930 a 1980). Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Estadual Paulista, Franca, 1996.
- BENELI, L. M. **Basquetebol Paulista**: apropriação das características do esporte profissional na estrutura organizacional das categorias de base. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- BENTO, J. O.; GARCIA, R.; GARÇA, A. **Contextos da Pedagogia do Desporto**: perspectivas e problemáticas. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.
- BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- BETTI, M. Por uma teoria da prática. **Motus Corporis**, v.3, n.2, Rio de Janeiro, p.86, 1996.
- BETTI, M. Copa do mundo e jogos olímpicos: inversionalidade e transversalidades na cultura esportiva e na Educação Física escolar. **Motrivivência**, p. 16–27, 2009.
- BETTI, I. C. R.; BETTI, M. Novas perspectivas na formação profissional em Educação Física. **Motriz - Revista de Educação Física**: Unesp/Rio Claro, v.2, n.1, p.10-14, 1996.
- BILLETT, S.; SMITH, R.; BARKER, M. Understanding work, learning and the remaking of cultural practices, **Studies in Continuing Education**, v. 27, n.3, p.219-237, 2005.
- BILLETT, S., Learning Throughout Working Life: Interdependencies at Work, **Studies in Continuing Education**, v. 23, n.1, p. 19-35, 2001.
- BLOOM, B. S. **Developing talent in young people**. New York: Ballantine; 1985.
- BOLA AO CESTO: o resgate de uma história. Direção: Pedro Gambera e Sérgio Toledo. Brasil. Ministério da Cultura, 2014. 1 DVD (123min), NTSC, color.

- BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Ed. Marco, 1983.
- BOUD, D. AND GARRICK, J., **Understanding Learning at Work**, Routledge, London, 1999.
- BUENO, L. **Políticas públicas do esporte no Brasil: razões para o predomínio do alto rendimento**. 314 f. Tese (Doutorado em Administração Pública e Governo) Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2008.
- CAGIGAL, J. M. El deporte contemporâneo frente alas ciências del hombre. In: MARTIN ACERO, R. et al., **Educación Física y deporte no século XXI**. Universidade da Corunã, p.163-180, 1996.
- CALLARY, B.; WERTHNER, P.; TRUDEL, P. Shaping the way five women coaches develop: Their primary and secondary socialization. **Journal of Coaching Education**, v4, p. 76–125, 2011.
- CARTER, A. D.; BLOOM, G. A. Coaching knowledge and success: Going beyond athletic experiences. **Journal of Sport Behavior**, cidade, v.32, n.4, p. 419- 437, 2009.
- CARVALHO, B. L P. **Associativismo, Lazer e Esporte nos Clubes Sociais de Campinas**. 2009. 203f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- CASSIDY, T.; JONES, R. L; POTRAC, P., **Understanding Sports Coaching: The Social, Cultural and Pedagogical Foundations of Coaching Practice**, Routledge, London, 2004.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETEBALL (CBB), Basquete no Brasil <<http://www.cbb.com.br/OBasquete/BasqueteBrasil>> (acesso em 06 de jan. 2016)
- CIAMPOLINI, V.; BRASIL, V.; MILISTETD, M.; GALATTI, L. R. **Formação de treinadores no Brasil: visão geral das confederações olímpicas**. Resumo apresentado no X Simpósio Internacional de Educação Física, Lazer e Saúde. Florianópolis: Brasil, 2014.
- CONGRESSO FEDERAL DO BRASIL. Regulamentação da profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselhos Federal e regional de Educação Física. In **Lei nº 9.696, de 1º de setembro de 1998, Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Brasil, 1998.
- CHESTERFIELD, G.; POTRAC, P.; JONES, R. "Studentship" and "Impression Management" in an Advanced SoRuier Coach Education Award. **Sport, Education and Society**, 15(3), 299-314, 2010.
- COSTA, J. MASSA, M. O processo de detecção e seleção de talentos no handebol. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, Barueri, v. 5, n. 2, p. 85-93, 2006.
- CÔTE, J. Coaching research and intervetion: an introduction to the special issue. **Avante**, v.4, no 3. p, 1-15,1998.
- CÔTÉ, J. et al. Towards a definition of excellence in sport coaching. **International Journal of Coaching Science**, v.1, p.3-17, 2007.
- CÔTÉ, J.; GILBERT, W. An Integrative Definition of Coaching Effectiveness and Expertise, **International Journal of Sports Science and Coaching**, v. 4 n.3, 307-323, 2009.
- CULVER, D.; TRUDEL, P. Clarifying the concept of communities of practice in sport. **International Journal of Sports Science and Coaching**. n.3, p. 1-10, 2008.

- CUNHA, L. D. **Histórias das Seleções Brasileiras de Basquetebol Feminino**. 2015, 82 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2015.
- CUSHION, C.; ARMOUR, K.; JONES, R. Coach education and continuing professional development: Experience and learning to coach. **Quest**, v.55, n.33, p.215-230, 2003.
- CUNHA, A. F. V. P.; ESTRIGA, M. L. D.; BATISTA, P. M. F. Fontes de conhecimento percebidas pelos treinadores: estudo com treinadores de andebol da 1ª divisão de seniores masculinos em Portugal. **Movimento, Porto Alegre**, v. 20, n. 3, p. 917–940, 2014.
- CUNHA, L. D.; FRAIHA, A. L. G.; GALATTI, L. R.; DARIDO, S. C. **Basqueteol brasileiro: perfil dos atletas que atuam na NBB**. In: VIII. Congresso Iberoamericano de Baloncesto, 2016, Huelva: Espanha, 2016.
- DARIDO, S. C. Teoria, prática e reflexão na formação profissional em Educação Física. **Motriz – Revista de Educação Física**, v.1, n.2, 1995.
- DARIDO, S. C. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Araras: Topázio, 1999.
- DAIUTO, M. **Basquetebol: um manual técnico**. 3ed. São Paulo: Cia. Brasil, 1981.
- DEMERS, G.; WOODBURN, A.; SAVARD, C. The development of an undergraduate competency-based coach education program. **The Sport Psychologist**, v. 20, p. 162-173, 2006.
- DE ROSE JR., D. **O que é preciso para ser técnico de basquetebol?** <<http://vivaobasquetebol.wordpress.com>> - Publicado em 14/02/2013a
- DE ROSE JR., D. A formação do profissional especializado em esporte: o que se espera de um treinador da base? In: NASCIMENTO, J. V.; RAMOS, V.; TAVARES, F. **Jogos desportivos: formação e investigação**. Florianópolis: UDESC, 2014, p. 345-358, 2013b.
- DICKSON, S., Advancement in Sport Coaching and Officiating Accreditation, **Report**, New South Wales, 2001.
- EDWARDSON C.; L, GORELY T. Parental influences on different types and intensities of physical activity in youth: a systematic review. **Psychol Sport Exerc**. v.11 p.522-535, 2010.
- ELIAS, N. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difusão, p. 187-222, 1992.
- ERAUT, M., Informal Learning in the Workplace, **Studies in Continuing Education**, 26 (2), 247-273, 2004.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difusão, 1992.
- FIBA suspende o Brasil de torneios: “falta de controle total do basquete”. 2016. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/basquete/ultimas-noticias/2016/11/14/fiba-suspende-confederacao-brasileira-de-basquete.htm>>. Acesso em 31 de jan 2017.
- FOLLE, A.; COLLET, C. ; SALLES, W. N. ; NASCIMENTO, J. V. Transitions in the process of female basketball players development. **Revista Brasileira de Educacao Fisica e Esporte**, v. 30, p. 941-503, 2016.
- FONSECA, T. C.; PIRES, R.C. C.; BORGES, C.; HUNGER, D. A. C. F. A história do basquetebol francano. **Efdeportes Revista Digital**, Buenos Aires, Ano 11, nº 95. 2006.
- FRASER-THOMAS J.; CÔTÉ J.; DEAKIN J. Understanding dropout and prolonged engagement in adolescent competitive sport. **Psychol Sport Exerc**, v. 9 p.645-662. 2008.

- GALATTI, L. R. **Esporte e clube sócio-esportivo: percurso, contextos e perspectivas a partir de um estudo de caso em clube esportivo espanhol.** 2010. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Campinas, Campinas, 2010.
- GALATTI, L. R.; PAES, R. R.; MACHADO, G. V.; GONÇALVES, C. B.; SEOANE, A. M. Determinantes de excelência no basquetebol feminino: as conquistas da Seleção Brasileira na perspectiva das atletas. **Revista da Educação Física (UEM. Impresso)**, v. 26, p.621-632, 2015.
- GALATTI, L. R.; TOZETTO, A. B.; BETTEGA, O. B.; RODRIGUES, H.; BRASIL, V. Z.; COLLET, C.; SOBRINHO, A.; BERTRAM, R.; NASCIMENTO, J. V.; MILISTETD, M. Coaching in Brazil Sport Coaching as a Professional in Brasil: Na Analysis of the Coaching Literature in Brazil from 2000-2015. **International Sport Coaching Journal**, v.3, p. 316-331, 2016.
- GARRICK, J., The Dominant Discourses of Learning at Work, in: Boud, D. and Garrick, J., eds., **Understanding Learning at Work**, Routledge, London, 1999.
- GENTIL, R. N.; BRITO NETO, A. C. A expansão da pós-graduação em educação física no Brasil. Poster apresentado no XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte – VI Congresso Internacional de Ciências do Esporte, Vitória/ES – Brasil, 2015.
- GILBERT, W.; TRUDEL, P. Learning to coach through experience: reflection in model youth sport coaches, **Journal of Teaching in Physical Education**, v. 21, p.16–34, 2001.
- GILBERT, W. An annotated bibliography and analysis of coaching science. **International Journal of Volleyball Research**, p. 24-36, 2002.
- GREEN, M. HOULIHAN, B. **Elite Sport Development: Policy Learning and political priorities.** Routledge, 2005.
- GOELLNER, S. Locais da memória: histórias do esporte moderno. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.79-86.jul. /dez.2005.
- GOMES, R., et al. Acesso à carreira de treinador e reconhecimento das entidades responsáveis pela formação: um estudo com treinadores portugueses em função do nível de escolaridade e da experiência profissional. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 22, n. 2, p. 185-195, 2. trim. 2011.
- GOMES, A. C. **Treinamento desportivo: princípios, meios e métodos.** Londrina: Treinamento Desportivo, 1999.
- GOMES, F. F. **Franca: A cidade que respira basquete no país do futebol.** Franca, 2002.
- HEDSTROM R.; GOULD D. **Research in youth sports: critical issues status.** Michigan: Michigan State University; 2004.
- JARVIS, P. **Democracy, lifelong learning and the learning society: active citizenship in a late modern age.** London: Routledge, 2008.
- JIMÉNEZ, S.; LORENZO, A.; GÓMEZ, M. A. Medios de formación de los entrenadores xpertos em baloncesto. **Cultura, Ciencia y Deporte**, v. 4, n. 11, p. 119-125, 2009.
- JONES, R. L.; ARMOUR, K. M.; POTRAC, P. Constructing expert Knowledge: A case study of a top-level professional soccer coach. **Education and Sport Society**, v.8, n.2, p. 213-229, 2003.
- JONES, R. L. How can educational concepts inform sports coaching? In: Jones, Robyn. The sports coach as educator: reconceptualising sports coaching. London: Routledge, p. 3-13.

2006.

JONES, R. L.; TURNER, P. Teaching coaches to coach holistically: can Problem-Based Learning (PBL) help? **Physical Education and Sport Pedagogy**, v.11, n.2. p. 181-202, 2006.

JONES, R. L., MORGAN, K., & HARRIS, K. Developing coaching pedagogy: Seeking a better integration of theory and practice. **Sport, Education and Society**, v. 15, n. 2, p. 313-329, 2012.

JONES, R.; MORGAN, K.; HARRIS, K. Developing coaching pedagogy: seeking a better integration of theory and practice. **Sport, Education and Society**, v. 15, n. 2, p. 1-17, 2012.

HARDMAN, A.; JONES, C.; JONES, R.L. Sports coaching, virtue ethics and emulation. **Physical Education & Sport Pedagogy**, Abingdon, v.15, n.4, p. 345-359, 2010.

HUNGER, D. A. C. F.; ROSSI, F. Formação acadêmica em Educação Física: perfis profissionais, objetivos e fluxos curriculares. *Revista Motriz*, Rio Claro, v. 16, n.1, p. 170-180, 2010.

HUNGER, D.; NASCIMENTO, J. V., BARROS, M. V. G.; HALLAL, P. C. Educação Física. In: HADDAD, A. E. et al. (Ed.) **A trajetória dos cursos de graduação na área da saúde: 1991- 2004**. Brasília: INEP, p. 87-139, 2006.

IBÁÑEZ, S., et al. Avances y desafíos en la formación de los entrenadores de deportes colectivos. In. NASCIMENTO, J. V.; RAMOS, V.; TAVARES, F (Orgs.). **Jogos desportivos: formação e investigação**. Florianópolis: UDESC, 2013. p.319-343.

INTERDONATO, G. C.; MIAKRA, B.; OLIVEIRA, A. R.; GORGATTI, M. G. Fatores motivacionais de atletas para a prática esportiva. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 14, n.1, p. 63-66, 2008.

LIGA NACIONAL DE BASQUETE (LNB). **Sobre a LNB**. 2016. Disponível em: <<http://lnb.com.br/lnb/>>. Acesso em 12/12/2016.

LIGHT, R. Situated learning in an Australian surf club, **Sport, Education and Society**, 11(2), 155-172, 2006.

LIGHT, R. A cross-cultural study on meaning and the nature of children's experiences in Australian and French swimming clubs, **Asia Pacific Journal of Health Sport and Physical Education**, 1(3), 37-43, 2010.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 4ª. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.

LÓPEZ-CUADRA, G. **Manual del entrenador**. 4ª edición. Barcelona: Editorial Hispano Europea, 1977.

MALLETT, C.; TRUDEL, P.; LYLE, J.; RYNNE, S. Formal vs. informal coach education. **International Journal of Sports Science and Coaching**, Leeds, v.4, n.3, p. 325-334, 2009.

MACPHAIL, A.; KIRK, D. Young people's socialisation into sport: experiencing the specializing phase, **Leisure Studies**, 25(1), 57-74, 2006.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M.; **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São São Paulo: Atlas, 2007.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M.; **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

- MARONI, F. C.; MENDES, R. D.; BASTOS, F. C. Gestão de voleibol no Brasil: o caso das equipes participantes da Superliga 2007-2008. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.24, n.2, p.239-48, abr/jun 2010.
- MARQUES, A. T. As profissões do corpo: o treinador. **Revista Treinamento Desportivo**, v. 5, n. 1, p. 04-08, 2000.
- MARQUES, A. T. Conceito geral de treino de jovens - aspectos filosóficos e doutrinários da actividade e do treinador. **Treino Desportivo v.20. Edição Especial - Treino de Jovens**, p. 4-11, 2002.
- MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: Fundamentos e recursos básicos**. 2a ed., São Paulo: Moraes, 1994.
- MATTOS, G. M. et al. **Teoria e prática da metodologia da pesquisa em educação física: construindo sua monografia, artigo científico e projeto de ação**. São Paulo: Phorte, 2004.
- MASSA, M. **Desenvolvimento de judocas brasileiros talentosos**. 2006. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- MEDALHA, J. **Histórico e evolução do basquetebol masculino no Brasil: um estudo com base nos resultados da Seleção Brasileira (1896 – 1988)**. 1989. 335f. Tese (Doutorado) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.
- MILISTETD, M.; NASCIMENTO, J. V.; MESQUITA, I.; FARIAS, G. O.; PIRES, V. Socialização profissional e a construção da identidade de treinadores esportivos. In. NASCIMENTO, J. V.; RAMOS, V.; TAVARES, F (Org). **Jogos desportivos: formação e investigação**. Florianópolis: UDESC, p. 385-406, 2013.
- MILISTETD, M.; TRUDEL P.; MESQUITA, I.; NASCIMENTO, J. V. Coaching and coach education in Brazil. **International Sport Coaching**, v.1. n., p. 165-172, 2014.
- MILISTETD, M.; DUARTE, T.; RAMOS, V.; MESQUITA, I.; NASCIMENTO, J. V. A aprendizagem profissional de treinadores esportivos: desafios da formação inicial universitária em educação física. **Pensar à prática**, Goiânia, v.18, n. 4, p. 982-994, 2015.
- MILISTETD, M.; **A aprendizagem profissional de treinadores esportivos: Análise das Estratégias de Formação Inicial em Educação Física**. 2015. 138f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- MILISTETD, M.; CIAMPOLINI, V.; SALLES, W. N.; RAMOS, V.; GALATTI, L R.; NASCIMENTO, J. V. Coaches' development in Brazil: structure of sports organizational programmes. **Sport Coaching Review**, p. 1-15, 2016.
- MILISTETD, M.; GALATTI, L.; COLLET, C.; TOZETTO, A.; NASCIMENTO, J. V. Formação de treinadores esportivos: orientações para a organização das práticas pedagógicas nos cursos de bacharelado em Educação Física. **J. Phys. Educ.**, v. 28, p. 1-14, 2017.
- MENEZES, R. P.; MARQUES, R. F. R.; NUNOMURA, M. O ensino do handebol na categoria infantil a partir dos discursos de treinadores experientes. **Revista Movimento**, v. 21. n. 2, 2015.
- MESQUITA, I.; ISIDRO, S.; ROSADO, A. Portuguese coaches' perceptions of and preferences for knowledge sources related to their professional background. **Journal of Sports Science & Medicine**, 9(3), 480-489, 2010.
- MESQUITA, I.; JONES, R.; FONSECA, J.; SILVA, L. M. Nova abordagem na formação de treinadores: o que mudou e porquê? In: NASCIMENTO, J. V.; FARIAS, G. O. (Orgs.).

**Construção da identidade profissional em Educação Física:** da formação à intervenção. Florianópolis. Ed. UDESC, 2012. p. 41-60.

MESQUITA, I. Mudança de paradigma na formação de treinadores: o valor da aprendizagem experiencial. In P. Batista, A. Graça & P. Queirós (Eds.), **O estágio profissional na (re)construção da identidade profissional em Educação Física** (Vol. 333-359). Porto: Editora da U. Porto Faculdade de Desporto, 2014.

MESQUITA, I., RIBEIRO, J., SANTOS, S., & MORGAN, K. Coach Learning and Coach Education: Portuguese Expert Coaches' Perspective. **Sport Psychologist**, 28(2), 124-136, 2014.

MESQUITA, I., et al. Coach learning and coach education: Portuguese expert coaches' perspective. **Sport Psychologist**, v. 28, n. 2, p. 124-136, 2014.

MORENO, P. M.; DEL VILLAR, F. El entrenador deportivo: manual práctico para su desarrollo y formación. Barcelona: Inde, 2004.

MORGAN, K.; JONES, R. L.; GILBOURNE, D.; LLEWELLYN, D. Changing the face of coach education: using ethno-drama to depict lived realities. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 18, n. 5, p. 1-14, 2012.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto. N. S. (Orgs.) **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Sulina, p. 61-94, 2004.

NELSON, L. J.; CUSHION, C.; POTRAC, P. Enhancing the provision of coach education: the recommendations of UK coaching practitioners. **Physical Education & Sport Pedagogy**, 18(2), 204-218, 2013.

NELSON, L. J.; CUSHION, C.; POTRAC, P. Formal, nonformal and informal coach learning: A holistic conceptualisation. **International Journal of Sports Science and Coaching**, v.1, n.3, p. 247-259, sep. 2006.

NEVES. J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**. São Paulo, n.3, 2º sem./1996.

NUNOMURA, M.; OLIVEIRA, M. S. A participação dos pais na carreira das atletas femininas de ginástica artística: a perspectiva dos técnicos. **Rev. Bras. Educação Física e Esporte**, São Paulo, v 28. n. 1, p.125-134, 2014.

NORTH, J. Using “coaching develops” to facilitate coach learning and development: qualitative evidence from the UK. **International Journal of Sport Science and Coaching**, Leeds, v.5, n.2, p. 239-256, 2010.

PACHARONI, R.; MASSA, M. Processo de formação de tenistas talentosos. **Motriz**, v.18, n.2, p. 253-261, 2012.

PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce:** o caso do basquetebol. Campinas: Ed. UNICAMP, 1992.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. Processo de ensino e aprendizagem do basquetebol: perspectivas pedagógicas. In: ROSE, D.; TRICOLI, V. (Org.). **Basquetebol: uma visão integrada entre ciências e prática**. Barueri, Manole, 2005.

PAES, R. R. **Educação Física Escolar:** o esporte como conteúdo pedagógico do Ensino Fundamental. Canoas: Editora Ulbra, 136p. 2002.

- PAES, R. R.; GALATTI, L. R. **Pedagogia do Esporte: o esporte educacional no contexto do clube contemporâneo.** In: GONÇALVES, C. E. B. **Educação pelo Desporte e Associativismo Desportivo.** Porto: Edições Afrontamento, p.85-110, 2013.
- PAES, R. R.; MONTAGNER, P. C.; FERREIRA, H. B. **Pedagogia do Esporte: iniciação e treinamento em basquetebol.** 1ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 200p. 2009.
- PASCUAL, C. J. et al. Competencias profesionales del licenciado en ciencias de la actividad física y del deporte. Motricidad: **Revista de ciências de la actividad física y del deporte**, n.15, 2006.
- PERARNAU, M. **Guardiola Confidencial.** Campinas: Grande área, 2014.
- PEREIRA, J. M. **A formação do bacharel em educação física e esporte: em contexto as disciplinas de voleibol.** 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro. 2004.
- PEREIRA, J. M.; HUNGER, D. A formação acadêmica e o técnico desportivo: depoimentos de docentes e alunos universitários. In: FARIAS, G. O.; FOLLE, A.; BOTH, J. Argos (Orgs.). **Educação Física formação e regulamentação profissional.** Chapecó: Ed Argos, p. 95-116, 2012.
- RINALDI, I. P.; PIZANI, J. Desafios dos estágios nos cursos de bacharelado em Educação Física. In: NASCIMENTO, J. V.; FARIAS, G. (Org.). **Construção da Identidade profissional em educação física: da formação à intervenção.** Florianópolis: UDESC, 2012. p. 263-286.
- RAMOS, A. M.; NEVES, R. L. R. A iniciação esportiva e a especialização precoce á luz da teoria da complexidade: notas introdutórias. **Revista Pensar a prática**, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 1-8, 2008.
- RAMOS, G. N. S. A formação profissional em Educação Física e as novas diretrizes: reestruturação curricular. In: Souza Neto. S, Hunger, D. (Org.). **Formação profissional em Educação Física: Estudos e Pesquisas.** Rio Claro: Ed. Bibliotética, p. 147-157, 2006.
- RAMOS, V.; GRAÇA, A. B. S.; NASCIMENTO; J. V.; SILVA, R. A aprendizagem profissional – as representações de treinadores desportivos de jovens: quatro estudos de caso. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 2, p. 280-291, abr./ jun. 2011.
- REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. **Pedagogia do Esporte: conceito e cenário contemporâneo.** In: REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A.; J.; MONTAGNER, P. C. **Pedagogia do Esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados.** São Paulo: Phorte, 2013.
- REZER, R. **A prática pedagógica em escolinhas de futebol/futsal: possíveis perspectivas de superação.** 2003. 157f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- RODRIGUES, H. A.; DARIDO, S. C. **Basquetebol na escola: uma proposta didático-pedagógica.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.
- RODRIGUES, H. A.; PAES, R. R.; SOUZA NETO, S. A socialização profissional do treinador esportivo como um processo formativo de aquisição de saberes. **Movimento (Porto Alegre. Online)**, v. 22, p. 509-521, 2016.
- RYNNE, S. B.; MALLETT, C.; TINNING, R. High Performance Sport Coaching: Institutes of Sport as Sites for Learning. **International Journal of Sports Science & Coaching**, Queensland, v.1, n.3, p. 223-234, 2006.

- RYNNE, S. B.; MALLETT, C.; TINNING, R. Workplace learning of high performance sports coaches. **Sport, Education and Society**, v.15, n.3. p. 315-330, 2010.
- RYNNE, S. B.; MALLETT, C. Understanding the work and learning of high performance coaches. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 17, n.5, p. 507-523, 2012.
- SAMULSKI, D. **Psicologia do esporte**. Barueri: Manole, 2002.
- SCAGLIA, A. J. **Pedagogia do esporte**. Unidade II. Dimensões didático-pedagógicas do esporte. Brasília: Ministério do esporte, 2004.
- SCAGLIA, A. J. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1999.
- SCHÖN, D. A. **The reflective practitioner: how professionals think in action**. Nova York: Basic Books, 1983.
- SCHÖN, D. A. **Educating the reflective practitioner**. San Francisco, CA: Jossey-Bass, 1987.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico** – 21ª. Ed. Ver. E ampl. – São Paulo, SP: Cortez, 2000.
- SILVA, L. R. R.; BÖHME, M. T. S.; UEZU, R.; MASSA, M. A utilização de variáveis cineantropométricas no processo de detecção, seleção e promoção de talentos no voleibol. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Taguatinga, v. 11, n.1, p. 69-76, 2003.
- SESISP - Rendimento Esportivo. Disponível em: <<http://www.sesisp.org.br/esporte//pagina/default.aspx?nmemenu=rendimento-esportivo&nmerela=esporte-no-sesi&preview=s>> Acesso em: 23 jan. 2017.
- SINDICLUBESP – Quem somos. Disponível em <<http://www.sindiclubesp.com.br/quem-somos>> Acesso em 23 de jan. 2017.
- SOBRAL, F. Identificação e gestão do talento desportivo: Uma recolocação conceptual e metodológica. In: **SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA NO ESPORTE**. Porto Alegre. Conferência...p. 1-13, 1997.
- SOUZA NETO, S. **A Educação Física na Universidade: Licenciatura e Bacharelado** – As propostas de formação profissional e suas implicações teórico-práticas. (Tese de Doutorado) São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.
- SURYA, M., BRUNER, M. W., MACDONALD, D. J. CÔTÉ, J. A Comparison of Developmental Activities of Elite Athletes Born in Large and Small Cities. **PHenex Journal**. Vol. 4, No. 1, 2012.
- TURNNIDGE, J.; HANCOCK, D. J.; CÔTÉ, J. The influence of birth date and place of development on youth sport participation. **Scandinavian Journal of Medicine and Science in Sports**, 2012.
- TALAMONI, G. A.; OLIVEIRA, F. I. DA S.; HUNGER, D. As configurações do futebol brasileiro: análise da trajetória de um treinador. **Movimento** (Porto Alegre), v.19, n. 01, p. 73–93, 2013.
- TOZETTO, A. **Desenvolvimento profissional de treinadores de futebol: perspectiva de aprendizagem ao longo da vida**. 2016. 147p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- TRUDEL, P.; GILBERT, W. Coaching and Coach Education. In: KIRK, D.; MACDONALD,

- D.; O'SULLIVAN, M. M. (Ed.). **The Handbook of Physical Education**. London: Sage, p. 516- 539, 2006.
- TRUDEL, P.; GILBERT, W.; WERTHNER, P. Coach education effectiveness. In: LYLE, J.; CUSHION, C. (Orgs.). **Sports coaching: professionalisation and practice**. London: Elsevier, p. 135-152, 2010.
- TRUDEL, P.; GILBERT, W. The role of deliberate practice in becoming an expert coach: Part 3 – Creating optimal settings. **Olympic Coach Magazine**, v. 24 n.2, 15–28, 2013.
- TUBINO, Manoel Gomes. **500 anos de Legislação Esportiva Brasileira: do Brasil - colônia ao início do século XXI**. Rio de Janeiro: Shape, 2002.
- TUBINO, M. G. O esporte educacional como uma dimensão social do fenômeno esportivo no Brasil. **Artus Revista de Educação Física e Desportos**, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p.9-11, 1996.
- VENDITTI JUNIOR, R.; SOUSA, M. A.; CUNHA, L. D.; PAES, R. R.. Formação e atuação do (a) profissional de educação física brasileiro(a): aspectos da pedagogia do esporte e psicologia esportiva. In: Marco Bettine (Org.). **Estudos interdisciplinares em sociologia do esporte: Aspectos Filosóficos, Sociais, Políticos e Econômicos do Esporte**. 1ed. São Paulo: EACH USP LESTE - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, 2016, v.III p.485-523
- WATKINS, K. E., **Facilitating Learning in the Workplace**, Deakin University Press, Victoria, 1991.
- WERTHNER, P.; TRUDEL, P. A new theoretical perspective for understanding how coaches learn to coach. **The Sport Psychologist**, Champaign, Illinois, v. 20, p. 198-212, 2006.
- WENGER, E. Knowledgeability in landscapes of practice: From curriculum to identity. In: **Society for research into higher education annual research conference**. 1., 2010, Newport in South Wales. Proceeding. Newport in South Wales: Society for Research into Higher Education, 2010. p. 124-132.
- WENGER, E. **Communities of practice: learning meaning and identity** Cambridge, Cambridge University Press, 1998.

## APÊNDICE A – Roteiro de entrevista aos treinadores

- 1- Nome:
- 2- Cargo atual:
- 3- Categoria atual:
- 4- Foi atleta da modalidade? Quanto tempo?
- 5- O que você aprendeu com seus treinadores? Colegas de treino?
- 6- Você é formado em Educação Física? Licenciatura, Bacharelado, Licenciatura Plena, Provisonado?
- 7- Como foi seu processo para chegar a ser treinador?
- 8- Alguém te influenciou (família, treinadores, amigos, jogadores?)
- 9- O que levou você a trabalhar nas categorias de base?
- 10- Em algum momento você já tinha experimentado ser treinador antes?
- 11- Já participou de cursos de formação de treinadores? Quais?
- 12- Você acha que o curso de Educação Física foi proveitoso para sua formação? Por que impactou muito/pouco? E os cursos, clínicas?
- 13- Quais os conhecimentos que você considera fundamental para ser treinador? (Conhecimento técnico, tático, biomecânica, fisiologia, pedagogia do esporte, psicologia do esporte, treinamento esportivo, história da modalidade)
- 14- O que te faz querer aprender mais? (Salário, cobrança, mudança de estilo de jogo)
- 15- Como você se mantém atualizado profissionalmente?
- 16- Qual a maior dificuldade que você encontra no seu trabalho de formação de atletas de basquetebol?
- 17- Qual o suporte que o clube oferece para seus treinadores? Existe alguma iniciativa em relação a sua formação?
- 18- Existe apoio da Federação ou da CBB aos treinadores? Quais?
- 19- Como treinador, o que você espera que seus jogadores aprendam?
- 20- Qual sua avaliação sobre a formação? O que sugere de mudanças?

**APÊNDICE B – Roteiro de entrevista aos coordenadores técnicos**

21- Nome, idade:

22- Cargo atual:

23- Como é organizado o basquete em Franca? (Clubes, categorias, escolinha, projetos sociais).

24- Quais são as condições de trabalho dos treinadores?

25- O clube tem objetivo para cada categoria?

26- Qual o papel das categorias de base?

27- Existe algum aspecto técnico/tático específico trabalhado nas equipes de Franca?

28- Como é a relação entre as comissões técnicas? (Troca de informação, reunião, encontros, planejamentos)

29- Existe algum plano de formação para os treinadores? (Envio para cursos, congressos, clínicas)

30- Quem é o bom treinador? O que ele precisa ser/ter?

31- Tem alguma meta na qual as equipes de Franca almejam chegar? Quais são elas?

32- Como é feita a captação de recursos para o basquete de Franca?

## APÊNDICE C – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa

### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Formação de treinadores de basquetebol em clube

**Pesquisador:** Luiza Darido da Cunha

**Área**

**Temático**

**a:**

**Versão:**

1

**CAAE:** 52951316.5.0000.5398

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

**Patrocinador Principal:** Conselho Nacional de Desenvolvimento e Tecnologia

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.460.757

#### **Apresentação do Projeto:**

Diante do contexto de contribuir com a formação de treinadores, identificamos uma cidade do estado de São Paulo que se tem destacado como centros de formação de jovens atletas na categoria masculina. Para tanto, selecionamos esse centro com reconhecida competência na formação de jovens atletas e que historicamente têm investido, seja por meio de iniciativa privada ou pública, na manutenção das categorias de base de basquetebol masculino. Buscaremos analisar sobre a formação profissional de treinadores das categorias de base, no que consiste em descobrir os desafios no campo esportivo, às experiências no processo de aprendizagem e como se dá a intervenção desses saberes na prática. Analisar os elementos que são fundamentais para o treinador, norteando assim, possíveis competências necessárias para se adequar e atender as exigências da prática. Para análise do tema proposto contextualizaremos a história do Clube, um dos mais tradicionais do interior do estado de São Paulo, como se dá o processo de desenvolvimento do basquetebol e o processo de formação dos treinadores através do incentivo do clube. Serão realizadas entrevistas com os treinadores participantes, análise documental do clube e observações dos treinos por eles realizados.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

(i) investigar e explorar como se procedeu à formação inicial e continuada dos treinadores, os saberes presentes dos profissionais responsáveis (treinadores) para o processo de formação de

Continuação do Parecer: 1.460.757

atletas, quais as metodologias utilizada nos treinamentos, (ii) como esse clube dá suporte aos seus treinadores de basquetebol.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Como benefício é destacado a contribuição para o levantamento e análise, por parte da pesquisadora, de informações e dados importantes para futuras intervenções com foco na formação de treinadores de basquetebol. Como risco, a pesquisadora aponta o eventual desconforto dos entrevistados, salientando que neste caso a mesma poderá ser interrompida e encerrada ou continuada em um momento que o entrevistado julgar mais adequado.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Está bem escrita e com boa estrutura metodológica.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O TCLE está bem escrito e é adequado à legislação 466/2012.

**Recomendações:**

Não há.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O protocolo está elaborado corretamente, apresenta elaboração conceitual e metodológica sólidas, avalia corretamente os riscos e benefícios aos participantes e respeita seus direitos. É-se favorável a sua aprovação.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_653625.pdf	19/01/2016 15:31:28		Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoluiza.docx	19/01/2016 15:30:56	Luiza Darido da Cunha	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Luizaprojetofapespcorrigindo.docx	18/01/2016 20:04:50	Luiza Darido da Cunha	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLELuiza.docx	18/01/2016 20:03:17	Luiza Darido da Cunha	Aceito

Continuação do Parecer: 1.460.757

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

BAURU, 22 de Março de 2016

---

**Assinado  
por: Ari  
Fernando  
Maia  
(Coordenad  
or)**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - (TCLE)**  
**(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)**

O senhor(a) está sendo convidado a participar como voluntário da pesquisa sob responsabilidade de Luiza Darido da Cunha RG 49.708.807-1 com orientação da Prof<sup>ª</sup>. Adja. Dagmar A. C. F. Hunger, no Curso de Ciências da Motricidade da Unesp de Rio Claro – SP referente à pesquisa mestrado realizado nesta instituição.

Estamos desenvolvendo uma pesquisa com treinadores envolvidos nas equipes de base de basquetebol com o título: “*Treinadores de Basquetebol em Clube Paulista: formação acadêmica inicial, continuada e saberes experienciais*”, tendo como objetivo contribuir com a formação de treinadores, investigando seu processo de formação inicial e continuada. A sua colaboração será registrada por meio de depoimentos sob a forma de entrevistas com uso de filmagem (vídeo) e/ou gravação de som dos encontros e observação participante (do pesquisador) a serem realizados durante a pesquisa.

O senhor(a) será informado de todos os resultados obtidos, independentemente do fato destes poderem mudar seu consentimento em participar da pesquisa. As informações fornecidas serão transcritas na íntegra e enviado ao senhor(a) para analisar se concorda ou não com sua fala e/ou dados coletados. Porém, cabe lembrar-lhe que a qualquer momento você poderá retirar seu **consentimento livre e esclarecido** e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa. Assim, como todo e qualquer esclarecimento será fornecido antes e durante o curso da pesquisa, podendo consultar o pesquisador responsável em qualquer época, pessoalmente, pelo telefone ou e-mail para esclarecimento de qualquer, dúvida e poderão, se necessário, além de contatar os pesquisadores responsáveis pela pesquisa, contatar o CEP (Comitê de Ética e Pesquisa) pelo telefone (19) 3526-9678.

O **seu nome será mantido em sigilo**, sendo utilizado como identificação um pseudônimo ou número e todas as informações fornecidas e os resultados obtidos serão mantidos em sigilo e, estes serão utilizados somente para divulgação em reuniões, eventos científicos (congressos, simpósios etc.), revistas científicas e outra publicação de ordem científica. O senhor(a) não terá quaisquer benefícios ou direitos financeiros sobre os eventuais resultados, bem como não acarretará nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa.

Quanto ao risco este é mínimo, se observado os métodos a serem utilizados (questionários, depoimentos, registro audiovisual) poderá gerar algum desconforto ou constrangimento, com a gravação de sua imagem e ou fala (depoimento) durante os encontros previstos com exposição de informações pessoais e opiniões sobre o contexto educacional.

Tendo em vista esses possíveis riscos e para evitar quaisquer transtornos poderá, a qualquer momento, se negar a participar e/ou solicitar que sua imagem e fala não sejam gravadas e, ainda, mesmo após a realização da pesquisa sejam desconsideradas/apagadas.

Dessa maneira, esta pesquisa oferece a possibilidade de gerar conhecimento sem afetar o bem-estar dos participantes da pesquisa e seus grupos, tendo em vista os procedimentos utilizados, os riscos e a garantia do anonimato, além de ter o direito assegurado de interromper a participação no momento que achar necessário. Este estudo é importante porque seus resultados fornecerão informações para compreender o processo de formação de treinadores desse clube com reconhecida competência na formação de jovens atletas.

Se o senhor(a) se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o (a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com o senhor(a) e outra com o pesquisador.

Local, \_\_\_\_\_, data \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2016.

<u>Luiza Darido da Cunha</u>	<u>Profª Adja. Dagmar A. C. F. Hunger</u>
Orientada	Orientadora
Avenida 1ª número 1239, Bela Vista	Rua 13 de maio , 7-27
CEP 13506-785 Rio Claro – SP	CEP: 17015-270/Bauru –SP
<a href="mailto:ldarido@yahoo.com.br">ldarido@yahoo.com.br</a>	<a href="mailto:dag@fc.unesp.br">dag@fc.unesp.br</a>
Tel: (19) 9 8148-6248	Tel: (14) 3227-9335

**Dados sobre a Pesquisa:**

Título da pesquisa: *Treinadores de Basquetebol em Clube Paulista: formação acadêmica inicial, continuada e saberes experienciais*

Pesquisador Responsável: Luiza Darido da Cunha

Cargo/função: Pesquisador/aluna Mestrado

Instituição: Instituto de Biociências – Unesp Rio Claro

Endereço: Av. 1A. Número 1239, Bela Vista

Dados para Contato: fone (19) 9 8148-6248 (e-mail: ldarido@yahoo.com.br)

Orientador(a): Profª. Adja. Dagmar A. C. F. Hunger

Instituição: Faculdade de Ciências – Unesp Bauru

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01 - Vargem Limpa, Bauru – SP.

Dados para Contato: fone (14) 3103-6070 e-mail: dagmar.hunger@fc.unesp.br

**Dados sobre o sujeito da Pesquisa:**

Nome: \_\_\_\_\_

Documento de Identidade: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_ Data de

Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Telefone para contato:

\_\_\_\_\_

(OBS- Informar os dados do representante legal, se for o caso)

---

**(Assinatura)**

## ANEXO A - Entrevistas

### T1

- *Você é Francano também?*
- Sou
- *Você se importaria se eu pudesse ver alguns outros treinos durante a semana?*
- De forma alguma, fica a vontade
- *Obrigada*
- *Você está trabalhando na área também, ou só estuda?*
- *Só estudando, por enquanto. Tento sair, mas não consigo.. é difícil.*
- (risos)
- *Eu não sei se você ficou sabendo do projeto que a gente tava fazendo antes, com as equipes do NBB que a gente entregou um questionário, bom a gente tentou entregar para todos os atletas da nbb né, e saiu que a gente perguntou né onde eles jogavam desde da categoria do sub12 até o adulto e a maioria deu que todos passaram, a maioria saiu de Franca. Era algo que a gente sempre imaginou, todo mundo fala só que não tinha nada*
- *Aqui sou eu ou você? Eu assino aqui*
- *Aqui em baixo mesmo*
- *Mas o sonho da maioria é passar por aqui!*
- *É... e foi muito legal, era algo que todo mundo imaginava e a gente conseguiu concretizar, passa por Franca. Posso dar uma olhadinha aqui... Bom, é o cargo atual é treinador do sub 16 e sub 17*
- Isso
- *Há quanto tempo?*
- Bom tô com o sub 16 e sub 17 desde 2003
- *Tá, antes você já tinha a experiência como técnico?*
- Isso, eu comecei em 2000 aí eu fui técnico da categoria infantil sub15 depois eu fiquei 2 anos no sub15 depois pré mini sub 12 depois fui pro 16,sub 16.
- *É, você chegou a ser atleta da modalidade?*
- Fui, joguei até 20 anos
- *Aqui em Franca mesmo?*
- É, só na base
- *Só na base, e o que você aprendeu com os seus treinadores? Ou colegas de treino também, quando você jogava?*
- *Ah, nós pegamos uma geração assim, que era muito, éé, comprometida, uma geração em que os meninos realmente tinham interesse em formar e ser jogadores, então esse compromisso, seriedade a gente acumulou com o pessoal, de treino, amigos de treino. E eu fui quem foram meus técnicos foram o Daniel Watty que hoje trabalha com o sub 19 e o Hélio também peguei uma boa parte quando eu treinava no 19 ele treinava as categorias de cima então a gente treinava junto, então você pega o exemplo do Hélio, você pega aquela intensidade, aquela vida que ele colocava no treino é muito, isso foi uma das coisas mais marcantes assim de nossas de nossa iniciação e isso a gente traz até hoje pra passar pros meninos que é uma coisa assim bem firme, bem bacana.*
- *Você é formado em Educação Física?*
- Sou
- *Bacharelado?*
- Bacharelado
- *Licenciatura não?*

- Não fiz licenciatura
- *Fez aqui em Franca mesmo?*
- Primeira turma de Franca
- *(risos) Ah legal, e como foi esse processo pra você chegar a ser treinador?*
- Ô eu, eu joguei até 1999 aí eu tava terminando a faculdade já e tava fazendo estágio em academia como todo estudante, e aí eu tava indo pra área, tava até só fazendo curso, gostava muito de fazer cursos sobre a área de musculação mas aí surgiu a oportunidade o pessoal daqui me conhecia de do basquete pessoal que era os diretores da Aspa me procuraram pra que eu pudesse dirigir uma equipe porque o técnico ia sair e ia pra outra cidade e aí vagou espaço em duas equipes e aí me convidaram pra dirigir uma
- *Então você não tinha pretensão de logo quando você parou de continuar com o basquete?*
- Não, a ideia era ter a iniciação mas ainda não tinha como, os espaços ainda estavam cheios né não tinha passado pela cabeça de já sair e já pegar uma categoria
- *Aham, e é, você teve influência de família, amigos outros treinadores, jogadores?*
- Pra ser técnico?
- *Pra ser técnico*
- Não, eu queria ser professor de Educação Física, que nem eu tava estudando mas a área que eu gostava realmente era basquete e academia
- *Entendi*
- E como academia ficou um pouco, aliás como academia não, como surgiu o convite pro basquete eu como era uma coisa que eu vivenciei desde dos 10 anos de idade eu peguei e aceitei
- *E quando você era atleta também teve essa influência, ainda mais por ser Franca sempre tem influência da cidade né, mas assim, fora isso, seus pais?*
- Não, eu comecei meio tardio eu, pra competição. Eu participava de uma escolinha na prefeitura perto de casa em um clube e assim eu fui pra competição com 15 anos, então pra hoje, seria muito tardia essa ida pra competição mas uma pessoa que me incentivou muito foi a minha professora a Sandra Imachita, ela foi minha primeira professora mas foi uma pessoa que marcou muito nesse processo de gostar de todos os esportes mas principalmente o basquete que era o que ela me passava.
- *Ah legal, é e o que te levou a trabalhar nas categorias de base? E continuar*
- E continuar, assim o convite veio pra base né e aí assim eu gosto muito dessa, dessa faixa etária, eu gosto até o 17 é uma faixa etária que eu me identifico bem, eu já tive a oportunidade de assim de participar dos treinos do juvenil como assistente quando o pessoal viaja e a equipe 19 fica aí, eles pedem pra eu dar treino eu dou o treino tudo, mas assim, não sei se é porque não é minha equipe, então você, você sente algumas diferenças bem marcantes, apesar que a maioria igual do 19 que tá lá hoje, a maioria já passou por mim, então é diferente um pouquinho o estilo do trabalho, então assim, eu acho que até o 17, por enquanto, até o 17 é a categoria que eu prefiro trabalhar.
- *Você não tem pretensão de chegar ao adulto?*
- Nesse momento não, eu acho que ainda vai mais um tempinho, acho que eu preciso buscar alguma, algo mais, vou me aproximar mais, pra depois ter aquela confiança de estar fazendo um bom trabalho lá em cima também
- *Tá, é e outro algum momento durante a sua formação você já tinha experimentado ser treinador?*
- Eu acho que a oportunidade que tem assim, aquela liderança normal de escola, faculdade que você organiza pra ser o líder do negócio, do campeonato, do torneio e interclasse que foi direcionando isso, foi meio natural
- *Antes disso você nunca tinha sido estagiário de assistente?*
- Não, não eu já tive participado durante estágio assim, é, coisas que o shopping promovia muito que era aqueles torneio de trio tudo então, fazia arbitragem, fazia mesa então você era líder nesse aspecto organizacional, mas como técnico não.

- *Humm.. você chegou a fazer algum curso para formação de treinadores?*
- Nós fizemos, eu fiz os cursos que a Escola Nacional tinha, fiz o um, o dois não teve, fiz o um e o três, nível um e nível 3. Nível 1 era até 17, o 2 era do sub 19 e sub 22 e o 3 era pra adulto, eu fiz o 1 e o 3
- *E quem, é, oferecia era a Entb né?*
- Isso
- *E teve algum outro curso que você fez ou foi só esse?*
- Ah, os cursos que tem da federação a gente faz, os outros cursos que tem que geralmente dá a data assim, a gente participa, mas o de formação mesmo mais direcionado foi esses da Escola
- *E o clube, eles pedem pra você fazer esse tipo de formação ou não, é mais individual, ah eu quero fazer, como funciona?*
- Parte de nós profissionais e mas aí eles também apoiam, lógico que quando a situação financeira da certo, coincide com o planejamento daquele ano aí não temos problema, agora quando não coincidiu igual ano passado nós como que teve essa saída da escola e deu essa parada, não foi planejado nenhum curso pra esse ano, então se fosse pra mim fazer esse ano eu não teria como fazer
- *Entendi, teria que estar no planejamento desde do começo do ano*
- Isso
- *Senão tinha que ser por conta própria, e aí, seriam todos os treinadores que iriam? Tipo, do sub12 até...*
- Isso, no nosso caso aqui do Sesi seria eu o Rafa e o Jamil, os três. Aí quando é assim, vai os três.
- *E você acha que seu curso de Educação Física foi proveitoso para a sua formação como treinador?*
- (risos) Por incrível que pareça quando foi a primeira turma aqui em Franca o, o nosso curso oferecia 4 anos de basquete
- *Nossa*
- Era tabelado, voltado pro basquete, quem era o reitor era o o Hélio Rubens então foi voltado pro basquete, então nós tivemos 4 anos de basquete o que hoje é passado em 6 meses, 1 ano nós fizemos em 4.
- *Então, da pra dizer que impactou bastante*
- Com certeza! (risos)
- *Legal, não sabia disso*
- Eu acho que foi a única a turma ou só as duas primeiras que foi nesse formato, depois foi começando a diminuir a grade
- *E aí vocês tinham o quê nessa grade? Porque nossa é muita coisa!*
- É muito tempo realmente, mas não, assim é pra nós que conhecia a modalidade era bem mais light, mas tinha gente que tinha mais dificuldade então não 'embormation' mas tinha que ficar repetindo exercício, voltava, o que era usado pra iniciação, o que era usado pra treinamento, súmula
- *Ah entendi*
- Mas, foi bom
- *E você acha que as clínicas contribuem para a formação?*
- Sim, ah, lógico que depende também do curso, tem curso que você vai que não é bacana, mas tem curso que é muito proveitoso e esses da escola foi muito bom principalmente no nível um, apesar de ser é, lógico, direcionado pra categorias diferentes, o nível um assim ele teve um ensinamento muito pedagógico que foi bem bacana, nada assim de outro mundo, mas assim, mostrou o alinhamento do que é acostumado a trabalhar, o nível 3, como é uma coisa mais de adulto, tinha umas pessoas mais é conhecidas que tinha uma uma bagagem melhor, uns técnicos argentinos tudo era uma visão diferente, não era pedagógica o negócio, era aquela coisa de adulto mesmo, pra nós que ficamos ali na base não só nessa iniciação mas

também pro final da base, foi muito bom também, é, é diferente um ensina o processo pedagógico o outro vai e mostra o direto o que acontece na quadra.

- *Ah legal, é e que conhecimentos você considera fundamental para ser treinador hoje? Psicologia, fisiologia..*

- Ah eu acho que entra todos os aspectos aí, hoje é multidisciplinar né, você tem que saber o técnico, o tático, conhecer um pouquinho de psicologia pra porque tem envolve muito o emocional dos meninos na quadra principalmente, menino que qualquer coisa muda o estado emocional deles então

- *É que você não treinou mulher já, porque olha, é difícil*

- É, dizem mesmo. E o pior é que assim, eu fui eu tinha escolinha de basquete, eu tenho escolinha de basquete e quando eu dava aula eu dava aula pras meninas, minhas turmas eram lotadas, eu sabia lidar com elas, minhas turmas eram boas, não era voltada pra competição, era iniciação tudo, mas acho que não teve quem conseguisse segurar tanta aluna assim na mesma turma.

- *É e hoje você trabalha, você é treinador e tem assistente técnico ou não, é você e preparador físico?*

- É, hoje tá eu e o Rafa que é preparador que tá começando a aprender essa função de assistente, ele tá participando

- *Ele tem experiência em basquete?*

- Ele sempre trabalhou na área mas muito mais voltado pra preparação física porém ele já teve umas participações em universitário que ele já foi técnico essas coisas, mas agora ele tá, eu to dando bastante liberdade pra ele em alguns treinos participar mais, dá alguns treinos enquanto ele tá de um lado e eu fico do outro, então tá tendo esse ano tá mais voltado pra parte técnica também.

- *Então você acha que não tem nada específico assim em que o treinador tem que saber que é essencial?*

- Ah eu acho que pra passar pra formação, a parte técnica é um fator predominante pra dizer assim, se fosse por porcentagem eu acho que 60% 30% tático, não, menos, se fosse tático e técnico seria 60%, 70% técnico e 30% tático, agora pondo as outras disciplinas aí, vai pra 50% 25% tático e psicológico 25% também é um fator muito importante, eu to falando porque assim, nós começamos um trabalho também com um psicólogo nosso, só que a distância e tá sendo

- *Com os meninos?*

- Com os meninos então você vê que dá uns toques de assim, visão diferente de que você está acostumado da quadra, põe uns porquezinho ali que mexe com os meninos que mexe até com a gente nesse momento

- *Ah legal*

- Então, que a gente as vezes fica focado no técnico e no tático e as vezes vem um toque assim 'aquele lá vai entender dessa forma' daí você passa a visualizar diferente isso

- *Você acha que por você ter sido atleta isso te facilita um pouco pra ser treinador hoje?*

- Ah, você ter vivenciado a prática é importante, é muito importante, você vê muita diferença quem trabalha, a não ser aquele que se dedica que estuda muito mesmo, que pega que tira o atraso do prático pro teórico, mas assim, é muito diferente o cara que sabe, que já vivenciou, vai demonstrar, vai mostrar pros meninos do que aquele que não vivenciou, porque tem o que vivencia, eu fui até juvenil, juvenil você vai até o alto nível né mesmo que não chegue no adulto, você tá ali, no meio deles no tops, então você vai pegando alguns macetes interessantes.

- *Entendi, mas você acha que quem não passou, não teve esse vivência não tem tanta capacidade?*

- Não, não é que não tem capacidade, tem. Hoje não sei se tem muitos técnicos que não tenham vivenciado, assim eu acho que, não é que é muito distante, mas um toque a mais, é um facilitador vamos dizer assim.

- *Conhecer o atleta né, você sabe quando quer dar migué (risos)*
- Você sabe, migué, quando você tá nervoso, o menino tá num tá jogando coletivo, você percebe algumas coisas extras que as vezes o cara que não vivenciou, não sabe o jeito
- *A malícia né*
- A malícia né, bem usado a palavra
- *E o que te faz querer aprender mais? Nas clínicas, estudar mais?*
- Ah, hoje cada vez mais a exigência dos atletas vai aumentando né, então hoje você não pega os atletas é igual nós fomos atletas que era mais...você tinha capacidade intelectual tudo mas era muito mais ô 'se você fizer isso tá certo' você acreditava muito mais do que perguntava
- *Ata, hoje ele já pergunta*
- Hoje já se pergunta muito mais então se você não tiver preparado, embasado, te complica, então, não adianta você querer impor mais, antes era impor só, você vai ter que fazer ali e se não der certo ali você que tá errado, hoje não, hoje se você não der opções e fazer com que eles pensem dentro da opção fica complicado.
- *E você consegue fazer isso, por que acho que deve ser muito difícil deixar eles pensarem*
- Muito! Eles tem hora que necessitam da direção, nós tentamos trabalhar o sub17 é jogo livre, então ele tem o poder de decidir o que ele vai fazer com algumas regras
- *Jogo livre, o jogador decidiu?*
- Isso, então, por exemplo no 4 abertos, jogamos muito no 4 abertos, tem as regrinhas de quando vai ali faz uma coisa
- *A bola roda muito*
- Se perde! E se ele não tiver o entendimento e saber escolher ali isso, aliás ele, essa liberdade de escolher que vai fazer ele definir o que vai desencadear no movimento, então ele tem que saber tomar decisão na hora certa. Tomou na hora errada ele mata o ataque do time, então eu acho que isso ajuda a fazer ele pensar, se não é uma coisa programada ele vai ter que sempre fazer variações e fazendo variação ele tá trabalhando o psico dele ali o tempo todo na quadra
- *E eles fazem esse trabalho durante os mini jogos né, meia quadra*
- Também, isso a gente começa desde dos exercícios iniciais pra começar a temporada, os exercícios que a gente vai passando o técnico que vai juntando os combinados até juntar no tático, a gente vai quebrando e vai pondo as opções, as várias opções. Não existe o errado vamos dizer assim, mas existe o momento errado
- *Sim*
- Então se ele fizer aquela coisa 'ah mas eu posso fazer isso' pode, mas naquele momento, nesse momento tá errado, então é onde a gente tem que apontar
- *E aí depois que ele faz o movimento você consegue dar o feedback pra ele, durante você tenta deixar ele mais livre?*
- Isso, tem as várias, tem várias é, vamos dizer assim, eu uso diversas formas, duas formas assim, eu deixo o treino correr e deixo pra falar apontar no final 'ô naquela situação sim' não direcionado pra aquele jogador e durante os treinos, quando é a gente quer parar mais vezes pra corrigir mais vezes, a gente para todo momento que aconteceu o incidente que a gente acredita que poderia ser melhor de outra forma.
- *Mas você faz a pergunta pra ele ou você já fala?*
- Tem vez que as vezes é muito nítido, as vezes você já para e eles já fazem 'aham' então eles já sabem, mas primeiro eu tento buscar deles, as vezes não é nem com eles e aí eu pergunto pro de lá, o que aconteceu de errado, pra ver o que eles estão pensando o que eles entenderam, que as vezes o que eles vem na quadra também é diferente do que a gente tá vendo fora.
- *Sim, isso é muito legal, as vezes eles tem uma noção totalmente diferente*
- É, e uma das coisas que a gente tá trabalhando muito que assim é que eles são adolescentes né e é um toque até que a psicóloga falou 'niltinho, ele não vai entender com a maturidade que vocês entendem as coisas' então as vezes você fala alguma coisa pra eles e eles 'aham' eles não entenderam

- *Pior que eu tenho essa noção também, quando eu jogava eu falei gente como que eu concordava mas não sabia muito bem o que eu tava fazendo na jogada, não entendia pra que que funcionava aquilo*
- Exato
- *E depois quando você vai ficando mais velho você começa a entender, 'ahh era pra isso, pra não sei quem ficar livre'.*
- Exato e aí você começa os porquezinho que eles ficam com vergonha de perguntar, com vergonha do outro tudo, mas é natural, tem menino que é mais solto que vem e pergunta geralmente vai ser os que conseguem entender melhor o jogo
- *E esses é, esses garotos, a maioria é de Franca ou não, a maioria é de fora?*
- A maioria é de dentro de Franca
- *Ah é de dentro?*
- *É, nós temos ali, 3 meninos no 17 de fora e 3 do 16 de fora, então de 12, de 14 meninos né, dá o que... 20%*
- *Sim, bacana, legal... É e como você se mantém atualizado hoje profissionalmente? Além das clínicas né*
- Ah hoje acaba usando recursos da internet né muita literatura, muita coisa acessível então você tenta buscar mesmo no site da federação, da cbb eles colocam alguns links e a gente vai buscando e trocando com os técnicos, eu sou sócio do Chuí então eu converso com o Chuí daí temos liberdade com o Lula agora com o Helinho, então agora a gente vai trocando com os meninos mais velhos.
- *Hoje em dia é mais tranquilo essa liberdade de conversar né? Porque antes eu tinha a impressão, até quando eu jogava, ah era meio, não você não pode ver meu treino, né*
- Verdade
- *E isso mudou*
- Mudou bastante, hoje é assim antigamente cada um ficava no seu quadradinho, ninguém queria saber de ninguém intrometer na sua área, hoje não, hoje tem muita liberdade de conversar, ninguém, ah hoje é tudo muito aberto né, hoje hoje
- *Hoje já sabe o que o outro vai fazer né*
- Cê já sabe e você tem que preparar alguma coisa diferente para aquele jogo ali e depois você prepara outra coisa diferente pro outro jogo, então não tem muito segredo, hoje a uma troca muito grande, porque todo mundo no mexer dos ovos final ali, todo mundo faz o mesmo trabalho, trabalho técnico, trabalho tático o que muda é como você percebe a situação do jogo e como você trabalha pra jogar contra a outra equipe.
- *Ah legal que hoje está mais aberto*
- *É antigamente era técnico do adulto lá e os técnicos da base aqui, e isso vai aproximando, eu acho que vai*
- *Melhorando pra todo mundo né? Até mesmo os meninos que vão chegar lá*
- *É porque você abre liberdade pros meninos também né, porque os meninos vem acesso e eles também conseguem, nós temos meninos nossos aqui que estão treinando no 19 e no adulto, então eles conseguem ter um pouquinho mais de liberdade de participar sem sem medo, sem receio de jogar*
- *É e hoje qual é a sua maior dificuldade que você encontra como treinador?*
- Humm...
- *Porque é difícil você formar atleta ...*
- Muito, mas assim a gente trabalha com muitas crianças pra ver se 2, 3 lá na frente conseguem, consiga chegar né, eu acho que a dificuldade maior... hoje na instituição, ajuda muito, tem hoje na nossa instituição aqui o Sesi ele facilita muitas coisas pra nós profissionais aqui dentro, mas assim, é, outras cidades não tem a mesma
- *Estrutura?*
- A mesma estrutura que nós temos então nós assim, dificuldade seria em?

- *Porque eu vejo lá em Rio Claro os técnicos dando exemplo até de Bauru, não conseguem se sustentar só com o salário de técnico, tem que trabalhar em outros lugares, eu não sei como é aqui*

- Não, os técnicos aqui até o 15 até o 14, eles tem vários outros trabalhos, eu trabalho aqui e sou sócio da escolinha então eu só faço parte administrativa lá, eu tenho 40 horas então assim, eu tenho tempo pra montar meus treinos, eu tenho tempo pra tudo, outros já não conseguem ter esse tempo, então chega faz o trabalho ali na hora e vem pensando dentro do carro o que vai trabalhar, então, esse é um facilitador pra mim dentro da empresa, ela facilita, me resguarda nesse aspecto...

- *Tem tempo pra planejar*

- Tempo pra planejar, me organizar estruturar, então isso é um facilitador no meu caso, agora, assim acho que dificuldade maior assim que a gente vem pegando é assim, o comprometimento que na verdade não seria diretamente meu mas, assim, seria de gerações, tem geração que vem que não tem aquele perfil assim mais de jogador, não sei, a cada ano que passa

- *Eles são menos interessados?*

- Menos interessados no aspecto de 'pô eu quero isso, eu vou ser jogador e vou treinar mais que os outros' é raro você ver jogador, moleque assim, hoje aqui nós temos uma meia dúzia nos meus times tem, juntando as 2 categorias, então, assim, isso é o que eu quero na vida, eu vim aqui pra isso, eu quero isso, meu sonho é esse eu quero chegar a tal, e os outros assim, conciliam os estudos com o basquete mas provavelmente pare daqui 1, 2 anos, não é o propósito de vida deles. Então eu acho que isso é uma coisa que dificulta a gente até é buscar um pouco mais dos outros, porque se eu tenho 3 que já treina mais que os outros, e eu não tiver um sparring ali, isso é um fator que dificulta o crescimento dos outros, então, seria interessante que todos tivessem a mesma

- *motivação*

- motivação, mesmo perfil, isso a gente encontra muito quando vem na seletiva, os meninos vem na seletiva, moleque de fora tudo, só que a gente não tem condições da gente deixar 12 moleques do mesmo perfil porque não tem é estrutura pra colocar esses meninos, então mas aí a gente tem que fazer a equipe com os meninos de Franca também pra poder alicerçar isso, que são meninos que tem qualidade técnica mas não tem o perfil assim 'ah eu vou ser atleta' não, eu sou melhor agora, eu quero jogar 1, 2 anos até eu entrar na faculdade e depois eu vou pra faculdade

- *Entendi*

- Isso é um fator que

- *Mesmo sabendo que são bons que poderiam almejar algo mais*

- Sim, sim, tem alguns nesse caso. Tem alguns que são fatores genéticos né, tem uns catatauzinho porque em Franca nós não temos, geralmente nós trazemos meninos de fora que são da categoria de pivô, que nós não temos geração de moleque grande, pais grandes em Franca, então a gente traz meninos pra encaixar de fora, então, meu 17 tem jogadores de 1.70 mas que são bons jogadores nível bom, só que não tem estatura para que venha chegar no adulto, pode até acontecer, mas, é mais difícil

- *Entendi*

- Ai eles também partem pro estudo né, fica mais voltado pro estudo porque eles também já começam a perceber essa dificuldade pra eles também futura.

- *E eles estudam aqui no Sesi os meninos?*

- Não, hoje não. Nós estamos com proposta de as vezes conseguir pros próximos anos, porque pra entrar no Sesi é tudo prova, é todo um processo

- *Ah processo seletivo?*

- É, burocrático, que a empresa exige então é bem difícil

- *O Sesi só libera a quadra pra vocês ou material, bola?*

- Não, eu sou funcionário do Sesi, o sub 16, sub 17 são equipes do Sesi, 15, 16 e 17 então nós somos contratados do Sesi, treinamos aqui, jogamos aqui e fazemos tudo aqui na empresa
- *Sesi Fraca são vocês*
- Sesi São Paulo, representando aqui, Franca. É que nem o vôlei que é representado em São Paulo só que é tudo Sesi São Paulo
- *Tá, legal... Ahnn, e qual o suporte que o clube oferece pra vocês? O clube no caso o Sesi*
- O Sesi, no nosso caso aqui, muito estrutural, fantástico, é financeiro se for equivale com os demais nós temos um salário muito bom, pra curso quando tem esse planejamento eles dão um respaldo, acho que em termos de clube formador nós temos um respaldo muito grande, os meninos tem contrato de formação, tem toda uma parte burocrática que deixa a gente muito a vontade de trabalhar na quadra
- *É vocês que tem o é, vocês que decidem os tipo de treinamento, os jogadores que vão ficar?*
- Sim, seletiva, nós que fazemos
- *O Sesi da abertura total aos treinadores*
- Exato, liberdade, parte técnica e tática, parte da quadra ali somos nós. Parte externa aí tem todo um processo, tem toda uma burocracia que existe pra trazer o menino, o menino tem que ter, se for dar uma bolsa pra ele, tem que ter o nível tal, tem que ter seleção tal, tem todos os critérios, tudo embasado, bem definido mesmo. Então isso aí não é gente. Agora pode ter um menino que é tem 2.10 mas não atinge o critério para receber uma ajuda financeira, aí ele não vai receber, isso é critério. Isso é uma coisa que vem pra todos os esportes do Sesi, não só para o basquete, todos os esportes de dentro do Sesi.
- *E faz quanto tempo que tem essa parceria com o basquete do Sesi aqui em Franca?*
- O Sesi aqui em Franca começou em 2010 foi quando
- *Recente*
- É, foi quando as categorias de base estavam mais é mais com deficiência financeira, dificuldade financeira e aí o Sesi estava iniciando esse processo de rendimento de ter equipes de competição e surgiu a oportunidade de montar e aí fizeram parceira com a Aspa que era a Aspa que tomava conta até o 17 e aí nós, o Sesi pegou 2 categorias e a Aspa ficou com as de baixo
- *12 até?*
- 12 até o 15.. o 15 veio pra cá o ano passado.
- *Então o 15 agora é do Sesi?*
- É do Sesi
- *Então a Aspa fica só com 12, 13, e 14?*
- Isso, 15, 16 e 17 fica com a gente, e agora o 19 também já tá quase que dando certo a gente ter a parceria com o 19
- *O 19 já seria...seria quem?*
- O Juvenil
- *O Franca Basquete? Lá no Pedrocão?*
- Isso, seria lá, a estrutura é lá
- *Entendi, e aí então o time da cidade, por exemplo, o 17 só tem o Sesi, ou tem outros?*
- Não, tem outra entidade, tem o MVP, aqui na cidade nós temos a Aspa que tem competição, por exemplo, de 12 a 14, a Chuí Chuá, a Chuí Esportes tem até, 3 categorias, 12, 13 e 14 e a MVP tem 12, 13 e 17.
- *Então numa mesma cidade, tem 3 equipes?*
- No campeonato da sub 13 só tem as 3 equipes de Franca na Liga. Mas tá bom, pelo menos estamos aonde tem basquete (risos)
- *Ahnn.. e você vê se tem algum apoio da Federação e Confederação? Em relação aos treinadores de base ou não?*
- Olha melhorou muito, acho que a Liga hoje tá com o perfil bem diferente da CBB né, a CBB tá passando por um momento muito complicado aí e ela já nunca, não é que nunca, mas é que não foi muito é parceira de técnicos ha muito tempo né, então a Liga já veio com outro

pensamento de formar até todo ano tem curso pros técnicos sub 22 que é o que eles atendem né e isso foi muito positivo pelo que passaram pra gente. Eu não participei que só poderiam os técnicos de cima, mas falaram que foi muito proveitoso dos que já tiveram nesses 3, 4 últimos anos foi o melhor que tiveram, então hoje a Liga é a que mais vem pensando nisso em melhorar a qualidade dos técnicos. A Federação agora com a entrada do Ênio também começou a mudar um pouquinho o perfil, tá tendo uma abertura maior não só pros dirigentes conversar ir lá e tudo, mas pros técnicos também, voltou a ter um curso esse ano que não tinha fazia uns 3, 4 anos que não tinha esse ano voltou a ter, então ele tá bem preocupado com essa área também.

- *É recente então?*

- É, o Ênio entrou ano passado né, então ele foi reeleito, ou vai ser reeleito, acho que o processo de eleição tá sendo pra agora, não sei te falar. Mas assim, tá com uma abertura bem bacana nesse aspecto aí

- *Tá, tomara que cresça agora.*

- A tendência é essa, porque São Paulo é um berço então tem que aproveitar isso também e tem que incentivar, tem que dar qualidade pro trabalho deles quer queira quer não o trabalho começa com os técnicos. Se não tiver uma boa qualidade o campeonato que ele realiza vai ser uma porcaria.

- *Sim. É, como treinador, o que você espera o que os seus jogadores aprendam?*

- Faz tudo que o tio mandar que dá certo (risos) Ah a gente procura é, primeiramente ensinar a parte técnica que hoje é o fundamental, quem tem técnica consegue realizar o tático, quem tático nem sempre tem a técnica e não vai conseguir jogar. Então hoje assim, a gente acredita muito na parte técnica, se o menino consegue ter um bom passe, um bom drible e uma boa leitura de jogo ele consegue realizar ou a jogada armada ou os movimentos livres, ele consegue realizar, agora, quando a gente vai pro treinos a gente tenta passar dentro dos educativos esse ensinamento. Não só do fundamento mas também do entendimento 'ô quando você tá fazendo isso aqui em dupla é pra acontecer aquilo lá na hora do coletivo, na hora do jogo' então a gente tenta transferir é não só o conhecimento teórico ali, mas na prática e relacionar com o jogo pra ver se ele consegue mentalizar ou gravar essas informações melhor então acho que a gente busca passar

- *Priorizando a técnica?*

- Priorizando a técnica mas com esse foco de ó isso aqui você faz quando isso acontece, esse passe você utiliza quando o adversário tá fazendo dessa forma e aí eles vão ganhando e tentando pôr na prática

- *Na situação de jogo né?*

- Na situação de jogo, então é isso que a gente vem tentando ensinar e batendo na tecla, graças a deus, assim, nem sempre nossas equipes são cotadas mas sempre ta ali entre os 4, então acho que é satisfatório, o ano passado o 17 desse ano que ano passado era 16 nós conseguimos ser campeões, fazendo nesse processo não é, não trabalhamos pro campeonato a gente trabalha pra eles evoluírem, eles evoluindo a gente acredita que consegue os resultados devido a isso.

- *E vocês conseguem ter uma conversa com os outros técnicos, porque é difícil chegar uma equipe nova e vocês implementarem isso, ou isso vem desde...?*

- A gente tá fazendo um trabalho conjunto com a Aspa assim através da parceira a gente tá fazendo muitas reuniões pra estipular esse processo de aprendizagem, eles também acreditam nisso, então hoje se for por o pé da letra a gente tá fazendo aquele trabalho a longo prazo então a gente tá reunindo tá passando é eles perguntam muito também o que que eles, o que a gente quer que os atletas cheguem realizando aqui então a gente reúne bastante temos bastante liberdade. Eu trabalhava na Aspa antes de ser do Sesi então a gente tem muitos parceiros lá dentro, então a gente consegue reunir, trocar bastante ideia.

- *Ah, isso é fundamenta né*

- Demais, então eles tão jogando também no livre, mesmo lá em baixo eles já estão começando nesse trabalho então vai desenvolvendo o menino e ele já vai chegar aqui ele já sabe mais ou menos o que é, muda as características de técnico pra técnico.

- Tá, e esse jogo livre é eles jogarem por eles mesmo, assim?

- Isso, nós temos nós priorizamos o 4 abertos e 5 abertos pra não definir posição

- Ah, até que idade vocês não definem a posição?

- Tenta não definir, naturalmente os meninos procuram onde eles tem mais ambiente, o menino maior ele vai lá perto da cesta é natural, mas a gente prioriza quando a gente conversa com eles deles trabalharem com os meninos todas as posições e durante lógico no jogo, vai precisar o menino grande marcar o grande você vai definir, direcionar vamos dizer assim os meninos na hora do jogo mas de tentar durante os treinos deixar o mais livre possível, os grandes levando a bola, os pequenos fazendo parte lá em baixo então

- Isso é muito legal!

- A gente trabalha isso desde lá de baixo e isso vem assim dando resultado porque os meninos começam a entender que não tem só um pra levar, não tem só um pra fazer pivô, ele tem que aprender em todas as posições, futuramente onde ele vai cair como necessidade da equipe e dele mesmo é consequências, mas assim trabalha todo mundo igual e na hora do jogo a gente direciona pra poder também eles entenderem taticamente que tem aquele cara grande que faz ali não necessariamente que ele é o cara grande que vai ficar ali pra sempre.

- Mas é o cara grande que vai saber bater bola pelo menos

- Que vai saber as outras funções, então isso tá sendo bem bacana estão conseguindo evoluir bastante nas categorias menores.

- Ah isso é muito legal.. E ahnn e hoje qual é sua avaliação o processo de formação no Brasil pra treinadores?

- Você fala, como que seria

- É, como que

- Técnicos formadores

- Sim

- Bom, eu tenho muito contato com o pessoal de São Paulo, é o ano passado estive no Brasileiro e tenho uns conhecidos tudo mas assim dentro dos que a gente conhece na capital hoje eles estão buscando muito conhecimento pra poder trabalhar então assim tem um grupo seletor aí que vem trabalhando bacana, tem um grupo bom trabalhando. Lógico que tem aqueles que trabalham em cidades do interior que é um pouco mais limitado que não tem condições de fazer curso não tem condições pras outras situações que são muito mais na força de vontade do que na qualidade de ensino vamos dizer assim, de pedagogia. Mas são dentro do contexto deles eles fazem o melhor também, isso acho que tem que ser valorizado, dentro do contexto onde só tem menino que joga futebol o cara vai lá implanta o basquete e consegue fazer uma equipe de basquete, eu acho que tem todo os seus méritos mas que também tem o outro extremo que é onde tem o mercado melhor que os caras que os técnicos tem possibilidades que também tem um pessoal muito bem preparado que buscou e então há muito tempo aí no mercado batalhando e buscando conhecimento.

- E desde de quando você começou como técnico até os dias de hoje você acha que tem melhorado esse processo de formação?

- Esse processo no geral sim, sim, na minha época eu via muita coisa, eu também como eu peguei uma bagagem de muito autoritarismo eu também via como uma bagagem e agente vai transformando, vai mudando, vai aprendendo então, no meu primeiro ano quando eu sai da faculdade e fui pra ser técnico que veio na minha cabeça fazer o que me passavam aí depois você vai estudando, você vai começando a buscar livros, buscar informação, cursos essas coisas aí você vai vendo que tem outra vertente que você pode buscar pra conseguir trabalhar e ter o mesmo resultado que os outros faziam.

- E até mesmo o clubes hoje tão trabalhando mais o processo de formação dos técnicos do que antigamente?

- Sim, sim hoje tem bastante

- *Pelo menos em Franca*

- Ah em Franca como tem muitos técnicos conceituados a conversa em qualquer lugar é de basquete então você reúne 2, 3 profissionais que já trabalham você já começa a trocar informação o que fazer, como fazer, ou eu tô com dificuldade então é muito natural aqui em Franca isso, eu acho que na grande São Paulo é um pouco mais dificultoso isso porque são clubes rivais, tem isso e aquilo então isso é bom pra eles que eles também buscam o auto conhecimento pra poder enfrentar o outro, talvez faz crescer mas aqui no nosso caso nós temos muitos técnicos conceituados que a gente tem liberdade de conversar, procurar, hoje você vai no treino do adulto você fica lá quadra você participa tem toda a liberdade de dar opinião pro cara, antigamente não era assim então são pontos facilitadores para o nosso aqui em Franca.

- *Esse contato é primordial assim, outras informações com outros técnicos, aprender com outros técnicos.*

- Ah sim, da mesma forma que eles respeitam o nosso trabalho de jogo livre a gente entende é o trabalho dos movimentos porque na categoria pra cima você trabalha muito mais voltado pra jogadas, existe o sistema tudo então eles não é que eles, eles entendem que o jogo livre facilita o jogador chegar lá e pensar melhor na hora de fazer a jogada dele, jogador inteligente quer que todo mundo acha maravilhoso, então isso pra nós é importante é outro fator que até o 16, 17 a gente prioriza o jogo livre sim só que nós temos jogadas também porque nas jogadas os meninos aprendem eles tem que ter a sequência do 19 porque eles treinam lá, então eu dou umas jogadas táticas deles pra que eles saem daqui e vai treinar lá saibam as jogadas de lá, então da mesma forma que a Aspa faz o jogo livre pra chegar em mim e eles terem uma noção, eu faço jogadas uma ou duas jogadas do adulto e do juvenil pra que eles saem daqui e saibam os movimentos então a gente alinha bastante coisa, então por isso que tem bastante troca o juvenil vem, o Daniel vem, a gente conversa, Helinho agora que é novo ele veio treinar aqui uma semana a gente ficou conversando, assistindo treino, então isso é bacana pra nós.

- *Ah legal, acho que é isso.*

- Fechou? Espero ter atingindo aí, ajudado.

- *Com certeza, obrigada!*

FIM

## T2

- *Que categoria você treina?*
- Hoje eu tô no sub 13
- *Sub 13, só no sub 13 mesmo?*
- Só no sub 13 aí eu fico de assistente no 14 e no 12
- *E o Gutt?*
- Ele fica no 12.
- *Gutt no 12, você no 13...*
- O Anselmo no 14 o Jamil no 15 e o Niltinho no 16 e 17
- *Tá.*
- E aí o Daniel no 18 e 19. Mas eu fiquei muito tempo no 15, 14 e 15.
- *Podemos ir lá?*
- Vamos lá.
- *Bom, cargo atual então é no sub 13.*
- Sub 13, isso.
- *Faz quanto tempo que você tá?*
- Que eu sou técnico?
- *É.*
- Comecei a ser técnico com 19 anos.
- *19?*
- É, hoje eu to com 42, são...23 anos. Trabalhei muito tempo em escolinha.
- *Aqui em Franca mesmo?*
- É. Eu joguei das categorias menores de Franca.
- *Até que idade mais ou menos?*
- Eu joguei até sub 17 e aí depois eu fui para São Carlos aí eu joguei 2 anos lá em São Carlos era juvenil ainda, eu tinha mais um ano de juvenil aí meu técnico me chamou pra voltar né, que era o Michel na época.
- *Voltar aqui pra Franca?*
- Aqui pra Franca, aí eu pensei que eu ia voltar pra jogar aí ele me chamou pra dar aula na academia dele, na escolinha lá na Exercícios e eu passei na faculdade, Educação Física na época, e ganhei bolsa, aí eu abandonei o basquete, eu tinha proposta pra jogar em Porto Feliz e Araçatuba aí eu optei por por lecionar.
- *E você é Francano mesmo?*
- Sou Francano.
- *E você fez Educação Física né?*
- Eu fiz.
- *Licenciatura, bacharelado?*
- Licenciatura Plena
- *Atá.*
- Lá nas Claretianas, não tinha aqui na época.
- *Você fez em São Carlos?*
- Eu fiz em Batatais.
- *Ah, Batatais.*
- Fiz em Batatais. Não tinha aqui em Franca.
- *E hoje como treinador você teve influência dos seus antigos técnicos?*
- Muita, até as coisas erradas (risos) a gente pega os três jeitos né, marca, a forma de falar em alguns momentos né e aí depois você vai se moldando né, você vai vendo o que foi legal o que não é. Mas sempre alguma característica forte que te marcou você faz né.
- *Você começou já nas escolinhas ou você foi assistente?*

- Não. Eu comecei nas escolinhas eu fui para na época, eu fui pra dar aula de iniciação na Exercícios e ser técnico do sub 12 do Berma né que tinha lugar na época, era um outro time de Franca que tinha categoria menor e depois que eu fui parar na Clínica Francana, Guerrinha. Aí lá eu trabalhei com o Alexandre e eu era auxiliar dele na escolinha eu trabalhei lá durante 9 anos, mas eu trabalhei 2 anos como auxiliar do Alexandre e posteriormente eu virei professor da manhã né ali na Clínica. E aí foi indo a trajetória.

- *E alguém te influenciou? Você teve influência de família, dos seus treinadores, amigos, pra ser técnico?*

- Não, foi por convite e as coisas foram acontecendo né.

- *Você não planejava logo depois de parar e ser técnico?*

- Não, não, não... foi convite e eu me vendo ali pra decidir a minha família era muito carente e eu tinha que agarrar algo seguro e eu era muito rigoroso comigo porque eu fui um bom jogador mas eu não fui um jogador talentoso, eu treinava demais. Pra ganhar dinheiro você precisa ser muito bom, tem que ser excepcional então eu tive esse critério pra mim, vai fazer outra coisa.

- *Entendi, e o que te levou você a trabalhar nas categorias de base e continuar ainda hoje?*

- Ah, a paixão pelo jogo. Nossa senhora, tem que ser muito apaixonado pelo jogo e depois que eu não virei jogador né, a satisfação como técnico era maior porque não é só um resultado né, são várias crianças junto com você e o que fizeram de bom pra mim né eu queria fazer pelo meninos porque eu comecei jogando basquete eu não tinha nem tênis né e eu comecei, eu fui nas escolinhas do Chapenga, eu ficava na rua tudo e me chamaram e viu que eu tinha aptidão e foi ali que se trilhou né e Franca me dá um salário mínimo e as oportunidade sempre foram através do basquete e aí é eu coloquei que eu poderia fazer isso pelo outro.

- *E você tem pretensão de chegar no adulto ou não? Seu negócio é ficar na base?*

- Não, é totalmente diferente né, a maneira de falar a maneira da competição o jeito de ser e eu sou professor a esse tempo todo, eu gosto de estar com adolescente né eu gosto de criança eu tenho essa facilidade, esse dom. Agora com adulto a conversa é outra, é outra.

- *Então em algum momento antes de você ser treinador você nunca tinha experimentado?*

- Não, não nunca tinha experimentado, já sai e entrei.

- *E você participou de algum curso de formação pra técnico?*

- Depois de ter muita, ter rodado que aí veio um espanhol aqui e aí todo mundo foi né, mas as formações que a gente tinha mesmo era durante o ciclo né, por exemplo, eu trabalhava na clínica o Guerrinha dava, o Carlão passava mas saí pra fazer curso, não. Sempre os caras trazendo alguém ou eles mesmo passava.

- *Nem da Entb?*

- Não, não, não.

- *É mais troca de informação aqui de Franca?*

- É, dentro daqui de Franca.

- *E você acha que seu curso de Educação Física foi proveitoso pra sua formação hoje como técnico?*

- Não porque é faz muito tempo e eles não, o curso não é muito bom, mas assim, a didática era outra né. Tanto é que nossos técnicos são totalmente diferente do que a gente é né a forma de falar a forma de conduzir e hoje a gente já é muito cobrado tendo uma didática a gente é praticamente um pai pro menino.

- *Cobrado por quem? Pelos pais mesmo?*

- Não, os pais antigamente não tinha isso daí não, minha mãe nem via jogo, a gente ia lá, jogava. Hoje não, o pai tá em cima outro tá em cima é a forma, a maneira como a gente fala com o menino a maneira como a gente percebe quando o menino está nervoso, o menino as vezes tá mais branco que a camisa e o pai tá desesperado querendo que o menino faz cesta, naquela época nunca foi passado pra você 'olha, você tem que ter essa didática, olha perceba'.

- *E como você tá aprendendo isso? Experiência?*

- Experiência, tanto que é eu uso muito dinâmica antes dos jogos de relaxamento, respiração, muito muito pra tirar o foco maior possível e na hora que for, nós vamos com tudo mas procurar tirar porque é muito sofrimento.

- *Eu imagino que aqui seja muita pressão mesmo. (Risos)*

- É muito! Muito, muito.

- *Então você acha que os cursos, a troca de informação que você tem é mais importante que a faculdade?*

- Foi né foi porque é a faculdade ela é muito ali, muito pouco, fundamento nem deu, foi um ano só de basquete e a meca do basquete é muito grande né, aquela época passava o que era uma 2x3, o que era uma 3x2 ensinar é muito além disso, é muito além e é muito tempo né e cada vez vai evoluindo mais e mais e mais. O lado positivo é que aqui nós temos uma filosofia que todo mundo segue aí fica bom pra gente trabalhar nosso sistema, no que a gente acredita.

- *E vocês que conversam entre si pra definir essa filosofia... todo mundo...*

- É todo mundo vai na mesma, pelo menos na Aspa e o Sesi nós vamos todo no mesmo caminho, do 12 até tanto é que se eu for pegar um time 14 as mesmas coisas que ele tá vendo só que com evoluções diferentes, porque o processo do 13 é diferente do 14 então, mas a base o esqueleto eu sei né e a experiência de ter trabalhado com o 15 né igual um exemplo, até o 14 a gente não marca, a gente só marca individual, é proibido, nós não fazemos. No 15 no nível de estratégia já é passado porque quando ele chega no 16 além dele saber ele ter que saber atacar ele tem que saber defender em alguns momentos quando ele for pro 16 ele vai pegar uma 21, uma 31 uma 22 então ele tem que saber mesmo que hoje a gente pegue no 13, 12 nós passamos como sair (da defesa) mas nós não passamos como marcar, ainda não.

- *É uma coisa gradativa*

- É, é pra formação deles.

- *E que conhecimentos você considera fundamental pra ser técnico? Técnico, tático, psicologia, didática.*

- Eu acho que a didática a psicologia é muito além porque você como técnico, e eu fui evoluindo porque eu não era assim né, não, eu ainda me cobro muito né eu sou muito . Cobro muito dos meus atletas, muito mas não estresseo tanto, estresseo mais em treino, mas assim, no começo nas gerações passadas, um exemplo, a geração do Léo Mendel eu perdi um jogo, nós ganhamos 3 anos seguidos, nós jogamos mais de 100 partidas e eu não falava mansinho com eles, e eles tinham 12 anos, 13 anos, 14 anos, criança. Então é diferente agora, é totalmente diferente.

- *Você tem que saber com pessoas diferentes.*

- É totalmente diferente, até o nível de assimilação de cada garoto é diferente e se você for ferro e fogo o menino não anda, você arrebenta com menino, o menino não quer ver bola pro resto da vida e a cabeça agora não é essa a cabeça é a formação da pessoa, se chegar alguém, se vier alguém, beleza né.

- *É lucro.*

- É lucro, mas a formação é importantíssima né.

- *Saber lidar com a pessoa, porque tinha menina ali que passasse a mão na cabeça não jogava mais parecia que tinha que gritar pra jogar e outras ao contrário, se gritasse não jogava mais nada.*

- É, e essa visão o técnico tem que ter. Porque aí ele vai conseguir tirar de todo mundo, saber trabalhar as diferenças de todo mundo dentro de um coletivo sem privilegiar ninguém.

- *Isso deve ser bem difícil, e você foi aprendendo isso com o tempo, ou você acha que sua experiência como atleta te ajudou nisso?*

- Ajuda, ajuda porque principalmente você tem algumas dificuldades. Eu tinha dificuldades também, como, se começasse bem, beleza ótimo arrebentava com a partida, se começasse mal eu precisava que alguém tirasse e teve alguns técnicos que não souberam tirar, eu cheguei a tomar tapa na cara de técnico 'você não vai acordar', hoje é cadeia mas eu já cheguei né, tapa

no peito, quantas vezes já não teve 'ou não vai acordar' 'não vai?' sabe essas coisas? Eu também já vi gente fazendo isso, não da tapa no peito do menino, mas na perna assim 'vamos, vamos' isso não dá mais. (risos) Não dá, então você vai explicando.

- *Vai aprendendo né. E ahn, o que te faz querer aprender mais? Mudar o estilo de jogo, que muda toda hora.*

- A gente não sabe nada né a gente tá passando a vida inteira aprendendo, são 23 anos e eu ainda não sei muita coisa né, acho que cada vez mais a gente queira aprender a gente nunca sabe tudo e nós estamos constantemente em formação porque além dos meninos está completamente em mudança de gerações igual por exemplo, antigamente era fácil falar assim 'olha, vai lá dá 200 arremessos' hoje o menino vai ficar no videogame, ficar no playstation mas 300, 200 arremessos isso aí é pra quem é um tarado mesmo, pra quem gosta, você pinça e na nossa época a maioria fazia e nem por isso viraram jogador.

- *Entendi, hoje tem outras coisas né?*

- Outras coisas, é! E se você chegar lá 'blaaah' (brigando), ih esquece!

- *Perde o menino.*

- Perde o menino, perde o emprego (risos).

- *E como você se mantém atualizado profissionalmente, além dessa troca de informação com outros técnicos.*

- Na internet, vendo jogos, vendo campeonato Europeu, conversando a gente tem muita reunião né porque aqui é complicado aqui que toda a semana gente tem reunião e os meninos são muito antenados, o João Marcelo, você pega é mesmo na época do Carlão, isso quando não tava a época do Guerrinha, esses aí foram meus patrões. Vai trabalhar com o Guerrinha pra você ver. Chega lá, o Guerrinha me cobrava postura naquela época se eu tava bravo, do jeito que eu falei, do jeito que eu não falei.

- *Ah, e ele!*

- Ha 20 anos atrás, como que eu falei pro menino, as vezes chegava no momento decisivo ele falava assim se o menino reza o terço ele falava não, é igual piloto de avião, se o negócio ta caindo e você é o piloto e o primeiro a desesperar, a sua postura tem que ser essa, vai lá no fundo, toma uma água, volta, respira, você não pode transparecer. Eu tive que fazer terapia uns 3, 4 anos.

- *Jura por deus?*

- Juro, não entrava pra mim, até e aí minha terapeuta falava pra mim que jogo me ajudou muito, jogo é o seguinte, primeiro a acreditar é você e seu olho passa, se você não acreditar eles não acreditam, por mais que você não fale pra eles, você instintivamente seu corpo vai falar que você não acredita, e se você acreditar, teu corpo inteiro vai falar. Então esse trabalho de cabeça você tem que ter, que se não, você vai ser o primeiro a 'hoje eu vou perder de 15' com certeza você vai tomar 30 (risos).

- *Entendi.*

- *Você é o primeiro acreditar, por mais que...*

- *As circunstâncias não ajudam*

- E vamos lá e aí depois você tira o positivo.

- *E você vai treinando isso.*

- É.

- *E qual a maior dificuldade que você encontra hoje no seu trabalho?*

- Aii essa, essa constante formação ééé eu gostaria de aprofundar mais, por exemplo, quando o Paulo tava aqui, passou algumas coisas, passou 1, 2 meses na Espanha, sabe diferente, ai vim e tudo, esses cursos intrínsecos que vai lá, quando o espanhol veio aqui tudo, poxa, e o Hélio colocou pra gente, vamos pegar lá o Barcelona, sub 12, eles tem 3 times, o A, B e o C. São quase 60 pra 1 categoria aí chega o sub 13, mesma coisa, 3 times e em todas as categorias pra depois chegar na 15 e no 16 você pega os melhores e forma, você vê isso é uma coisa, você escutar isso é outra né, então e nós é a vida fica muito corrida pro professor né, então por

exemplo, não sou só técnico de basquete eu dou aula em colégio, aula particular aqui, eu dou aula em outro colégio particular fora de Franca, então você não tem tanto tempo pra estudar.

- *Tempo pra planejar seu treino.*

- É, não tem tanto tempo, e é diferente de quem fica só específico nisso, é totalmente diferente, nossa a pegada é outra. A pegada é outra, então você fica como um, eu sinto que a gente vai...

- *Se você pudesse você só trabalharia com isso.*

- É. Mas, não reclamo não (risos).

- *Não, mas eu imagino que deve ser difícil mesmo, planejar aula e depois vim aqui planejar o treino e muita coisa.*

- É.

- *E qual o suporte que o clube, no caso a Aspa ou o Sesi, oferece pra vocês?*

- Não, eles, por exemplo, essas reuniões semanais, nós temos a cada 15 e 15 dias reunião semanal né, toda segunda. E aí é colocado como que tá indo o andamento, o planejamento que já é feito, nós temos que passar a programação de segunda pra terça no máximo.

- *Isso vocês passam pra quem?*

- Nós passamos pro grupo, nós passamos primeiro pro coordenador.

- *Quem é o coordenador?*

- O coordenador é o Jamil. Aí o coordenador manda, se tá ok, manda pro grupo dos meninos.

- *Ah os meninos já tem acesso ao planejamento?*

- É, tem. O horário do treino, tudo, o que vai fazer, algumas pinceladas.

- *Defesa, ataque.*

- É, é.

- *Ah legal!*

- Algumas coisas eles já tem acesso outras a gente não precisa por tudo também não, nós precisamos passar pro grupo e pro coordenador.

- *E em relação a formação eles tem algum incentivo pra vocês?*

- É, não, assim agora 'Josiel tô te dando tantos reais pra você ir lá no grupo tal' não, não temos não. O negócio tá feito, não tem verba não, nunca teve.

- *Nunca teve.*

- Não.

- *Tá. Ahnn e você vê se existe apoio da Federação e da CBB pra vocês, os técnicos?*

- Olha, é, eu peguei o final até 2010 eu ia em todas as finais de Brasileiro porque os nossos times eram competitivos, principalmente no escolar aí o time ia, eu ia como técnico, agora depois que surgiu o Amorim nós sempre ficamos em 2o ou 3o.

- *Quem que é o Amorim?*

- O Amorim é de São Paulo, aí pegam os melhores de São Paulo, Palmeiras, Pinheiros monta aquela, põe tudo na mesma escola e ô, paulada! Aí é 3 quando você tá muito bem, 8, nos últimos anos foram 3, 8 e depois, 30 cheguei tomar até 100 pontos quando eu fui com os menininhos de 13, é difícil. E aí lá tem acesso porque me falaram que mudou, por exemplo, quando eu chego se você classifica no brasileiro aí seus melhores jogadores vão pro sulamericano tem uma verba, eles começam a ganhar um salário, é porque eu fui campeão sulamericano em 2009 e naquela época não tinha e agora por exemplo, quando você ganha o time os principais jogadores tem uma verba e o técnico também. Só que eu não peguei essa época não. Agora não sei se vai continuar né porque isso aí era incentivo pros Jogos Olímpicos inclusive é perigoso não ter jogos escolares por corrupção.

- *Até o Brasileiro*

- É, está em investigação, então pros meninos a hora que passar aqui que talvez não tenha, porque nós estamos até adiando uns jogos porque a gente ia pra Lindóia né. Mas agora, acho que não vai ter não.

- *E a Federação... em relação a sua formação.*

- Não, não.

- *Eu vejo mais pra adulto.*
- Não tem esse incentivo não, e olha que a gente tá a muitos anos nessa estrada aí viu, sempre chegando, nosso time sempre chega nas finais.
- *É, porque é exatamente de onde começa né.*
- Não tem. E sempre aquele esquema né, se faz, é muito fechado, chega depois tardiamente e depois sempre com os preços lá em cima, e pra você que é pai de família e talz e você vem fala não eu vou fazer primeiro as minhas prioridades, ainda mais eu que agora que tô com 42, deixa a molecada ir, penso assim.
- *Humm, entendi. E hoje como técnico o que você espera que seus jogadores aprendam?*
- Acho que eles tem que sempre dar o melhor nos que eles forem fazer é não tem essa, você não pode ficar brincando com as coisas, deu o melhor, beleza, eu vejo igual uma conversa que nós tivemos com um pai né, ele falou assim 'Josiel, eu vejo que as vezes os meninos querem estar no grupo social' aí entrou na equipe tá tudo bom, tudo certo, o meio social.
- *Status né.*
- É, status, ô eu tô na Aspa, eu tô em tal, beleza. Isso já tá bom e aí pra nós fica ruim porque os treinos você não vê que por mais que o limitado que o grupo possa ser, se ele dar o melhor você sai satisfeito.
- *É, você sabe quando a pessoa deu o melhor.*
- Agora quando não tem comprometimento, não tem compromisso, falta duas vezes, vem duas, vem por um lance de status aí é ruim, é ruim, porque você quer trabalhar com que tá afim, o que te motiva é isso, trabalhar com quem quer aprender.
- *E nessa categoria, é por peneira né?*
- É por peneira, é por peneira mas como dividiu muito, subdividiu muito, nós pegamos meninos que não tinha nem condição né, meninos do projeto que tão vendo agora, e tão vindo de um nível que tá sendo muito fraco.
- *Entendi.*
- Eu acho até meio complicado a gente classificar entre os 4 do interior, vai ser tarefa, dependendo da chave que nós cairmos.
- *Essa dificuldade que você falou que eles não querem dar o melhor é pior ainda.*
- Se a gente pegar uma chave tipo Bauru lá, ou mesmo jogar com o MVP aqui, porque sempre passa um por chave, complica.
- *Então você espera isso dos seus jogadores, que eles deem o melhor de si.*
- É, já tá ali, vem e já faz direito.
- *E como você avalia hoje sobre a formação dos treinadores de base hoje no Brasil, como você acha que tá vendo esse processo?*
- Eu acho que tá desenvolvendo, mas eu acho que é muito pouco ainda, acho que é muito devagar, o discurso é um e na prática é outro, eu vejo muito assim todo mundo fala ô vamos evoluir, vamos fazer isso, vamos fazer aquilo, mas na hora do vamos ver que tá pressionando, vai lá e mete e a zoninha 2x3 que tá tudo certo, isola o jogador, deixa o melhor lá arrebentar e os outros 3 fica jogando, faz 15 corta luz pro melhor jogar e quando apresenta se seu tiver 2 jogadores no 12, vai arrebentar e é feito isso, e aí o menino não cresce, os outros fica não crescer, aí vai trocando e quem tem dinheiro depois contrata os melhor lá com 15, 16 e aí vai e trabalho trabalho é, os que fazem, fazem um baita de um trabalho as vezes com 13, 14 chega no outro ano ele perde o time inteiro (risos) e quem tem ganhando sempre tá lá contratando fazendo.
- *Então tem gente que faz e tem gente que pega.*
- É, eu acho, porque é nítido, é só você andar um pouquinho que você vê, você vai ve, todo mundo.
- *A gente tem pouca gente fazendo basquete realmente, formando de verdade, porque o resto vai lá pega o 16, 17 e monta e fala que formou aqui, mentira, começou lá atrás.*
- É, vish, ô você aquele Lucas Dias, o Lucas Dias eu peguei ele com 14 anos...
- *Ah ele jogou aqui em Franca?*

- Jogava em Bauru, tava perdendo de 15 pontos pra nós e meu time era a geração do Rice, nos fomos campeão aquele ano, nós ganhamos tudo aquele ano, ganhei Interior, ganhei estadual lá no Espéria, ganhei de 45 do Paulistano, quem foi o técnico da Seleção? Ganhei o Sul Americano e quem foi o técnico da Seleção Paulista? O técnico do Paulistano, que tinha tomado 45 de nós, e a nossa geração...

- *E o Lucas Dias veio pra cá depois disso?*

- Não, ele foi pro Pinheiros, foi ele, foi o Nicolas e agora quem que faz o trabalho que foi feito lá? Porque o moleque já era um talento, ele já abria pra chutar aquela bola daquele tamanho, ele sempre jogou daquele jeito, sempre jogou aberto matando aquelas bolas aí quem que fez? Ah foi o Pinheiros (risos) foi o Pinheiros, é a mesma coisa o Raulzinho também com 12 com 13 né, Raulzinho pô, Bauru, Bauru, Bauru quando ele foi pra Minas com 15 ele pô ele ganhou um sub 17 sozinho quase com os meninos daqui de Franca, no brasileiro pra ir pra Turquia aí vai falar ô foi o outro... Então, é complicado. Só quem ve mesmo com carinho quando o menino estoura!

- *Não tem muita valorização?*

- Ah não tem de jeito nenhum, e sempre é os mesmos, sempre os mesmos.

- *E você tem troca de informação com os técnicos dos outros times também?*

- Não, não

- *É mais aqui dentro mesmo?*

- É, mais aqui dentro. Não sei se os outros tem, se o Niltinho tem, ainda mais porque ele tá disputando federação, porque nós temos que passar da fase do interior pra depois chegar no confronto com o Estadual, então é diferente também né, o intercâmbio dele é todo dia, todo final de semana, o nosso não, o nosso é só no final do ano.

- *E vocês treinam aqui no Sesi mesmo?*

- É, as 19h.

- *Ah, as 19h, tá.*

- As 19h as 20:30 de terça a sexta, e sábado é esporádico, quando a quadra ta liberada a gente marca.

- *Tá certo. Só isso.*

- Belezinha.

- *Brigada viu!*

- Nada, que isso, magina.

FIM

### T3

- *Pode assinar, por favor. Obrigada. É, qual que é seu cargo atual hoje?*
- Treinador de basquete
- *E de qual categoria?*
- Sub 14.
- *Da Aspa mesmo?*
- Da Aspa
- *Você chegou a ser atleta da modalidade?*
- Sim.
- *Por quanto tempo?*
- É uns.. dos 13 aos 20 anos.
- *Aqui em Franca mesmo?*
- Um ano foi em Bauru
- *Mas você é Francano?*
- Sou Francano, joguei a vida inteira aqui em Franca e no último ano de Juvenil eu fui jogar em Bauru.
- *É, e você chegou a aprender alguma coisa com seus treinadores que você carrega até hoje?*
- Tudo né, do que eu aprendi foi com os treinadores e foi até hoje.
- *E você é formado em Educação Física?*
- Educação Física
- *Bacharelado? Licenciatura?*
- Os dois, licenciatura plena.
- *Você trabalha em escola também?*
- Não, trabalho as vezes em projetos sociais com escolinha junto com a prefeitura.
- *Então é só voltado pro basquete mesmo?*
- Só voltado pro basquete.
- *E como foi seu processo pra chegar a ser treinador?*
- Logo que eu parei de jogar eu tive um convite de um treinador, chama Michel Cury e me fez um convite pra mim estar participando dos treinamentos do juvenil, inclusive o técnico era o Daniel do Juvenil aqui em Franca, mas antes disso como jogador em Bauru eu já tive essa experiência de dar treino pros meninos, então eu comecei como é na Aspa como treinador de pivôs, eu dava treino só pros pivôs, só de fundamental.
- *E lá em Bauru, como que era?*
- Era só pros pivôs também. Eu nunca tinha a intenção de fazer isso, como eu fazia um bom trabalho assim de de fundamento de técnica de pivô eles pediram pra mim fazer um treino com eles com os meninos mais novos da categoria em Bauru.
- *Ah legal, e você ficou bastante tempo trabalhando com isso lá em Bauru, ou não?*
- O tempo que eu fiquei jogando um ano lá eu sempre fazia.
- *E aí depois você veio pra cá fazer a mesma coisa?*
- Fazer a mesma coisa.
- *E depois te chamaram pra assumir uma categoria ou você chegou a ser auxiliar?*
- Não, eu fui auxiliar por um bom tempo até porque eu ainda era estagiário, eu fui fazer faculdade um pouco mais tarde. E nesse período é eu peguei um time que era o sub 11 que disputava só festivais na região e tudo aí demorou um pouco assim, depois de formado uns dois anos pra eu assumir a categoria.
- *Atá, e aí você fez faculdade aqui mesmo?*
- Sim, na Unifran.
- *E você já tinha pensado em ser técnico?*

- Chega um certo momento que você joga que você que as vezes fica mais difícil que é a hora de parar que vai ficando... funilando. Então assim, a minha intenção era sim fazer faculdade de Educação Física e trabalhar com o basquete.
- *É, e alguém te influenciou pra você ser técnico hoje?*
- Como?
- *Alguém te influenciou? Família, amigos, técnicos?*
- Os próprios treinadores mesmo que já foram meus treinadores, onde eu recebi esse convite que me falou que eu tinha perfil que era legal trabalhar com isso e me incentivou.
- *Ah eles motivaram então, bacana.*
- Aham
- *E o que te leva a trabalhar nas categorias de base?*
- Bom além do prazer que é a formação não só do atleta mas a formação do cidadão, dos meninos, da pessoa mesmo. É a paixão pelo basquete né depois que eu comecei a jogar até hoje não consegue e assim além de ser uma coisa financeiramente muito boa também né não é uma coisa que...
- *Mas na área assim né, trabalhar com o que você gosta né.*
- É gratificante.
- *E você pensa em trabalhar com outras categorias?*
- É, já me perguntaram isso e assim, pra trabalhar com o adulto eu não sei se eu teria um perfil tá, mas eu não posso falar que não porque se um dia tiver a oportunidade, mas assim não é o que eu queria não. Eu gosto de trabalhar na base com os meninos mais novos, mas assim a gente nunca pode falar um dia, se tiver a oportunidade e um desafio..
- *É, e você já falou que tinha sido treinador antes né, qual foi a categoria mais nova que você trabalhou?*
- sub 11 e 12.
- *E a mais velha?*
- Mais velha...sub 16 como técnico. Agora como auxiliar eu já fui até a 19.
- *Ata, legal. E você chegou a participar de algum curso de formação da Entb da liga, da federação?*
- Sim, já participei de um curso da federação que veio um porto riquenho em São Paulo e a gente tá sempre participando dos cursos, já veio um espanhol um técnico que chama Miguelito que era do Barcelona, a gente aqui sempre que tem as clínicas uns dois anos atrás teve uma clínica aqui com um americano.
- *Aqui em Franca mesmo?*
- Aqui em Franca, o Chuí que trouxe e assim, mais assim, isso tudo gera um custo e as vezes a Aspa hoje não tem uma condição financeira para ficar levando a gente, as vezes a gente tem que até por no bolso né. E aí assim as vezes teria que participar mais mas, sempre que dá a gente tá fazendo.
- *E esse curso em São Paulo, quem que ofereceu?*
- Foi a federação paulista.
- *Foi a federação mesmo, tá. É e você acha que o curso de Educação Física hoje foi proveitoso pra você como técnico?*
- Foi, foi sim. Porque antes de fazer educação física, assim o que dá a bagagem é o dia a dia mesmo é o basquete ali, mas assim em termos de lidar com os meninos de saber a maturidade de cada um e por idade isso foi muito importante aprender na faculdade além de outras várias matérias que a gente aprende.
- *Então você acha que impactou bem?*
- Foi muito importante.
- *E as clínicas hoje? Foram interessantes, deu pra aproveitar?*
- Sim, sempre tem coisa nova, sempre tá tendo o basquete tá sempre inovando né. A gente não aprende só exercícios, fundamentos mas parte tática também a gente aprende muito.

- *E quais são os conhecimentos que você considera fundamental pra ser treinador? Psicologia, tático, técnico...*

- De tudo um pouco, um pouco de tático um pouco de técnico. A gente tem que ser psicólogo dos meninos também porque cada um tem uma personalidade né, uns vão sentir pressão os outros não vão sentir, uns você pode chegar um pouco mais firme outros você tem que só conversar. E tem meninos talentosos que as vezes eles não conseguem jogar por causa do psicológico e aí você tem que lutar com ele trabalhar esse lado psicológico dele.

- *E você acha que o fato de você ter sido atleta te ajuda?*

- Ajuda muito, ajuda muito porque é uma experiência única, como atleta e depois como treinador você viveu aquilo então você vai passar pro menino o que você viveu.

- *Aquela situação de jogo né? E o que te faz querer aprender mais?*

- Ah, é um desafio né assim aqui em Franca somos, somos privilegiados porque tem muitas equipes, muitos treinadores e a gente sempre faz reuniões entre os técnicos de Franca, sempre tem um líder, ou é o Lula ou é o João Marcelo que sempre pass as experiências deles pra gente.

- *Ah é? Então não só da Aspa então?*

- Não, de todas as equipes de Franca. Mvp, Chuí chuá, a gente faz um trabalho dessa reunião dos técnicos pra conversar o que precisa melhorar o que precisa marcar pra gente ter uma filosofia praticamente até certa idade, não são todas as equipes que faz isso, mas mudou muito que é a filosofia de marcar individual, principalmente da Aspa nós não marcamos por zona somente individual e isso é uma...

- *E por que isso? Todo mundo me falou isso...*

- É pra poder ensinar o menino a marcar realmente, porque as vezes a zona, não que vai marcar isso futuramente, as vezes no 16, 17 ai eles já marcando individual ele vai ter uma base pra marcar zona agora o contrário não consegue, se ele marcar só zona ele não vai conseguir marcar individual.

- *Mas tem outras equipes que marcam zona e aí...*

- A gente tem que, é a maior dificuldade nossa, porque a gente tem que treinar zona porque a gente vai jogar contra zona e assim acaba que igualando o jogo porque é uma zona, é aquele fica esperando a gente errar pra pegar o rebote né, se a gente ficar só nisso a gente iguala o jogo, por isso que a gente cobra muito da defesa, contra ataque que é o nosso jogo de Franca.

- *Entendi, e aí vocês tem um trabalho na reunião de tentar equilibrar todo conhecimento? Por exemplo nos 12 anos vai aprender isso, nos 13 isso?*

- É, cada idade tem um limite.

- *E isso é bem delimitado já nas reuniões?*

- Sim, por exemplo, vou te dar um exemplo, defesa de corta luz que que a gente manda fazer, com 12 (anos) você tem que ensinar o básico, seria uma troca, passa por trás a gente não pode ultrapassar o limite da idade. Aí no 14 já é diferente, já dá pra fazer , já dá pra fazer todos tem que estar pelo menos em desenvolvimento.

- *Ah é legal que tem essa continuidade, por exemplo você tá numa categoria e quando subir já tem uma experiência em relação a isso, não começa do zero pra todo mundo. E hoje como você se mantém atualizado profissionalmente? Além dos cursos, clínicas?*

- A gente troca muita informações entre os técnico né e hoje com a internet a gente, essa troca de experiência, recentemente o Helinho esteve nos EUA no Golden States e trouxe uma filosofia, alguns exercícios a clínica que a gente fez ele veio passou pra gente alguns vídeos.

- *Então vocês tem bastante contatos entre vocês né?*

- Sim, entre nós, entre o adulto, principalmente agora com o Franca Basquete com essa inovação dos técnicos e tudo nós estamos assim, muita troca de informação, eles vem aqui nós vamos lá e tá muito aberto juntamente com o Sesi né em parceria com o Franca e a Aspa também.

- *E sempre foi assim essa abertura entre vocês?*

- Não, não, já tentaram fazer isso mas já teve não excluindo ninguém mas assim, era num dava tanta importância pra categoria de base, hoje se dá mais importância, hoje se vê que é Franca tem várias equipes e vem revelando vários jogadores não só pra Franca mas pros outros times.

- *O pessoal sempre passa aqui né? E qual é sua maior dificuldade que você encontra no seu trabalho pra formar atleta?*

- Hoje assim, a gente tem uma parceria, trabalho numa associação né a gente tem uma parceria com o Sesi que o espaço físico é muito bom certo. É aquilo que eu tinha falado pra você, as vezes por ser uma associação a gente depende de patrocínios de arrecadações de, promoções que a gente faz...

- *Vocês tem que tá sempre correndo atrás disso*

- Sempre correndo atrás, de rifas, esse tipo de coisa sabe. E aí as vezes essa parte de cursos, campeonatos que a gente poderia tá participando mais, hoje com o novo presidente João Marcelo juntamente com o instituto Anderson Varejão, coma Feac, com a prefeitura a gente vem buscando isso, mas assim, ainda é pouco, a gente poderia estar participando de campeonatos internacionais, interestaduais e aí a gente acaba ficando assim, mais aqui em Franca e Região.

- *Por que vocês jogam federação?*

- Nós jogamos federação, porque funciona assim é classificatório, primeira fase é regional depois fase interior depois estadual.

- *E aí vai tem que ir ganhando pra passando de fase.*

- Sim e a gente acaba que jogando muito pouco. A nossa liga aqui não é uma liga muito forte...

- *Que liga que é essa?*

- Liga de Ribeirão Preto e aí por exemplo, no meu sub 14 tem quatro times e um time mais forte é o de Casa Branca os outros são time mais fracos, é bom porque dá pra você revezar todo mundo, por pra jogar, mas assim, teria que ter muito mais jogos.

- *A sim, pensar que é um campeonato muito longo né?*

- Sim.

- *E é só esse campeonato que vocês participam?*

- É... no começo do ano teve um, em maio um campeonato, que o Chuí já é o segundo ano que ele faz o Chuí Chuá ele fez um campeonato internacional que é um torneio na verdade um torneio de uma semana ele convida times internacionais, time de São Paulo, veio time do Paraná aí nós fizemos, nós como o sub 14 juntamente com o sub15 era um campeonato sub 15 e sub 13 nós disputamos com o sub 13 e o sub 15, mas o meu 14 jogou a 15, pra mim foi muito bom porque joguei com times fortes e fui campeão da série prata jogando uma categoria acima, dos meninos jogar foi muito bom.

- *E aí vocês passam de fase, por exemplo é um fim de semana de jogo ou todo fim de semana tem jogo?*

- Como tem poucos jogos né, assim quando tem jogos é sempre é turno e retorno, joga um fim de semana aqui e a gente procura fazer amistosos com as categorias de cima com os outros times da Mvp a gente joga aqui na cidade mesmo pra poder ter mais jogos né, igual no fim de semana agora vai ter a InterLigas vai vir Campinas e Fernandópolis então já são 2 jogos, já é um triangular.

- *Então você acha que essa é sua maior dificuldade, dificuldade em encontrar jogos...*

- Sim, acaba que assim, não só para os meninos joga pouco, desenvolve menos mas pros técnicos também porque acaba que, é bom que tenha outros times bons em Franca porque a gente bate de frente mas é pouco em vista da capital, são paulo, aqueles meninos jogam o ano inteiro e todos os jogos iguais.

- *Entendi é, e qual é o suporte que o clube, no caso a Aspa, oferece pra vocês como treinadores?*

- Além do salário?

- *Além do salário.*

- Eles dão todo assim o respaldo a gente tava com o plano médico que hoje foi cortado por questão financeira mas assim eu sempre tive, eu tenho tô na Aspa desde do começo, vai fazer 18 anos, 18 anos então assim vamos falar que faz 1 ano que eu tô sem o convênio médico, durante 17 anos eu tive convênio médico. Então a gente entende o lado financeiro mas a gente vê que o pessoal tá trabalhando a nova diretoria, o pessoal tá correndo atrás, tem algumas dívidas e tá correndo atrás pra pagar, os pais como é uma associação de pais, ajudam muito nessa parte sabe, quem pode ajudar, tá certo que principalmente esse ano a gente recebeu muitos meninos de projetos sociais então as vezes não é todo mundo que pode ajudar então o que dá pra fazer é vem melhorando.

- *E na sua categoria, todo mundo é de franca? Não tem ninguém de fora?*

- Na minha categoria sub 14 eu tenho 2 meninos de fora, um menino de Sertãozinho que ele não mora na casa da Aspa a tia dele mudou pra Franca pra fazer faculdade ele mora junto com ela, o vô dele que é o que cuida dele trouxe ele pra morar junto com ela aqui. E têm um menino de Taparitinga que vem viajar, ele vem só na sexta pra treinar, ele estua lá, mora lá e vem só na sexta pra treinar.

- *Aham, tá. E você vê se existe algum apoio da Federação, da Cbb, da Liga pra vocês, os treinadores?*

- Eu acho que da Liga poderia ser um pouco melhor...

- *Da Liga Nacional você diz?*

- Não, da Liga Regional

- *Ah, Regional*

- Da Liga Nacional não tanto, não tem ajuda pra nós aqui não e da Federação com a entrada do Ênio agora como diretor, como presidente já vemos muita melhora já teve muitas coisas diferentes, curso que trouxeram agora no início do ano e ele assim nós tivemos uma conversa com ele numa reunião da Liga lá a intenção é muito boa de melhorar

- *Preocupação com os treinadores?*

- Com os treinadores, não só melhorar a condições dos campeonatos né, fazer mais torneios também, mas também com os técnicos, com os times.

- *Tem visto que tá melhorando então.*

- Tem melhorado.

- *E como treinador o que você espera que seus atletas aprendam?*

- Além de basquete (risos) ó, é um todo, a gente não se preocupa com só assim também o lado atleta, o lado de aprender o basquete né, a gente treina 4x na semana vivencia várias coisas a cada dia é, tem meninos de todos os temperamentos, de todos né a gente nunca a gente procura saber como é cada um, como vem a família, a gente tem que entender isso, as vezes pega um pouco pesado com o menino que as vezes passa problema em casa e a gente não sabe, mas a gente tem que procurar saber né e assim, eu sempre falo pra eles que isso aqui é um momento único, tudo vai passar, uns vão continuar jogando, outros vão parar outros vão estudar, que é o que eu sempre cobro eles que é o mais importante, certo. Porque o basquete ele pode até virar jogador de basquete, mas se ele não tiver uma profissão a carreira é muito curta então ele tem que estudar e ter uma profissão, então assim, se um dia o basquete tiver atrapalhando os estudos tá errado, eu acho que os estudos em primeiro plano. E assim, o que as vezes eu tenho uma briguinha ou outra, uma discussãozinha que é normal de treino de falta de tudo eu sempre falo pra eles que o que eles vão levar daqui é amizade que eles tem aqui né assim, eternamente uns vão ficar, outros vão parar uns vão continuar mas a amizade continua então não tem que vir aqui, tem que vir aqui pra treinar, pra aprender mas tudo com alegria e não sair insatisfeito daqui, a competição é assim mas nem todos vão jogar, por exemplo eu tenho um grupo de 23 atletas.

- *23 atletas?*

- E joga 12, alguém vai ficar insatisfeito, os pais vão ficar insatisfeito, os meninos vão ficar insatisfeito.

- *E como você dá treino? (risos)*

- É que tem uns meninos que treinam com o sub 15 aí tem dias que eu fico com menos meninos, então dá pra controlar isso aí.

- *Nossa, mas é muita gente!*

- É muita gente e assim, a gente tem que chamar alguns meninos que é a longo prazo, meninos médio a longo prazo que são meninos de biotipo, que vem de projeto social que nunca treinaram então assim, apostando no futuro, você vê que é menino que já evoluiu muito e pode evoluir um pouco mais pra frente, as vezes não é menino pra jogar agora, mas mais pra frente, principalmente no 12 e 13, nós deixamos muitos meninos, também tem essa média 23, 24 justamente por isso, então assim, a gente tem que procurar jogos pra esses meninos, amistosos tudo senão acaba que jogando o time base e você faz um revezamento mas acaba jogando pouco.

- *Tá. É e bom, eu meio que já fiz essa pergunta, mas qual sua avaliação pra formação hoje como um todo e o que você sugere de mudanças?*

- Qual minha... repete de novo.

(Interrupção)

- *Avaliação sobre a formação hoje que tá sendo trabalhada não só aqui em Franca mas na Federação, o que você acha disso, se tem melhorado e quais suas sugestões para melhorar.*

- É, já melhorou muito igual eu te falei, depois que trocou o presidente da Federação é a única coisa que precisa melhorar pra nós aqui é a nossa, a nossa região a nossa liga regional, mas assim, é depois que o novo presidente da Aspa assumiu, juntamente com o Jamil que é o coordenador é, já já teve uma melhora muito grande não só na associação nossa mas também com as ideias deles no geral deu uma melhorada assim, tem muito o que melhorar até o pensamento de algumas equipes não só em jogos essas coisas e a gente tá tentando mudar a mentalidade dos pais porque as vezes

- *Isso deve ser difícil.*

- Sim, acaba virando uma rivalidade porque você imagina aqui numa quadra pequena dessa jogando dois times de Franca e tem pais que entende tem pais que já foram jogadores, ex atletas tudo se ele começar a gritar, pressionar ele vai acabar atrapalhando o filho dele né e quanto mais novo, pior porque eles começam a gritar aqui o filho não sabe se olha pro técnico pro jogador pro jogador não pra torcida pro pai né e por mais que a gente conversa, faz reunião, explica tudo, tem uns que não entende, acaba atrapalhando não só o nosso trabalho como atrapalha o menino na quadra.

- *É isso deve ser bem difícil.*

- Mas a gente vem tentando assim mudar esse negócio por exemplo, tem pais que vem xinga árbitro, xinga atleta do outro time e isso assim não é legal pro filho dele e também para Franca né, por mais que tem uns que entendem tem sempre um ou dois que não vai que na emoção acaba agindo na emoção.

- *E essa reunião que vocês tem entre o pessoal da Aspa, têm reunião entre vocês da Aspa?*

- Sim, é tem reunião de 15 em 15 dias com os técnicos e a diretoria

- *E geralmente a pauta é jogador, campeonato?*

- Geral né, as vezes a gente faz também reuniões na quadra com os técnicos a gente recentemente a gente fez uma reunião falando o que a gente iria fazer na nossa transição de contra ataque o que a gente ia fazer contra zona porque até então a gente tinha ataque livre fazia 4 abertos e 5 abertos, mas começa afunilar, o campeonato começa a chegar você tem que ter uma jogadinha pra zona, pra poder assim, uma saída de pressão porque os times marcam muita pressão, muita pressão de zona né, meia quadra quadra inteira e nessas reuniões a gente discute geral não só basquete mas as vezes algum problema que teve entre algum pai com o técnico que as vezes o menino, tipo assim, vou dar um exemplo, alguma mãe que foi lá falar que ligou ou mandou uma mensagem que o menino não tá passando a bola que o menino, o filho dela não recebe a bola esse tipo de cosia que é complicado (risos)

- *Nossa, então vocês tem uma relação muito próxima com os pais por causa da Aspa mesmo.*

- Tem, tem, reunião assim, todo mês tem uma reunião com os pais, infelizmente não são todos que participam mas a maioria são presentes e assim tem muitos pais que entendem que as vezes o filho dele não está preparado pra jogar, mas só dele estar ali com o grupo, treinando e participando pra ele tá ótimo, tem uns que as vezes não entendem, as vezes o menino joga menos tal ele acha que o filho dele tem que jogar sabe, na verdade é uma competição, eu sempre falo isso pra eles, a vida vai ser assim a vida vai ser uma competição, no emprego na escola em faculdade, geral né.

- *E vocês passam o planejamento de treino e passa pros atletas?*

- É a programação?

- *Programação*

- Sim, a gente faz um planejamento assim, 18 anos de Aspa não assim, depois que essa presidência assumiu não querendo das antigas diretorias mas assim, por incrível que pareça é o primeiro, primeiro não o João entrou ano passado, segundo ano que a gente faz um planejamento anual sabe com cronograma, faz um calendário tudo certinho pra saber o que vai fazer aí se tiver alguma mudança eles avisam, chama, faz reunião avisa tudo e essa programação a gente faz toda semana do que vai ter né, treino técnico, tático pros meninos saber o horário em que vai ser os treinos que pode mudar também e o que vai ter no fim de semana, ó vai ter jogo sábado domingo, pra eles se programarem já também e os pais também se programam.

- *Ah legal vocês mandarem isso pros atletas pra eles terem uma noção do que vai ter. Tá bom, é isso, muito obrigada!*

- Por nada!

- *Acabamos no horário!*

- É.

FIM

## T4

- *Você está aqui no sub 12 só na ASPA?*

- Sim

- *Tá. Com basquete só na ASPA mesmo?*

- Então, tava até o mês passado com mais 4 alunos particulares, né... treino específico de basquete. Eles me procuram assim para dar treino. Dois estavam indo para os EUA conseguiram bolsa...

- *Não sei se o Jamil chegou a comentar que a gente tinha feito antes uma coleta com o pessoal da NBB, onde os jogadores passaram e tudo mais e deu que Franca, acho que todo mundo já sabia mas ninguém tinha o dado concreto de que Franca realmente é o clube que mais vem formando atletas de elite, principalmente da NBB. É por isso que eu também decidi fazer o meu mestrado com vocês, é muito bacana isso, é muita gente que passa por aqui, nas categorias de base...*

- *Você está só com o sub 12 aqui na Aspa?*

- Isso.

- *Você foi atleta na modalidade?*

- Fui, até 2014.

- *Então você jogou até o adulto?*

- Até os 24 anos.

- *Aqui em Franca mesmo?*

- Não. Joguei em Franca até 2009, aí na primeira NBB 2009/2010 eu joguei Soldeira da Gama de Espírito Santo, aí depois eu joguei o campeonato mineiro, aí depois joguei um paulista, depois joguei NBB de novo, fui rodando..

- *Mas você é francano?*

- Sou francano.

- *Tá. E você teve alguma influência hoje como você é técnico dos seus treinadores antigos?*

- Sim. Bastante. Hoje em dia sim, a influência.. você fala de influência do trabalho ou influência de inspiração para ser técnico?

- *Inspiração para ser técnico.*

- Hm.. para falar a verdade eu nunca tinha pensado em ser técnico, até que eu recebi o convite do Jamil.. Depois que eu tive as primeiras experiências, que aí que eu fui ter.. eu nunca tive “ah eu quero ser técnico de basquete”, não. Eu parei de jogar né, voltei para Franca aí, em breve, logo assim, o Jamil me convidou e eu fiquei meio receoso, nossa, nunca pensei em ser técnico. Mas aí que eu comecei a ensinar basquete né, comecei a aprender a ensinar, aí que eu comecei a ter contato, né... a ter o gosto e tudo mais para ser técnico, mas antes eu nunca tinha pensado em ser técnico.

- *Mas você acha que nos seus treinos você teve um pouco de influência dos seus treinadores?*

- Sim. Acaba tendo. Você vai lembrando... Como eu trabalho com base, com os meninos mais novos, ano passado trabalhei com meninos de 13, esse ano to com os meninos de 12.

- *Até qual mais velho você treinou?*

- Esse é meu segundo ano né.

- *Ah tá. Então 13 e 12.*

- Eu tive muita influência... Eu lembrava dos meus técnicos quando eu era da base, sabe... Joguei na ASPA também, na minha base. Então eles me influenciaram muito no trabalho que eu faço hoje, eu tento lembrar muitas coisas, me ajudam a me orientar. Agora, como adulto assim, não tanto né, porque é muito diferente assim sabe.. eu tive muita dificuldade no começo do trabalho ano passado, nisso aí sabe, porque eu era acostumado com competição de adulto, e trabalhava com menino de 13 anos sabe, vixi, tive muita dificuldade.

- *Você está no seu segundo ano então trabalhando como técnico?*

- Sim.

- Ah, legal.. Você é formado em Educação Física? Fez bacharelado?

- Licenciatura e bacharelado.

- Ah, fez os dois, tá. Então esse processo para você ser técnico, você não tava planejando. Você tinha parado, ai foi mais um convite mesmo. E teve alguém que te influenciou a jogar assim, a começar jogando? Além da cidade né, porque vocês francanos parece que tudo influencia vocês...

- Influência foi meio que isso ai né... meu pai foi jogador de futebol, e o primeiro esporte que eu tive contato quando comecei fazer escolinha foi o futebol. Só que em Franca eu morava perto do Pedrocão e acompanhava todos os jogos, minhas irmãs também iam, então adorava. Ai comecei fazer basquete também, logo com uns 8, 9 anos. Ai joguei basquete e futebol, até os 15 anos. Ai com 16 ali tava muito apertado, escola, ai jogava basquete em 2 categorias, ai acabei largando o futebol.. mas, o que me influenciou foi isso, esse contato, assistindo jogo de Franca...

- E o que levou você a trabalhar as categorias de base? Você tem pretensão de chegar no adulto ou ficar só na base mesmo?

- Olha, assim.. a gente sempre tem assim essa expectativa de tentando trabalhar com os mais velhos. O ano passado eu trabalhava com os de 13 anos né, ai esse ano meio que, não vou dizer que regredi, mas comecei trabalhar com os meninos mais novos ainda. Então, a gente fica nesse aprendizado.. de 12, 13 anos.. Eu acho que teria muito mais facilidade talvez de trabalhar com o juvenil, sabe.. Esse é meu primeiro ano com os de 12 anos, que é o primeiro ano de competição desses meninos. Então eu tenho que ensinar quase o processo do zero, então eu acabo tendo as vezes um pouco de dificuldade. Mas tenho muita orientação do Jamil, dos outros, procuro muita coisa, muito material. Mas, sim, eu tenho sim uma certa expectativa sim de futuramente de trabalhar com um pessoal mais velho, quem sabe até um adulto.

- Legal. Em algum momento antes, você tinha experimentado ser técnico? Quando você jogava.. às vezes precisou de ajuda, auxiliar..

- Não, assim. De técnico mesmo não, oficialmente como técnico. Mas como eu jogava, era armador, então você acaba sendo às vezes um pouco técnico ali do time dentro da quadra. Às vezes o técnico é expulso, ou às vezes, o técnico não pode dar o treino e a gente puxa um pouco. Esse foi mais ou menos meu contato que eu tinha assim como, meio que direção do time..

- Você chegou a participar dos cursos de formação que tem ocorrido da Federação, da Liga?

- Não, não tive. Ano passado fiquei sabendo de um, na verdade, não foi nem dois, foi um. E eu não fui, né.. Mas eu procurei e não, não fiz nem um curso específico para técnico, né. O que eu sei é de convívio, conversa com o pessoal, e material que eu procuro né, vídeos, apostilas argentinas, espanholas, ai que eu me oriento...

- Tem bastante troca de contato entre vocês da comissão?

- Tem, tem bastante.

- E você acha que seu curso de Educação Física foi proveitoso para sua formação, assim como técnico, hoje?

- Não. Eu sempre defendo, vou defender, por enquanto, enquanto não mudar um pouco as grades de Educação Física, a gente da Educação Física, na parte de competição, na parte do esporte, é muito da vivência né, que você tem com o esporte. Acho que na faculdade você aprende o superficial do superficial, então se uma pessoal formar em Educação Física hoje e trabalhar na ASPA, ela se nunca teve contato com o esporte pelo menos alguns anos de competição, ela vai ficar meio perdida... Então eu acho que não, não teria me ajudado se eu tivesse feito só Educação Física, se não tivesse jogado.

- Você acha que a experiência ajudou mais? Ter sido atleta?

- Sim, muito mais. Nem compara.

- E quais conhecimentos você acha que é fundamental para ser técnico? Tático, técnico, psicológico? Ainda mais que você tá no comecinho, com os pequenos.

- Então.. Como eu trabalho com meninos mais jovens né, eu falei dessa dificuldade que eu tinha, o importante é você pegar firme nos detalhes básicos dos básicos, sabe.. nisso, você ir montando seu processo de ensino. Porque não adianta você pensar muito no tático com um menino de 12, 13 anos, né, eles não tem ainda uma capacidade de leitura de jogo que um menino de 17, 19 anos tem, de percepção de movimento...

- *O 12 já tem a peneira?*

- Tem. Esse ano, se não me engano, foram mais de 100 meninos.

- *Todos eles são de Franca mesmo? Ou tem algum de fora?*

- Às vezes aparece um ou outro de Ribeirão, ou alguma cidade próxima.

- *Mas aqui treinando com vocês, aqui competindo, só francano?*

- Só francano. No 13 tem, agora no 12 não tem nenhum de fora não.

- *Do treino, você tava falando...*

- Eu falei né, dos processos básicos de fundamento assim né. A parte tática a gente dá uma pincelada né, mas não é o que a gente exige mais. A parte psicológica pesa demais nessa idade, a gente tenta.. eu nunca fui muito bom com psicologia, to tentando aprender alguma coisa para lidar com os meninos, principalmente em dia de jogo, eles tem muita ansiedade em dia de jogo. A gente tem que lidar com isso, quando vai jogar uma final do estado lá em São Paulo contra o Palmeiras, os meninos entra muito ansioso, tremendo, então você tem que saber...

- *Como você procura, por exemplo, você falou da psicologia? Você busca livros, pergunta pra alguém...?*

- Sim É. Tem algumas apostilas que a gente acha até na internet, tem umas que eu peguei até com o Chuí, de xerox assim, de ensino de basquete, dentro delas mesmo tem as partes psicológicas para a idade.

- *Ah, legal. Bem específico para a categoria.*

- Eu tenho uma apostila da Espanha, e ela é o nível zero que chama né, que é o “mini basket” que eles chamam, que é 7 e 8, 9 e 10, 11 e 12, e lá desde os fundamentos, ensino de algumas partes táticas, e tem uns capítulos só pro desenvolvimento psicológico dessas idades, então é ali que a gente se orienta. Só na teoria se não aprende tanto, mas você vai entendendo ali, você tenta colocar umas coisinhas...

- *E nessa idade então você passa mais fundamento, e ai já no 13 que eles vão ter mais o conceito de jogo, ou no 12 você passa um pouquinho?*

- Não. É um processo né, no 12 já tem um pouco, porque pra gente jogar os jogos e mais competições, a gente tem que ter um certo padrão de jogo, de movimentos...

- *E é só individual né? Desde os 12?*

- Sim. É só individual. E a gente procura sempre.. na minha época, quando eu jogava, existia movimentações né, jogada pra individual, jogada para zona, e era 3, 4 jogadas pra cada, muito corta-luz... a gente procura não usar isso no 12, 13. no 14 já um pouquinho só, mas também pouco. Então a gente não usa corta-luz, quase não tem jogada, é mais jogada livre, jogada livre é 5 abertos, 4 abertos, tipo movimentação, tentando explorar mais a capacidade de fundamento de cada jogador, o recurso deles de se movimentar sem bola, de cortar, de saber o momento. Não de ficar jogando jogada gravada, sabe... a gente tenta deixar eles...

- *E eles conseguem? É muito difícil...*

- É muito difícil, mas... é uma batalha. Mas já faz anos que a gente tá nisso... ano passado que eu cheguei aqui foi difícil eu acostumar passar isso pros meninos, mas eles acabam aprendendo sim, né, a movimentação de passar, e entrar pedindo a bola, é esses conceitos bem simples assim que a gente vê que faz a diferença. Não adianta a gente querer ensinar muito uma movimentação parecida com uma de adulto pra um menino de 12 anos, ele vai correr pra lá e pra cá mas não vai saber pra que que ele tá fazendo...

- *Ele não tá entendendo que ele tá fazendo isso...*

- Exatamente. E esse conceito é mais também por conta de posições, a gente não define posições com 12, 13 anos.. na minha época, já tinha o pivô com 12 anos, o armador e o

lateral. Nessa idade não, o menino mais alto do meu time tem hora que ele leva a bola como armador, sabe...

- *Não é definido isso.*

- É por isso que o jogo é bem livre, sabe... todos fazem todas posições. Até porque a gente até não pensa tanto em ser campeão e tudo mais, a gente tá pensando muito lá na frente já.

- *Bacana. E o que te faz querer aprender mais? Cobrança? O jogo muda toda hora?*

- É.. a gente acaba sendo um pouco competitivo né. Nessa idade a gente tenta não ser né, trabalhando com base. Mas a gente acaba sendo um pouco competitivo, querendo aprender mais pra tentar ganhar mais. E fazer os meninos...

- *Querem mais também.*

- Não é quererem mais, é conseguir explorar mais dos meninos, sabe.. às vezes você fala nossa, to ensinando isso aqui e eles não aprendem, sabe, então você quer aprender uma coisa que vai fazer eles começar assimilar isso que é importante. Então é isso que faz a gente correr um pouco atrás das coisas.

- *Além das conversas com o pessoal aqui da Franca, além disso, como você se mantém atualizado profissionalmente? Você falou de apostilas, também né...*

- É que eu fuço muito... tenho muitos sites de favoritos lá, sites da Espanha, igual eu falei, da Argentina.. eu pego mais da Argentina e Espanha.. de vez em quando eu pego umas coisas na Sérvia, mas é difícil de entender lá né, até no tradutor é difícil. Mas assim, assistindo vídeo você consegue entender algumas coisas, então a gente assiste games, o que aconteceu esse ano, ano passado, sabe, competições... Porque hoje em dia você pega o youtube, tem jogos todos do sub 12 lá, então você procura já observar o que eles tão fazendo um pouco diferente, e assim a gente vai indo, assiste algumas entrevistas, discute entre nós mesmos, o João Marcelo, o Jamil, às vezes o Helinho que eu converso com, cada um tem uma fonte ali de conhecimento, então você vai pegando, bebendo um pouco de cada.

- *Ah, bacana. E qual é a maior dificuldade que você encontra pra ser técnico hoje?*

- Eu acho que é essa parte do psicológico mesmo, que a gente tava citando antes, que eu sempre fui muito frio quando eu jogava sabe, sempre fui.. não era sangue de barata, mas o jogo tava pegando fogo e eu tava ali sabe, como se tivesse, sabe.. e os meninos eles sentem muito o peso, então pra mim é difícil eu entender esse momento deles, então tem jogo que eu entro boto os meninos, tento dar um chocalhão neles, mas vai pro jogo eles não reagem. Você vê que seu time tem muita mais capacidade que o outro e não consegue jogar, ai eu não consigo... to tentando desenvolver isso com os meninos, pra eles já entrarem no jogo mais ligados, com menos medo...

- *Eles tem muitos jogos durante o ano?*

- Não.

- *Isso dificulta também, porque quando você acostuma jogar, sabe, ah, to jogando... então é muito mais fácil.*

- É, isso pesa muito também, essa parte psicológica. Igual você falou, se jogasse mais, tinha um peso menor. Mas, como eles jogam pouco, eles ficam muito ansioso. Quando falta 20 dias pro meu próximo jogo, eles perguntam todo dia “E o jogo? Que dia vai ser? Que horas?”, ai chega no dia do jogo, tão igual vara verde...

- *E qual suporte que o clube, no caso a ASPA, e o Sesi também, oferece pra vocês?*

- Você fala em termos de aprendizagem ou de estrutura?

- *Aprendizagem, estrutura... tudo o que vocês precisarem.*

- Bom, assim, o SESI né, a gente tem uma parceria entre o SESI/ASPA. O SESI fornece a estrutura para nós né, que é a quadra né, o espaço e tudo mais... a bola acho que é da ASPA. Mas é, colete, às vezes precisa né, essas coisas... já a ASPA, é meu salário né, o SESI também é o transporte né, ônibus, essas coisas, lanche.. mas a ASPA fornece o restante, para manter, a bola, o salário...

- *Você trabalha em escola também? Ou só na ASPA?*

- Não, tenho outras coisas que eu faço, só que é mais voltado à treinamento. Estou formando, estou terminando agora, tô terminando meu último módulo nesse final de semana, lá na UFSCar que é Fisiologia do Exercício. Então sou dessa área também, mas voltando a sua pergunta, na ASPA é isso, na ASPA a gente tem muito, como é que fala.. evento social, sabe.. dia do não sei o que, dos pais e das mães, evento social na escola a gente faz muito evento nas escolas, leva os meninos lá, faz umas apresentações pro pessoal da escola, mostra o que é a ASPA. Então a ASPA tenta fazer muito isso...

- *Ah tá... Existe alguma iniciativa em relação à sua formação como técnico ou não? Planejamento, oh, esse ano vai ter tal campeonato brasileiro para vocês irem, ou curso pra vocês irem...*

- Essa nossa atual diretoria, faz... acho que não fez 1 ano que eles assumiram, mas tá no planejamento sabe, procurar colocar inserir a gente nessas formações, atualizações de técnico né... mas por enquanto ainda não teve, mas eles tem esse pensamento.

- *Você vê se eles chamam o apoio da federação, da CBB, até mesmo da Liga Nacional agora com os treinadores?*

- Sim... é... até os últimos dias que eu... na base nem tanto né, na base acho que há uma certa discrepância ali de aprendizado do pessoal que é da capital e pessoal que é do interior... na capital eu acredito que seja mais fácil né, pro pessoal ir aos eventos, de vez enquanto tem alguns encontros se eu não me engano, ou tinha né, até ano passado que eu me lembro... pra nós aqui do interior é bem difícil, porque é tudo lá, sabe.. então é difícil a gente sair daqui, lá a gente tem que se bancar. Ai entra um monte de questão né, também a questão da ASPA, eles tão se planejando para tentar mandar a gente pra esses eventos... Mas o pouco que eu tive assim a experiência, que eu tava no Franca como preparador, antes de começar a temporada, eu comecei.. eu fui em um evento lá em São Paulo, que era essa a intenção, na NBB, não era CBB, era a Liga Nacional.. fazer uma ligação com os atletas, com os atletas não, com comissão técnica. Eu era preparador físico, então eu fui pra uma... não era especialização, um final de semana lá só com os preparadores, fisioterapeutas e os técnicos, sabe.. Então a gente ficava três dias, só tendo palestras, cursos... Específico para cada um, então a gente já tem essa mentalidade, de colocar o pessoal para se desenvolver. Dos técnicos, veio um Sérvio e um cara lá do Golden States dá as palestras e os treinos deles.. para nós veio o professor lá da USP sobre... explicar negócio de recuperação pós-treino, umas coisas assim sabe. É mais científico né, o nosso, não é muito prático. E os fisioterapeutas, vídeos.. sabe.. cada um na sua área, mas você vê que já tem essa preocupação de reunir cada um e todos falar a mesma língua.

- *E todo time mandou?*

- É, um ou outro que não tava. Mas grande parte tava lá.

- *Só adulto?*

- É, só adulto nacional.

- *No sub 12 você não tem auxiliar? Os meninos não tem preparação ainda né?*

- Não, é nós mesmos que vamos colocando. No começo do ano a gente procura dar mais parte física né, agora quando volta de férias a gente também pega um pouco. Mas é nós mesmos, não tem preparador físico nem assistente técnico, a gente joga em todas posições.

- *E como técnico o que você espera que seus jogadores aprendam?*

- Essas vivências que eu falei antes, de percepções de espaço né.. nessa idade que eu trabalho de 12 anos, é importante eles comecem assimilar o que é o posicionamento, quais são os momentos do jogo de bater para dentro, de segurar a bola, sabe... acho que são essencial para essa idade. Às vezes a gente conversa entre nós, né, e sabendo algumas coisas já tá de bom tamanho, já estão preparados para entrar na próxima categoria. Então o que a gente espera é isso, noção de espaço, noção de tempo, né, porque nessa idade você não tem muita força, não adianta você exigir muita assistência, passes fortes.

- *E geralmente o sub 12 eles tem quantos anos?*

- Então, normalmente quase todo time tem 12 anos já né, que vai pro sub 13 ano que vem. Esse ano meu time quase... acho que 60% do time acho que vai ser sub 12 ano que vem de novo, então, eles são muito novos, são meio que sub 11 praticamente. Então o time vem.. então ano que vem o sub 12 vai estar bem forte, eles já vão ter essa bagagem desse ano e vão levar pro ano que vem, vão jogar de novo a mesma categoria.

- *Então a maioria é sub 11.*

- Tem um menino até que é sub 10, vamos dizer assim... ele tem 10 anos, ele vai ficar mais 2 anos no sub 12.

- *Vocês que definem quem vem né, na peneira, mesmo sendo 10, 11 anos...*

- Sim, a gente que faz a peneira, começa a passar os treinos, a gente vai rodando nas quadras, cada um passa um treino de uma parte, a gente vai discutindo, pegando nome de alguns...

- *E como que é a sua avaliação sobre a formação dos técnicos? Você acha que vai ter mudanças, acha que vai melhorar a partir de agora?*

- Eu sou esperançoso. Na minha época, que eu tava para virar adulto depois do juvenil, o basquete tava meio separado, foi quando acabou a liga nacional, teve problemas lá com a CBB, ai fizeram um campeonato brasileiro da CBB, uma super copa de basquete com os times paulistas, ai no outro ano já começou a NBB. Eu acho que foi uma grande luz assim no fim do túnel, né.. porque hoje a NBB cresceu demais, fez parceria lá com a NBA, né, tem os eventos que eles fazem... jogos das estrelas e tudo mais.. já é uns baitas eventos, muito bem organizados. Eu acho que a tendência é isso ai alastrar para a base também, sabe... eles já criaram aquela liga desenvolvimento, então eu acredito que eles assim começaram lá de cima né, mudar lá de cima, mas eu acho que isso vai chegar mais na base, vai refletir.

- *Em relação ao clube também, você acha que os clubes vão investir mais na base?*

- Sim, porque acaba acontecendo uma organização generalizada, ai começa fazer sindicatos de atletas, de técnicos, tem umas pessoas que tem iniciativa de fazer um... como é que fala, não é um sindicato, mas um conselho de técnicos, não é conselho, esqueci o nome... para dar benefícios para os técnicos, seja plano de saúde, ou quando precisar de um advogado, acaba sendo um sindicato, mas não é... mas você é que já começa aparecer algumas coisas diferentes que não tinha antes. Eu acho que isso é tudo reflexo do que tá acontecendo do adulto, do que tá acontecendo lá em cima.

- *É, eu vejo que antes era muito amador né, em relação à base.. assim, ah, a base... era muito relaxado. Pelo menos quando eu joguei, feminino era mais ainda, ah, a base.. só se preocupavam com adulto, sabendo que ali tinha um monte de jogadora, e a gente trabalhando também, igual todo mundo.. mas bom que a liga ta trabalhando nesse processo.*

- Eu vejo que vai assim, vai trazer isso pra tudo, vai alastrar eu acho, não sei daqui quanto tempo, mas acredito vai.

- *Você pretende continuar como técnico?*

- Sim, pretendo, eu gosto muito. Depois que eu comecei ter esse contato, eu demorei um pouco, mas comecei me apaixonar sabe, dar treino, aprender, sabe... gostei muito, ir pro jogo, armar as estratégias...

- *Ok, é isso! Obrigada!*

FIM.

## T5

- *Você passou no sub 15 Jamil?*
- De competição,
- *Você passou no sub 15 Jamil?*
- De competição, sim..
- *E eles tem, é federação o deles ou não?*
- É liga regional, e depois vai classificando.
- *Ah tá, é a liga da região.*
- É, de Ribeirão Preto.
- *E é forte essa liga?*
- Não, nas outras fases que vai, cada fase vai ficando mais difícil...
- *E agora eles vão pra academia, e eles treinam todo dia ou não?*
- Duas vezes na semana, terça e quinta. Nas outras categorias já é um pouco mais...
- *Todo mundo da ASPA treina aqui?*
- Do 12 ao 14 treinam aqui todas categorias, e o 14 duas vezes por semana treina no Poli também, no Pedrocão. Hoje você vai encontrar aqui, se você ficar direto, o 12 e o 13.
- *Que horas que é?*
- A partir das 7h já tá as duas aqui.
- *Agora não tem mais nada a tarde?*
- De treinamento não. Ai as 19h também no Poli vai estar o 14. O 22 deve estar treinando agora, antes do adulto lá, adulto não, juvenil.. né o sub 22 já treina tudo com o adulto, então acho que não tem treino a tarde.
- *Você treina agora o sub 15 só né? Você chegou a ser atleta da modalidade?*
- Enquanto foi possível conciliar com estudo, ou eu joguei em cidade perto daqui, aquela Ribeirão Preto, ou aqui em Franca mesmo.
- *Quanto tempo?*
- Eu joguei nas categorias de base né, comecei no 14 fui até o 19. Depois joguei mais ou menos uns 6 anos no adulto.
- *Aqui na região mesmo?*
- É. Na segunda divisão em Ribeirão Preto, depois no Dharma aqui em Franca.
- *E o que você chegou a aprender com seus treinadores, você usa no dia a dia com os treinos?*
- Bastante. A gente... desde que eu tava parando de jogar já tava claro que eu queria fazer Educação Física né, e eu já tinha tido algumas experiências com técnicos que tiveram o aspecto não só técnico né, mas de educador também. Quando eu entrei na faculdade isso já tava bem claro, que dava para trabalhar valores, a questão da cidadania. Ou a questão de, por exemplo, crianças que tá com a alto estima baixa, ou criança agressiva. Quando eu tava estudando eu já era auxiliar em escola de basquete...
- *Você sabia o que você queria quando você terminou de jogar, você sabia que você queria continuar no basquete, já tava encaminhado. Então seus treinadores tiveram influencia sobre isso, colegas de treino também? Família?*
- Não.. Foi mais no aspecto de quadra mesmo. Eu sou de uma família assim que, meus pais além de eles serem muito simples, eles não foram praticantes, e até pelo modo de vida, eram muitos filhos, eles acompanhavam muito pouco. Então eles apoiavam mas não eram de estar muito próximo.
- *Então você fez Educação Física né? Bom, deve ter sido bacharelado.. você não lembra?*
- É que eu confundo, não é que não lembro.
- *Bacharel dá aula em academia, e Licenciatura é pra escola.*
- É licenciatura, que licenciatura é mais amplo né.
- É, que tinha Licenciatura Plena antigamente.

- É, então é isso mesmo, é Licenciatura Plena, que podia trabalhar em qualquer área.. era até mais tempo de faculdade, é isso mesmo.
- *Então seu processo para chegar a ser treinador foi natural. Você teve antes experiências como auxiliar técnico.*
- Foi. Mas como auxiliar de aula em escolinha. Ai assim que eu formei eu comecei a dar aula mesmo. Ai na própria escola que era a Clínica Francana de Basquetebol, a gente começou ver que começou chegar num nível muito bom as crianças, e que eles tinham competências para disputar campeonato. E aí foi essa transição... ai me preparei com alguns cursos, acompanhando as equipes de competição, e ai comecei a ser treinador também.
- *Legal. E o que levou você a trabalhar e a continuar trabalhando com as categorias de base?*
- Principalmente esse aspecto de contribuição com cidadania, com... Não só a questão de ser reconhecido como técnico, que ganha títulos... a certeza que eu tinha, que como esporte eu podia influenciar muito na vida... tanto que assim, o meu perfil e minha preferência sempre foi as categorias mais novas. Eu cheguei a treinar o juvenil, fiquei um ano de assistente no adulto, mas eu sabia que não era nem o que eu queria nem o que eu tinha facilidade. Eu tenho mais facilidade, gosto mais, porque eu sei que nas idades mais novas você tem um poder de influência maior.
- *Faz quanto tempo que você tá de técnico?*
- Sem ser professor em escola, de técnico mesmo? De técnico deve fazer.. estamos em 2016... uns 15 anos. Professor já tem mais de 20 e poucos. Eu formei em 88, e logo em seguida já comecei trabalhar na área.. Acho que vai fazer 30 anos.
- *Você já chegou a participar de curso de formação para treinador?*
- Normalmente tem os da federação que é de aperfeiçoamento.
- *Da federação paulista.*
- É. E assim que saiu ai a NBB, que depois logo em seguida fez a escola de treinadores, eu fiz um dos módulos que teve, que é pra formação de treinador. Agora os outros foi de aperfeiçoamento. Clínicas, cursos...
- *Tem alguma pressão para você fazer esses cursos ou é por conta própria? Ou o clube, o SESI...*
- Não.. os da federação eles sempre colocavam que os técnicos que estavam trabalhando eram obrigados, então enquanto eu estava na federação... que a federação ela conta só a partir do sub 16, o regionalizado, até pelo dificuldades do interior, eles não colocam tanto como obrigatório. Mas a grande maioria que eu fiz foi por interesse mesmo, ou porque a entidade de alguma forma colaborava, mostrando a importância, ai eu fazia.
- *Você acha que seu curso de Educação Física foi proveitoso para sua formação como técnico?*
- Foi assim, no aspecto de que foi um dos profissionais que me influenciou bastante, porque na faculdade eu tive um professor que trabalha mais com iniciação voltada à rede escolar, em escola de que eu trabalhei, mas a forma como ele trabalhava me ajudou muito.
- *Você fez em Ribeirão ou aqui em Franca?*
- Em Batatais. É um professor que hoje ele tá bem velho, ele é um professor chileno, até hoje eu tenho muito contato com ele, ele tornou amigo, em grande parte por causa do modo como ele trabalhava.
- *Ele dava basquete?*
- É.
- *Então você acha que impactou bastante?*
- É, desde o meu professor de Educação Física, depois alguns técnicos que eu tive, por último ele também... aqui em Franca a gente teve o Pedroca também, eu não trabalhei diretamente com ele, mas acompanhava, e assim, a pedagogia, a forma como ele trabalhava também, eu admirava, sempre achei interessante.

- *E que conhecimentos você acha fundamental hoje para trabalhar, para ser técnico? Fisiologia, didática, técnica, psicologia?*

- *É... fundamental é a parte técnica mesmo, porque é um esporte que o tempo inteiro você precisa estar reciclando né, tanto quanto sistema de jogo, como parte educativa, essas coisas... então, isso aí é fundamental. As outras parte, pelo menos um conhecimento básico, porque não é toda instituição que você pode contar com uma multidisciplinar né. Então às vezes a gente tem que procurar um pouco. Nesse perfil, o que eu acabei procurando um pouco mais foi dentro dessa área de psicologia, que é o que eu consigo dominar um pouco mais mesmo sem ter feito um curso né...*

- *Você não tem auxiliar técnico né? É só você e o preparador físico quando os meninos vão para a academia né?*

- *É, e esse mesmo preparador físico ele não é específico para a categoria né. Ele é do 16 e 17, e a gente montou para os meninos fazerem uma adaptação pro ano que vem eles já estarem integrados, sabendo como que é o trabalho físico né.*

- *Você acha que foi importante para você, você ter sido atleta, e depois ter sido treinador agora.. ou isso não influenciou muito?*

- *Muito, influenciou muito.*

- *Você acha que é fundamental?*

- *Eu até acredito que alguns conseguem entender e ter uma leitura de jogo sem ter estado na quadra, mas acho que encurta o caminho. Acho que o cara que não jogou, de alguma maneira ele vai ter que buscar algumas formas né. Então assim, eu joguei, eu era armador, normalmente o armador já é um jogador que já tem uma noção, uma visão melhor do jogo. Então essa leitura que eu tinha, foi o que me ajudou muito na hora de começar como técnico.. e saber também fora a parte técnica, esses outros fatores que influenciam né, essa questão emocional, o antes do jogo, a motivação para você buscar o objetivo... A questão também de, pra mim também sempre foi muito claro que se eu tenho um grupo fora da quadra isso aí vai impactar muito diretamente dentro da quadra. Então eu tenho algumas atividades que a gente faz fora da quadra, e aí o grupo vai se fortalecendo. A gente comemora os aniversários, faz churrasco, vai no cinema.. principalmente quando é um filme depois que a gente consegue conversar.. assuntos políticos às vezes eu entro em determinados assuntos, quanto tem alguma coisa muito evidente. Então isso aí é experiência que eu tive que o grupo se fechou e criou isso de uma forma natural... que muitas vezes tem também muita interferência, então às vezes, em Franca, por depender muito da participação dos pais, não são todos os pais que sabem esses limites, então às vezes tem pais que interferem e às vezes você perde o grupo nisso. Mas quando a gente consegue fechar o grupo, isso ajuda muito o resultado da evolução da equipe.*

- *E hoje como você se mantém atualizado profissionalmente? Em questão de jogada, sistema de jogo.*

- *Hoje tá muito fácil o acesso da internet, o que muitas vezes antes você precisava ou viajar, ou aproveitar quando tem um curso, você entra na internet e tem tudo. Aspecto ofensivo, aspecto defensivo. Questão de vídeo de jogos... então... e também a gente faz reuniões técnicas, vai para a quadra também a equipe de técnicos, e debate o que que é o melhor..*

- *É aberto isso entre vocês, os técnicos.. Vocês tem esse contato de falar o que tá fazendo..*

- *Aqui em Franca muito. É mais fácil na equipe de trabalho por causa da rotina, mas assim, então semana passada a gente fez uns treinos aqui, o Helinho e o Fernandinho que são os assistentes vieram, aí o dia que eu fui lá assistir o treino, ele falou oh, fica aqui no treino, da palpíte. Então quer dizer, não tem segredo e é muito aberto.*

- *Eu tinha impressão que antigamente era bem fechado antes entre os técnicos, né... acho que hoje tá bem mais aberto.*

- *Tá bem mais aberto, e assim, com todos os técnicos que a gente tem contato... por exemplo, nós temos um fórum em São Paulo quarta passada, o Niltinho te falou? Foi interno, dentro do SESI, para cidades que trabalham com basquete. Mas mesmo assim, porque vai competir também com essas cidades, mas mesmo com outros a gente na Liga Regional, a gente fala*

quer ir lá acompanhar treino, se achar que o que a gente trabalha pode ajudar aqui, estamos a disposição.

- *Até porque hoje todo mundo sabe o que deve fazer no jogo...*

- E é uma troca também, não é querer colocar que Franca é o melhor. Mas assim, aqui tem alguns pontos muito favoráveis, as crianças começam muito cedo, tem muitos projetos. Então tem algumas coisas que a gente tá fazendo que tem dado resultado, tanto que a tá alimentando a equipe adulta anualmente com atletas com bom nível.

- *Você tem ideia de quantos atletas, garotos assim, tem jogando em Franca? Aqui na cidade?*

- Pelo os cálculos que a gente fez é no mínimo 2 mil crianças e adolescentes. Com vários projetos, pelo menos os que a gente conhece, que é um número considerável, pelo tamanho da cidade.

- *Isso dentro das escolas, nos clubes e nos projetos?*

- Isso conta as equipes de competição, as escolinhas especializadas, a escolinha da prefeitura. E hoje Franca tá com alguns projetos incentivados pela lei ICMS que tá nas escolas, no contraturno das crianças..

- *Tem bastante gente trabalhando com basquete. Legal. E qual que é o suporte que o clube, né, no caso mais o SESI, oferece para os técnicos?*

- Suporte de que aspecto?

- *De estrutura, material...*

- O material que é necessário para o basquete a gente tem todo ele à disposição, desde uniforme, bolas, cones, outros materiais que são ligados à parte de coordenação, mais também na parte de preparação física. No caso de viagens sempre, ônibus, lanche, alimentação... as questões trabalhistas também, porque assim a nossa área ela agora que ela tá conseguindo uma valorização e ainda acredito que tá longe, né... muitas vezes a gente precisou trabalhar como prestador de serviço né, e sempre, com todos direitos trabalhistas.

- *Com basquete.*

- Não, com basquete sempre... aqui atende tudo né, então não tem nada que fala assim, olha, falta alguma coisa... É então, agora... vamos buscar melhorias, mas é sempre coisas extras materiais, nem tanto...

- *É que eu vejo assim que vocês são privilegiados né, porque não é todo lugar que o clube oferece isso para os treinadores, principalmente da base.*

- É, não.. depois que o SESI entrou como parceiro, foi um ganho, assim de aspecto profissional fantástico.

- *Isso é bom. É, pra sua formação, em relação a sua formação, existe alguma iniciativa do clube, para melhorar... pra, não sei... ou não?*

- Você fala de..?

- *De mandar pra curso, mandar pra ver outros jogos, ver outros garotos jogando no brasileiro.*

- Então, aqui no SESI, ele priorizou essa.. porque quando o SESI escolheu Franca como sede né do basquete, justamente porque aqui já tem um norral muito grande pra isso.. né... então eu to falando assim, meio que tentando entender qual que foi essa postura, porque antes a gente tinha cursos, mas a gente ia pra cursos de diversas áreas. Então eu ia pra um curso dentro do SESI, eu via alguma coisa de academia, de ginástica, de basquete. Então depois que foi escolhido Franca, na verdade foi o contrário, foi outras cidades que estão vindo até aqui... e aí quando tem da federação, quando tem alguns outros, é feito esse acesso. Mas hoje virou o contrário, como se aqui fosse uma referência e quando pode...

- *Mas e os outros SESI que treinam basquete também?*

- Na verdade tem o basquete 21 pólos.

- *No estado de São Paulo?*

- No estado de São Paulo são 21 pólos, de escolinha. De treinamento, são 6, que esses treinamentos é visando também que se surgir algum talento nessa cidade, ele precisa vir ao pólo de Franca, que é o de rendimento. Então nós temos a escolinha, o treinamento e o

rendimento. O treinamento são 6 cidades, e o rendimento é só Franca, assim como São Bernardo tem o vôlei, Ribeirão tem o pólo aquático, São Paulo também tem o pólo aquático. Então o que eu me lembro é Franca, Araraquara, Campinas, Marília, tem um SESI que é Vila Carvalho, que parece que é grande São Paulo, e... mais um que eu não me recordo.

- *E o rendimento é a partir de que idade seria? Que eles poderiam vir pra cá?*

- 16.

- *Só a partir do 16 que poderia?*

- A não ser que um menino de 15 anos que a gente vê um potencial, que como você pode jogar na categoria de cima, nós temos meninos aqui com potencial que vieram que a gente acredita, e ele já tá jogando no 16 também.

- *E esses meninos que você tá treinando no sub 15, todos eles são de Franca?*

- A grande maioria, tem 2 de fora. Mas nós não trazemos nessa idade. É porque a mãe de um deles veio, daí eles moram aqui, aí de alguma maneira a gente ajuda manter eles aqui. Consegue uma bolsa em uma escola... então tem algumas coisas pra...

- *Vocês começam chamar gente de fora a partir dos 16?*

- É, sendo mantido pela estrutura do SESI, a partir do dia que faz 16.

- *E você percebe algum apoio, se melhorou, se piorou, da federação da CBB ou até da Liga Nacional para os treinadores?*

- Olha, a federação mudou recentemente o comando, e eu acredito que a partir de agora vai melhorar muito. Porque nós tivemos um presidente que fez muito pelo basquete, mas já tava fechando um ciclo, já tava um pouco cansado, e não tinha essa visão, desse aspecto aí, era mais um cara de estrutura mesmo, mais burocrático. Então o presidente que tá agora é um cara muito aberto, então as oportunidades que a gente teve de diálogo, de clínicas, de festivais lá atrás, que é o que vai te manter né, no trabalho. Ele é um cara muito aberto, e assim, eu acredito que não deu é tempo ainda de se organizar isso, mas acredito que vai ser feito. Eu não pude ir no curso que teve da federação, mas falaram que foi muito bom, o primeiro que já teve com ele aí. O da NBB também já houve um avanço fantástico, só de criar uma outra categoria, que já dá mais trabalho, o curso que teve recente agora, do período de premiação, trouxeram um argentino, um espanhol e um sérvio, tudo de altíssimo nível também. O único que tá passando por uns problemas que a gente não sabe que rumo vai tomar é a CBB, porque tá muito complicado, questão de desvio de verba, não deve ter os campeonatos estaduais de seleção, então a gente não sabe se vai ter troca ou se vai retomar. Mas os que estão mais atuante, porque esses aí nem entra tanto em parte de quadra, é mais organização de seleções e campeonato, mas no dia a dia, acredito que o momento é importantíssimo.

- *Tá melhorando pra vocês.*

- Tá no caminho certo. Então por exemplo, eu acredito que esses cursos aí que teve em breve vai ter acesso para os treinadores entrarem... recentemente, questão de poucos anos, foi criada a escola de treinadores, que ainda tá engatinhando, porque tem uma parte burocrática, mas... o que a gente vê se diferença na Espanha, na Argentina, que é as referências que a gente tem, pelo estilo de jogo, eles tem há 30 anos essa escola dos treinadores, ela tem uma certa independência, defende os interesses mesmo dos técnicos, dos profissionais que trabalham, dos atletas. Eu to confiante, eu acho que o momento é muito bom.

- *Como é sua avaliação sobre a, bom.. você já meio que falou... da formação hoje no Brasil. Você acha que tá melhorando então, as mudanças que ainda faltam acontecer.*

- Então, é.. o Brasil é um país muito grande, então assim, eu só tenho informação desse meio que a gente convive mais, então a gente sabe que no estado de São Paulo tá caminhando, a gente sabe que Minas, tem alguns locais específicos, às vezes não é no estado inteiro, a gente sabe que a maior parte dos estados não tem perspectiva nenhuma. A gente até tem alguns contatos de pessoas que vem aqui, então tem um pessoal de Brasília, de Manaus, de Curitiba, de Minas, que são apaixonados, então eles vem fazer esse intercâmbio, fazem jogos, fazem clínicas de atualização técnica, e às vezes a gente vai nesses lugares dar cursos, mas é um

clube, é um.. não é uma coisa que você fala assim: não, é a federação, é o estado que tá preocupado. Então...

- *É mais individual, é mais o treinador do que a entidade.*

- Eu acho que não tem perspectiva de melhora como país, que você fala não, a estrutura do país vai melhorar... não vejo. Aonde já tem basquete um pouco enraizado, a tendência é melhorar. Essa questão da NBA vir pro Brasil e ter uma sede... então tem algumas coisas acontecendo sim. Apesar de ainda não poder comparar estrutura com outras, com outros canais... mas a RedeTV transmitir em canal aberto já é fantástico, pra quem quer assistir.

- *Voltar a transmitir o paulista né...*

- Já é um ganho né, é um passo importante.

- *Legal. Então você acha que as cidades que tem basquete vão melhorar, agora as que não tem...*

- É já tá dando pra ver uma melhora, e eu acredito que ainda vá melhorar mais, porque assim, principalmente com a crise que tá tendo, precisa profissionalizar mais, sempre foi um pouco amador, é... ou se pode ajudar, tal... então agora entrou uma diretoria no Franca nova, com essa visão mais profissional, então eu acho que vai caminhar.

- *Qual a maior dificuldade que você encontra no seu trabalho de formação de atletas de basquetebol?*

- Não temos grandes dificuldades, pois em Franca a paixão pelo basquete supera muitos obstáculos, mas uma dificuldade que temos é a influência dos pais que jogaram sobre os filhos. Em alguns momentos há um conflito entre o que trabalhamos e o que alguns pais passam para os filhos.

- *Como treinador, o que você espera que seus treinadores aprendam?*

- O que espero de meus jogadores é que tenham prazer em praticar basquete, conseguindo isto os outros objetivos se tornam mais fáceis, parte técnica, tática, intensidade, etc.

- *Ah, que bom.. Eu fico feliz. Só isso. Obrigada Jamil.*

- Maravilha. Você fica aí hoje direto?

- *Eu fico até sexta feira aqui.*

FIM.

## **Gestor Franca Basquete (GFB)**

- *Qual a sua idade agora?*

- 65.

- *E seu cargo atual hoje no Franca?*

- Hoje eu sou Gestor Técnico Administrativo e de Projetos.

- *Tá, e qual que é sua formação?*

- Eu sou professor de Educação Física com especialização em basquete e tenho curso de administração esportiva pela GV, minha formação como aluno foi na Escola de Educação Física da USP, faz tempo, 75.

- *A sua especialidade é Educação Física e agora também na questão da Gestão.*

- É, o cargo, eu tô cuidando assim, o guarda chuva é grande, porque veja bem, eu fui da parte de gestor técnico, quer dizer a parte técnica eu vou ser responsável pela formação dos atletas tipo assim, alinhar o trabalho dos técnicos desde das categorias de base até o adulto, supervisionar todo o trabalho do adulto e a parte de contratação de jogador, conversar, contrato, tudo isso é comigo é como se fosse um Gernal Meneger é que esse termo é um termo mais americano, nós não temos esse termo assim no Brasil ainda, é recente e aí eu tenho que cuidar também da parte administrativa, tipo assim, escritório, contrato, relação com federação, toda as reuniões de Liga Nacional, Federação sou eu que vou representando a diretoria, eu faço o elo do trabalho feito pelos profissionais com a diretoria.

- *Você faz isso só com o adulto?*

- Não, porque assim, o Franca Basquete ele trabalha assim, nós temos a categoria adulta, sub 22, sub 19 sobre a nossa tutela depois vem o Sesi mas é um trabalho todo integrado e hoje o Sesi virou parceiro do Franca então por exemplo, nas categorias até o sub 22, o Sesi tá parceiro nosso com contrato assinado, eles tem algumas responsabilidades financeiras nós temos outras então eu também tenho que integrar esse trabalho com o Sesi e além de tudo e ainda tem que cuidar dos projetos, por exemplo, nós temos o projeto que já foi realizado que chama Ídolo Social que atende 5 pólos, já fizemos a renovação dele a captação de recurso então a confecção do projeto, eu tenho que cuidar de tudo isso.

- *E como você chegou nesse cargo hoje?*

- É assim, a diretoria do Franca me propôs até quando terminou a temporada passada eu era o técnico do time, e obviamente assim, eu já tô chegando perto de uma idade de sair da quadra, vamos chamar assim, e eu tinha pensando, projetado isso na minha carreira e falei eu tinha um contrato com mais dois anos com o clube eu falei a hora que terminar meu contrato eu proponho a ideia do Helinho porque eu também, porque quando eu convidei o Helinho para vir pra Franca ele fez o último ano de jogador dele aqui e ele é um ícone da cidade tudo e tipo assim, era normal que ele fosse o técnico, eu já achava isso e eu já até tinha falado com ele 'Helinho, você começa sendo assistente pra você pegar um pouco de no hall e depois você assume' e eu já gostaria de fazer cargo, mas aí a diretoria no começo quando foi começar a temporada me propôs fazer isso agora, você já vai pra essa função.

- *E é a primeira vez que você está nesse cargo?*

- É, eu já dirigi, eu fui gerente de esportes na Hebraica em São Paulo há muito tempo e nesse período foi assim, eu era técnico da Hebraica aí o Palmeiras me chamou e eu aceitei só que os caras da Hebraica gostavam muito de mim então eles falaram assim 'pô você vai lá como técnico, mas você fica aqui como gerente de esportes' então eu fiquei, eu era técnico do Palmeiras e gerente de esportes do Hebraica, era uma gerência grande também porque envolvia, embora não seja um clube muito competitivo mas em termos de quantidade era grande eu tive essa experiência e depois eu fiquei 2 anos trabalhando na Liga Nacional de Basquete na parte técnica, eu fiquei como gerente técnico, então primeiro eu gosto desse tipo de função e isso aí me deu uma experiência e durante a minha estada no Coc eu tive uma

experiência, essa eu confesso que não foi das melhores que foi um ano como Secretário de Esportes em Ribeirão Preto, mas essa é uma coisa política que o mecanismo político não é agradável infelizmente. Não é o mecanismo político, são as pessoas na verdade né, porque tipo assim, um vereador não faz um projeto para o bem da cidade de um modo geral, não posso criticar todos, ele faz pensando em quem ele vai indicar pro cargo e isso é muito ruim, muito chato, mas então assim eu já tinha essa vivência e é uma coisa que eu gosto porque eu acho que assim, a Liga fez a parceria com a NBA e a NBA tá tentando implantar nos clubes, guardada as devidas proporções, não temos a estrutura que os caras tem, mas o mesmo jeito de conduzir entendeu, o basquete brasileiro, não só o basquete, tirando o futebol acho que as outras modalidades todas elas têm dificuldade. Se atribui aos técnicos muitas funções, eu mesmo quando passei na Seleção Brasileira, eu senti isso, tipo assim, você técnico têm que fazer muitas coisas que não deveria ser você, entendeu e isso te desgasta perante aos jogadores, perante tudo quando você têm tipo um General Meneger que cuida de tudo, fora da quadra e conversa com os jogadores e te entrega o jogador só para o técnico treinar e ganhar, é diferente entendeu, melhora muito. E eu acho que os times brasileiros estão partindo pra isso, alguns já tem uma estrutura profissional bem adiantada nisso outros tão tentando, é claro que esbarra sempre na parte financeira, mas acho que os dirigentes já entenderam que é um dinheiro que vale a pena você gastar, porque você não é um custo é um investimento. Porque você tem um cargo desse você evita muito gasto também entendeu, tipo assim, as vezes, só pra você ter uma ideia financeira, só pra falar da parte financeira, nosso time jogou em São Paulo, dois jogos em São Paulo na sequência, só por eu ter mudado o horário do jogo que era as 18h pra 16h eu economizei 5 mil reais no hotel entendeu, porque mudou a dinâmica de entrada e saída do hotel, então são coisas que o técnico não vai ficar com esse tipo de detalhe, a preocupação dele é outra é ganhar o jogo e você sabendo disso também, quer dizer, tipo assim, por eu ter sido técnico eu sei as necessidades do técnico então quando eu vou fazer alguma mudança eu vou fazer uma mudança que não prejudique a parte técnica, também não adianta você economizar de um lado e prejudicar o técnico, tem que ser uma coisa que funcione financeiramente mas não tecnicamente prejudique.

- *E como que é organizado o basquete aqui em Franca, escolinha, projeto social, categorias de base?*

- Isso é uma das coisas que a diretoria quer, foi uma ideia minha assim ó, Franca tem um histórico muito bom na formação de atletas, que até eu te falei, e isso foi feito e é feito com o trabalho de muitos técnicos, porque que aqui da mais certo, porque assim, criou-se uma escola sem nenhuma formalidade você, eles criaram um conceito de jogo, mais ou menos todo mundo, muitos técnicos dizem que é importante, por causa do Pedroca, por causa do Hélio Rubens, por caras que desenvolveram não só o seu trabalho mas tipo uma filosofia então, nós já temos o projeto e a diretoria vai implantar que chama Escola de Formação de Atletas, quer dizer, Escola Francana de Formação de Atletas até puis sigla EFFA pra que? Pra que o técnico que esteja trabalhando na categoria, ele vai colocar as individualidades dele mas ele vai ter tipo um programa a ser cumprido, um programa com diretrizes da seguinte maneira, por exemplo, um jogador de 16 anos ele não vai ter, o técnico não pode ter o direito de pegar o treino dele e dar 100% do treino tático, porque não é o programa de um jogador de 16 anos, é pra ele treinar parte técnica, formação técnica, individual, fundamentos do jogo então mesmo que o técnico queira, esse programa vai obrigar com que o técnico, é que nem numa escola formal por exemplo, o professor de matemática ele não chega lá no quinto ano e inventa o que ele vai dar, ele tem um conteúdo pra dar, ele vai organizar claro, aí é a estratégia é dela, como dar a estratégia da didática é uma coisa dele. É mais ou menos o mesmo conceito, quer dizer, o técnico ele teria um programa pra seguir e é obrigado a seguir.

- *E quem faria esse programa?*

- Aí eu teria a responsabilidade de não fazer sozinho, mas de organizar uma coisa, esse que é, uma coisa que ao longo dos anos foi feito, mas não foi feito com uma sistematização, então a ideia agora é fazer até porque hoje o time adulto dos 12 que estão trocando, 6 deles vieram

das categorias de base, é um número expressivo né, você pode olhar a cara deles é tudo garoto, entendeu. Por exemplo, o time vermelho é basicamente o time sub 22 que foi, aquele ali não tem nem físico de homem ainda, é moleque a ideia é olha o biótipo desse cara, desse negão aqui, olha o tamanho dos braços dele, das pernas dele. Só que hoje ele ainda não é um jogador que te rende muito entendeu, mas essa é que a ideia tipo assim, nós não vamos largar um jogador desse, entendeu. Se você for analisar, começou o coletivo ele tá de fora, mas é o tal negócio, eu olho pra ele daqui 3 anos e falo assim esse vai ser um baita jogador, olha o tamanho do moleque, você não acha, além de ser da raça negra ele nasceu pra jogar basquete por toda constituição física. Então é mais ou menos nessa linha, por exemplo, o Antônio, aquele ali de barba, eu fiquei até muito satisfeito com ele no último jogo porque o que aconteceu, ele é um jogador meio contestado pela torcida, sabe por que? Ele valoriza muito o erro dele, então tipo assim, ele erra uma bola e põe a mão na cabeça então a torcida fica meio e ele erra coisa boa, eu falei com ele 'Também Antônio você quer fazer umas coisas que você não sabe fazer, quando você não sabe fazer você faz' ele não é bom de levar a bola, ele quer levar a bola e ele perde a bola e aí a torcida... Ele fez os 3 últimos jogos ótimos e no terceiro que foi aqui a torcida aplaudiu ele, o ginásio tal porque torcedor é assim o mesmo que te aperta é o mesmo que te aplaude. Mas assim, cê tem que ter paciência porque a vida é assim né Luiza, você tem filho que são gerados pelos mesmos pais que um é de um jeito e outro é de outro um amadurece mais rápido e outro mais devagar então voltando pro negócio da escola, a escola vai tentar enxergar o jogador como um ser em desenvolvimento um ser em formação pra ser atleta profissional. O cara que amadurecer mais rápido já pode ir pra guerra e o que amadurecer mais devagar você dá uma retaguarda pra ele tanto é que nós vamos abraçar alguns jogadores, porque o jogador se torna adulto com 20 anos, mas como tem essa categoria, a importância da categoria sub 22, porque você consegue segurar um jogador com competição importante porque também não adianta ele ficar sem jogar, tem que jogar. E como ele tem essa chance de jogar no sub 22 você segura o cara mais 2 anos e

- *Barateia também, né?*

- Entendeu? A longo prazo, é um conjunto o negócio porque quando você tem muito recurso você pode até começar alguns erros que não vai fazer diferença mas quando você tem pouco recurso, você não pode errar, você tem que dar o tiro certo.

- *E aí quem participaria dessa Escola?*

- Seria comissão técnica do Franca Basquete, porque nossa comissão é assim, o Helinho é o técnico ele tem dois assistentes o Fernando Penna e o Daniel Watty, o Daniel é técnico da sub 19 e o Fernando é só assistente dele porque não da pra ele fazer mais nada e o preparador físico. Essa é a nossa comissão, esses aí vão me dar o sustento pra eu lincar com os outros técnicos das outras categorias das instituições. O Sesi hoje não tem grandes problemas porque é parceiro. A ASPA é a gente vai querer que todo mundo participe mas de toda maneira o Franca Basquete vai ter uma metodologia se os outros quiserem ajudar essa metodologia vai estar aberta.

- *E do MVP, do Chuí Chuá?*

- Quando eu fiz a primeira reunião, eu chamei todo mundo. Eu chamei a cidade de Franca, eu queria que fosse um projeto da cidade agora, é difícil fazer um projeto com muita gente, você sabe (risos). Eu te digo assim, o Franca Basquete vai fazer, e se o outro quiser agregar e acreditar no projeto tudo bem, mas se for assim 'a não, eu não acho', então tá bom, você não participa, não tem problema. Não vou obrigar a ninguém a participar. Mas o Franca vai ter esse projeto.

- *E em relação as categorias de base aqui em Franca, a gente tem a Aspa, o Sesi...*

- E o MVP hoje e alguns projetos aí que o Fausto tem o próprio Franca têm.

- *Ele não é competição?*

- Ele não é, o nosso principalmente é social, quer dizer, tipo assim, inclusive a gente já abrigou criança com deficiência, síndrome de down e...

- *Tem o número de quantas pessoas jogam basquete hoje aqui em Franca?*

- Eu vou te chutar mais ou menos assim, pode ser que a gente beire umas 2 mil, mas não são todos, a maioria é projeto social, sem visar o desenvolvimento, rendimento.

- *E hoje quais são as condições dos treinadores?*

- Eu diria que assim, eu vou voltar um pouco no tempo melhorou muito, assim nós estamos longe de ser ideal mas só pra você ter um parâmetro, por exemplo, eu comecei a ser técnico em 74, 73, 74, naquela época no Brasil só tinha um técnico que era técnico de basquete só, isso eu tô falando de adulto, de tudo, era impossível, não tinha como, poucos técnicos. E eu por um bom período da minha carreira eu era técnico e professor de Educação Física, depois de um período é que eu consegui ser só técnico de basquete. E ainda quando eu era adulto, eu lembro direitinho, quando o Palmeiras me contratou eu falei com o diretor né 'Seu Osvaldo e que vai ser o assistente técnico?' 'Você' 'E o preparador físico?' 'Você' (risos). Entendeu, então tipo assim, não tinha, não tinha e mesmo, hoje ainda é um pouco difícil também. O salário não viabiliza por exemplo, nosso preparador físico, nós não pagamos um salário pra que ele possa ser só preparador do time, ele se vira e ele não falha em nenhum treinamento, acompanha tudo, mas aí é um esforço pessoal dele, porque financeiramente eu não to oferecendo pra ele um valor que ele possa se dedicar exclusivamente. Pra falar a verdade, mesmo os assistentes ainda não é um valor financeiro, mas tudo bem, mas aí eles são profissionais. Hoje eu te diria assim Luiza, no NBB, por exemplo, os técnicos são exclusivamente técnicos e os assistentes são exclusivamente assistentes, eles vivem do basquete, eu acho que nas categorias de base ainda é muito difícil. É difícil porque, até aqui em Franca, o professor não consegue ser exclusivamente técnico, então ele tem que preencher o horário dele dando aula ou normalmente, não é exclusividade, muito difícil, muito difícil.

- *E além disso, quais são as outras condições?*

- O que eu acho que também é mais difícil é assim, o quadro das categorias de base nem sempre são boas, ou são exclusivas, a gente tem a sorte de embora ser um ginásio da prefeitura a gente tem prioridade total, é difícil, as vezes tem, nós tivemos por exemplo, ano passado nós tivemos na Semana Santa por exemplo aqui é cedido pela Igreja e ano passado, o próximo eu preciso ver, vai ser na época do playoff e ano passado a gente jogou os dois últimos jogos da fase de classificação fora daqui. Os jogos eram aqui e caiu na semana santa só que a Liga é muito exigente, sempre tem que ter placa, o placar e tal então você não consegue jogar em qualquer ginásio, cê você não tiver essas condições, você é multado pela placa, multado pelo placar, multado porque não tem o placar sobressalente você viu que ali tem 2 vinte quatro segundos porque um é reserva, se quebrar um já tem outro. Sabe onde nós fomos jogar? Em Bauru, nosso maior adversário, quer dizer, ironia do destino (risos). Por sorte, matematicamente, era melhor torcer pra nós que ajudava eles, mas pô, você vai jogar na casa do adversário, as categorias de base tem muita dificuldade disso, além, da estrutura. Por isso que o Sesi por exemplo, o Sesi oferece pras categorias de base a mesma estrutura de adulto, por exemplo, nem nós Franca Basquete não consegue por exemplo, nosso Juvenil fomos jogar em São Paulo, federação é muito legal também, domingo de eleição lá em São Paulo, nós fomos, tivemos que ir, o jogo era as 16h a gente sai daqui 9h da manhã, almoça na estrada, joga e volta porque você não gasta hotel. Não é uma boa condição, o Sesi pras categorias de Base, leva um dia antes, põe num hotel, joga e volta. O Sesi faz isso, a Aspa não tem dinheiro pra fazer isso, hoje o Franca Basquete não tem dinheiro pra fazer isso.

- *O Sesi então também tem uma melhor condição salarial pros técnicos?*

- Também, também. E o Sesi ele oferece uma condição assim, o Sesi ele não faz nenhuma vírgula fora do eixo, nada, por exemplo, se eu te contratar pra ganhar 10 mil, eu vou te registrar na carteira 10 mil e vou pagar todos os impostos referente à isso, vou te pagar décimo terceiro, férias, vou controlar trabalho...

- *Trabalhador mesmo né.*

- É trabalhador, eles respeitam, é chato por um lado e bom pelo outro. Quer dizer, tipo assim, você não deixa de receber nada e eles também exigem tudo que a lei tem direito, mas eles pagam um pouco melhor.

- Tá. *E cada categoria tem um objetivo aqui em Franca?*

- Sim, é esse trabalho que a Escola também pretende sistematizar, exatamente pra isso. Por exemplo, na nossa, eu falo minha, mas a diretoria já entendeu e a comissão técnica toda também, a categoria de base, ela não é pra ganhar título, ela pode ganhar título mas não é a formação dela. A categoria de base é para formar jogador e eu já escutei de jogadores muito famosos do Ginóbli pro exemplo quando ele tinha 24 anos mais ou menos ele falou assim 'eu aprendei a jogar basquete há pouco tempo' porque eu me formei na categoria de base nunca ganhou muita coisa, quando ele foi pra Europa e então, na verdade, eu acompanhei muito jogador, tem jogador que as vezes Luiza, estoura na categoria de base e depois não vira, entendeu, por vários motivos e inclusive alguns eu vou te citar um que está atuando atualmente acho que isso atrapalhou, ele ser muito bom atrapalhou ele, o Caio, o Caião pivô, o Caio Torres, pô você imagina o Caio Torres já daquele tamanho jogando na categoria de base e ele é técnico ele é meio gordão mas ele é técnico, ele sabe passar, sabe arremessar então não tinha ninguém, não tinha confronto, cê não melhora quando não tem confronto, que que a gente melhora, quando tem alguém igual à você, se eu quiser ganhar eu vou ter que ser um pouco melhor aí você vai subindo. Agora quando você é nitidamente melhor aliás, a sua tendência é não melhorar, é abaixar. E a categoria de base, eu falo isso pro jogadores também, quando você está na categoria de base ela é segmentada por ano, então tipo sub 12, sub 13 e tal então você só enfrenta jogadores da sua faixa de idade, pode acontecer de você ter nascido em Janeiro e o cara nasceu em Dezembro, mas é pouca a diferença. Ok. Um jogador de 20 anos até os 19 ele concorreu com jogadores 1 ano mais velho do que ele no máximo. Quando ele faz 20 ele vai concorrer com o cara de 30, dez anos a mais, o cara de 30 já jogou mil partidas a mais do que ele, experiente e aí o cara as vezes se perde, por isso que a categoria sub 22 é boa porque as vezes alguns jogadores, porque eu acho assim, a categoria sub 22 ela pode não ajudar os craques, os fora de série, porque esses não vai fazer diferença, o Léo Mendel eu pus ele com 18 anos ele já era titular do time, ele nem precisava da sub 22, mas tem alguns jogadores, a maioria precisa, entendeu. Então, voltando na pergunta né, eu acho que cada categoria tem sim um objetivo e nenhum deles é ganhar título na minha opinião, tipo assim então, o técnico da categoria de 15 anos ele tem que estar focadíssimo nos fundamentos o técnico da categoria sub 22 sem abandonar os fundamentos, mas ele já vai pegar teoricamente o jogador bem fundamentado, ele vai começar a desenvolver conceitos de defesa, de ataque, parte coletiva tal pra depois o cara aprender o sistema tático quer dizer, o que deveria ser a última etapa de aprender jogada muitas vezes os técnicos das categorias de base vão fazer isso com os garotos de 12 anos, quer ensinar jogada pra garoto de 12, pra que ensinar jogada pra garoto de 12 anos? O moleque tem que saber jogar basquete que é diferente de jogada. Jogada é que nem receita né, eu não sei cozinhar eu pego uma receita lá e vou fazendo, faço isso, faço isso, faço isso, jogada é uma coisa burra vamos dizer assim, mas os técnicos tem mania, não é culpa do técnico também, eu acho que é culpa da estrutura nossa que não fala isso ao técnico, depois ele vai perceber mas aí ele já formou um monte de jogador assim. Eu tive uma sorte que aconteceu na minha carreira aleatório mas foi bom pra mim, eu não pulei nenhuma categoria, eu comecei sendo técnico de escolinha, depois do pré mini, depois pro mini depois pré mirim, mirim e tal e adulto e na seleção a brasileira eu tive a sorte também, eu entrei na categoria sub 19, depois subi pra adulta, assistente do adulto e adulto. Isso me ajudou muito, porque tipo assim, é diferente eu não vou dirigir um jogador de 15 anos igual eu vou dirigir um adulto o objetivo não é o mesmo, mas você não quer ser campeão? Não, você ser campeão com 15 anos é uma consequência é uma consequência e depois se o técnico de categoria adulta se ele erra com o jogador ele não vai prejudicar o desenvolvimento dele, você pode perder o campeonato, mas um técnico de categoria de 15 anos se ele errar, ele pode prejudicar o desenvolvimento daquele jogador, aquele jogador poderia se desenvolver de outra forma e não se desenvolve e as vezes eu acho que os próprios jogadores não se ajudam também, principalmente nessa fase de passar de garoto de base pra adulto as vezes ele escolhe por um dinheirinho a mais ele escolhe ir para um time que o cara

não vai jogar, eu vi muito jogador que foi assim era um bom jogador, não era craque, era um bom jogador que poderia ter se desenvolvido e ser um jogador importante num time médio e preferiu ser reserva num time campeão durante oito anos, aí não virou mais nada, então eu acho que os objetivos das categorias de base são fundamentais ser definido porque um técnico de categoria de base jamais deveria ser, na minha opinião, avaliado por títulos ganhos, mas por jogador que ele formou, que ele ajudou a formar e tem uma época da vida do jogador Luiza que as vezes não é nem você ensinar o cara, é você disciplinar o cara, vou te contar. O Lucas Mariano que foi formado aqui, que eu lancei no time adulto e ele foi formado por outros técnicos, o mérito não é meu só, eu tive o mérito na transposição, nas categorias de base tinha que buscar o moleque na casa dele, ele não ia treinar, era preguiçoso, entendeu, não visualizava que um cara daquele tamanho a porta do basquete, e o cara que colaborou para exercer o hábito dele de ir treinar tem o mesmo mérito do cara que lançou ele então é a mesma importância porque ele poderia ter parado de jogar num determinado momento da carreira. Mas o técnico ia na casa dele com o carro dele pegava na mão 'Pelo amor de Deus Lucas vem cá, você com esse tamanho' então o técnico de categoria de base ele é importante claro, o que ele faz dentro da quadra, mas se ele desenvolver um bom hábito ele vai tá ajudando muito no desenvolvimento dele, com a pessoa, o cara treinar. Porque não é fácil ser atleta profissional, o cara tem que ter muita disciplina e abrir mão de muita coisa, ele vai abrir muita coisa em prol de outras, mas tem que alertar pra eles, quando eu falo pro cara jogar eu falo provavelmente algumas coisas que o jovem normal faz você não vai poder fazer, mas em contrapartida você vai desfrutar de outros prazeres que ele não vai e você seguramente vai, agora é uma questão de escolha. E eu falo claramente se você quer valorizar noitada, beber tal, não vai dar certo, agora não pense que o atleta o atleta pode namorar, pode se divertir, pode fazer tudo só que ele tem que ter algumas regras, alguma coisa, ele pode se divertir mas ele não pode ficar acordado até 4h da manhã então alguma coisa você tem que... Isso aí eu acho que o técnico da categoria de base, então não é título, não é título, você pode ganhar título e uma coisa que acontece muito, eu vi muito acontecer em categoria de base, tipo assim, isso cria o jogador brasileiro, você fica refém do bom jogador, o bom jogador da categoria de base pode tudo, ele pode brigar com o juiz, pode xingar o técnico, pode cuspir, pode ser indisciplinado, não é? E ele continua jogando, sabe porque? Porque quando você tem na categoria de base um jogador bom, você ganha o campeonato, quando ele é muito melhor que os outros, você ganha, bola pra ele e ele faz tudo, passa e tal, aí desenvolve o que, eu sofri muito quando fui técnico da categoria de formação da seleção brasileira, muitas vezes a gente perdeu da Argentina pra times que nós éramos melhores individualmente, coletivamente não. Porque a solução do jogador brasileiro é individual, pode ver, o Brasil é assim quando a gente tá perdendo o cara acredita mais nele do qualquer outra coisa, eu vou pegar o lance de um jogador que eu adoro, inclusive que eu lancei, o Leandrinho o Leandrinho fui eu que coloquei ele, ele tinha 17 anos e coloquei como titular do Palmeiras no jogo contra a Rússia, não sei se você vai lembrar em..

- *Em Londres?*

- Ele pegou a bola, bateu, o Marquinhos tava sozinho parado lá, quer dizer que se ele passa, pode ser que o Marquinhos errasse o arremesso, mas pô ele chutou daqui, do meio da quadra ao invés de passar a bola, é maldade? Não, não é, porque ele não enxerga outra coisa, não enxerga o coletivo, não tem essa visão, a visão é ele é ele que joga isso é incentivado pelos pais, pelo técnico então é uma cultura nossa bem difícil, bem difícil, mesmo em outras modalidade por exemplo, porque o Neymar jogar tão bem no Barcelona e chega na Seleção Brasileira jogam tão mal? Porque lá ele entra no esquema dos caras, porque lá ele é soldado, não é general né, então lá ele tem que...e isso aí pra mim é trabalho de base porque depois que o cara é adulto Luiza, é difícil, difícil, o cara já tem os hábitos arraigados, ele já acostumou, já é a personalidade formada, é muito mais difícil, isso aí é que nem aprender a dirigir, se você aprender a dirigir sem vícios você vai ser um motorista bom, agora se você pega todos os

vícios e depois você quer tirar os vícios, não põe a mão fora do carro, não pisa na embreagem, aí é mais difícil, o negócio é aprender bem, o jogador de basquete é a mesma coisa.

- *E como que é, tem algum aspecto técnico ou tático específico do trabalho nas equipes de Franca?*

- Aqui no Franca Basquete a gente já consegue desenvolver isso, a gente combinou assim, por exemplo, como a gente tem jogadores que atuam na categoria sub 17 sub 19 e sub 22 e adulto, então o time adulto tem um esquema tático, o técnico da sub 19 por exemplo, que é o Daniel que é assistente ele conhece, sabe quem são, sabe o nome sabe tudo, se ele for fazer um movimento tático do adulto, vai chamar a mesma coisa, se a jogada é 3, vai ser 3 no Juvenil, 3 no 22 é igual. Os conceitos são os mesmos, porque aí o jogador, senão na cabeça do jogador é duro, ah não agora tô no time adulto é jogada tal, pô o cara vai virar um... Aqui também tem aquela cultura de que Franca já tem essa cultura, eu quando vim pra cá procurei respeitar isso e eu acho que eu também, por respeitar isso, acabou me dando um tempo, porque foi estranha minha vinda pra cá né porque eu tipo assim, quando os caras me ligaram, pô não é pegadinha não? Vocês querem mesmo que eu vá pra Franca? Eu brincava com o Nezinho, Nezinho você é o cara mais odiado em Franca, depois sou eu, mas você ganhou de mim, a gente brincava. Os caras vaiavam a gente aqui. Mas aí você vê aí, eu escutei muito isso aqui, eu te xinguei muito, mas hoje eu torço pra você, mas eu vim pra aqui e falei assim, eu vou respeitar Franca sempre foi bom na defesa, bom no contra ataque, bom no jogo coletivo. Não é estrela do time, aí eu já escrevi lá no vestiário, hoje a gente trocou a frase, mas quando eu vim eu escrevi, "nenhum de nós é melhor que todos nós", então o jogador tem que ter alguma filosofia, cê tem que ter, a filosofia assim é aquele negócio que te ajuda na hora da turbulência cê sabe, tipo, na hora que você tá numa dificuldade você fala, não vamos acreditar nisso pô, vamos acreditar. É que nem uma crença, uma religião, uma pessoa que passa por um estresse emocional, perde um parente, se o cara tem uma religião, uma crença aquilo lá ajuda, a filosofia de jogo é mais ou menos a mesma coisa, você tem que ter uma filosofia, aí falam não pode sair disso, pode, eles falam assim 'Os europeus jogam numa tática tal' tudo bem, mas cê vai ver o jogo do Barcelona lá, o, eu joguei contra ele várias vezes, ele é um craque, com ele não tem sistema tático.

- *Técnico? Xavi Pascoal?*

- Não, é o...o Meu deus do céu, o lateral que joga a bola por cima lá.

- *O Navarro?*

- O Navarro, o Navarro vê se tem tática pra ele, ele pega a bola e faz o que ele quiser, mas aí eu acho assim é uma coisa difícil de você falar pro jogador, mas é mais ou menos assim, se o jogador souber o que ele faz bem e o que ele não faz bem e ele vai ser um bom jogador, mesmo que ele não seja muito bem. Só que o jogador não tem essa humildade, por exemplo, tem jogador que não joga bem um contra um, então não joga um contra um, mas agora você pega o Shamell, por exemplo, ele pode jogar um contra um, porque ele é bom, ele faz bem isso, então faça. O cara que não faz não faz, mas ele pode e eu não posso, é. Sabe, eu brinco com eles assim, eu gosto de dar exemplo, pra cravar na cabeça do cara eu falo assim, quando você não sabe fazer uma coisa e você não se expõe é que nem você tá numa festa e você tá com a calça rasgada na bunda, não vai pro meio do salão, fica encostado na parede, se você ficar encostado na parede ninguém vai ver, você vai ficar na festa e beleza você tá com a calça rasgada ninguém vai ver, ninguém vai falar nada. Agora se você vai pro meio do salão, todo mundo vai ver que você tá com a calça rasgada. Então seja inteligente e preserve o seu próprio jogo e tudo isso voltando aqui tudo isso é formação, é categoria de base, mas o técnico de categoria de base não por culpa dele, ele valoriza mais o título do que isso, porque ele não é reconhecido por isso, não é culpa dele. É o sistema, o sistema te empurra pra isso. Você vai dirigir um time na categoria de base se você não ganha o campeonato o diretor te manda embora.

- *É a mesma coisa, se você for muito bem, campeão você vai pra Seleção né?*

- Isso, entendeu, você vai subindo é assim que é o mundo do basquete, não do basquete, do esporte no modo geral te contempla pelo resultado e a imprensa nesse ponto é cruel né, porque tipo assim, o jornalista ele é assim, por exemplo, você treina, treina, treina e tem a competição, Olimpíada aí você joga Olimpíada e termina aí o jornalista analisa o trabalho aqui, mas aqui é fácil, eu quero ver analisar antes, antes de começar, porque se você for analisar depois você vai analisar o resultado, você não vai analisar o trabalho, o trabalho é antes de fazer, agora vamos ver se ele surtiu efeito e tal. A gente é muito analisado pelo resultado consequentemente a gente age com o resultado.

- *E como você avalia um bom treinador, o que ele precisa ser?*

- Minha opinião mesmo num mundo competitivo antes de mais nada ele precisa ser professor, porque mesmo o técnico de alto rendimento ele vai transmitir conhecimento pro jogadores pra você transmitir conhecimento não necessariamente precisa ser um bom executor mas você precisa ser um bom professor pra ensinar, as vezes, você sabe tem muito cara que sabe jogar muito bem mas não sabe ensinar e as vezes tem cara que nem sabe jogar mas sabe ensinar. Ensinar o cara jogar, o Ary Vidal por exemplo, nem sabia nada, só que sabia ensinar, não é bem ensinar, ele era muito inteligente era um bom técnico na hora do jogo e ele não era um bom técnico pra dar treino, mas ele sabia disso e sabe o que ele fazia? Chegava pros assistentes dele e falava pode dar o treino aí, eu lembro direitinho numa reunião de preparação física, imagina, você conhece o Valdir Barbanti, professor?

- *Sim.*

- Era professor, era o preparador físico o Valdir puta professor, chegava na reunião e falava 'O Ary eu vou fazer isso' e queria explicar ele falou 'Professor, eu não entendo nada disso, você faz o que você quiser e tá tudo bem', ele tinha essa visão entendeu, mas eu acho que o técnico ele tem que ser professor sim, porque o espírito do professor é o que? É buscar conhecimento, é estudar, é saber ensinar, saber detectar o defeito e corrigir o defeito então acho que se ele for professor ele vai se dar bem, agora, ele é um administrador de pessoas e que nem todas as pessoas, em conflito e em tensão, então eu acho assim, o técnico tem que aprender algumas coisas, tem que ser o líder e o bom líder que anda junto com o time e que no momento de grande reconhecimento ele pode vir pra trás do time e no momento de dificuldade ele vai à frente do time. Porque quando você perde o jogo, quando a gente perdeu a classificação Olímpica em 2007, o Marcelinho errou a última bola do jogo que poderia ter ganho e a gente ia seguir.

- *Marcelinho Machado?*

- É, eu tava saindo da quadra o repórter 'O Marcelinho não foi culpado pela desclassificação do Brasil?' quer dizer, se nessa hora você tá de cabeça quente fala uma basteira...e eu falei 'Claro que não, ele é um jogador que tenta, quem tenta erra ou acerta, agora tem que ter a coragem de tentar' então o time ganha e o time perde então nessa hora você é líder você vai pra frente do time, ou seja, não vou expor o jogador, agora quando ganha o campeonato, tudo bem, pode ir pra trás e ir os jogadores irem na frente. Acho que o técnico tem que ser um cara, ele tem que entender muito o ambiente que ele vive e não ficar tipo assim, ah mas é o jornalista tal, a estrela do negócio é o jogador não é o técnico, é difícil ser o técnico, normalmente é assim, por exemplo no futebol acontece muito isso né, o técnico faz uma substituição e o cara que entra vai bem e ganha o jogo, o jogador excepcional, mudou o jogo, o cara é craque mesmo entrou no jogo e mudou o jogo, o mesmo jogador entra e joga mal o técnico mexeu mal, quer dizer, o demérito não vai pro jogador vai pro técnico, se o técnico quiser ficar remoendo isso ele vai se dar mal, ai ele vai virar meio que o Muricy, revoltado com isso, ele vai ficar brigando com os jornalistas. É assim que funciona, então tudo bem, você já sabe que é assim que funciona não fica brigando com isso, então o técnico tem que ser tudo, tem que ser psicólogo, tem que ser professor, ele tem que ser inteligente, ele tem que ter coragem pra tomar algumas decisões, mas ele tem que ser um cara sereno, entendeu, ele não pode entrar na turbulência e tem turbulência a todo o momento então é um conjunto de muitas coisas que o técnico tem que ser.

- *E como é a relação aqui entre as comissões técnicas, em relação a troca de informações, reuniões, planejamento.*

- Entre nós aqui é excelente, excelente, eles se dão muito bem, pessoalmente e taticamente também, muito interesse as coisas funcionam muito bem, aliás acho que uma boa parcela do sucesso é exatamente essa interação. O que eu acho assim, se você não tem uma interação entre os membros da comissão o jogador é que nem água, ele infiltra onde tem brecha, entendeu? Se o jogador sente que tem uma brecha na comissão ele vai ali na brecha da comissão tal, então acho que tem que ter uma sintonia muito forte entre comissão e acho que felizmente aqui funciona.

- *Até na base também você vê isso?*

- Na base também...

- *Tem troca de informação entre adulto e base?*

- É, hoje os técnicos do adulto inclusive trocam informação entre si que anos atrás não acontecia, era impossível. Hoje acho que desenvolveu um conceito mais assim ó, somos adversários, por exemplo eu sou amigo pessoal do Guerrinha, sou amigo a mulher dele conhece minha mulher e saímos juntos, tudo certo. Mas na hora do jogo é hora do jogo, ele quer ganhar eu quero ganhar eu vou jogar contra ele, mas nós somos amigos entendeu? Hoje a gente consegue conviver com isso, há tempos atrás os técnicos guerreavam de uma maneira meio grosseira eu diria, porque não trocava informação, também não tinha muita informação e o que tinha não trocava, o mundo mudou muito sabe, é que você é jovem mas imagina Luiza, vinha uma mudança de regra antigamente em inglês aí o cara mais esperto conseguia, fazia uma tradução, não necessariamente ele traduzia com o espírito da regra, então virava no Brasil um inferno por causa disso, tradução mal feita da regra, mas as informações antigamente eram muito raras, muito raras, o mundo mudou muito a tecnologia nos últimos anos, hoje você fala para um jovem, por exemplo, quando eu era garoto uma ligação de Cajuru aqui da minha cidade, eu nasci em São Paulo, mas meu parentes tudo em Cajuru, você ia fazer uma ligação de Cajuru pra São Paulo você pedia pra telefonista às 8 horas da manhã umas 4 horas da tarde ela ligava falando que conseguiu a ligação, imagina (risos),? Hoje você dá risada mas pelo amor de Deus, eu pego meu celular aqui e falo com o Japão agora na hora, então mudou muito a informação, antigamente você ter um livro de basquete da Europa ou dos Estados Unidos era o supra sumo da modernidade da informação, porra hoje você vai na internet e vê o que o cara tá fazendo em vídeo.

- *E hoje vocês tem acesso à todos os jogos também.*

- É tem, tem uma nuvem que funciona, você é obrigado a gravar o jogo, mandar pra nuvem, termina a rodada hoje a noite, amanhã 10h da manhã eu ligo meu computador e tá todos os jogos lá, eu assisto o que eu quiser lá.

- *Não tem nem porque esconder né, porque você sabe tudo o que a pessoa vai fazer já.*

- Não, mas mudou muitos técnicos, quando não tinha nuvem já tinha filmagem mas não tinha nuvem trocava os dvds, te dou meu dvd, hoje não precisa mais disso por causa da nuvem. Mas melhor muito, melhorou muito o conceito de um ajudar o outro e todo mundo saber e quando você sabe que você é estudado cê não pode ser sempre o mesmo né então isso também leva melhoria porque todo mundo estuda todo mundo se você fizer sempre a mesma coisa você não vai ganhar mais então isso aí também ajudou o basquete a se desenvolver.

- *E Franca oferece algum curso de formação pros técnicos?*

- Não, infelizmente não. Isso aí é uma frustração que eu tenho porque eu sou presidente da associação dos técnicos brasileira e é difícil a gente tem a escola, é chato a gente falar, mas não vai por causa da cbb a escola nacional de técnicos ela é obrigada a ser vinculada a confederação brasileira de basquete que tá na situação que tá, então a gente projetou tudo, nós temos nível 1, nível 2, nível 3, 25 técnicos participaram disso, construíram uma programação o que da o que não da e tal, só que o Brasil é muito grande, nós não conseguimos desenvolver isso nem tipo em curso a distância, batemos na trava aí com um contrato que ia ser assinado com a Estácio de Sá e a Confederação que a escola ia ser a fornecedora do conteúdo, só que a

ideia não foi pra frente, agora não sei o que vai acontecer, mas deveríamos ter, aliás nós estamos atrasado por isso. Por exemplo a Argentina tem escola 30 anos, imagina, olha o tanto que a gente tá atrasado, tem há 30 anos.

- *Mas a escola ela funcionou aí ela parou e agora tá parada?*

- Agora tá parada porque você precisa de recurso, porque sem recurso você não consegue fazer.

- *E o dinheiro que vem dela é da Cbb?*

- A Cbb conseguiu alguns recursos e com isso a gente conseguiu, por exemplo, a gente ficou um ano mais ou menos fazendo reuniões pra esse grupo de 25 que foi subsidiado pelo dinheiro que a Confederação conseguiu, subsidiado no seguinte sentido, a gente ia pra São Paulo, tinha o hotel que a gente ficava 2 dias todo mundo conversando, fazendo as coisas e tal e viabilizava isso. Não era nada demais, não ganhava nada não era só assim, mas pagava a passagem a sua diária no hotel e sua comida, pronto. Só que isso custa dinheiro e custa muito, então sozinho a gente não tem capacidade de fazer, então assim, já tá estruturado mas não conseguiu dar sequência, agora você imagina pra dar o curso no Amazonas, no Rio Grande do Sul no Nordeste, você não pode privilegiar só um lugar, entendeu? Mas as dificuldades são enormes. Você já andou lá no Norte? Você anda no Rio, chega lá e vai de barco, como assim, demora 10 horas é uma coisa absurda.

- *Então seria mais culpa da Confederação.*

- É, eu não diria assim, eu não vou jogar toda a culpa na confederação, eu acho que talvez tenha faltado um pouco de consciência dos técnicos até um determinado período, você vê, mesmo na associação dos técnicos, não é só aqui também, eu fui na Espanha e conversei com o presidente da Associação dos técnicos deles lá, eles também tem dificuldade, ele falou 'aqui o técnico é obrigado a dar na folha de pagamento dele já vem 1% do valor do contrato vai pra associação' tem técnico que chia, claro, o cara ganha milhões de euro lá 1% é grana e ele tem que dar, entendeu. Porque, porque como ele ganha bem ele acaba subsidiando o que não ganha, tá certo, é assim, mas aqui no Brasil é difícil.

- *Imagina fazer isso.*

- É difícil, a gente conseguiu até estabelecer umas taxas importantes a partir de um técnico do nbb, mas não é todo mundo que paga, é chato ficar falando, porque eu não tô querendo falar mal dos outros, as vezes a pessoa não pode pagar, sei lá. Mas tô falando assim, é difícil entendeu, não é fácil você constituir isso, brasileiro não tem isso, os americanos tem isso né, não sou muito fã de tudo que os americanos fazem não, mas algumas coisas acho que eles tem legais, tipo assim, o cara se forma numa faculdade, numa universidade depois ele se torna um baita protagonista, ele colabora financeiramente com a universidade dele, pra que outros possam virar. Aqui nós não temos essa cultura, alguns fazem isso, eu já gostava dele, mas fiquei fã do William Bonner, eu comprei o livro, ele escreveu o livro sobre o Jornal Nacional e ele no livro fala, primeiro que o livro não é meu porque eu não faço o Jornal Nacional sozinho ele contou tudo e mais o dinheiro que ele vai arrecadar ele deu pra universidade que ele se formou. Só que são atitudes isoladas, não é uma cultura, é um ou outro que tem isso, eu diria assim, melhorou muito dos técnicos brasileiros mas precisa ainda de muita coisa pra a gente chegar na escola...

- *Mas por exemplo, a Liga oferece alguns cursos também.*

- A liga oferece as oportunidades muito boas porque, quando termina o nbb a liga consegue um dinheiro subsidiado também trazer todos os técnicos e isso foi crescendo, porque quando a gente começou, eu me orgulho porque eu participei disso, eram só os técnicos que iam, depois hoje já tem, os técnicos vão e falam tecnicamente, os preparadores físicos vão e falam de preparação física e o fisioterapeutas vão e falam de fisioterapia e eles dão curso pros técnicos da sub 22 e eles conseguiram um projeto que eles estão trazendo quatro técnicos estrangeiros que virão quatro anos seguidos, entendeu, não é aquela coisa assim, o cara veio falou e depois nunca mais e veio outro. O cara conhece e deram o material, uma coisa bacana entendeu, eu até falei pro Guilherme 'pô Guilherme, isso aí devia divulgar mais' porque nós também temos

mania de assim, a gente divulga tudo que é ruim né, e as coisas boa não fala e isso é uma coisa boa, super boa e bem feito. A Liga de Desenvolvimento eu me orgulho porque eu que fiz a primeira eu tava na Liga na época quando eu era o gerente técnico da liga pediram pra eu fazer, eu que fiz o projeto a gente aprovou lá e fiz a primeira foi quando eu estava na liga, foi muito bacana tenho um carinho muito grande pela Liga de Desenvolvimento.

- *Com certeza tem que ter! E tem alguma meta na qual as equipes de Franca tem que chegar?*

- Olha, assim, não pela diretoria, a diretoria tá sempre pressionada por resultado a gente aqui tem a obrigação de honrar a tradição de Franca eu falo assim, a dificuldade hoje o título que conquistou tá tudo lá, hoje é difícil porque antigamente sem menosprezar o contexto de competitividade era outro, no contexto de competitividade de hoje e o nível de investimento que precisa nós não temos condição de ficar, por isso que eu também vim pra diretoria, foi legal a dificuldade que passou porque através da entrada do Magazine Luiza hoje a diretoria de Franca é constituída de um jeito mais empresarial, tem um conselho administração, oito cadeiras, tem oab, tem SidiFranca o sindicato das indústrias então é a sociedade toda que tá mobilizada e eu falei nós não podemos ser sustentável só pela competitividade com o time, tem que ter Projeto Social porque tem escolinha se você for acabar um negócio que só tem o time adulto é fácil, agora se você for acabar um negócio que tem raiz que tá nas escolas que atende 3 mil crianças, como é que você vai acabar com um negócio desse? É diferente, bem diferente.

- *E como vocês denominam, é Clube de Franca?*

- Ele chama Franca Basquetebol Clube, é um clube.

- *E aí o Sesi, já é indústria.*

- O Sesi é da indústria.

- *E tem algum estatuto?*

- O Franca tem, mas é um clube esportivo, tem cnpj, funciona como um clube. O Sesi já não é um clube é uma entidade, mas eles tem times profissionais eles investem...

- *E Aspa...*

- A Aspa é uma associação de pais, mas é um clube ela se inscreveu como um clube, mas a Sigla da Aspa é Associação...Daniel, como é a sigla inteira da Aspa?

- Associação dos Pais e Amigos do Franca Basquete.

- Mas tem sim, o Franca tem estatuto e ele se orgulha exatamente disso, é o clube brasileiro que desde da sua formação mais de 60 anos nunca parou, nunca deixou de ter time entendeu porque tipo assim, o Flamengo é um clube não teve basquete, volta basquete, os clubes vão e volta o Franca nunca deixou de ter.

- *Tem isso no estatuto?*

- Isso não, mas tem o estatuto desde que eu digo assim, a tradição nunca deixou o time morrer, agora mesmo a gente passou uma dificuldade grande há dois anos atrás o clube ficou endividado quase acabou mas a força da tradição não deixou acabar, por isso que é bom você ter tradição.

- *E como que é feita a captação de recurso de basquete aqui?*

- A diretoria que corre atrás entendeu, tipo assim, ir atrás dos patrocínios a gente tem ajuda, normalmente é a diretoria eles vão atrás, a gente pode ajudar, fazer os projetos a gente tem um, amanhã se você quiser posso te mostrar também, a Julia, você não pegou a Julia, a Julia é assessora de imprensa tem um material muito bem preparado pra vender.

- *Então tem uma parte específica do clube pra fazer isso.*

- É, tem. A gente tem na parte profissional, a Julia que ela é assessora de imprensa mas entra nisso porque tudo aquilo ali são placas que o clube vende tá vendo, aquelas comerciais ali, ou é na pior das hipóteses permuta ou tem um valor financeiro que o cara paga e entra, a gente tem algumas promoções, tá vendo ali o Amazonas? É que ali a placa fica no ponto 33 no dia do jogo, você vai ver quarta feira, a gente pega cada jogador tem uma urna com o nome dele, o sócio torcedor, não é pra todo torcedor, o sócio torcedor entra ali e ele recebe um cupom pra ele votar quem ele acha que vai fazer o ponto 33 do time, ai ele bota na urna então acho que é

o Henrique Coelho, o Cipolini e quando sai o ponto 33 a urna daquele jogador vem aqui pra mesa e no intervalo do jogo o Amazonas que é patrocinador disso sorteia, eles sorteiam aquela tipo sandália havaiana umas sandálias bonitas e ai sorteia, é uma promoção outro que a gente faz é lingerie feminina o critério é a cesta móvel, temos uma cestinha bonitinha colorida só que ela é fechada igual um coador de café e o sócio torcedor também, recebe um cupom com o nome dele, ele amassa e faz uma bolinha de basquete e tem uma pessoa que passa e a pessoa tem que jogar, as bolinhas que entrarem na cesta a gente vem pra cá e sorteia e a Larupe da a peça feminina, lingerie feminina. Então são promoções e tudo isso a gente vai atrás, os diretores vão atrás, tem empresa que, nós temos uma parceria ali a de gráficas que pô ela não da dinheiro mas ela faz os ingressos, vou te mostrar eu não tenho aqui os ingressos, a não tenho sim, o ingresso nosso a gente teve a ideia, eu que tive essa ideia do ingresso.

- *Nossa que bonito o ingresso!*

- É então, ele é um card na verdade, sabe porque ele vai recortar isso aqui e tal e isso aqui é o jogador, fica um card, eles faziam pra gente e o papel é bom né pra ingresso então o card dos jogadores, tiramos uma foto, isso aqui jogava fora, os ingressos que eu não consigo vender eu arranco isso aqui e vou numa escola e dou pras crianças, o card dos jogadores, eu que tive essa ideia eu falei pô, vai jogar fora, fazia nesse papel aqui e jogava fora, ai eu falei vamos por a foto dos jogadores a gente dá 100 cards pro Pedro de ingresso que não vendeu aí ele tá na rua e toma aqui e tal, então essas pequenas coisas assim você vai agregando valor né é isso que a gente tá tentando fazer, você vai ver no jogo, nós temos telão, cheerleader.

- *E tá aumentando o número de gente aqui? Porque eu lembro que isso aqui ficava lotado e depois diminui muito.*

- Sim, diminuiu muito, nesse campeonato nós conseguimos, por exemplo, nosso menor número foi 2.100 pessoas a única coisa é que 2.100 pessoas aqui ainda parece que tá vazio, não parece que tá vazio, mas não parece que tá cheio.

- *Mas o que aconteceu?*

- Ah, eu acho assim, pouco de dinheiro, um pouco de...o torcedor é um pouco assim ele quer vir pra time que tá ganhando entendeu aí você não tem dinheiro e fica um ciclo vicioso mesmo, você não tem dinheiro porque a torcida não vem se a gente conseguisse vender 4mil ingressos todo jogo ajudava muito, porque a gente pagava todas as despesas, fica caro um jogo. Um jogo ele fica uns 10 mil reais aqui, entre pagar arbitragem, segurança, ambulância, bilheteiro mais ou menos isso entendeu, se você não arrecada pelo menos pra pagar o custo operacional nós fomos pra São Paulo como eu te falei, nós economizamos 5 mas nós íamos gastar 14 mil de hotel, gastamos 9, pensa bem 9 mil de hotel, mais o ônibus. E o jogador não tem noção disso, eles não dão valor pra isso né, você oferece assim, refeição boa, lanche bom, porque eles comem também as crianças (risos). A gente brinca assim, que jogador de basquete tem dois estados ou tá comendo ou tá com fome, mas é, desgasta ainda mais esses caras grandão aí.

- *Deu certo Lula, é isso, obrigada.*

FIM

## Gestor SESI (GS)

- *Qual seu cargo atual?*
- Coordenador de Qualidade de Vida.
- *Como é organizado o basquete em Franca? (Clubes, categorias, escolinha, projetos sociais).*
- Em Franca, por ser cultural a modalidade, existem diversos projetos na cidade. Dentro do SESI, possuímos as categorias sub 14 ao sub 22. Antes de chegar nestas fases de treinamento esportivo e rendimento da modalidade, possuímos também o Programa Atleta do Futuro, dos 06 aos 17 anos na modalidade basquete.
- *Quais são as condições de trabalho dos treinadores?*
- As condições de trabalho dos técnicos são todos registrados pelo SESI São Paulo, com todos os benefícios presentes na lei e ambientes adequados para a promoção esportiva e desempenho da modalidade.
- *O clube tem objetivo para cada categoria?*
- Sim. No sub 14 e sub 15 estão na fase de migração do Programa Atleta do Futuro para o treinamento esportivo e início em competições locais e regionais. Do sub 16 ao sub 22 temos participação efetiva nas ligas regionais, estaduais e na Liga de Desenvolvimento NBB.
- *Qual o papel das categorias de base?*
- O papel principal é de massificação da modalidade e de migração em todas as fases até chegar à categoria principal. Quanto maior for o nº de alunos, mais chance teremos de colher bons frutos.
- *Existe algum aspecto técnico/tático específico trabalhado nas equipes de Franca?*
- Dentro do planejamento 80% é voltado para o trabalho técnico, voltado aos fundamentos, e o restante ensinando o atleta a desenvolver a leitura de jogo e o trabalho coletivo das equipes. Com isso, o desenvolvimento individual aparece com o tempo.
- *Como é a relação entre as comissões técnicas?*
- A comissão técnica desde o sub 14 a categoria principal, trabalha com alinhamento de metodologia e de aspectos físicos e táticos importantes e obrigatórios para cada posição de quadra.
- *Existe algum plano de formação para os treinadores? (Envio para cursos, congressos, clínicas).*
- Sim. Além do SESI ter capacitações internas com nossos profissionais em rede, sempre tem enviado a comissão técnica em diversos eventos, como seminários, fórum, oficinas. Possuímos metodologia própria, onde os próprios professores e especialistas do SESI-SP construíram em conjunto durante um tempo e estamos em constante atualização destes métodos. A participação é frequente em fóruns, congressos e oficinas, bem como de transferência de tecnologia nos municípios de nossa jurisdição e nas cidades onde tem instalado o rendimento esportivo da modalidade.
- *Quem é o bom treinador? O que ele precisa ser/ter?*
- O bom treinador é aquele que consegue unir e potencializar todas as qualidades do aluno, unindo todas as fraquezas transformando em soluções positivas.
- *Tem alguma meta na qual as equipes de Franca almejam chegar? Quais são elas?*
- Sim. Estar sempre entre as 4 melhores equipes das competições participantes.
- *Como é feita a captação de recursos para o basquete de Franca?*
- O SESI-SP subsidia quase que a sua totalidade dos recursos financeiros e estamos com uma parceria com o Franca Basquete.

FIM